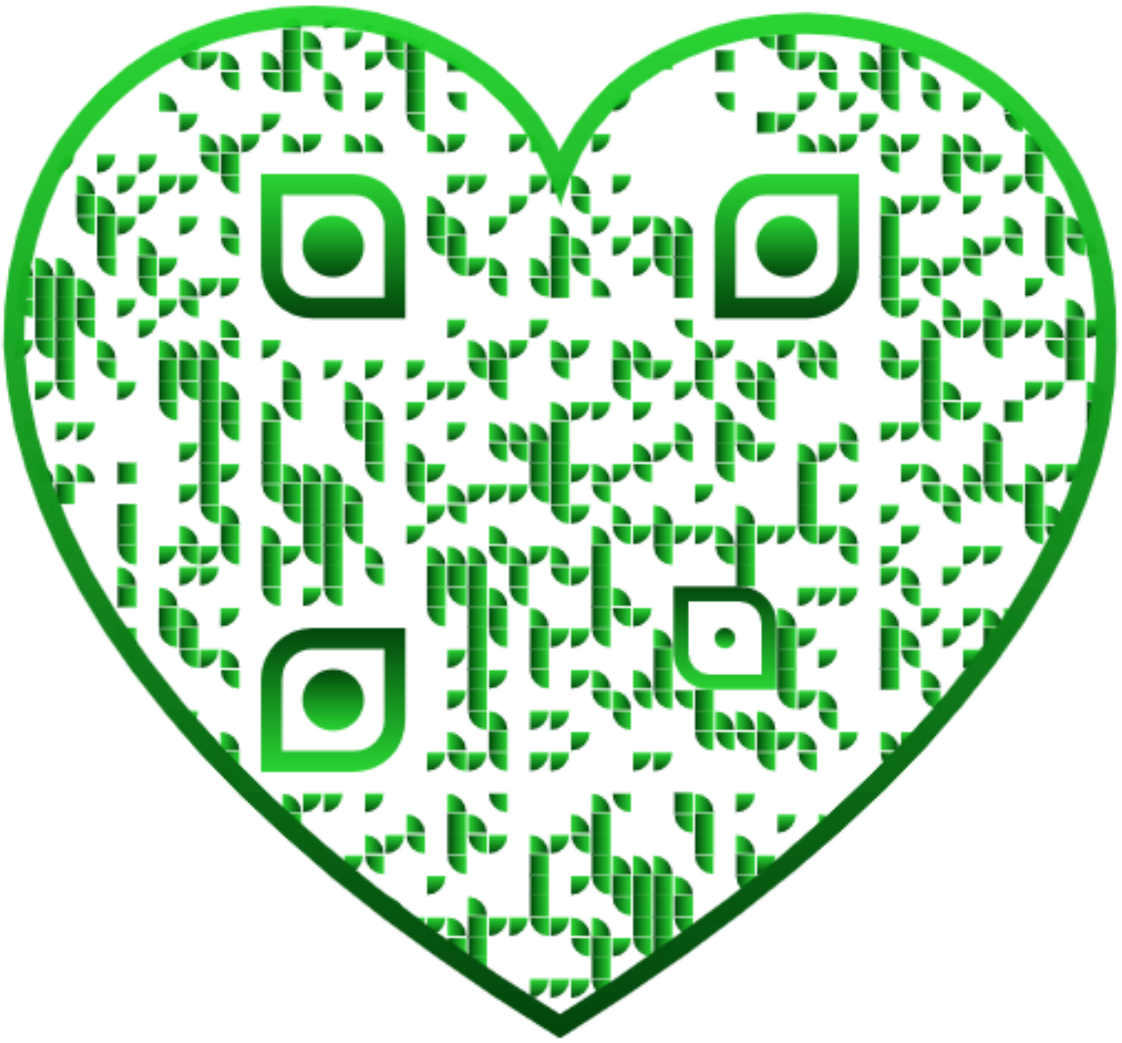
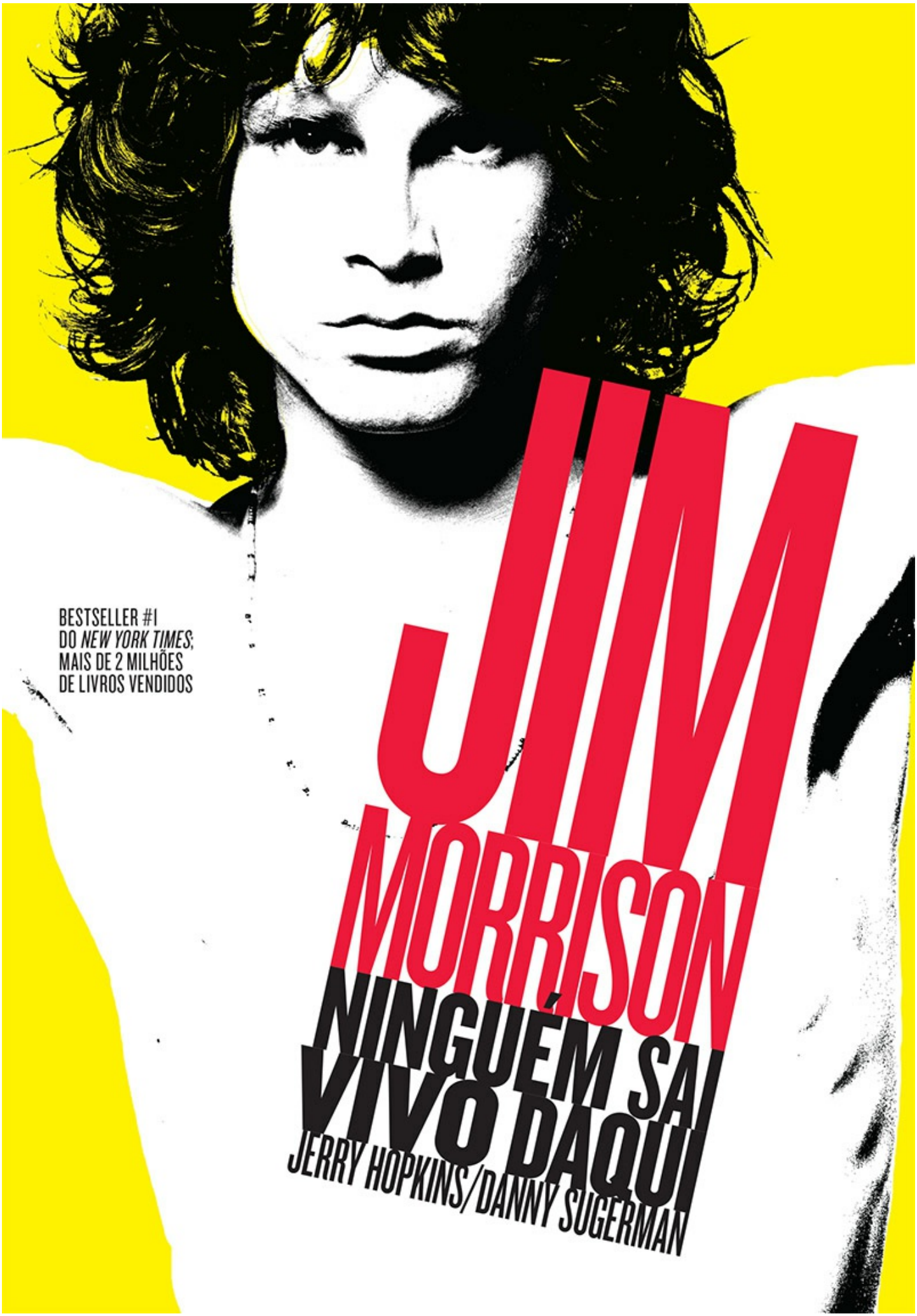
BESTSELLER #1
DO *NEW YORK TIMES*;
MAIS DE 2 MILHÕES
DE LIVROS VENDIDOS

JIM MORRISON

NINGUÉM SAI VIVO DAQUI

JERRY HOPKINS/DANNY SUGERMAN




BESTSELLER #1
DO *NEW YORK TIMES*;
MAIS DE 2 MILHÕES
DE LIVROS VENDIDOS
JIM
MORRISON
NINGUÉM SAI
VIVO DAQUI
JERRY HOPKINS/DANNY SUGERMAN

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudíavel a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.link*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

JIM MORRISON

NINGUÉM SAI VIVO DAQUI

JERRY HOPKINS/DANNY SUGERMAN

novo século®

TRADUÇÃO: RENATO REZENDE

SÃO PAULO, 2013

Ninguém Sai Vivo Daqui
Copyright © 1980 by Haky Olelo, Inc.
Updated Material © 1995 by Haku Olelo, Inc.
Copyright © 2013 by Novo Século Editora Ltda.

Coordenação Editorial - Mateus Duque Erthal / Filipe Nassar Larêdo
Editor-assistente - Daniel Lameira
Tradução - Renato Rezende
Preparação - Paulo Ferro Jr.
Diagramação - Natalli Tami
Revisão - Jonathan Busato
Capa - Mateus Valadares

Texto de acordo com as normas do Novo Acordo Ortográfico
da Língua Portuguesa (Decreto Legislativo nº 54, de 1955)

Dados Internacionais de Catalogação da Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Hopkins, Jerry
Ninguém sai vivo daqui : a biografia de Jim Morrison / por Jerry Hopkins e Danny Sugerman ; [tradução Renato Rezende]. -- Barueri, SP : Novo Século Editora, 2013.

Título original: No one here gets out alive
E-ISBN: 978-85-428-0119-4

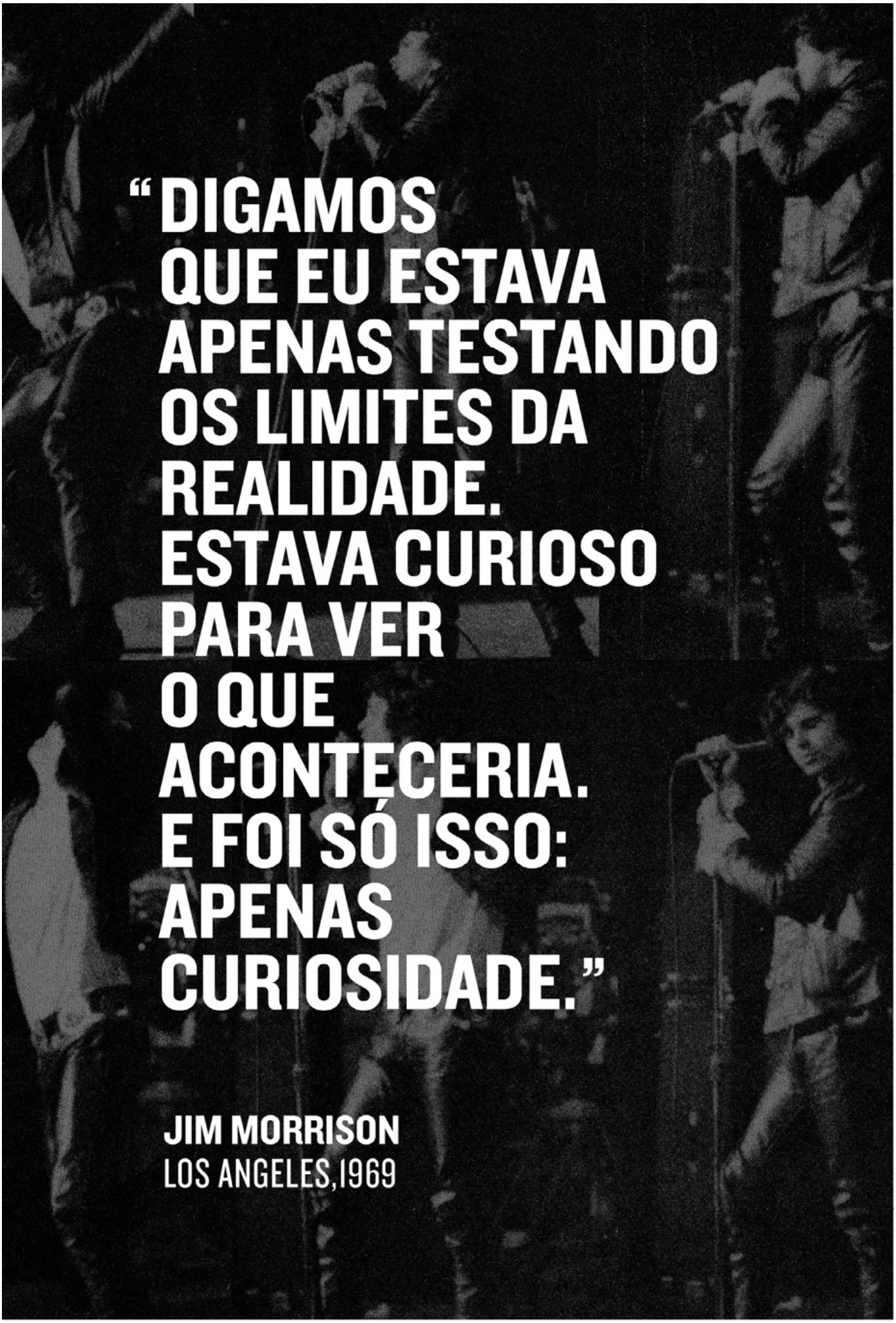
Bibliografia.

1. Morrison, Jim, 1943-1971 2. Músicos de rock - Estados Unidos - Biografia 3. The Doors (Banda de rock) I. Sugerman, Danny. II. Título. III. Título: Abiografia de Jim Morrison.

13-11261 CDD-782.42166092

Índices para catálogo sistemático:
1. Músicos de rock : Biografia e obra 782.42166092

2013
Direitos cedidos para esta edição à
Novo Século Editora Ltda.
CEA– Centro Empresarial Araguaia II
Alameda Araguaia, 2190 - 11º andar - Bloco A- Cj. 1111
Alphaville Industrial - Barueri /SP - CEP 06455-000
Tel.: (11) 3699-7107 - Fax (11) 3699-7323
www.novoseculo.com.br
atendimento@novoseculo.com.br


“DIGAMOS
QUE EU ESTAVA
APENAS TESTANDO
OS LIMITES DA
REALIDADE.
ESTAVA CURIOSO
PARA VER
O QUE
ACONTECERIA.
E FOI SÓ ISSO:
APENAS
CURIOSIDADE.”
JIM MORRISON
LOS ANGELES,1969

SUMÁRIO

Capa
Folha de Rosto
Ficha Catalográfica

Prefácio

O Arco é Retesado
Capítulo 1
Capítulo 2

A Flecha Voa
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7

A Flecha Cai
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12

Epílogo

Posfácio por Michael McClure

Agradecimentos
Discografia – Vídeos – Livros

Sobre os Autores

PREFÁCIO

Embora os favoritos dos deuses morram jovens,
eles também vivem eternamente na companhia dos deuses.

– Friedrich Nietzsche
O nascimento da tragédia

O THE DOORS FOI UMA ESPÉCIE DE ANOMALIA no panteão do rock. Em seu apogeu, eles não eram folk nem jazz, e enquanto alguns críticos de rock chamavam sua música de acid rock, eles não faziam parte daquele acid rock paz e amor tipo Airplane-Dead-Quicksilver de São Francisco. Eles não tinham nada em comum com a invasão inglesa ou até mesmo com a música pop em geral, embora tenham lançado três singles que alcançaram o primeiro lugar nas paradas de sucesso; e embora a cidade de Nova York tenha sido boa para o The Doors – quase ao ponto de adotá-los como seus –, eles continuavam sendo uma turma diferente daquela do Velvet Underground, apesar de haver uma afinidade mútua pelos temas escuros e sombrios. Eles não eram nem mesmo parte da cena folk rock que dominava Los Angeles naquela época, representada pela música dos Byrds, Buffalo Springfield e outros. Mesmo estando entre a hierarquia que incluía Elvis, Joplin e Hendrix, eles eram um mundo à parte. “Um mundo estranho e assustador”, como o próprio Jim disse certa vez, “sugerindo um oeste novo e selvagem.”

Para se ter uma melhor visão de Jim Morrison, deve-se passar direto pelo The Doors, e a coisa mais importante a se lembrar sobre o The Doors é que eles foram uma banda, e cada indivíduo formava um lado do diamante, que era o todo. Uma noite, na estrada, um pouco antes do show começar, um *disc jokey* subiu ao palco para iniciar o evento:

– Senhoras e senhores – anunciou para o público –, por favor, deem as boas-vindas para Jim Morrison e o The Doors! – Houve o aplauso costumeiro.

Enquanto o DJ descia as escadas que levavam ao palco, Jim o puxou para um canto e disse:

– Cara, volte lá e nos apresente direito.

O apresentador entrou em pânico.

– O que eu disse? O que eu fiz?

– É THE DOORS – disse Jim –, o nome da banda é THE DOORS.

Ali estava uma banda cujo objetivo não expresso era nada menos do que sua própria alquimia musical – eles pretendiam, de uma maneira ainda nunca ouvida

antes, unir o rock à poesia e este híbrido com o cinema e o teatro. Eles pretendiam unir intérprete e público conectando-se diretamente à Mente Universal. Eles não aceitariam nada menos que isso. Para eles, isso significava risco, nenhum truque, nada nas mangas, nenhuma encenação elaborada nem efeitos especiais – apenas realidade nua, perigosa, perfurando o véu de Maya com a capacidade da música de despertar no homem seus próprios poderes adormecidos e eternos.

O The Doors constantemente cortejava sua musa – ou seja, Morrison cortejava a sua musa e a banda o seguia; a banda ficava com ele. Jim acreditava que não se pode simplesmente desejar a musa; o poder do escritor ou do artista está em sua capacidade de receber, bem como de inventar, e é dever do artista fazer todo o possível para aumentar seu poder de recepção. Para atingir este objetivo, o poeta do século XIX Arthur Rimbaud defendeu uma sistemática "perturbação racional de todos os sentidos". Por quê? "Para alcançar o desconhecido." Como? De qualquer maneira possível.

A inclinação de Jim e sua busca pelo desconhecido é bem documentada nas páginas a seguir. "Existem coisas conhecidas", Jim diria em uma citação frequentemente atribuída a William Blake, mas, na verdade, do próprio Jim, "e existem coisas desconhecidas, e entre elas estão as portas [*the doors*]". Mas Blake de fato disse, em seu primeiro Provérbio do Inferno, "A estrada do excesso conduz ao palácio da sabedoria". E na linha seguinte: "A Prudência é uma velha solteirona, rica e feia, cortejada pela Incapacidade". Não é preciso acrescentar que Jim não cortejava a solteirona e cortejava a capacidade sempre que podia. Bebia e gritava e implorava, persuadia e dançava na inspiração de unir a banda, de inflamar o público, de tocar fogo na noite, de uma vez por todas, para sempre.

Infelizmente, foi o compromisso de Jim a este critério, definido tão cedo em sua carreira profissional, que finalmente acabou tanto com o homem quanto com a banda. Jim Morrison foi um homem que não iria, não podia, e se recusava a comprometer a si mesmo ou sua arte. E é aí que residia sua inocência e pureza – sua breve bênção e maldição. Percorrer todo o caminho ou morrer tentando. Tudo ou nada. O risco extático. Porque ele não fabricaria ou baratearia o que escrevia, ele não podia falsificar desespero nem fingir êxtase. Ele não iria meramente entreter, ou seguir a onda; ele era brilhante e desesperado, ele era levado por uma necessidade incessante de "testar os limites da realidade", de sondar o sagrado, de explorar o profano. E isto o deixou louco... louco para criar, louco para ser real. Estas qualidades o deixaram instável, perigoso e em conflito. Ele procurou consolo e conforto nos mesmos elementos que inicialmente o inspiraram e o ajudaram a criar: os entorpecentes.

AS TEORIAS DO SURREALISTA FRANCÊS Antonin Artaud sobre o confronto, expostas em sua tese *O teatro e seu duplo*, foram uma influência significante para Jim e o grupo. Em um dos ensaios mais impactantes do livro, Artaud estabelece um

paralelo entre a praga e a ação teatral, sustentando que a atividade dramática deve ser capaz de promover uma catarse no espectador da mesma forma que a praga purificou a humanidade. O objetivo? “Desta forma eles ficarão aterrorizados e despertarão. Eu quero despertá-los. Eles não percebem que já estão mortos.”

Jim iria, em breve, gritar “Acordem!” mil vezes, mil noites, em um esforço para tirar a audiência de sua inconsciência. Ainda me lembro do primeiro show do *The Doors* em que fui, amedrontado até o mais fundo de minha alma de apenas 13 anos, pensando: Este cara é perigoso. Alguém vai se machucar, provavelmente ele. Ou eu. Ou todos nós. Ninguém sai vivo daqui, ele cantou na música “Five to One” e, quando você enfrenta esse tipo de medo – ou o terror profano que uma música como “The End” pode gerar –, algo dentro de você muda. Ao confrontar o fim, a eternidade pisca. Aquele show mudou minha vida. Eu sabia: não poderia ficar melhor ou mais real do que aquilo. Hoje, mais de vinte anos depois, eu ainda me sinto da mesma maneira. Eu ainda não sei exatamente o que aconteceu comigo naquela noite em 1967. Mas sei que foi transcendente. Jim Morrison mudou minha vida. Ele mudou a vida de Jerry Hopkins. Ele tinha poder, ele fazia magia, *Mr. Mojo Risin*’.

“Os festivais de mistério deveriam ser eventos inesquecíveis, projetando suas sombras sobre toda a vida futura das pessoas, criando experiências que transformam a existência”, escreveu Aristóteles. Os shows do *The Doors* – as performances de Jim, quando bem-sucedidas – realizavam tal transformação.

Plutarco tentou descrever o processo de morrer em termos de uma iniciação semelhante: “Vagando perdido, na escuridão, por caminhos assustadores que não levam a lugar nenhum; e então logo que posto diante do fim de todas as coisas terríveis, pânico e espanto”. Há sons mágicos e danças e palavras sagradas passadas adiante, e então “o iniciado é solto e fica livre de toda a escravidão e vagueia, celebrando o festival com outras pessoas sagradas e puras e olha com superioridade para os não iniciados...”

Isso se aproxima bastante da descrição do The Doors no auge de seus poderes: cavalgando a cobra, a serpente, antiga e arquetípica, estranha e ao mesmo tempo perturbadoramente familiar, poderosamente evocativa, sensual e má, forte, proibitiva. Quando Morrison entoou: “O assassino acordou antes do amanhecer e colocou suas botas / ele tirou uma foto da antiga galeria / e ele andou pelo corredor”[1], nós andamos por aquele corredor com ele, apavorados, paralisados, incapazes de parar, à medida que a música tecia uma teia de histeria em torno de nós, envolvendo-nos cada vez com mais força em sua teia, Morrison interpretando a tragédia, o parricídio, o horror, o tormento indescritível. NÓS VIMOS, NÓS SENTIMOS, nós estávamos lá. Estávamos hipnotizados. A realidade abriu sua bocarra escancarada e nos engoliu inteiros, à medida que caíamos em outra dimensão. E Morrison era o único guia: “E eu estou bem aqui, eu estou indo também, abandone o controle, estamos rompendo...”[2] E nós fizemos isso.

“Perdido em uma imensidão romana de dor.”[3] Não era apenas uma linha de um

verso. Era um epitáfio para o momento, uma fotografia do inconsciente coletivo. Os símbolos eram atemporais e as palavras continham imagens armazenadas e energias de milhares de anos de idade, agora ressuscitadas.

No início de carreira do grupo, Jim tentou explicar um pouco disso a um jornalista: “Um show do The Doors é uma reunião pública convocada por nós para uma discussão dramática especial. Quando estamos no palco, estamos participando da criação de um mundo e celebramos isso com a multidão”.

Poucos dias antes de voar para Paris, para sua morte, Jim me concedeu o que seria a sua última declaração à imprensa:

“Para mim, nunca foram realmente um ato, estas assim chamadas performances. Era uma coisa de vida e morte; uma tentativa de se comunicar, de envolver muitas pessoas em um mundo particular de pensamento.”

Estávamos na segunda metade dos anos 1960: as bandas estavam cantando sobre paz e amor e o ácido corria de mão em mão, mas com o The Doors era diferente. A noite verde-esmeralda do mundo de Pã, deus da música e do pânico, nunca foi mais resplandecente do que na música do The Doors: o galope ofegante em “Not to Touch the Earth”, o horror incipiente de “Celebration of the Lizard”, o pesadelo edipiano de “The End”, o tormento cacofônico de “Horse Latitudes”, as conotações escuras, inquietas de “Can’t See Your Face in My Mind”, a exaustiva desgraça iminente de “Hyacinth House”, a fascinante perda de consciência presente em “Crystal Ship”.

Quando a música acabava, havia uma quietude, uma serenidade, uma conexão com a vida e uma confirmação da existência. Ao nos mostrar o Inferno, o The Doors nos levava ao Paraíso. Ao evocar a morte, eles faziam com que nos sentíssemos vivos. Ao nos fazer confrontar o horror, nós ficávamos livres para celebrar a alegria com eles. Ao confirmar o nosso sentimento de desesperança e tristeza, eles nos levavam à liberdade. Ou ao menos tentavam.

A iniciação nos mistérios da deusa Ísis sobrevive em apenas um relato de uma testemunha, um texto antigo que, traduzido, diz:

“Eu me aproximei da fronteira da morte, eu vi o limiar de Perséfone, eu viajei por todos os elementos e voltei, eu vi o Sol à meia-noite, brilhando na luz branca, eu me aproximei dos deuses do mundo superior e do submundo e os adorei ao alcance da mão.”

Isso tudo aconteceu à noite. Com música, dança e performance. O show como ritual, como iniciação. O feitiço lançado. Elementos extraordinários que estavam no éter há centenas de milhares de anos, dormentes dentro de todos nós, necessitando apenas de um despertar, eram libertos.

É claro que as drogas psicodélicas, assim como o álcool, podiam incentivar o desenrolar dos acontecimentos. Um musicólogo grego dá sua descrição de uma iniciação báquica como catarse:

“É o propósito da iniciação báquica que a ansiedade depressiva das pessoas, produzida por seu estado de vida, ou por algum infortúnio, seja eliminada através das melodias e danças do ritual.”

Há um estranho fascínio irresistível evocado por fragmentos de antigos mistérios pagãos: a escuridão e a luz, a agonia e o êxtase, o sacrifício e a felicidade, o vinho e a espiga de cereal (cogumelos alucinógenos). Para os antigos, era suficiente saber que havia portas para uma dimensão secreta, que poderiam se abrir para aqueles que procurassem por elas com afinco. Tais esperanças e necessidades não haviam desaparecido com o tempo. Jim Morrison sabia disso. Morrison foi a primeira estrela do rock que conheci a falar sobre as implicações míticas e os poderes arquetípicos do rock ‘n’ roll, sobre as propriedades ritualísticas do show de rock. Por ter feito isso, a imprensa o chamou de idiota pretensioso:

“Não se leve tão a sério, Morrison, isto é apenas rock ‘n’ roll, e você é apenas um cantor de rock.”

Jim sabia que eles estavam errados, mas não discutiu. Ele também sabia que quando os críticos o insultavam, humilhavam seu público. Jim tinha consciência de que a música é mágica, de que performance é adoração e sabia que o ritmo pode libertar. Jim era consciente demais da relevância histórica do ritmo e da música no ritual para que aqueles shows transformadores do The Doors fossem apenas algo acidental.

DE SEU FILÓSOFO FAVORITO, FRIEDRICH NIETZSCHE, Jim tirou conforto e encorajamento na advertência de “dizer sim à vida”. Eu nunca acreditei que Jim estivesse em uma jornada para a morte, como muitos já haviam dito, e até hoje ainda acho difícil julgar a maneira que ele escolheu para viver e morrer. Jim escolheu a intensidade, a despeito da longevidade; ser, como disse Nietzsche, “Aquele que não nega”, aquele que não diz não, que se atreve a criar a si mesmo.

Jim também deve ter se sentido apoiado ao ler a seguinte citação de Nietzsche: “O dizer sim à vida, mesmo nos seus mais estranhos e mais duros problemas; a vontade de viver, se alegrando para além de sua própria inesgotabilidade, mesmo no próprio sacrifício, em seu tipo mais elevado – eis o que eu chamo de dionisíaco, eis o que compreendi como a ponte para a psicologia do poeta trágico. Não para se livrar do terror e da compaixão, não para se livrar de uma consequência perigosa mediante sua liberação veemente, mas para, além do terror e da compaixão, ser ele mesmo o eterno prazer do devir”. Foi a sede insaciável de Jim pela vida que o matou, e não nenhum tipo de amor à morte.

Nietzsche, Van Gogh, Rimbaud, Baudelaire, Poe, Blake, Artaud, Cocteau, Nijinsky, Byron, Coleridge, Dylan Thomas, Brendan Behan, Jack Kerouac, aqueles que sentiram a vida muito intensamente para suportar vivê-la – os loucos, os condenados, os escritores, poetas e pintores, os artistas teimosamente resistentes à autoridade e insistentes em serem leais à sua natureza verdadeira, a qualquer custo

– esta era a linhagem com quem Jim mais apaixonadamente se identificava, e aspirava estar ao seu nível. Ser um poeta, ser um artista, significava mais do que escrever ou pintar ou cantar; significava ter uma visão e a coragem para ver aquela visão completamente, apesar de qualquer oposição. O que não te mata te torna mais forte, e se você fez o que era preciso, você foi raro e maravilhoso, e se você não o fez, isso não poderia ser forjado.

Quando uma revista perguntou a Jim como ele havia se preparado para o estrelato, ele respondeu:

– Eu parei de cortar o cabelo. – Mas o que ele não disse foi: – E comecei a tomar ácido. Assim como muitos e muitos outros, Jim tomava drogas para expandir sua consciência, para entrar em mundos que de outra maneira estariam bloqueados e selados. Ciente da relação de um xamã com o seu mundo interior através do peiote, e das experiências de Castañeda com Dom Juan, Jim ingeria psicodélicos. Como Coleridge e os comedores de ópio, ele estava sempre fascinado pelo paraíso artificial, a arquitetura hipnagógica, os mares lácteos e as noites sem estrelas. Como com Huxley, Jim se maravilhava perante a geometria esplendorosa e os antigos segredos que tremulavam na iminência da revelação. E, como os poetas românticos, ele se deliciava com a alteração de seus sentidos com qualquer coisa que estivesse à mão – vinho, haxixe, uísque. Se o absinto estivesse disponível durante sua vida, Morrison teria sido um bebedor de absinto.

Em *As variedades da experiência religiosa*, William James escreveu o que Jim já sabia:

“A sobriedade diminui, discrimina e diz não; a embriaguez expande, une, e diz sim.”

E quando as visões não mais o satisfaziam ou surpreendiam, quando a intoxicação não mais lhe provia a consciência expansiva que procurava, à medida que Dionísio, o deus do êxtase, tornou-se Baco, o representante de embriaguez, Jim se voltou cada vez mais para o álcool para anestesiar a dor e para deleitar-se na inconsciência.

No começo, ele bebia puramente pela alegria. “Gosto de beber”, ele admitiu. “Beber solta as pessoas e estimula a conversa. De certa forma, é como jogar; você sai uma noite para beber e não sabe onde terminará na manhã seguinte. Pode ser bom, pode ser um desastre, é um jogar de dados. A diferença entre o suicídio e a lenta capitulação.”

E no final ele ficava bêbado pela simples e triste razão de que é isso o que os alcoólatras fazem.

Ser um poeta significava mais do que escrever poemas. Ser um poeta significava assumir um compromisso: abraçar a tragédia que o destino escolheu para você e cumprir esse destino com entusiasmo e nobreza.

E AGORA, MUITOS ANOS APÓS A MORTE DE JIM, a história de Morrison/The Doors desabrochou em um reino de mito. A curta e trágica vida de Jim é o material

do qual nossos heróis e nossos deuses da juventude e ressurreição são feitos. Como Orfeu, ele é eternamente jovem, e como Dionísio, ele morre para nascer novamente. E, como no assassinato de Adonis, no sacrifício de Mitra e na morte acidental de Antínoo, ele não poderia ter vivido sem destruir o mito sobre o qual sua plateia se criou. Uma das principais razões de Jim ter ido para Paris foi por ele não mais conseguir fazer jus à mitologia que ele mesmo havia ajudado a criar. Porque Jim Morrison não queria ser um deus. Jim Morrison queria ser um poeta.

Certamente nenhum poeta moderno escreveu melhor sobre a alienação e os sentimentos de isolamento, medo e desconexão do que Jim Morrison. Fomos murados, shopping-centerizados, isolados, ar-condicionarizados, kinoplexizados, programados, sofremos lavagem cerebral, fomos inalteravelmente dirigidos para o materialismo, consumismo e capitalismo, sem sentir nossos próprios batimentos cardíacos, apenas vagamente conscientes dos nossos espíritos diminuídos e famintos.

Jim estava ciente deste cisma moderno, esta sensação de deslocamento, nossa angústia:

“Se minha poesia almeja atingir alguma coisa, é libertar as pessoas da forma limitada pela qual elas veem e sentem.”

Quando perguntado em uma entrevista coletiva europeia sobre como descreveria a música do The Doors, um Jim bêbado e sofrendo de *jet-lag* descreveu-a:

“A sensação que tenho é a de um tipo de sentimento sombrio, pesado, como de alguém que não está bem certo sobre coisa alguma... Eu gostaria de fazer um apenas... hã... de estar totalmente em casa.”

Antes da liberdade ser alcançada, antes que você chegue em casa, deve primeiro se perder, vaguear, desprovido de esperança; primeiro você tem que atravessar o abismo. Antes do amanhecer, necessariamente vem a noite implacável, o que São João da Cruz chamou de “a noite escura da alma” e que Dante se referiu como “o bosque sombrio”. Este é um capítulo obrigatório da jornada do herói. E, como Joseph Campbell escreveu, este é o caminho que o verdadeiro artista deve percorrer. Ir aos poucos em direção ao abismo compeliu Rimbaud a escrever: “Eu senti as asas da loucura passarem sobre mim”. Baudelaire lutou com o vento gelado e terrível emanado das mesmas profundezas, quando escreveu: “O vento do medo fez meu sangue gelar”.

Em um poema intitulado simplesmente “O abismo”, Baudelaire tenta descrever o horror inexprimível, o vazio indiferente. Sartre chamava este abismo de “Sem Saída”. Jim cantava:

“Alguns nascem para o doce deleite e alguns nascem para a noite sem fim”[4], e não pode haver dúvidas sobre de onde Jim tinha vindo. Morrison nos convoca para suas visões (“aqui fora, no perímetro, não há estrelas”[5]) e nos convidou para acompanhá-lo (“Estão todos aqui?”[6]), mas nós não podíamos, e ele não podia

esperar. (“Nenhuma recompensa eterna nos perdoará agora por termos desperdiçado o amanhecer.”[7]) E ele não daria um passo atrás nem alteraria o futuro que o destino havia escolhido para ele. Sabendo o custo, conhecendo os riscos, mas levado por sua sede insaciável de ver tudo, sentir tudo e fazer tudo, Jim correu para a beira daquele abismo e encontrou uma liberdade tão completa e vasta que era aterrorizante. E então ele mergulhou.

Eu não acredito que o objetivo de Jim, sua ambição, seu destino final tenham sido esse lugar escuro. Eu acho que Jim queria a iluminação. Mas Jim sabia que o caminho do excesso que conduzia àquele palácio da sabedoria era repleto de desespero e desastre, bem como de êxtase e muita alegria. E que o desespero não devia ser reprimido, mas vivido.

O último desejo de Jim era ser levado a sério como poeta. Enquanto estava vivo, seu comportamento impediu muitos de nós de entender suas palavras. Hoje, sua vida ainda nos fascina e espanta, e seu trabalho como poeta está finalmente ganhando o reconhecimento que merece.

Jim fez o que todos os bons artistas almejam e, quando são bem-sucedidos, realizam: despertou-nos da letargia de nossas formas definidas e vidas rotineiras, nos provocou até nos levar à consciência, causou uma reação (positiva ou negativa, não importa) dentro de nós; e nos fez pensar. Isso em si é uma ocorrência tão rara que deveríamos ser gratos sempre que tivéssemos a sorte de encontrá-la. Prepare-se, aí vem ele.

Durante sua vida, Morrison foi comparado a um anjo e foi chamado de demônio, e quase tudo o mais que há entre estes dois termos. De Mefistófeles à Barbie definitiva, de rei do *acid rock* a Mickey Mouse de Sade. Ele era Dionísio na Terra, um xamã em um corpo estranho. Rock star e poeta. Gênio e santo louco. Ele surpreendeu seu público ao dar tudo o que tinha, mais até do que eles esperavam. E então o público cresceu em tamanho e em apetite, e voltou exigindo mais. Jim tinha ficado maior que a vida, e tentou fazer jus a isso, o que provavelmente o matou.

Ainda assim, Jim conseguiu o que queria. Jim queria ser como uma estrela cadente; em um momento você a vê, em outro não, mas por aquele breve momento ele cintila como a estrela mais brilhante na galáxia. No entanto, ao mesmo tempo, Jim queria transubstanciar a energia temporal e a luz da vida na imortalidade duradoura da arte. Ele apenas não contava que o impacto que provocou fosse durar tanto tempo. Eu acho que ele ficaria satisfeito – eu acho que ele ficaria orgulhoso.

E NO FINAL, DEPOIS DE CONQUISTAR A AMÉRICA e o resto do mundo ocidental, depois de ter sido algemado pelos tribunais e pelas leis do país que amava, e depois de ser ridicularizado pela imprensa, ele fugiu para Paris, a casa de muitos artistas expatriados do passado, para continuar sua vida como poeta. Mas seu corpo estava muito desgastado, seu coração muito fraco; ele já havia visto, feito e bebido demais. Ele tinha vivido a vida em seus próprios termos, ele tinha colhido os frutos, e agora a

conta tinha que ser paga. Seu espírito estava cansado. A morte estava simplesmente mais próxima e era mais fácil do que retornar à América, ou o palco que esta representava.

Jim Morrison não morreu. Seu espírito continua vivo, em sua música e nestas letras, cintilando com um brilho incandescente, uma fusão de luz e escuridão tornada em um diamante brilhante e eterno.

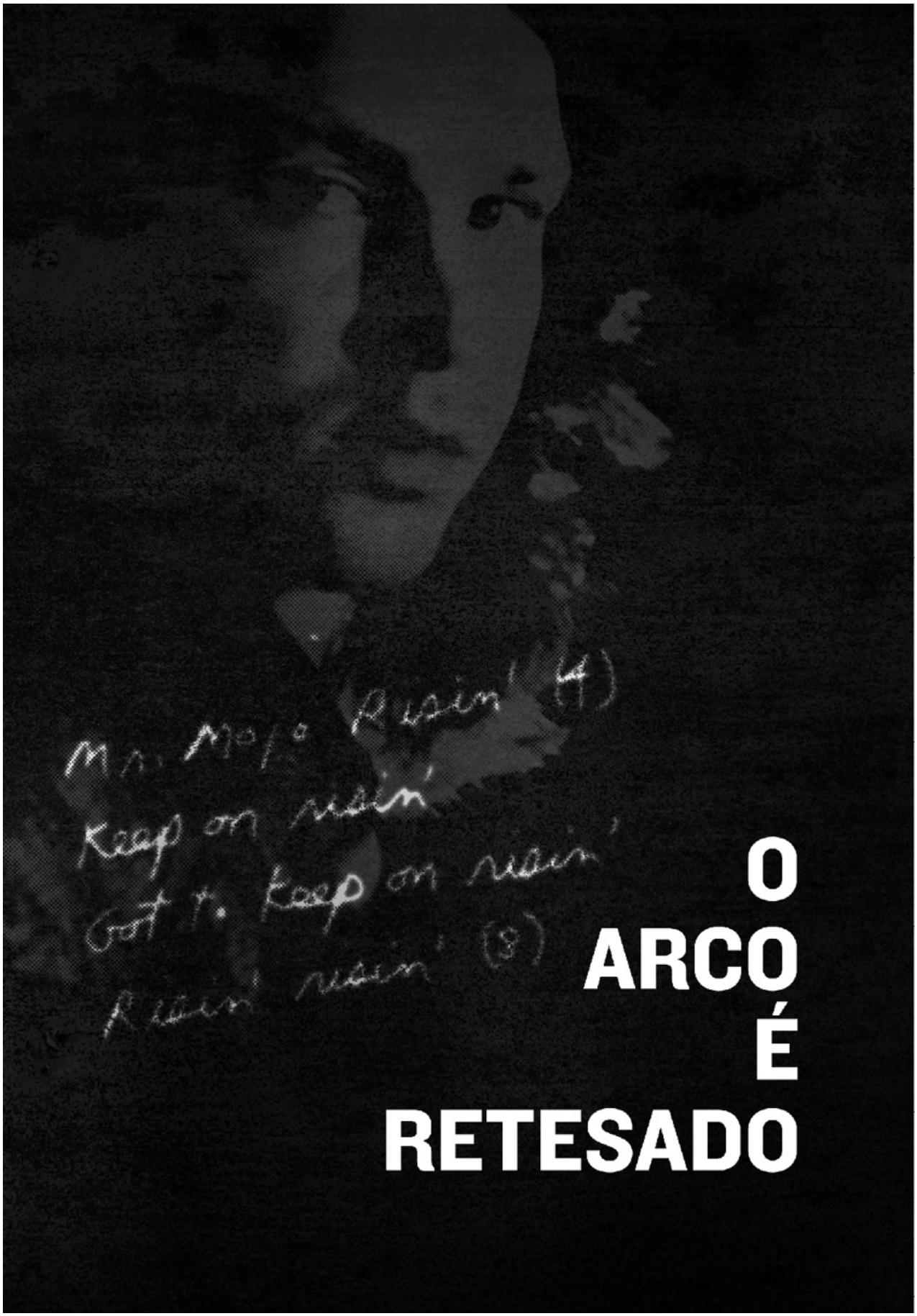
"Cancele minha assinatura para a ressurreição"[8], ele cantou.

Acho que não, Jim.

Este não é o fim.

Danny Sugerman
Los Angeles, CA
5/12/1995

1. "The killer awoke before dawn, he put his boots on / He took a face from the ancient gallery / And he walked on down the hall" – trecho de "The End".
2. "And I'm right there, I'm going too / Release control, we're breaking through – trecho de "A Little Game".
3. "Lost in a roman wilderness of pain" – trecho de "The End".
4. "Some are born to sweet delight / Some are born to endless night" - trecho da poesia "Augúrios de inocência", de William Black, usado na música "End of the Night".
5. "Out here in the perimeter there are no stars" - trecho de "Stoned Immaculate".
6. "Is everybody in?" - trecho de "The Celebration Of the Lizard".
7. "No eternal reward will forgive us now for wasting the dawn" - trecho de "The Wasp".
8. "Cancel my subscription to the resurrection" - trecho de "When the Music's Over".



CAPÍTULO UM

UMA VEZ, QUANDO A NEVE ESTAVA muito alta nas montanhas próximas a Albuquerque, perto de Sandia Peak, Steve e Clara Morrison levaram seus filhos para brincar de trenó. Steve estava servindo na base aérea de Kirtland, próxima dali, onde ele era diretor executivo e segundo homem nas chamadas Instalações de Armas Especiais da Base Aérea Naval. Isso significava energia atômica, naquela época ainda um assunto misterioso e que não se podia discutir em casa.

Era o inverno de 1955 e Jim Morrison tinha completado 12 anos há apenas algumas semanas. Em menos de um mês sua irmã, Anne, que estava se transformando em uma espécie de “menina-moleque” gordinha, faria nove anos. Seu irmão, Andy, de certa forma um pouco mais rude do que Jim, tinha a metade de sua idade.

A imagem era a pura simplicidade do inverno: no fundo, as nevadas montanhas Sangre de Cristo, do Novo México; em primeiro plano, bochechas rosadas, cabelos escuros ondulados, quase escondidos por chapéus ajustados para aquecer – crianças saudáveis usando casacos pesados, subindo com um trenó de madeira. Não havia neve caindo, apenas os flocos secos, que causavam uma fina dor, soprados por rajadas de ventos vindas da montanha.

Na beira do declive, Jim colocou Andy na frente do trenó. Anne ficou atrás de Andy, e Jim se espremeu na parte traseira. Usando suas mãos enluvadas, eles se impulsionaram para a frente e deslizaram para longe, com um barulho de arrancada e um grito animado.

Eles desciam cada vez mais rápido. À distância, aproximando-se rapidamente, havia uma cabana.

O trenó deslizava morro abaixo como uma nave espacial que rasgava o frio do espaço exterior. Andy entrou em pânico.

– Saltem! – ele gritou. – Saltem!

As galochas de Andy ficaram presas sob a frente do trenó, onde este se curvava. Ele tentou se livrar, mas Anne, que estava atrás dele, não conseguia se mover. Jim se curvava para a frente, segurando-os, impotente.

A cabana se aproximava rapidamente.

– Saltem! Saltem!

O trenó estava a menos de vinte metros da cabana, em uma terrível e certa rota de colisão. O olhar de Anne estava paralisado, e as feições de seu rosto entorpecidas pelo terror. Andy estava choramingando.

O trenó escorregou para baixo de um anteparo, e a cinco metros da cabana foi parado pelo pai das crianças. Enquanto elas desajeitadamente saíam do trenó, Anne balbuciava histericamente sobre como Jim havia os empurrado para a frente, sem deixá-los escapar. Andy continuava chorando. Steve e Clara Morrison tentavam confortar as crianças menores.

Jim, parado ali perto, parecia satisfeito.

– Nós estávamos apenas nos divertindo – disse ele.

A MÃE DE JIM, CLARA CLARKE, era uma entre cinco filhos, a filha levemente excêntrica e que adorava se divertir como uma advogada independente de Wisconsin que certa vez havia concorrido a um cargo público sob a chapa comunista. Sua mãe havia morrido quando Clara era adolescente, e em 1941, quando estava com 21 anos e seu pai havia se mudado para o Alasca para trabalhar como carpinteiro, Clara foi visitar sua irmã grávida, no Havaí. Em um baile da Marinha ela conheceu o pai de Jim, Steve.

Steve havia crescido em uma pequena cidade do centro da Flórida, um entre três filhos, o único filho homem de um conservador dono de lavanderia. Quando criança, havia tomado doses de hormônio da tireoide para estimular seu crescimento, e no ensino médio ele era chamado (por seu primo e melhor amigo) de “um *cowboy* do *campus*: um pouco bonzinho – um ativo metodista, mas popular com as garotas”. Steve havia se formado na Academia Naval dos EUA quatro meses antes, em fevereiro de 1941, depois que o curso de instrução foi acelerado para produzir uma nova classe de oficiais para a vindoura Guerra Mundial.

Steve e Clara se encontraram quase à época em que os japoneses bombardearam Pearl Harbor. Eles se casaram rapidamente, em abril de 1942, pouco antes do lança-minas de Steve ter sido retirado do dique seco e retornar ao serviço no Pacífico norte.

No ano seguinte, ele foi mandado para Pensacola, na Flórida, para treinamento de voo, e apenas onze meses depois, em 8 de dezembro de 1943, James Douglas Morrison juntou-se ao *baby boom* da época da guerra, em Melbourne, Flórida, perto do que agora é o Cabo Canaveral.

O pai de Jim o deixou aos seis meses para voltar ao Pacífico e pilotar Hellcats em um porta-aviões. Pelos próximos três anos, Clara e seu filho viveram com os pais de Steve em Clearwater. A casa, no Golfo do México, era administrada de uma forma cuidadosamente prevista e seus moradores eram governados por clichês vitorianos: As crianças deviam ser vistas e não ouvidas...Ignore algo desagradável e isso desaparecerá... A limpeza se aproxima da santidade. Os avós paternos de Jim foram criados na Geórgia. Nenhum deles bebia ou fumava.

O comportamento de Clara durante a ausência do marido foi impecável, mas entre a rigidez de seus sogros e a vida entediante em Clearwater, ela ficou muito feliz ao ver Steve retornar do Pacífico, quase um ano após o fim da guerra, no auge do úmido verão de 1946.

A MOBILIDADE E A SEPARAÇÃO que caracterizaram a família Morrison durante a guerra continuaram durante a infância de Jim. A primeira atribuição de seu pai depois

da guerra foi em Washington, D.C., mas ele permaneceu lá por apenas seis meses antes de ser mandado – pela primeira de duas vezes – para Albuquerque, onde foi instrutor em um dos programas militares de armas atômicas, pelo período de um ano. Nesta época Jim, que tinha quatro anos, teve uma irmã.

Foi nos arredores de Albuquerque, enquanto viajava com seus pais pela rodovia de Santa Fé, que Jim passou pelo que ele mais tarde dramaticamente descreveria como “o momento mais importante da minha vida”. Eles passaram por um caminhão que havia capotado e viram índios Pueblo feridos, agonizando, deitados onde haviam sido arremessados, no meio asfalto.

Jim começou a chorar. Steve parou o carro para ver se poderia ajudar e pediu que outro espectador fosse até algum telefone chamar uma ambulância. Jimmy, como seus pais o chamavam até os sete anos de idade, olhava fixamente através do vidro a cena caótica, ainda chorando.

Steve voltou para o carro e eles partiram, mas Jimmy não se acalmou. Ele ficou cada vez mais transtornado, soluçando histericamente.

– Eu quero ajudar, quero ajudar...

Enquanto Clara o segurava em seus braços, Steve consolava o menino.

– Está tudo bem, Jimmy, está tudo bem.

– Eles estão morrendo! Eles estão morrendo!

Finalmente, seu pai disse:

– Foi um sonho, Jimmy, isso não aconteceu realmente, foi um sonho.

Jim continuou a soluçar.

Anos mais tarde, Jim contou a seus amigos que, enquanto o carro de seu pai se afastava do cruzamento, um índio morreu e a alma dele passou para seu corpo.

Em fevereiro de 1948 Steve foi mandado para o mar, como “oficial de armas especiais” a bordo de outro porta-aviões. Naquele momento, os Morrison viviam em Los Altos, no norte da Califórnia, a quinta casa de Jim em seus quatro anos de idade. Foi lá que Jim começou a frequentar a escola pública, e lá que seu irmão Andy nasceu.

Aos sete anos, Jim mudou-se de novo quando a carreira de Steve o levou mais uma vez a Washington. Um ano depois, em 1952, Steve foi mandado à Coreia para coordenar ataques aéreos a partir de porta-aviões, e o resto da família retornou à Califórnia, estabelecendo-se desta vez em Claremont, perto de Los Angeles.

Alguns dizem que os aspectos negativos da falta de raízes foram largamente exagerados, que o que uma criança cuja família se muda com frequência perde em raízes tradicionais, compensa com a variedade de experiências. Não importa o quão válido esse e outros argumentos sejam, os problemas específicos permanecem.

Primeiro, uma família militar sabe que não vai se estabelecer em lugar nenhum permanentemente, e raramente tem escolha sobre para onde ou quando irá se

mudar de novo. Uma família da Marinha sabe que mesmo em tempos de paz haverá longos períodos em que o pai ficará embarcado, e, ao contrário dos militares baseados em terra, ele não pode levar seus dependentes consigo. Os membros da família aprendem a viajar levando poucas coisas, geralmente adquirindo somente itens essenciais, tais como móveis, talheres, louças e roupas de cama. Jim e seus irmãos tinham brinquedos e livros, mas não em abundância.

Muitas famílias não anseiam por fazer novos amigos, pois sabem que a relação pode durar apenas um ano ou dois. Outras fazem um esforço extra para fazer amigos e acabam esgotando--os emocionalmente ou forçando tanto a situação que acabam por perturbar a ordem estabelecida.

É claro, a familiaridade com as bases militares e a camaradagem que estas cultivam ajudam a compensar a estranheza de uma nova comunidade. A família de um oficial é sempre bem-vinda no clube campestre dos oficiais, por exemplo, onde pode se misturar com outras nesta sociedade altamente instável. Isto é especialmente verdadeiro na Marinha, cujos oficiais constituem um grupo relativamente pequeno e íntimo. Ao longo dos anos muitos dos amigos mais próximos de Steve e Clara foram outros oficiais da Marinha e suas esposas, cujos caminhos cruzaram mais de uma vez. As crianças, por outro lado, geralmente fazem amigos na escola, e as crianças da Marinha precisam encontrar novos amigos com maior frequência.

Psicólogos que estudaram a sociedade altamente móvel da Marinha encontraram uma variedade de transtornos emocionais, desde o alcoolismo e a discórdia conjugal até a anomia e um sentimento de “desconexão”. Provavelmente o fator mais significativo é a ausência periódica do pai. O papel da mãe muda repetidamente, dependendo do pai estar ou não em casa, e as crianças geralmente sofrem de um sentimento de confusão e ressentimento a respeito da autoridade.

Quando Jim era pequeno Clara e Steve concordaram em nunca levantar a mão com raiva para seus filhos. Praticariam outro tipo de disciplina, de dialogar racionalmente, deixar bem claro e transparente quando eles errassem. Às vezes esta disciplina tomava a forma de uma reprimenda verbal, outras vezes apenas de um frio silêncio.

– O que acontecia – diz Andy, depois de adulto –, é que eles tentavam nos fazer chorar. Eles diziam que estávamos errados, eles diziam por que estávamos errados, e eles diziam por que era errado estar errado. Eu sempre tentava me segurar ao máximo, mas eles realmente conseguiam. Jim acabou aprendendo a não chorar, mas eu nunca consegui.

QUANDO STEVE VOLTOU DA COREIA, no início de 1953, Jim era um belo menino, embora um pouco gordinho, cuja inteligência, charme natural e boas maneiras faziam dele o favorito dos professores e o representante de sua turma, na quinta série. Mas ele podia assustar os mais velhos com sua arrogância e linguagem chocante. Ele

andava de bicicleta “sem as mãos”, foi expulso dos escoteiros por desrespeitar a madrinha do grupo. E perseguia o irmão.

Jim dividia um quarto com Andy na casa em Claremont, e se havia algo que ele odiava era o som de sua respiração pesada, especialmente quando estava lendo, assistindo televisão ou tentando dormir. Andy sofria de amigdalite crônica, o que fazia com que fosse difícil para ele respirar à noite.

Às vezes Andy acordava ofegante, tentando desesperadamente recuperar o fôlego, e descobria que sua boca estava selada com fita adesiva. Na cama ao lado Jim fingia estar dormindo ou silenciosamente se sacudia, aos risos.

Depois que os Morrison retornaram a Albuquerque, Clara conseguiu um emprego de meio período como secretária. Jim estava matriculado na escola pública de Albuquerque durante a sexta e sétima séries, de 1955 a 1957. Segundo a observação de um membro da família, foi aí que as três crianças ficaram mais próximas, como uma “ação defensiva por se mudarem tanto”, mas foi também no Novo México que seus pais perceberam o afastamento de Jim. Foi lá que ele começou a perder o interesse por suas aulas de música, se recusar a participar das funções familiares, ler vorazmente e passou por aquela experiência perigosa no trenó.

Em setembro de 1957, depois de dois anos de ar puro nas montanhas do Novo México, os Morrison se mudaram novamente, desta vez para Alameda, no norte da Califórnia. Alameda é uma pequena ilha na baía de São Francisco, conhecida por sua estação aeronaval, que é o maior complexo industrial da área e a maior estação aérea da Marinha dos EUA no mundo. Esta foi a nona cidade onde Jim viveu, e foi lá que ele passou o primeiro ano e meio do ensino médio.

O único amigo de verdade que ele fez foi um colega de classe bem alto, mas com excesso de peso e uma voz sonolenta. Fud Ford introduziu Jim às nuances sociais de Alameda High, dizendo a ele que não era legal andar de bicicleta (Jim começou a caminhar dois quilômetros e meio para chegar à escola) e que não era aceitável usar calça jeans limpas para ir às aulas.

– Minha mãe as lava toda semana – disse Jim. – Ou até duas vezes por semana.

Fud deu de ombros, vencido.

Jim se iluminou.

– Eu tenho uma ideia. Vou deixar outra calça na casa ao lado, escondida na varanda de Rich Slaymaker. Eu posso trocar de calça depois que sair de casa.

Foi uma atitude óbvia para conseguir aceitação. Assim como eram os seus esforços para chamar a atenção para si mesmo. Uma vez ele amarrou a ponta de um fio em torno de uma orelha, colocou a outra na boca, e, quando alguém comentava sobre aquilo, ele dizia que tinha um pequeno balde pendurado em sua garganta para coletar saliva para exames médicos. Ele lia a revista *Mad* avidamente e adotava várias das frases de efeito da publicação como sendo dele. Dizia que ele

era “louco o suficiente para tentar subornar um policial com dinheiro falso”[9].

Em uma mostra precoce de ressentimento direcionado às autoridades, algo que se tornaria um padrão em sua vida, quando policiais locais o colocaram para fora do Alameda Theater, em uma sexta-feira à noite, por estar entre os arruaceiros barulhentos que estavam na primeira fileira, ele retrucou:

– Saque sua identificação.

Ele imaginava elaboradas maneiras de atender ao telefone, refletindo o lado doentio do humor da *Mad* ou os vícios de uma indistinta pronúncia étnica:

– Funerária Morrison... você corta, nós embalamos – ou: – Olá, residência dos Morrison, aqui é Thelma.

Às vezes, Jim era mais sutil e mais bizarro. Quando ele foi pego subindo uma escadaria cuja sinalização indicava que só se podia descer por esta, foi levado à “patrulha de fronteira” estudantil, onde lhe perguntaram:

– Você se declara culpado ou inocente?

– Inocente – disse Jim, solenemente –, porque, veja você, eu não tenho pernas.

JIM E FUD ERAM INSEPARÁVEIS. Eles beberam pela primeira vez juntos, pegando gim escondido da garrafa do Comandante e substituindo-o por água. Eles fingiam praticar brigas na piscina do clube dos oficiais que pareciam e soavam homicidas, e então riam durante todo o caminho para casa.

Eles também compartilhavam a dor do despertar sexual. Jim encorajava Fud a ir com ele até a casa de Joy Allen, no estuário, onde eles viam, escondidos, Joy e sua mãe colocando suas roupas de banho. Próximo dali, onde as casas eram construídas em compridas extensões de terra que avançavam pela baía, tiravam suas roupas de banho e se exibiam fora d’água, correndo nus de um lado para o outro. Jim dizia a Fud que estava transando com duas meninas em seu próprio quarto, quando sua mãe ia às compras. Fud balançava a cabeça, com inveja, e contava uma mentira à altura.

Muitas tardes de Jim eram passadas na casa de Fud, escrevendo dezenas de propagandas para rádio terrivelmente escatológicas e sexualmente explícitas sobre os problemas de “coçar a bunda e masturbação”.

“A masturbação geralmente ocorre entre as idades de 12 e 18, embora algumas pessoas continuem mesmo depois dos 93. Você pode não perceber os perigos da masturbação. Muitas vezes, uma erupção cutânea grave pode se desenvolver na pele do pênis *delpisto*, que em casos extremos pode levar à amputação. Além disso, o *stridopsis* da glândula *papuntasistula* pode se desenvolver, ou, em termos leigos, você pode acabar com um grande pau vermelho. Ninguém quer que isso aconteça. Mas isso ocorrerá a menos que ajuda imediata seja obtida. Nós (da Sociedade para a Prevenção da Masturbação) estamos equipados com máquinas especiais testadas

na água, e nossa equipe de enfermeiras treinadas está sempre pronta para aparecer e disposta a dar uma mãozinha prestativa quando necessário."

Jim criou um elaborado desenho a lápis de um homem se contorcendo e vomitando: "Rins negligenciados causaram isto". Outro mostrava um homem tendo uma garrafa de Coca-Cola como pênis e um abridor de latas de péssima aparência no lugar dos testículos, uma mão estendida pingando secreção, e mais secreção escorregando de seu ânus. A terceira mostra um homem com um pênis ereto do tamanho de um taco de beisebol, um menino pequeno ajoelhado em frente, aguardando, lambendo os dentes pontiagudos com ansiedade.

Jim fez centenas desses desenhos. Quando seu humor estava mais leve, ele e Fud cortavam personagens de histórias em quadrinhos do jornal de domingo e reorganizavam-nos em tiras de papel, dando-lhes novos diálogos ou legendas. Mais uma vez os temas eram sexuais ou escatológicos, mas imbuídos de sofisticação e humor sutil, algo incomum para alguém de apenas 14 anos.

JIM ESTAVA SENTADO EM SEU QUARTO à noite, sozinho. Ele fechou o livro que o tinha mantido cativo por quatro horas, soltando finalmente a respiração. Na manhã seguinte, começou a ler o livro de novo. Dessa vez copiou os parágrafos que gostava em um caderno de espiral que ele havia começado a carregar consigo.

O livro era o romance de Jack Kerouac sobre a geração *beat*, *On the Road (Pé na estrada)*, publicado no mesmo mês em que os Morrison chegaram em Alameda, setembro de 1957. Jim descobriu o livro naquele inverno, mais ou menos na mesma época em que um colunista de um jornal em São Francisco deu ao mundo uma nova expressão pejorativa: *beatnik*.

A sede mundial dos *beatniks* era North Beach, um bairro de São Francisco que ficava a apenas 45 minutos de ônibus de Alameda. Aos sábados, Jim e Fud andavam para cima e para baixo pela Broadway, incansavelmente, parando para vasculhar a livraria City Lights, onde um cartaz na vitrine dizia "Livros Proibidos". Uma vez Jim viu um dos donos da loja, o poeta Lawrence Ferlinghetti. Nervosamente, disse oi e, quando Ferlinghetti disse oi em resposta, saiu correndo.

Ferlinghetti era um dos favoritos de Jim, juntamente com Kenneth Rexroth e Allen Ginsberg. Ginsberg foi o mais impactante, pois ele era o Carlo Marx da vida real (um dos personagens de Kerouac em *On the Road*), "o triste espertalhão poético com a mente obscura". Foi uma imagem que ficou grudada em Jim como cola.

Jim também era fascinado por Dean Moriarty, o "herói de suíças do oeste nevado", cuja energia deu ao romance de Kerouac um barato, como uma dose de anfetamina. Ele era um daqueles personagens malucos de Kerouac: "loucos, aqueles que são loucos para viver, loucos para falar, loucos para serem salvos, desejosos de tudo ao mesmo tempo, aqueles que nunca bocejam ou dizem algo banal, mas queimam, queimam, queimam, como fabulosas velas romanas amarelas explodindo

como aranhas em meio as estrelas, e você vê a luz central azul estourar, e todo mundo diz: 'Ohhhh!'".

Jim começou a copiar Moriarty, até em sua risada "Hi-hi-hi-hi".

O tempo passava lentamente em Alameda. Jim caía "acidentalmente" na piscina da base naval, ouvia os discos de Oscar Brand e Tom Lehrer repetidamente e começou a entrar em conflito com sua mãe.

Clara era uma "gritadora" e, quando não conseguia que as coisas corressem à sua maneira, ameaçava segurar as mesadas. Jim ria dela e uma vez, quando ela veio para cima dele com raiva, agarrou-a e começou a lutar com ela no chão, pegando uma caneta e escrevendo em seu braço.

– Você não luta limpo – ela gritou. – Você não luta limpo!

Jim estava rindo.

– Hi-hi-hi-hi, ah-hi-hi-hi-hi-hi…

Jim foi para Alexandria, Virgínia, partindo da Califórnia, em dezembro de 1958, antes do resto da família, para ficar com os amigos da Marinha de seus pais, que tinham um filho da sua idade. Jeff Morehouse era o "cérebro" ligeiro e de óculos da classe, e apresentou Jim a Tandy Martin. Tandy vivia a menos de cem metros da espaçosa casa alugada pelos Morrison em janeiro, quando Steve voltou para o Pentágono.

A casa de tijolo e pedra estava em uma seção montanhosa e arborizada chamada Beverly Hills, um bairro de classe média alta cuja população incluía diplomatas, oficiais militares de alta patente, membros do gabinete, médicos, advogados e senadores. Havia um grosso tapete floral em uma sala de estar repleta de antiguidades funcionais (um dos irmãos de Clara era um antiquário), cadeiras estofadas e uma grande televisão. Bicicletas ficavam apoiadas contra a parede da varanda.

Jim e Tandy tinham seus armários próximos um do outro na escola, e geralmente eles iam e voltavam da George Washington High School juntos.

Jim gostava de chocar Tandy.

– Eu acho que vou até ali mijar naquele hidrante – anunciou um dia, buscando dramaticamente o zíper de sua calça.

– Não – gritou Tandy, horrorizada.

Em uma trama mais elaborada, Jim convidou Tandy para vê-lo jogar tênis com um primo seu que era surdo. Por quase uma hora Jim "falou" com seu primo com as mãos, traduzindo para Tandy, que os observava, com simpatia, próxima dali. De repente a conversa se transformou em discussão. Os dedos de Jim e os de seu primo voavam como agulhas de tricô e, finalmente, o primo dele foi embora.

Jim deu de ombros e disse a Tandy que caminharia com ela até sua casa.

– O que foi aquilo? – ela perguntou.

– Oh, nada – disse Jim. – Ele perguntou se podia ir conosco quando eu a levasse até sua casa, e eu disse não.

Tandy disse a Jim que ele era cruel e começou a chorar.

– Oh, Jim, como você pode...

– Oh, pelo amor de Deus – respondeu Jim –, ele não é realmente surdo.

Tandy parou de chorar e começou a gritar, com raiva. Ela foi a única namorada de Jim por dois anos e meio em Alexandria, e sofreu muito. Jim a testava constantemente.

Um sábado eles foram de ônibus à Corcoran Art Gallery, perto de Washington. Quando atravessavam o Potomac, Jim caiu de joelhos no chão, agarrando os pés de Tandy.

– Jim – sussurrou Tandy, chocada. – O que diabos você está fazendo? Pare com isso agora, pare com isso. – Rapidamente, Jim tirou um dos sapatos e começou a puxar uma das meias brancas de Tandy.

– Jim, por favor. – Tandy cruzou as mãos no colo de sua saia plissada, apertando até que os nós dos dedos ficassem brancos. Um rubor profundo coloriu suas bochechas e se espalhou por seu pescoço e por baixo de seu rabo de cavalo.

– Tudo o que eu quero é beijar seus precioooosos pés – disse Jim, com aquela voz "boba" e melosa que ele fazia para irritá-la. Era uma voz criada propositadamente para que ninguém soubesse se ele estava brincando ou não. Jim levantou o pé descalço de Tandy em suas mãos, deu um beijinho nele e então começou a rir seu riso *hi-hi*.

O ônibus parou perto da galeria meia hora antes da abertura, então Jim e Tandy foram para um parque próximo. Eles se aproximaram de uma grande estátua de uma mulher nua, curvada para a frente.

Jim sussurrou no ouvido de Tandy,

– Te desafio a beijar a bunda dessa estátua.

– Jim...

– Vá em frente, eu te desafio.

– Não.

– Você está me dizendo que está com medo de se aproximar das nádegas de uma simples construção de mármore? – perguntou, exibindo seu vocabulário, como de costume.

– Pare agora, Jim. – Tandy olhou nervosamente ao seu redor. Alguns turistas estavam tirando fotos da estátua.

– Vá em frente, Tandy, coloque o seu músculo orbicular para trabalhar. Beije o *gluteus máximus*!

Tandy perdeu o controle.

– Eu não vou beijar esta estátua, não importa a forma como você a chame!

Seu grito foi seguido por um silêncio. Tandy olhou ao redor. Todos estavam olhando fixamente para ela. Jim estava sentado a vários metros de distância, olhando como se não soubesse quem era ela, quase não contendo sua vontade de explodir em gargalhadas.

* * *

– EU PERGUNTEI A ELE POR QUE fazia joguinhos o tempo todo – contou Tandy, anos depois. – Ele disse: "Você nunca ficaria interessada em mim se eu não fizesse isso".

Tandy não era a única submetida aos testes de Jim. Seus professores sofriam, também, especialmente uma ingênua e conservadora professora de biologia que já havia passado da idade de se aposentar há muito tempo. Jim colava abertamente em sua classe, e uma vez, durante uma prova, pulou sobre uma das mesas do laboratório, balançando os braços freneticamente, fazendo com que todos olhassem para ele.

– Sr. Morrison! – Ouviu-se a voz raivosa da professora. – O que você está fazendo?

– Estou apenas caçando uma abelha – disse Jim, ainda de pé sobre a mesa. Os outros alunos começaram a rir.

– A abelha tem todo o direito de ser deixada em paz, Sr. Morrison. Por favor, retorne ao seu lugar.

Jim pulou para o chão e se dirigiu à sua cadeira, triunfante. A sala de aula permaneceu em silêncio. Então Jim pulou sobre a mesa do laboratório e perseguiu a "abelha" pelo corredor, saindo da sala.

Quando ele chegava atrasado à aula, contava elaboradas histórias sobre ter sido detido por bandidos ou raptado por ciganos, e certa vez, quando repentinamente saiu da sala de aula e o professor correu atrás dele, explicou que seria operado de um tumor no cérebro naquela mesma tarde. Clara ficou chocada quando o diretor ligou no dia seguinte, perguntando sobre como tinha sido a operação.

Ele se aproximava de meninas bonitas, curvava-se, recitava aproximadamente dez linhas de um romance ou soneto do século XVIII que havia decorado, curvava-se novamente e se afastava. Depois da escola, acompanhava os amigos até o campo de golfe (embora ele não jogasse) e caminhava sobre a paliçada de pouco mais de cinco centímetros de espessura que contornava o campo de golfe, equilibrando-se precariamente mais de nove metros acima do agitado rio Potomac. Nos corredores da escola, gritava para os amigos:

– Ei, filho-da-mããããe!

Às vezes suas façanhas eram recheadas de amargura e crueldade. Voltando de Washington, no ônibus, certa vez ele percebeu que uma mulher mais velha olhava para ele.

– O que você acha dos elefantes? – Jim perguntou a ela.

Ela desviou o olhar rapidamente.

– Bem – disse Jim –, o que você *acha* dos elefantes?

Quando a mulher não respondeu, Jim gritou:

– Qual é o problema com os elefantes?

Quando o ônibus chegou em Alexandria, a mulher estava choramingando, e vários outros adultos pediam para que Jim a deixasse em paz.

– Eu só estava perguntando a ela sobre os elefantes – disse.

Em outra ocasião, quando ele e Tandy encontraram um paraplégico em uma cadeira de rodas, Jim começou a se contorcer e a salivar, zombando.

Embora às vezes Jim fosse desagradável, não tinha dificuldades em atrair companhia. De fato, a maioria daqueles que andavam com ele em Alexandria eram da elite da GW, incluindo vários atletas de destaque, o editor da revista escolar (eleito o "mais inteligente" da classe) e o presidente do corpo estudantil. Todos competiam pela atenção de Jim, inconscientemente imitando a maneira como ele falava ao adotar suas expressões favoritas: "Essa é quente!" e "Unnnnhhh... você me pegou, bem nas gônadas!"; insistindo para que ele participasse de encontros duplos com eles (ele sempre recusava); trocando entre si o que veio a ser chamado, mesmo naquela época, "histórias de Jim Morrison". O magnetismo de Jim estava se tornando óbvio, se não claramente definível.

– Nós éramos tão malditamente certinhos – lembra um de seus amigos e colega de classe –, que quando alguém de fato fazia aquelas coisas ousadas, as coisas que *nós* queríamos fazer, nós nos sentíamos como que gratificados, em certo sentido, e gravitávamos em torno de Morrison. Ele era um centro para nós.

Tandy Martin tem outra visão.

– Quando você está no ensino médio e você é *diferente*... Por exemplo, eu queria entrar para uma irmandade porque eu queria estar "por dentro", mas sabia que isso era uma besteira, então não consegui fazer isso. Me convidaram para entrar para a melhor irmandade, e fui para casa e chorei a noite toda, porque sabia que teria de dizer não. E estava mal emocionalmente. Quando você pensa que você está certo e todo mundo está fazendo outra coisa, e você tem apenas quinze anos de idade, bem, o que acontece é: seu coração fica partido. E forma-se uma cicatriz. Todo mundo quer pertencer a algo quando se tem 15 anos. Jim foi convidado a se juntar à AVO – "*a*" fraternidade –, e ele disse não.

Ao longo de seus anos na GW, Jim manteve uma média de 88,32 com mínimo esforço, sendo duas vezes nomeado para o "quadro de honra". Seu QI era de 149.

Nos registros da faculdade ele teve pontuação acima da média nacional em matemática (528, em contraste com a marca nacional de 502) e maior ainda em inglês (630, em contraste com a média de 478). Mas as estatísticas revelam muito pouco. Os livros que Jim lia revelam muito mais.

Ele devorava Friedrich Nietzsche, o poético filósofo alemão cujos pontos de vista sobre estética, moralidade e dualidade apolíneo-dionisíaca apareciam sempre nas conversas, poesias, canções e na vida de Jim. Ele leu *Vida dos homens ilustres*, de Plutarco, e se apaixonou por Alexandre, o Grande, admirando suas realizações intelectuais e físicas, e até imitou um pouco sua aparência: “a leve inclinação de sua cabeça em direção ao ombro esquerdo...” Ele lia o grande poeta simbolista francês Arthur Rimbaud, cujo estilo influenciaria a forma dos seus pequenos poemas em prosa. Ele lia tudo o que Kerouac, Ginsberg, Ferlinghetti, Kenneth Patchen, Michael McClure, Gregory Corso e todos os escritores da geração *beat* publicavam. *Vida contra morte*, de Norman O. Brown, ficava em sua estante ao lado de *Studs Lonigan*, de James T. Farrel, que por sua vez ficava encostado em *The Outsider*, de Colin Wilson e, ao lado deste, ficava *Ulisses* (seu professor de inglês, no último ano do ensino médio, sentiu que Jim era o único na classe que havia lido este livro – e o entendido). Balzac, Cocteau e Molière eram bem familiares a ele, juntamente com a maioria dos filósofos existencialistas franceses. Jim parecia compreender intuitivamente o que estas mentes desafiadoras ofereciam.

Sorrindo durante uma ressaca, em Chinatown, Los Angeles. (Henry Diltz)

Muitos anos depois, o professor de inglês do último ano do ensino médio de Jim comentou sobre seus hábitos de leitura:

– Jim lia tanto quanto, e provavelmente mais, do que qualquer aluno da turma. Mas tudo o que ele lia era tão inusitado que eu pedi para outro professor, que costumava ir à Biblioteca do Congresso, verificar se os livros sobre os quais Jim falava realmente existiam. Eu suspeitava que Jim os estava inventando, uma vez que eram livros ingleses sobre demonologia dos séculos XVI e XVII. Eu nunca tinha ouvido falar deles. Mas eles existiam, e estou convencido, baseado no artigo que ele escreveu, que ele os leu, e que a Biblioteca do Congresso teria sido a única fonte de pesquisa.

JIM ESTAVA SE TORNANDO UM ESCRITOR. Ele havia começado a manter diários, cadernos em espiral que ele preenchia com suas observações e pensamentos do dia a dia; frases de anúncios de revistas; rascunhos de diálogos; ideias e parágrafos de livros; e à medida em que ele começou seu último ano no ensino médio, cada vez mais poesia. A noção romântica de poesia foi tomando conta: a “lenda de Rimbaud” e a tragédia predestinada estavam impressas em sua consciência; a homossexualidade de Ginsberg, Whitman e do próprio Rimbaud; o alcoolismo de Baudelaire, Dylan Thomas e Brendan Behan; a loucura e o vício de muitos outros, nos quais a dor se juntava às visões. As páginas se tornaram um espelho no qual Jim via seu reflexo.

Ser poeta implicava mais do que escrever poemas. Exigia um compromisso de viver e morrer em grande estilo e com uma tristeza maior ainda; acordar cada manhã com uma febre avassaladora e saber que esta nunca cessaria, exceto na morte, e ainda assim ser convencido de que este sofrimento traria uma recompensa única. “O poeta é o sacerdote do invisível”, dizia Wallace Stevens. “Os poetas são os legisladores do mundo não reconhecidos”, escreveu Shelley, “os hierofantes de uma inspiração não apreendida; os espelhos de sombras gigantescas que o futuro lança sobre o presente”.

O próprio Rimbaud, em uma carta a Paul Demeny, colocou isto de uma forma ainda melhor: “Um poeta se faz visionário através de uma longa, ilimitada e sistematizada *desorganização* de *todos os sentidos*. Todas as formas de amor, de sofrimento, de loucura; ele procura a si, ele esgota em si todos os venenos e preserva suas quintessências. Indescritível tormento, onde ele precisará da maior fé, uma força sobre-humana, onde ele se torna, dentre todos os homens, o grande inválido, o grande maldito – e o Cientista Supremo! Porque ele alcança o *desconhecido*! E qual seria o problema se ele fosse destruído em seu voo extático através das coisas jamais ouvidas, inomináveis...” O poeta como um ladrão de fogo.

Jim escreveu certa vez o que descreveu como um “poema do tipo balada” chamado *“The Pony Express”*, mas agora estava disparando escritos mais curtos, enchendo cadernos que forneceriam grande parte do material ou da inspiração para muitas das primeiras canções do The Doors. Um poema que sobreviveu foi *“Horse Latitudes”*. Jim o escreveu após ver uma lúgubre capa de livro que mostrava cavalos sendo lançados de um galeão espanhol que estava em uma calmaria no mar dos Sargaços:

Quando o mar tranquilo conspira uma armadura
E as suas morosas e abortadas
Correntes engendram monstrinhos,
A verdadeira navegação está morta
Instante constrangedor
E o primeiro animal é lançado,

Patas furiosamente pressionando
Seu galope rígido e verde,
E cabeças pairam
Equilibradas
Delicadas
Pausam
Consentem
Na agonia das narinas mudas
Cuidadosamente refinadas
E finalmente seladas[10]

Muitos dos poemas de Jim, naquela época e posteriormente, falavam sobre água e morte. Embora fosse um excelente nadador, seus amigos mais próximos alegavam que Jim temia muito a água.

Jim estava no penúltimo ano do ensino médio quando Tandy Martin se transferiu da GW para a St. Agnes School, uma escola para meninas, no mesmo bairro. Frequentemente Jim a via quando ela passava por sua casa, voltando da escola, e muitas vezes a acompanhava para que compartilhassem momentos de confidências reveladoras.

– Qual é a sua lembrança mais antiga? – Tandy perguntou.

– Eu estou em um quarto, há quatro ou cinco adultos ao meu redor e todos estão dizendo: “Venha até aqui, Jimmy, venha até aqui...” Eu estou aprendendo a andar, e eles estão todos dizendo ‘’Venha até aqui...”

– Como você sabe que isso não é algo que sua mãe lhe disse? – perguntou Tandy.

– Isso é muito trivial. Ela não iria contar uma história como essa.

– Bem, Freud diz que...

Talvez Jim achasse aquilo trivial, mas nos anos seguintes ele contaria lembranças semelhantes a esta. A maioria eram apresentadas como sonhos, e em todas havia adultos que estendiam seus braços para Jim quando ainda era uma criança pequena.

Tandy e Jim falavam sobre seus medos, sobre o que compartilhavam e sobre o que esperavam ser. Ele disse que queria ser um escritor, para experimentar tudo. Uma ou duas vezes ele disse que queria ser pintor e deu a ela duas pequenas pinturas a óleo de sua autoria. Uma era um retrato de Tandy na forma de um Sol; a segunda era um autorretrato, mostrando Jim como um rei.

A pintura de Jim, como sua poesia, era quase uma atividade secreta. Sua mesada era pequena, então ele roubava tintas e pincéis; e, depois que suas pinturas estavam terminadas, elas desapareciam tão misteriosamente quanto haviam aparecido. As pinturas eróticas, é claro, eram escondidas, destruídas ou doadas. Ele copiava os nus de Kooning, e desenhos de pênis longos como cobras e de felações eram colocados nos livros de seus colegas de classe, onde Jim sabia que seriam vistos pelos professores. Como de costume, observava todas as reações, descobrindo o que intimidava, fascinava e enfurecia.

O irmão de Jim certa vez perguntou por que ele pintava.

– Você não pode ler o tempo todo – disse a Andy. – Os olhos ficam cansados.

Andy adorava seu irmão mais velho, mesmo quando Jim estava em seus piores momentos. Ele se lembra de duas ou três ocasiões quando eles caminhavam por um campo e Jim pegou uma pedra e disse:

– Vou contar até dez...

Andy olhou em silêncio aterrorizado para Jim, depois para a pedra, e depois para Jim novamente.

Jim disse:

– Um...

– Não – Andy gritou. – Não, não...

– Dois...

– Vamos, Jim, por favor, Jim, por favor...

No “três”, Andy estava correndo enquanto Jim gritava:

– ... quatrocincoseisseteoitonovedez – e então mirou e o atingiu.

Jim tinha 16 anos quando fez isso, e 17 quando ele se aproximou maldosamente de Andy, com cocô de cachorro na mão, em uma toalha. Ele perseguiu Andy, que gritava, por toda a casa. Finalmente Jim o alcançou e esfregou o cocô na cara dele. Era feito de borracha. Andy chorou, aliviado.

– Não sei quantas vezes, enquanto eu assistia TV, ele veio, sentou-se na minha cara e peidou – diz Andy. – Ou, depois de beber leite com chocolate ou suco de laranja, o que torna a saliva muito pegajosa, ficava de joelhos sobre os meus ombros, sem que eu pudesse me mover, e deixava cair um cuspe enorme sobre meu rosto, deixando o cuspe cair, cair, até quase encostar no meu nariz... E então chupava aquilo de volta.

Quando eles caminhavam pelo bairro juntos e encontravam alguém mais velho e maior do que Andy, Jim dizia de um modo escarnecedor:

– Ei... meu irmão quer lutar com você... O que vai fazer a respeito?

No zoológico de Washington, Jim desafiou Andy a andar na estreita borda, ao longo do profundo fosso que separava os animais dos espectadores. Em outra vez ele o incentivou a andar em uma borda semelhante, que ficava 15 metros acima de uma autoestrada.

– Se eu não fizesse aquilo – diz Andy – ele me chamava de “maricas”, porque ele não estava me pedindo nada que *ele mesmo* não faria.

Jim fazia esse tipo de coisa, e, como no passeio de trenó, ele não caía nem se machucava. Jim disse certa vez:

– Bem, ou você tem fé, cara, ou você cai.

Em cima do Observatório Griffith, 1968. (Paul Ferrara)

Jim via pouco sua irmã e seus pais em Alexandria. Eles sempre saíam cedo de casa, sem tomar o café da manhã. E sem dizer uma palavra. Sua irmã, Anne, era apenas mais um objeto de sua provocação incessante. Seu pai era o que sempre havia sido: mentalmente preocupado ou fisicamente ausente, visitando o Cabo Canaveral para ver os lançamentos do Vanguard, jogando golfe no Clube Campestre do Exército e da Marinha, voando para manter o seu brevê e tentando decifrar jogos matemáticos em casa em vez de dar a Jim a atenção de que ele gostaria.

Naquela altura, era a mãe de Jim quem comandava. Mesmo quando Steve estava em casa, Clara organizava as finanças da família. Ela era a esposa exemplar de um oficial da Marinha, fazendo tudo bem feito, desde polir a prataria até receber convidadas para jogar bridge em sua casa. Ela era o que um parente chamou certa vez de “a vida da festa, aquela que aguentava até uma da manhã enquanto Steve ia para a cama às nove”. Jim achava que sua mãe era uma chata superprotetora. Ela o irritava, sempre reclamando sobre o comprimento de seus cabelos ou sobre o estado de sua camisa.

Jim era capaz de usar a mesma camisa por semanas, até que esta ficasse em péssimo estado. A ponto de um professor perguntar, um dia, se ele precisava de ajuda financeira. Uma vez Clara deu a Jim cinco dólares para que ele comprasse uma camisa nova, então ele comprou uma por 25 centavos na loja do Exército da Salvação e gastou o resto em livros. Finalmente ela tentou falar com a mãe de Tandy Martin, para que pedisse à filha que falasse com Jim. É claro que Tandy se recusou.

Certa tarde, Tandy estava com Jim na casa dele quando os dois ouviram seus pais voltando. Jim subitamente carregou Tandy para o andar de cima, levando-a para o quarto de seus pais e jogando-a na cama, desarrumando a colcha. Tandy protestou. Ela se levantou e foi até a porta, com Jim atrás dela. O *timing* foi perfeito. Tandy, com a blusa para fora da saia devido à atividade, e Jim desceram rapidamente as escadas no momento em que os Morrisons entravam na sala de estar.

– Oi, mãe, oi, pai – Jim sorriu.

Clara se preocupava com a “esquisitice” de Jim, temia que ele tivesse herdado um pouco da excentricidade que ela acreditava caracterizar seus irmãos. Ela não sabia

o que fazer com ele quando se virava e dizia:

– Você não se importa realmente com as minhas notas, você só quer que eu tire boas notas para que você possa se vangloriar com suas amigas do clube de bridge.

Em outra vez ele chocou a todos quando petulantemente deixou cair seu talher no prato de jantar e disse a ela:

– Você soa como um porco quando come.

Outros também estranhavam o jeito esquisito de Jim. Quando ele circulava por Alexandria em suas botas Clarke, calças chino e camisa Ban-Lon, precisando de um corte de cabelo, parecia cordialmente distante, idiossincrático na pior das opções. Em outras vezes ele era completamente misterioso. Raramente podia usar o carro da família, então muitas vezes amigos o levavam para o centro de Washington, onde ele de repente sumia, a pé, sem dar nenhuma explicação.

Para onde ele ia? O que estava fazendo? Alguns acreditam que ia ver um amigo que havia conhecido em uma dessas pequenas e estranhas livrarias que frequentava. Outros diziam que ele ia até os sórdidos bares na velha Rota 1, perto de Fort Belvoir, para ouvir os cantores negros de blues. Esta última hipótese parecia ser a mais provável. A música que ele gostava, e tocava com mais frequência em seu quarto, no porão, eram blues e *spirituals* gravados pela Biblioteca do Congresso (nessa época ele dizia que odiava rock'n roll). Ele também gostava de passear pela decadente praia de Alexandria, conversando com os negros que pescavam no píer. Às vezes, levava Tandy até lá à noite, para conhecer aqueles "amigos".

Mais estranhas ainda eram suas visitas à casa de Tandy, à luz da lua, onde permanecia no quintal dos Martin, em silêncio, olhando para a janela do quarto do segundo andar. Tandy afirmava que ela sempre acordava, mas até que chegasse lá embaixo, Jim já havia ido embora. Quando ela o acusava de acordá-la, ele dizia que sequer havia saído da cama.

* * *

DURANTE O ÚLTIMO ANO DE JIM no ensino médio, seus pais pressionaram para que ele tentasse entrar em alguma faculdade, assim como o atormentaram para que tirasse a foto para o anuário. Quando Jim não mostrou nenhum interesse, os Morrison o matricularam na St. Petersburg Junior College, na Flórida, e decidiram que ele iria viver com os avós em uma cidade próxima chamada Clearwater enquanto estivesse na faculdade. Jim aceitou com indiferença, e em seguida anunciou que não tinha intenção de aparecer na cerimônia de formatura do ensino médio. Seu pai ficou furioso, mas ele permaneceu irredutível. Assim, o diploma foi enviado pelo correio após o nome de Jim ter sido chamado e ninguém ter aparecido para recebê-lo.

O último encontro de Jim com Tandy aconteceu na noite de uma sexta-feira,

quando estacionaram o carro à margem do rio Potomac junto com a amiga de Tandy, Mary Wilson, e o rapaz com quem ela estava saindo. Jim tinha trazido consigo seis latas de cerveja e, quando eles foram para a casa de Mary, mais tarde, ele mostrou um caderno com suas poesias. Enquanto Tandy o lia, Jim começou a fazer palhaçadas, se vangloriando de que havia bebido meia garrafa do uísque de seu pai no início da noite.

Tandy ficou irritada e não escondeu isso.

– Oh, Jim! Por que você tem que usar uma máscara? Você precisa usá-la o tempo todo?

De repente, Jim caiu em lágrimas, deitando-se no colo de Tandy e chorando histericamente.

– Você não sabe que fiz tudo isso por você? – disse ele, finalmente.

Tandy se lembrou dos Wilson, que dormiam no andar de cima, e sugeriu que Jim fosse para casa.

– Oh – ele disse –, você está com medo que eu acorde os Wilsons, eu estou te deixando nervosa, certo? Você não saberia o que fazer se eles me encontrassem chorando, não é?

Tandy engasgou e disse:

– Não.

Jim foi até a porta, deu boa noite e saiu, fechando a porta atrás dele. Tandy suspirou. Então a porta se abriu e Jim anunciou, em voz alta:

– Eu mudei de ideia! – então confessou: – Eu te amo!

Tandy fungou, arrogantemente:

– É claro que você ama.

– Oh, você é tão presunçosa – disse Jim, insultando-a, usando a palavra que sempre tirava-a do sério. Ela se irritou. Jim agarrou o braço de Tandy e o torceu para trás dolorosamente. Ela abafou um grito e escutou horrorizada Jim dizer que ele deveria pegar uma faca bem afiada e cortar o rosto dela, deixando uma feia cicatriz.

– Para que ninguém mais olhe para você além de mim.

Tandy nunca contou este incidente à sua mãe, mas a Sra. Martin não era cega à personalidade mutante de Jim. E nem Tandy. Ela havia pensado que ele era inocente e feliz quando o conheceu, no meio do segundo ano do ensino médio. Agora, apenas dois anos e meio depois, ele parecia amargo, cínico, obsessivo, perverso, e ela não compreendia as razões desta mudança. Sua língua estava mais afiada também, e a ameaça da faca aparentemente foi apenas um dos vários incidentes cada vez mais assustadores que aconteciam em rápida sucessão. A Sra. Martin disse a Tandy que ele parecia “impuro como um leproso”, e pediu para que ela não o visse mais. Uma avaliação exagerada, talvez, mas fez com que Tandy e sua mãe se lembrassem de um incidente, dois anos antes, quando Jim era novo em Alexandria.

Ele tinha um problema que não podia discutir com seus pais, e Tandy (desejando que o discutisse com ela) sugeriu que falasse com o jovem clérigo assistente da Igreja Presbiteriana de Westminster, diretor da associação de jovens a qual Tandy pertencia, que era "bacana" com os jovens. Jim concordou e um encontro foi marcado.

– Acho que não irei mais – disse Jim no dia em que a mãe de Tandy o apanhou na GW.

– Ah, sim, você vai – disse Tandy, que estava perto, com uma de suas amigas. Juntas elas o empurraram para o banco de trás do carro.

Qual era o problema de Jim e o que ele disse ao jovem clérigo não se sabe. Aparentemente Jim nunca confiou em mais ninguém, e o clérigo assistente não se lembra de nenhum detalhe desse encontro. E com a formatura de Jim se aproximando, Tandy se perguntava se o problema de dois anos atrás havia sido relevante para a "mudança de personalidade" que ela e sua mãe vinham testemunhando.

Na noite seguinte, Jim telefonou para Tandy pedindo desculpas pelo incidente da faca e querendo vê-la novamente. Ela também queria vê-lo, mas meses antes havia prometido a uma outra pessoa que iria a um baile de gala, e achava que não seria justo faltar tão em cima da hora.

– Mas eu estou indo para a Flórida – disse ele. – Amanhã terei partido para sempre.

Tandy ficou atordoada. Era a primeira vez que ela ouvia falar sobre a mudança. Com raiva e magoada, disse que era uma pena que ele não tivesse contado antes, e pouco antes de começar a chorar desligou o telefone.

Jim correu para a casa dela em fúria, ficou em pé debaixo de uma das grandes árvores frondosas no quintal dos Martin e gritou:

– Finalmente eu ficarei livre de você! Eu ficarei livre! Eu estou partindo e nunca vou lhe escrever... Eu nem mesmo irei pensar em você!

Jim então exigiu que Tandy devolvesse os cadernos que ele havia emprestado. *Imediatamente*. Tandy apareceu, com uma expressão contraída, e lhe entregou os cadernos de poesia.

Domingo à noite Tandy acordou de madrugada e soube que ele estava em pé no jardim, atrás da casa. Ela desceu as escadas e ouviu os familiares passos desaparecendo. Foi até uma das janelas e viu a figura escura entrar no carro dos Morrison.

O carro se moveu pela noite, rumo à Flórida.

9. *It's crackers to slip the rozzer the dropsy in snide*. – A frase original, disseminada pela revista *Mad*, tem o mesmo significado da tradução. Mas a ideia da revista era dar à frase um contexto de puro *nonsense*.

10. “When the still sea conspires an armour / An Her sullen and aborted / Currents breed tiny monsters / True sailing is dead / Awkward instant / And the first animal is jettisoned / Legs furiously pumping / Their stiff green gallop / And heads bob up / Poise / Delicate / Pause / Consent / In mute nostril agony / Carefully refined / And sealed over.”

CAPÍTULO DOIS

JIM ESTAVA PARADO NO MEIO-FIO em uma quente Flórida, tirando seu paletó preto, abrindo bruscamente o colarinho de sua limpa camisa branca, afrouxando a gravata de listras vermelhas: o uniforme da St. Petersburg JC. O ônibus intermunicipal que o levaria para casa abriu suas portas.

Jim se deixou cair em um dos assentos, no meio do ônibus, e começou a assobiar, e então deu três longos arrotos baixos, um ruidoso e autoconsciente prelúdio para uma das desconexas e lamentáveis brincadeiras, mais uma das histórias exageradas que ele gostava de contar.

– Eu tinha um amigo que queria comprar um cão caçador de patos – anunciou Jim –, então ele foi a um velho e perguntou como ele poderia ter certeza de conseguir um bom. O velho disse ao meu amigo que olhasse a bunda do cachorro, porque você precisa de um cachorro que tenha o ânus bem fechado, de forma que quando ele pule na água ela não entre nele e não o faça afundar. Então, meu amigo foi para o canil local, onde lhe mostraram alguns cachorros e disseram que o preço era de 75 dólares cada. Meu amigo disse ao proprietário do canil que ele gostaria de examinar os cachorros mais de perto...

Quando Jim começou a história, parecia que ele estava falando consigo. Mas logo todos perto dele estavam se esforçando para escutar.

– ...e ele foi até um grande cão, que parecia amigável, e levantou seu rabo. “Uh-oh”, disse meu amigo, “grande ânus”, e procurou outro cachorro. O proprietário do canil nesta hora se aproxima, apontando para o primeiro cachorro. “O que diabos você está fazendo com o meu cachorro?”, perguntou ele. “Bem”, disse meu amigo, “Eu estava olhando o ânus do cachorro, e ele é muito grande, veja, então quando ele pular na água para caçar o pato, a água vai entrar nele, e ele afundará”. O proprietário do canil dá uma olhada e diz: “Sim, o ânus é grande, não é?” E ele estica a mão, pega as bolas do velho cachorro e dá uma torcida, e aquele velho ânus se aperta com força. “Desculpe”, diz o proprietário do canil ao meu amigo: “Eu ajustei este cachorro para codornas”.

Jim começou a rir seu longo riso hi-hi-hi e começou outra história, ignorando os suspiros e o silêncio sepulcral. Logo os outros alunos no ônibus o estavam ouvindo atentamente, de novo.

O ônibus escolar deixava Jim a três quarteirões de onde ele morava. Era uma caminhada curta, mas longa o suficiente para elaborar algumas maneiras de chatear sua “vovozinha” Caroline e seu “vovozinho” Paul. Ambos eram abstêmios, e apesar de Paul ter uma queda por corridas de cachorros, as atitudes que prevaleciam na confortável casa que ficava na parte antiga da cidade eram fundamentalistas. Jim

zombava deles.

Ele ignorava os apelos deles para que cortasse o cabelo, se barbeasse, trocasse as roupas, fosse à igreja. Ele ameaçava trazer uma “menina preta” para casa e deixava garrafas de vinho vazias em seu quarto. Às vezes não dizia nada durante alguns dias; ele entrava e saía da rotina diária deles como se fosse fumaça.

– Ele odiava a conformidade, sempre tinha uma visão esquisita sobre as coisas – lembra a avó. – Ele tentava nos chocar. Gostava de fazer isso. Ele nos dizia coisas que ele sabia que iriam nos fazer sentir estranhos. Nós simplesmente não o entendíamos, nenhum dos dois. Havia tantas facetas em Jimmy. Você via uma, e então tinha um vislumbre de outra. Você nunca sabia o que ele estava pensando.

Jim passou por seu ano acadêmico na JC anonimamente, ignorando todas as atividades extracurriculares. Suas notas no primeiro semestre eram medíocres: um A, dois B, um C e um D.

Mais interessantes eram os resultados dos testes de personalidade, feitos com todos os estudantes novos. Nestes, Jim foi considerado impulsivo, despreocupado e amante de fortes emoções, o oposto de disciplinado e controlado... Mas, paradoxalmente, ele também foi considerado tímido *e* interessado em atividades públicas, e também interessado em elucubrações... Extremamente crítico das instituições sociais... Dado à autopiedade... E surpreendentemente machista, considerando suas tendências para a literatura e sua força na composição e na comunicação, como mostrado em seus registros de Alexandria.

Jim era capaz de proezas de virtuosismo intelectual. Quando amigos visitavam seu quarto, ele os desafiava:

– Vá em frente, pegue um livro, qualquer livro. – Sua voz era arrogante, embora ele desse pequenos chutes no carpete do quarto: o mago tímido. – Pegue qualquer livro, abra-o no início de qualquer capítulo e comece a ler. Vou ficar de olhos fechados e direi a você qual livro você está lendo e quem é o autor.

Jim estendia os braços ao redor do quarto, mostrando as centenas de livros que cobriam a mobília e que se empilhavam apoiados nas paredes.

Ele nunca errava!

Mais generosa e não menos memorável foi a vez em que ele ajudou um amigo em seu exame final, analisando hábil e instantaneamente um grande volume de poesia. Para outro amigo ele escreveu um ensaio de 30 páginas sobre Lorde Essex, um dos amantes da rainha Elizabeth, fornecendo uma extensa bibliografia, toda de memória.

– Eu tinha que escrever e dar um discurso sobre “Integridade moral: indispensável para nossa sobrevivência” – diz o irmão de Jim, Andy. – Eu nem sabia que diabos isso significava. Meus pais não me deixariam sair de casa no feriado da Páscoa até que eu terminasse o trabalho, e Jim queria que eu saísse com ele. Trabalhei por dois dias e Jim finalmente pegou o discurso e reescreveu-o para mim, colocando muitas coisas de sua própria autoria no final. O discurso estava muito bom, e terminava

assim: “Estamos à deriva em órbitas cegas, indefesos, sós”. Havia três ou quatro frases seguidas deste tipo, e embora não fosse bem o meu estilo, tirei um A.

Jim fez amizade com um pequeno grupo de graduados da Clearwater High School, com quem ele bebia. Ele ficava bêbado em bailes e permanecia em um canto, fingindo ser uma árvore; ficava bêbado em festas e certa vez se cortou seriamente, mas foi tão agressivo e insultuoso que o médico do hospital local se recusou a tratá-lo.

Jim ainda não estava bebendo de forma pesada e regular. Como um colega de classe observou:

– Era como se ele bebesse *somente* para ficar bêbado; senão, ele não bebia nada.

Para Jim, ficar embriagado era uma ocasião especial. Mas já era uma forma aparente de alívio.

Uma ocasião significativa ocorreu em seu aniversário de dezoito anos, em dezembro, quando ele se alistou. Jim odiava os militares com uma fúria desesperada, temendo seu punho autoritário. Em 1961 não havia qualquer movimento popular contra a guerra. Jim nunca ouvira as palavras “opositor consciencioso”. Então ele se inscreveu, depois saiu e se embebedou terrivelmente. Os membros da família disseram que um tio que vivia em Clearwater o tirou de uma situação complicada naquela noite, que poderia ter se transformado em um escândalo prejudicial. Foi tão constrangedor para eles, aparentemente, que até hoje ainda não revelam o que aconteceu.

Por esta época Jim encontrou um refúgio: um velho hotel em um selvagem palmeiral entre Clearwater e St. Petersburg. Era o Renaissance Gallery and Coffeehouse, um labirinto de estúdios, palcos e pátios que estava na lista não oficial de “locais proibidos” do Junior College. Foi isso que provavelmente atraiu Jim, mas foram as leituras de poesia, os concursos de canto *folk* e a boemia predominante que o prenderam.

O Renaissance era gerenciado por um homossexual tagarela na casa dos trinta anos chamado Allen Rhodes. Meia hora após conhecê-lo, Jim recebeu o equivalente verbal a um romance épico, um emaranhado de informações que incluía histórias dos antepassados que haviam projetado St. Petersburg no século XIX, aventuras loucamente exageradas de conquistas sexuais durante os apagões na Londres da época da guerra, contos dos dias de Rhodes com a All-Male Dance Troupe de Red Shawn, a origem da família e a inclinação sexual de cada um que algum dia já tenha passado pelo labirinto da galeria, conhecendo referências do campo de nudismo Garden of Eden, ao norte de Tampa – cada declaração introduzida pela expressão:

– Você não vai acreditar, você vai cair morto.

Allen se lembra de ter dito a Jim que ele tinha algo “especial”, assim como Elvis. E ele se lembra de ter contado que quando estava em Londres durante a guerra e saía

em busca de qualquer um que pudesse se sentir atraído por ele nas ruas, nunca usava cuecas.

– Mostre a sua carne, é o que eu digo a todos. Nunca falha.

JIM VISITOU SUA FAMÍLIA, que agora vivia em um subúrbio de San Diego, no final do ano letivo. Quando ele voltou para Clearwater em julho, finalmente encontrou alguém para substituir Tandy Martin como namorada e confidente.

Mary Frances Werbelow tinha quase 16 anos, pouco mais de 1,50 de altura, longos cabelos castanhos e havia sido a segunda colocada no concurso de beleza *Sun N Fun* naquele verão. Ela havia terminado recentemente seu primeiro ano na Clearwater High quando Jim a conheceu em uma festa.

– Ei, ei, todo mundo, preste atenção! – uma voz advertiu.

Jim estava equilibrado em um só pé, em cima do parapeito da varanda de um prédio de apartamentos, oscilando a 6 metros acima do solo.

– Ei, você andou bebendo, rapaz?

Risos.

Jim abaixou o pé direito no parapeito e levantou seu pé esquerdo, escorregou e começou a agitar os braços. Ele estava caindo. O garoto e a garota que estavam mais próximos o agarraram e o puxaram de volta.

– Vocês não deviam ter feito isso – Jim disse para a garota. – Mas, sendo você, tudo bem.

E deu a ela um irresistível sorriso infantil.

Mary era católica e já havia considerado a possibilidade de se tornar freira. Ela era quieta, como Jim, e isso lhe dava um ar de maturidade. Disse a Jim que lecionava meio período no estúdio de dança Fred Astaire e que queria ser uma dançarina de filmes algum dia. Interessou-se imediatamente por Jim quando ele disse que queria escrever e dirigir filmes.

– Você escreve poesia? – Jim perguntou.

– Às vezes. Mas eu nunca as mostro a ninguém.

– Eu tenho alguns poemas...

– Você tem?

Na última semana de férias de verão Jim se tornou uma influência na vida de Mary Frances. A pedido dele, ela começou a usar óculos de sol, desafiando a convenção local. Experimentou álcool pela primeira vez. Então disse a seus pais que iria visitar Jim nos finais de semana, quando ele começasse as aulas na Florida State University, em Tallahassee, em setembro.

TODAS AS NOITES JIM FICAVA de cuecas no meio do pequeno quarto e se esticava, tentando alcançar o teto na ponta dos pés. Ele disse a seu companheiro de quarto que fazia isso para ficar mais alto, e parecia acreditar que aquilo funcionava. Jim pesava 60 quilos e tinha aproximadamente 1,76 de altura quando deixou Alexandria, e disse que havia crescido mais de dois centímetros desde então.

Ele estava compartilhando uma moderna casa de três quartos, a um quilômetro e meio do *campus* da FSU, com cinco outros estudantes. Conhecera apenas dois deles antes; os outros eram companheiros de casa por conveniência. Como era seu costume, começou a "testar" seus companheiros de casa, imediatamente. Ficara obcecado por Elvis Presley, e exigia silêncio sempre que seus discos tocavam, colocando o volume no máximo e sentando-se em frente ao rádio, hipnotizado. Quando seus avós enviaram-lhe um cobertor elétrico, recusou-se a pagar sua parte da conta de luz. No Dia das Bruxas constrangeu a todos ao receber as crianças que brincavam de "gostosuras ou travessuras" vestindo apenas uma grande capa, que ele abria assim que as crianças entravam na casa para pegar o doce que ele oferecia.

Jim também causava problemas nos ônibus que ele e seus companheiros de casa pegavam para ir à aula. Certa vez deu ao motorista uma nota de vinte dólares e discutiu ferozmente quando o motorista lhe disse que estava sem troco. Outra vez foi até a parte de trás do ônibus e insistiu, em alto volume, que todos os negros fossem para a parte da frente do veículo. E então certo dia ele se sentou atrás do motorista, ao lado de uma menina de dez anos de idade, e sorriu para ela.

– Olá – disse ele.

A menina estava sentada rigidamente em seu assento, olhando nervosamente para Jim.

– Você é mesmo bonita – disse Jim, usando sua voz caipira.

A menina estava constrangida.

– Você tem mesmo pernas bonitas.

O motorista do ônibus olhou pelo espelho retrovisor e viu Jim inclinando-se em direção à menina e colocando a mão no joelho dela.

O ônibus parou, com um solavanco, no meio-fio. O motorista veio em sua direção.

– Fora, rapaz. Fora!

– Oh, por favor, meu caro senhor – Jim reclamou. – Foi um elogio inocente. Ela me faz lembrar de minha irmã mais nova, que não mora comigo. Eu fiquei com saudades por um momento, senhor.

Finalmente o motorista cedeu, dizendo a Jim que ele poderia permanecer no ônibus se mantivesse suas mãos quietas.

Todos os seus companheiros de casa estavam no ônibus, e todos fingiram não conhecê-lo. Mas ele foi o primeiro a se levantar no ônibus quando este chegou ao

campus, e então se virou, dizendo:

– Ei, companheiros! – E acenou.

Automaticamente todos acenaram de volta. Então Jim disse:

– Fodam-se! – Curvou-se, riu e saiu andando.

Ele pegou emprestado um Thunderbird que pertencia a um dos seus companheiros de casa e bateu o carro em um poste telefônico. Bebia as cervejas deles, comia suas comidas e usava suas roupas sem pedir. Mantinha registros minuciosos de todas as suas ações e das reações deles, escrevendo em seus diários como se fosse um antropólogo e seus companheiros de casa, seu objeto de estudo.

Em menos de três meses, Jim deixou a casa transtornada. Todo mundo vivia em um constante estado de ansiedade sobre o que iria acontecer a seguir. Tudo explodiu em uma noite de dezembro, perto do final do trimestre, quando Jim estava ouvindo Elvis muito alto. Disseram que teria que se ajeitar, ou então, sair. Jim se empertigou. Disse que o problema era deles, que não estava fazendo nada com que eles não pudessem lidar, que eles não estavam se esforçando, e perguntou por que estavam pedindo que ele mudasse se ele não estava pedindo a eles que mudassem? Eles acabaram pedindo que ele se mudasse da casa. Jim disse que tudo bem e pacificamente tirou suas coisas da casa naquela noite, e no dia seguinte se foi.

Mudou-se para a metade de um trailer na parte de trás de uma pensão para moças, a três quarteirões do *campus*. Jim pagava US$ 50 por mês, metade da soma que seus avós enviavam. Seus pais também mandavam dinheiro, sempre que ele lhes escrevia uma carta.

– Ele tinha que escrever uma carta a cada mês para receber um cheque – diz seu irmão Andy. – Não escrevia sobre encontros ou coisas do tipo. Preferia contar uma história. Sobre como ele estava em um cinema quando um incêndio começou e todos entraram em pânico e correram para as portas, e ele foi o único que permaneceu calmo. Ele subiu no palco, sentou-se ao piano e cantou uma canção, acalmando o público, para que eles saíssem do teatro de forma segura. Outra carta estava cheia de detalhes sobre como ele havia visto um sujeito se afogar em um pântano.

JIM SE INSCREVEU EM DUAS matérias que exerceram muita influência sobre ele no segundo trimestre. Uma delas examinava as filosofias de protesto, considerando aqueles pensadores que eram críticos ou céticos e revoltosos contra a tradição filosófica: Montaigne, Rousseau, Hume, Sartre, Heidegger e, o favorito de Jim, Nietzsche. A segunda matéria era sobre comportamento coletivo, a psicologia das multidões.

O professor James Geschwender era um homem baixo e gordo, com cabelos escuros, e Jim era um de seus melhores alunos.

– Ele conseguia arrastar o professor para discussões surpreendentes – diz Bryan Gates, um colega de classe. – E o resto de nós se sentava lá, estupefato. Jim

parecia conhecer muito sobre a natureza humana. Passava por todas as aulas sem esforços. Eu me esforçava muito lendo aqueles livros, mas você poderia achar que Jim havia escrito cada um deles. O professor se submetia a ele na sala de aula, e nos disse que a tese de final de ano de Jim era a melhor que ele já tinha visto de um aluno com sua preparação educacional limitada. Na verdade, ele disse que fazia justiça a qualquer candidato a doutor.

Enquanto ainda estava no colegial, Jim tinha lido a interpretação freudiana da história de Norman O. Brown, *Vida contra morte*, e a sua tese de que a humanidade deveria ser vista como sendo em grande parte inconsciente de seus próprios desejos, hostil à vida, e tendendo, inconscientemente, à autodestruição, tinha um grande apelo para ele. A repressão não só tinha causado neurose individual, escreveu Brown, mas também a patologia social. Jim concluiu que as multidões poderiam ter neuroses sexuais muito semelhantes às dos indivíduos, e que estas perturbações poderiam ser rápida e efetivamente diagnosticadas, e então "tratadas".

O professor estava encantado!

– As últimas aulas foram dedicadas à discussão da tese – diz Bryan –, com Geschwender e Jim dominando a conversa. Eles nos deixavam para trás. Nós não sabíamos do que eles estavam falando.

Ansioso para testar sua teoria, Jim pediu a três de seus colegas que se juntassem a ele para destruir um alto-falante do *campus*.

– Eu posso olhar para uma multidão – disse ele a seus amigos. – Posso apenas olhar para ela. É tudo, uh, muito científico, e posso diagnosticar psicologicamente a multidão. Apenas quatro de nós, posicionados adequadamente, podemos mudar a multidão para melhor. Nós podemos *curá-la.* Nós podemos *fazer amor com ela...* Nós podemos criar um *tumulto* com ela.

Os amigos de Jim olhavam para ele inexpressivamente.

– Ei, caras – disse Jim. – Vocês não querem nem mesmo tentar?

Foram embora.

NOS FINS DE SEMANA, JIM frequentemente pegava carona para percorrer os 320 quilômetros até Clearwater, para ver Mary. Ele continuava fascinado pela inocência dela, admirando sua virgindade psicológica e física. Ela cantava e dançava. Gostava de andar descalça na chuva.

Além de Mary, o único amigo próximo de Jim durante o segundo trimestre era Bryan Gates, que parecia um pouco com um jovem Basil Rathbone e que, como Jim, tinha um pai que havia gastado pelo menos metade de sua existência na vida militar. Quando Jim zombava de Bryan por estudar para conseguir uma carreira no comércio, ele concordava que era superficial e estúpido. Sua recusa bem-humorada em deixar Jim atingi-lo consolidou a relação dos dois. Não foi uma surpresa quando Jim perguntou a Bryan se gostaria de acompanhá-lo em uma viagem de carona por

todos os Estados Unidos, quando o trimestre terminasse e Bryan se formasse, em abril.

Jim já havia estabelecido uma boa reputação como caroneiro. Várias vezes durante suas viagens entre Tallahassee e Clearwater havia se recusado a aceitar uma carona – uma vez ficou esperando durante uma hora na chuva – apenas porque o motorista parecia “desinteressante”. Bryan pensou nisso e disse que seria agradável.

Jim e Bryan se divertiram por duas semanas em Clearwater, durante as quais Jim fez planos para que Mary ficasse com ele na Califórnia depois que se formasse no ensino médio, em junho. Uma vez juntos em Los Angeles, planejavam conseguir um apartamento, trabalho e depois se matriculariam na Universidade da Califórnia. Então, disse a Mary, ele realizaria seu grande sonho de se matricular na escola de cinema, para que pudesse aprender a transformar suas ideias e fantasias em filmes. Então Jim e Bryan seguiram para o oeste, passando seis dias na estrada que teriam deixado Jack Kerouac orgulhoso.

Foram pegos pela polícia em Mobile, Alabama, às 4 da manhã, e em New Orleans, no dia seguinte, Jim foi imediatamente para o que ele chamava de “as margens”, conversar com o que ele pensava ser um barman hermafrodita, depois tentou ficar com uma lésbica, cuja namorada puxou uma faca e ameaçou arrancar um naco de carne do seu corpo. No leste do Texas ganharam uma carona de um primo do vice-presidente Lyndon Johnson e foram levados para a cidade natal de LBJ e depois para o Rancho LBJ, onde comeram churrasco e foram apresentados à tia de Johnson. Entraram no México por Juarez à meia-noite, e Jim conversou a noite toda em seu espanhol de ensino médio com uma prostituta mexicana, em uma cantina nativa que cheirava a álcool. Em Phoenix pegaram carona às seis da manhã com uma garota que disse imediatamente:

– Vou ser clara com vocês: preciso de um homem, e preciso *muito.* – O que fez com que Bryan agarrasse o volante, lançando o carro sobre o meio-fio.

– Vamos lá, cara, vamos aceitar a proposta dela – disse Jim.

– Às seis da manhã ela quer nos levar para o apartamento dela? De jeito nenhum. Pode ir, estou fora disso.

Relutantemente, Jim seguiu seu amigo.

Quando chegaram a Coronado na tarde seguinte, a acolhida foi sombria. Primeiro, a mãe de Jim disse que ele não poderia entrar na casa até que cortasse o cabelo. Também disse que estava chocada por ele ter pego caronas depois de ter enviado a ele o valor de uma passagem de avião. Mais tarde, desaprovou veementemente suas viagens regulares a San Diego, onde ele e Bryan estavam explorando as salas de pôquer e os violentos bares da Marinha. Mas o que realmente a surpreendeu foi o anúncio de que Jim estava indo para Los Angeles se inscrever na UCLA.

– Espere até seu pai chegar em casa – ela disse. – Espere só. Ele estará em

casa em menos de um mês e...

Mas então Jim foi embora.

Por três semanas, os dois procuraram trabalho e se divertiram com os primos de Bryan, ao leste de Los Angeles, vivendo em um pequeno trailer. Mas não havia trabalho, e, por fim, não havia mais dinheiro para se divertirem; a aventura e a fantasia desmoronaram. Então a mãe de Jim ligou para dizer que o pai dele desembarcaria em poucos dias, em Long Beach.

– Eu espero que você esteja no cais.

Jim desligou sem prometer nada, mas estava lá. Disse aos seus pais que queria permanecer em Los Angeles, mas eles o proibiram. Jim apresentou uma dúzia de alternativas. Todas foram rejeitadas, e duas semanas depois, foi escoltado para um avião com destino à Flórida, a tempo de se inscrever para um breve curso de verão.

JIM VOLTOU DETERMINADO para seu trailer apinhado de livros na College Avenue e em 18 de junho se inscreveu para o menor número de cursos necessários para que fosse deixado em paz. Foi um verão sem surpresas, exceto pelo curso de história medieval europeia. Jim disse a seu professor que queria escrever uma longa tese, ao invés dos dois pequenos trabalhos designados, e queria escolher seu próprio tema.

– Era algo inédito, mas fiquei intrigado, por isso aceitei – lembra o professor.

Jim escreveu sobre Hieronymus Bosch, o pintor holandês que via o mundo como um inferno no qual atravessamos o sistema digestivo do diabo, sobre quem quase nada se sabe ao certo. A teoria de Jim afirmava que o artista era um membro da seita Adamita, um grupo de heréticos medievais.

– Não me convenceu – diz o professor. – Mas fiquei animado com o que Jim escreveu.

Jim terminou as aulas em 27 de agosto, realizou seu último exame três dias depois e viajou de carona mais uma vez para Clearwater, para uma rodada de festas na praia, danças e bebidas. Em 5 de setembro estava de volta a Tallahassee, se inscrevendo para uma aula de história da arte sobre o período final do Renascimento, que incluía um estudo mais aprofundado de Bosch, além de vários cursos do Departamento de Linguagem: introdução ao teatro, história do teatro, fundamentos da atuação e princípios de cenografia.

O plano de Jim era preparar a base para o curso de cinema que estava determinado a cursar na UCLA, que começaria em janeiro. Com essa finalidade, alguns dias depois de se inscrever na FSU, pediu oficialmente sua transferência, escrevendo para sua ex-escola do ensino médio, na Virgínia, requisitando que enviassem suas notas para a secretaria da UCLA.

Para isso, em seu quarto e último trimestre na FSU, Jim mudou-se para o quarto

206 do Hotel Cherokee, uma estalagem deprimente no centro da cidade, onde anos atrás congressistas do Estado se hospedavam, em visita às prostitutas residentes.

– O Cherokee não era um bordel naquele momento – diz Bryan Gates. – Mas a reputação permaneceu e, para Jim, aquilo era a casa dele. Ele se sentia verdadeiramente confortável lá.

Jim começou a andar com um pequeno grupo de alunos mais velhos e com alguns dos instrutores e professores, a maioria – tipos que gostavam de beber muito e sempre – do departamento de artes. Dentro de algumas semanas, saiu do Cherokee e se mudou para uma residência de quatro andares com dois deles. Agora a ênfase estava em se divertir.

Certo sábado, Jim embebedou-se de vinho e, enquanto travava uma fingida batalha de guarda-chuvas a caminho de um jogo de futebol, roubou o capacete de um policial de dentro do carro de patrulha. Foi preso e algemado, e na confusão que se seguiu a uma tentativa de fuga, o capacete desapareceu e Jim foi acusado de furto, bem como de perturbar a paz, de resistir à prisão e de estar embriagado em público.

No dia seguinte, apareceu na casa de Ralph Turner, o professor de História para quem havia escrito a tese sobre Bosch. Disse que havia passado a noite na cadeia e que tinha medo de ter que voltar a morar no *campus* quando a universidade soubesse do fato. O professor, que gostava de dar festas, rapidamente concordou em ajudar.

Na segunda-feira Turner o acompanhou a uma barbearia, o ajudou a conseguir um terno emprestado, foi ao tribunal com ele e mais tarde falou com o reitor a favor de Jim. Ele foi multado em cinquenta dólares (uma quantia que ele tinha, mas da qual não queria se desfazer, então pediu à sua mãe para enviá-la para ele, não dizendo para o que seria) e foi colocado em liberdade vigiada pela universidade.

A intercessão de Ralph Turner e as notas sempre altas de Jim, assim como o respeito de vários outros professores, foi o que o livrou de restrições mais severas por parte do *campus*. Ele continuava a fascinar seus colegas de classe e professores.

Para sua aula de história do teatro, Jim escreveu um ensaio de brincadeira, interpretando *Esperando Godot* como uma história da guerra civil, porque havia um Grant, um Lee e um Escravo no elenco. Seu professor de cenografia lembra que um dos cenários propostos por Jim era constituído de um homem nu, suspenso acima do palco como se estivesse crucificado. Outro, para *Gata em teto de zinco quente*, pedia um pequeno spot de luz na parede dos fundos, no começo da peça, que iria crescendo até que cobrisse todo o cenário e que seria revelado no final como sendo a imagem de uma célula cancerosa (o personagem principal da peça morre de câncer).

Então, sem qualquer experiência, conseguiu um dos dois papéis em uma produção

universitária da peça absurdista de Harold Pinter, *O monta cargas*. No programa, Jim assumia o nome artístico de Stanislas Boleslawski, criado a partir dos nomes do grande ator e produtor russo Stanislavski, pai do Método, e do elegante diretor polonês, Richard Boleslawski, que tinha feito parte do Teatro de Arte de Moscou de Stanislavski antes de emigrar para o Estados Unidos para fazer filmes.

O diretor de Jim, Sam Kilman, apresentou-o aos escritos de Antonin Artaud, que escreveu o seu grito por revolução no teatro de dentro de manicômios durante os anos 1930 e 1940: “Devemos reconhecer que o teatro, como a praga, é um delírio e é comunicativo; este é o segredo de seu fascínio”. Jim adorou isto.

– Jim estava interessado em trabalhar isso – diz Keith Carlson, o ator que contracenava com ele em *O monta cargas.* – Todas as noites, esperando a cortina subir, eu não tinha ideia do que ele iria fazer. Era difícil se adaptar a Jim, porque ele tendia a desempenhar o papel de uma forma diferente a cada dia. Não estava se adaptando a mim ou ao diálogo ou a qualquer uma das coisas tradicionais. Interpretava cenas e dizia as falas com uma inflexão que parecia totalmente desmotivada, ou pelo menos inesperada. Havia sempre uma constante tendência à apreensão, uma sensação de que as coisas estavam à beira de sair do controle.

– Naquela época [em 1963], todo mundo ficava nervoso a respeito de qualquer obscenidade no palco, mas tivemos alguns ensaios maravilhosamente obscenos. Não houve nenhuma obscenidade durante qualquer uma das apresentações, mas com Jim nunca dava para ter certeza.

– SEU PAI É UM CAPITÃO AGORA, JIM – sua mãe disse –, o capitão de um dos maiores porta-aviões do mundo [o *Bon Homme Richard*]. Existem três mil homens neste navio, e seu pai tem o respeito deles, e ele tem este respeito porque é um excelente disciplinador. Como seria se seu filho, seu próprio filho, aparecesse em público com a aparência de um *beatnik*?”

Em oito de janeiro de 1964, logo após deixar sua família em Coronado para começar as aulas na UCLA, Jim se juntou ao seu pai em manobras no Pacífico – com seu cabelo recém-cortado. Infelizmente, este não estava curto o suficiente para agradar e, quando Jim chegou ao “Bonny Dick”, como o porta-aviões era chamado, ele foi levado à barbearia do navio para fazer outro corte, este exatamente igual ao do próprio capitão: curto atrás e dos lados, e longo em cima apenas o suficiente para ser repartido. Jim ficou com raiva, mas em silêncio.

Jim e seu pai (então capitão) na ponte de comando do *USS Bon Homme Richard*, janeiro de 1964. (U.S. Navy)

O capitão estava orgulhoso, mas cauteloso. Ele levou Jim à ponte de comando e o apresentou aos oficiais. Jim apertou as mãos deles e recebeu as apresentações atenciosamente, sem sorrir. Um fotógrafo oficial da marinha tirou algumas fotos. No final do dia alguns alvos com formas humanas foram lançados ao mar, foi dada uma arma a Jim e oferecida a ele a oportunidade de atirar nos objetos que boiavam no oceano.

Quando Jim contou a história desta tarde, fez isso com amargura. Disse que quando seu pai voltava para casa, após
comandar três mil homens com tal autoridade, ele sentia que em casa era sua mãe quem estava no comando.

– Ela o mandava levar o lixo para fora – disse Jim. – Gritava com ele. E o meu pai fazia. Ele levava o lixo para fora.

Uma semana depois, com dinheiro suficiente para um pequeno apartamento a cerca de 800 metros da universidade, Jim passou pelo processo de registro de meio de ano, juntando-se a vinte mil outros estudantes em um dos maiores *campus* da Califórnia. Ao contrário da universidade de sua irmã mais velha, Berkeley, a UCLA era praticamente apolítica. Os alunos eram bronzeados, atléticos e bonitos de se ver, e suas roupas eram casuais, sem classe social determinada.

Em 1964, quando Jim chegou, a escola de cinema estava entrando no que os professores hoje chamam de Idade de Ouro. O corpo docente era constituído por alguns dos melhores diretores – Stanley Kramer, Jean Renoir, Josef von Sternberg, entre outros. Entre os alunos havia algumas personalidades brilhantes e voláteis, incluindo o jovem Francis Ford Coppola. Talvez o mais importante fosse o fato de que a faculdade tinha uma filosofia quase anárquica, o que pode ter inspirado Jim a escrever mais tarde:

> “A coisa boa sobre cinema é que não existem especialistas. Não há nenhuma autoridade no cinema. Qualquer pessoa pode assimilar e conter toda a história do filme em si, o que você não pode fazer em outras artes. Não existem especialistas, então, teoricamente, qualquer estudante sabe quase tanto quanto qualquer professor.”

Os primeiros seis meses de Jim na UCLA foram normais, exceto por suas férias de Páscoa, quando ele e dois de seus companheiros das aulas de cinema – um intelectual sombrio e barbudo de Nova York e uma garota irlandesa mais velha – passaram três dias bêbados em Tijuana.

Durante o restante do semestre da primavera, Jim se ateve às suas atividades tranquilas e rotineiras – aulas em edifícios espalhados pelo enorme *campus* arborizado; longas horas lendo sozinho nas bibliotecas universitárias ou em seu pequeno apartamento; e aos domingos, ligações para Mary, na Flórida, usando um telefone público, pagando apenas os três primeiros minutos, mas geralmente falando por uma hora ou mais, deixando de sinalizar quando acabava.

Durante as tardes e as noites Jim às vezes ia para o Lucky U, um restaurante e bar mexicano a cerca de um quilômetro e meio do *campus*, não muito longe do Hospital dos Veteranos. Ele gostava do lugar. Havia mulheres servindo no bar e homens cegos empurrando seus amigos sem pernas em cadeiras de rodas, os sem perna orientando. Às vezes os aleijados ficavam bêbados e brigavam, lutando com suas muletas. Isto lembrava a Jim uma história de Nelson Algren; ele chamava aquilo de um “lugar decente” para beber.

Ao fins de semana Jim ia para a praia de Venice. Venice havia sido uma meca para a geração *beat* na década de 1950 e a tradição boêmia permaneceu. Poetas, pintores e estudantes viviam sem gastar muito em grandes quartos nas outrora elegantes casas vitorianas ou em cabanas ao lado dos decadentes canais.

Quando o verão chegou, Jim voltou para Coronado. Ele estava mais magro depois de quatro meses de refeições ruins – ou nenhuma refeição – mas logo recuperou sua “gordice” característica. Então foi para o México novamente, desta vez com seu irmão e seu padrinho, um oficial da Marinha aposentado que tinha servido com Steve no Pacífico. Andy se lembra daquela como uma viagem de embriaguez.

– Nós dirigimos cerca de 160 quilômetros em direção ao sul, até Ensenada. Jim me mostrou a vida. Eu estava bebendo cerveja e ele me levava de bar em bar, discutindo com os mexicanos em espanhol quando eles tentavam nos enganar na hora de dar o troco, conversando com as prostitutas, correndo pelos becos, sendo perseguido por cachorros. Foi muito bom.

De volta à área de San Diego, Jim e Andy iam frequentemente aos cinemas da base militar e às vezes Jim levava vinho escondido e ficava bêbado. Nas bases militares um filme sobre a bandeira é rotineiramente exibido após o longa-metragem, e o hino nacional é tocado. Certa vez Jim encheu o teatro com sua voz: “*Ohhhhh sayyyyy cannnnn youuuuu seeeeee...*” Ele era o único cantando.

Jim não tinha muito que fazer em Coronado, e ficava cada vez mais entediado e inquieto. Logo começou a suplicar para que o autorizassem a voltar à escola mais cedo, para que terminasse seu curso de História. No início de agosto partiu, prometendo procurar um emprego de meio expediente. No final do verão Jim era um aluno assistente na Biblioteca de Artes e Teatro, devolvendo os livros nas prateleiras

e postando avisos de atraso nas devoluções por US$ 1,25 a hora. Era um trabalho simples, mas ele não conseguiu mantê-lo. Um novo bibliotecário chegou e despediu Jim em outubro, quando se tornou evidente que ele não estava interessado em chegar ao trabalho na hora certa.

Em seguida Mary apareceu. Ela rapidamente conseguiu um emprego no Centro Médico da UCLA e, para desgosto de Jim, alugou um apartamento só para si. Disse que iria tentar encontrar um agente e procurar trabalhos em dança – talvez algum dia eles pudessem fazer um filme juntos. Amigos dizem que Jim estava contente como nunca o haviam visto, naquele outono, na UCLA. Mesmo que as coisas não fossem exatamente como ele havia planejado, ele e sua amada Mary estavam finalmente juntos na Califórnia.

Jim começou a colecionar um pequeno círculo de amigos entre os estudantes mais enigmáticos e explosivos da escola de cinema. Os quatro mais próximos dele eram, se analisados individualmente, bastante ingênuos ou inocentes, mas juntos se tornavam sinistros, ou pelo menos levemente estranhos.

O mais estranho era Dennis Jakob, um tímido, embora muitas vezes beligerante, graduando muitíssimo inteligente que era chamado em particular de “o Rato” ou “a Fuinha”, por causa de seu andar rápido e suas costas curvadas sobre sua máquina de editar. Dennis era um homem possuído, praticamente a reencarnação do diretor soviético Sergei Eisenstein. Mais tarde seria assistente especial de Francis Coppola em *Apocalypse Now*.

Uma das razões de Jim ter ficado atraído por Dennis foi porque ele lera tantos livros quanto Jim, ou até mais. Eram as obras de Nietzsche que eles discutiam mais frequentemente. Quando se conheceram, Jim tinha lido a maior parte dos escritos do filósofo alemão. *Genealogia da moral* e *Além do bem e do mal* ele havia lido enquanto ainda estava no ensino médio. Mais recentemente ele havia descoberto *O Nascimento da tragédia no espírito da música*, um volume fino que se juntaria a *Vida contra morte*, de Norman O. Brown, como uma grande influência. O livro, o primeiro de Nietzsche, é ainda verdadeiramente revolucionário, e uma das declarações mais importantes já feitas sobre a tragédia. Este se refere ao clássico conflito entre a arte apolínea da escultura e a arte dionisíaca da música. Como Niezsche, Jim se identificava com o Dionísio sofredor que era “sem imagens, ele mesmo pura dor primordial e seu doloroso reecoar”. Mas para o sofrimento havia uma ampla recompensa. A resolução não estava na transcendência da consciência individual de alguém, mas em uma dissolução extática da consciência pessoal na “natureza primal do universo” – o que Jim, e outros, vieram a chamar de Mente Universal.

Dennis e Jim se sentavam e discutiam Nietzsche durante horas, brigando ocasionalmente, mas em geral concordando ardentemente, lendo longos trechos das obras do filósofo em voz alta um para o outro. Um dia, falando sobre Dionísio, e lembrando-se da frase de William Blake, “Se as portas da percepção fossem limpas, tudo apareceria ao homem como realmente é, infinito”, que deu a Aldous Huxley o

título para seu livro *As portas da percepção*, Jim e Dennis decidiram formar uma banda. Eles disseram a um amigo que se chamariam As Portas: Abertas e Fechadas [*The Doors: Open and Closed*].

O segundo aluno do grupo de Jim era John DeBella, filho vaidoso e sensual de um policial do Brooklyn que se sentia tão orgulhoso dos duzentos livros que lia a cada ano quanto de seu musculoso corpo de quase 1,90. Corria uma lenda pelo *campus* de que durante a semana ele visitava livrarias usando uma longa capa de chuva preta, com dezenas de bolsos costurados por dentro, para roubar os livros que cobiçava. Nos fins de semana
ele ia para Muscle Beach, procurar garotas.

A estatura física de John e seu exagerado, mas genuíno, mundanismo faziam com que ele parecesse a antítese de Dennis Jakob, mas havia algumas semelhanças. Uma, é claro, era o amor pelos livros e pelas filosofias doutrinárias. Outra era a idade; como Dennis, ele era mais velho que Jim, tinha 25 anos. A terceira era a facilidade verbal. E ambos eram católicos. Quando Dennis ou John começavam a tecer uma tapeçaria intelectual, Jim ficava fascinado.

– Xamanismo – diz John. – Gostávamos dos xamãs: o poeta inspirado.

– Todos nós gostávamos dos xamãs. Parte da vaga filosofia dos estudantes de cinema da UCLA era embaçar a distinção entre sonho e realidade. Uma das minhas frases favoritas era “Os sonhos geram a realidade”. Phil Oleno estava muito envolvido com a psicologia junguiana, e estávamos pegando muito conhecimento com ele.

– Nós tínhamos uma teoria do Rumor Verdadeiro, de que a vida não era tão emocionante e romântica quanto deveria ser, então você diz coisas que são falsas, porque é melhor que imagens sejam criadas. Não importa que elas não sejam verdadeiras, contanto que se acredite nelas.

Quando estavam entediados, Jim e John inventavam maneiras de se entreter. Certa vez, conta-se que Jim e Phil Oleno, um amigo próximo de ambos, desafiaram John para uma competição de roubo de livros em uma livraria da universidade: aquele que escapasse com o maior valor em livros em uma hora seria o vencedor.

Outra vez, Jim e John decidiram que iriam pegar alguma desconhecida, ficariam doidões e iriam para a biblioteca de música, onde se revezariam em turnos para ouvir seus discos favoritos. Rindo, eles conseguiram convencer uma garota, ouviram os discos, começaram a fumar maconha e logo John estava se insinuando para ela. Ela deve ter pensado que Jim era mais promissor e foi para casa com ele, contando como seu namorado a havia engravidado, e que então ela havia contraído uma doença venérea, que foi seguida por uma operação uterina, que a tornou estéril e... Os detalhes de sua vida começaram a vir à tona, acompanhados de lágrimas abundantes. Jim lembrou-se da história de Dylan Thomas, *“The Followers”*, na qual dois jovens casualmente se encontram e descobrem que a vida deles era repleta de horror.

Outra vez, Jim e John ficaram bêbados no Lucky U e Jim insistiu em visitar a biblioteca pública, não muito longe dali. John relutantemente andou com ele e o seguiu até as estantes em um passo lento, verificando os comprimentos das saias e as meias--calças na sala de leitura. Quando alcançou Jim, ele estava urinando no chão entre duas prateleiras de livros. John o agarrou e começou a levá-lo para fora. Uma mulher se aproximou.

– Ei, senhora – Jim chamou. – Ei, senhora...

Com seu cabelo escuro ondulado, rosto largo e agradável e peito amplo, Phil Oleno, o terceiro amigo, parecia quase uma versão um pouco maior de Jim. Ele tinha 23, dois anos mais velho que Jim, e era o único do círculo que vivia em casa, uma circunstância que lhe proporcionava constante perseguição por parte de Jim e John.

Phil havia lido quase tudo escrito por ou sobre Carl Jung; em uma prateleira de seu quarto em casa estavam todos os livros, todos com trechos fortemente sublinhados com um grosso lápis preto. Jung não era o psicanalista favorito de Jim, e ele e Phil gostavam de discutir, depois de verem filmes, sobre como o simbolismo do cineasta poderia ser interpretado sobre o aspecto junguiano ou, no caso de Jim, ferencziano.

Como Jung, Sandor Ferenczi era um associado de Freud que se libertou, tornando-se um desviado freudiano, mais no método do que na teoria. Enquanto Freud recomendava abstinência sexual para seus pacientes, argumentando que isso concentraria a libido nas experiências emocionais passadas, Ferenczi levava a negação muito mais longe, tentando persuadir seus pacientes à diminuição radical de comidas, bebidas, defecação e micção. Então ele se voltava para o caminho oposto, em direção ao amor e à permissividade, acreditando que os neuróticos eram pessoas que nunca haviam sido amadas ou aceitas por seus pais, e o que eles realmente precisavam era carinho, calor e mimos.

Como geralmente acontece quando se fala de psicanálise, as conversas eram cheias de referências sexuais, muitas vezes variando sobre uma ampla gama de neuroses, fetiches e anormalidades – do hermafroditismo e necrofilia ao masoquismo, sadismo e homossexualidade. Então, quando Jim e Phil fizeram um filme juntos, o assunto não foi surpreendente.

Eles haviam falado sobre fazer vários filmes. Um deles, uma ideia de Phil, era capturar algo da vida de Rimbaud, e ele perguntou a Jim se gostaria de desempenhar o papel principal. Outro, uma sugestão de Jim, era mostrar a famosa cena da vida de Nietzsche onde ele se depara com um homem batendo em um cavalo e à força interrompe o espancamento. A trilha sonora deste filme curto, disse Jim, seria feita de aplausos. Nenhum desses filmes foi feito. O único que eles fizeram não tinha pretensões intelectuais, era uma piada.

Jim e Phil estavam apenas tendo aulas para iniciantes sobre câmera, luz, som e edição, mas mesmo sendo neófitos na escola de cinema esperava-se que usassem a educação e a imaginação que tinham para produzir um filme. Não tinha que ser longo ou complicado, nem mesmo bom: o objetivo era fazer com que o aluno se

familiarizasse com as *ferramentas*. Na verdade, Phil não fez um filme, mas satisfez a exigência ao se oferecer para alguns alunos da graduação no departamento de psicologia, que estavam fazendo um filme ultrassecreto, que posteriormente seria mantido no cofre do departamento. Era um filme com um homem e uma mulher, ambos nus, simulando as posições e ações do ato sexual. Com a ajuda de Phil, Jim conseguiu cenas não editadas do filme, juntando-as em uma sequência de clímax, e usou o final do Bolero de Ravel como trilha sonora. Durante a projeção os alunos se divertiram muito e a maioria dos instrutores e professores ficaram indignados. Disseram a Jim que ele merecia a pior nota possível, e ele ficou marcado como um encrenqueiro, designação que o levaria a ser matriculado em uma oficina especial para “alunos problemáticos” no semestre seguinte.

AS PROJEÇÕES DOS FILMES de alunos ocorriam duas vezes por ano, no final de cada aula das oficinas do semestre. Outras projeções ocorriam mais regularmente, em geral nas noites de sexta-feira. Profissionais convidados de estúdios de cinema próximos mostravam um de seus filmes e, em seguida, ficavam abertos – ou assim eles pensavam – a uma amigável sessão de perguntas e respostas. O programa foi cancelado quando os alunos persistiram em hostilizar os palestrantes.

O líder nestas projeções – o aluno geralmente considerado o pior, mais barulhento e mais cínico – era outro dos amigos mais íntimos de Jim, o quarto arquilouco da Idade de Ouro, um loquaz e loiro Mefistófeles chamado Felix Venable. O amor de Felix pelo álcool, pelas pílulas e pelas sessões de contação de histórias que viravam a noite lembravam a Jim do herói de *On the Road*, Dean Moriarty. Felix era, aos trinta e quatro anos, o aluno mais velho da escola de cinema. Ele entrara na UCLA depois de treze anos fazendo pequenos trabalhos, incluindo um longo período como motorista de ônibus e outro como construtor de barcos. A maioria de seus trabalhos tinha sido na área de São Francisco, onde havia frequentado a Universidade da Califórnia, em Berkeley, de 1948 a 1952, embora não tenha conseguido se formar. Ele foi prontamente aceito na UCLA como estudante da graduação, de qualquer forma, talvez porque seu boletim em Berkeley, metade formado por notas A e a outra metade por notas F, apresentava um registro intrigante, ou talvez porque quando um homem tem trinta e quatro anos e quer se formar, esta oportunidade lhe deve ser dada.

Como John DeBella, Felix gostava de falar de si, mas suas histórias eram geralmente menos prepotentes e mais engraçadas. Felix não era tão intelectual quanto os outros amigos próximos de Jim na escola de cinema, mas a ligação não era menos forte. Stanton Kaye, que usou Felix como o personagem principal em um de seus filmes, acreditava que o relacionamento era baseado, em parte, na semelhança psicológica.

– Eu sentia que Felix estava desmoronando como homem, não tendo qualquer definição ou identidade, sendo mais velho e sentindo muito mais as pressões

coercitivas da sociedade por causa disso. Ele estava desamparado quase até o ponto da impotência. Estava em constante ansiedade. E assim também estava Jim, é claro. Eu vi este profundo niilismo, um sentido de desespero que era mais forte do que o meu. Talvez fosse raiva, talvez fosse daí que viesse o desespero.

"O VOYEUR", JIM RABISCOU em um de seus cadernos de anotações, "é um comediante misterioso. Ele é repulsivo em seu anonimato obscuro, em sua invasão secreta." Ele prossegue descrevendo a ameaça e o poder da parceria silenciosa feita com o incauto.

Havia centenas de notas como esta. Algumas seriam publicadas quatro anos depois, primeiro privadamente e em seguida pela Simon and Schuster como *The Lords: Notes on Vision*. Enquanto Jim estava na UCLA elas vieram à tona como um trabalho para a aula de estética do filme. Ele não era capaz de fazer filmes ainda, então pensava e escrevia sobre cinema como arte. "A atração do cinema reside no medo da morte." Páginas de seus cadernos eram preenchidas com conhecimentos de cinema, muitos dos quais aprendidos com John DeBella.

Em outras páginas Jim lutava – por definição. Imagens de magia, violência, sexo e morte passavam por seus cadernos como um rio escuro. Kennedy foi morto com a "visão injuriosa" do atirador e Oswald encontrou refúgio "devorado no estômago quente, escuro e silencioso do teatro físico". Édipo fez uma aparição: "Você pode olhar para as coisas, mas não pode prová-las. Você pode acariciar a mãe apenas com os olhos". Parecia que quanto mais ele via, mais ele experimentava, mais ele escrevia – e quanto mais ele escrevia, mais ele parecia entender.

Jim se desnudava em seus cadernos, abrindo sua psique para análise. "Eu não vou sair", escreveu ele, "você tem que vir até mim. Até o meu jardim do útero, de onde observo. Onde eu posso construir um universo dentro do crânio para rivalizar com o real."

FINAL DE 1964. Depois de um cruzeiro histórico pelo oceano Índico, em uma demonstração de força, e uma participação no incidente do Golfo de Tonkin perto do Vietnã, o capitão Morrison realizou seu último concurso de promoção de oficiais no *Bon Homme Richard* (ele sempre ganhava), passou o porta-aviões a outro homem e começou a fazer as malas para uma nova mudança, desta vez para Londres, onde serviria sob as ordens do Comandante-Chefe das Forças Navais dos EUA na Europa. Mas primeiro ele viajaria para a Costa Oeste, para passar breves férias com sua família. Jim passou o Natal em casa e, em seguida, sua família partiu para uma excursão à Flórida, para visitar parentes. Esta foi a última vez que Jim viu seus pais.

As chuvas de janeiro cessaram e os alunos da escola de cinema começaram a frequentar o Gypsy Wagon, um pequeno *snack-bar* sobre rodas não muito longe dos bangalôs cinematográficos. Lá, misturando-se com estudantes, músicos e artistas,

Jim e muitos de seus colegas exibiam o que um dos colegas de Jim, Bill Kerby, chamou de “a porcaria e o brilho da escola de cinema” – deslizando pela escola fazendo o menor esforço possível, enquanto encobriam esta inatividade com uma espessa camada de arrogância e discursos vazios. Jim caminhava ao longo de cercas gritando e berrando a caminho das aulas, enchia as paredes do banheiro masculino com grafites picantes e rolava garrafas vazias de vinho pelos corredores da sala onde eram realizadas as projeções. Em seguida as histórias clássicas começaram, a maioria delas tendo como tema drogas, nudez ou audácias. Uma delas combinava todos os três tópicos e falava sobre Jim ficando bêbado e escalando uma das torres do *campus* à meia-noite para tira a roupa e jogá-la no chão.

“Em uma imagem”, escreveu ele em seu caderno, “não há perigo presente.”

*** * ***

ALGUNS DOS PROFESSORES APRECIAVAM JIM, fazendo concessões para aquilo que um deles chamou de “diletantismo”, e o próprio Jim gostava de vários professores. Seu favorito era Ed Brokaw, que contava mentiras ultrajantes em suas aulas para ver se alguém estava escutando. Jim gostava especialmente do fato de Brokaw ocasionalmente desaparecer durante vários dias, como o próprio Jim faria no futuro.

– Brokaw foi atraído pela destrutibilidade de Jim – diz Colin Young, chefe do setor de cinema. – Ele cheirava aquele fogo e aquecia suas mãos nele, porque frequentemente é isto que está conectado ao talento real.

Brokaw era o orientador de Jim e foi a ele que Jim disse que estava abandonando a faculdade. Então ele foi até Colin Young e disse a mesma coisa.

A decisão de Jim de abandonar o curso veio apenas uma ou duas semanas antes do fim das aulas, após dois dias de exibição de filmes estudantis. Este era o principal evento do ano estudantil, e era a coisa mais próxima possível de um exame final que a escola de cinema oferecia. Embora a graduação não dependesse do filme de um estudante ser aceito para uma mostra pública posterior no Royce Hall da UCLA, a concorrência pela aceitação era grande.

A maior parte dos quase quarenta filmes exibidos naquele mêsde maio tinha sido feita na oficina Projeto 170, onde eram filmados curtas-metragens mudos com *“voice-over”* ou *“sound--over”*. A filmagem era normalmente feita aos sábados e o procedimento era que todos os alunos deveriam preencher todas as funções – servindo como *cameraman* na primeira semana, como ator na próxima, como técnico de som na terceira e assim por diante e, em algum momento, dirigindo seu próprio filme.

Jim não fez um roteiro para seu filme, dizendo a John DeBella, a quem escolheu como seu *cameraman*:

– Eu vou explicando as coisas enquanto formos avançando.

O que Jim tinha em mente, como explicaria mais tarde, era “um filme que estava questionando o próprio processo de filme... Um filme sobre o filme”. O filme não tinha título e tomou a forma de uma montagem ou uma sequência de eventos abstratos e vagamente conectados, o que DeBella chamou à época“uma mistura difusa de imagens sobre o cineasta e o olho do cineasta”. Começava com Jim dando uma grande tragada em um cachimbo cheio de erva e jogando sua cabeça para trás. Em seguida, a câmera cortava para o padrão ondulante utilizado como logotipo no título do programa de televisão *Outer Limits*. Seguia-se a cena de uma mulher (a alta namorada alemã de DeBella) vestindo apenas sutiã, calcinha e cinta-liga, com a câmera dando uma panorâmica lentamente, saindo de seu rosto para mostrar seus saltos agulha dançando em cima de um aparelho de televisão que estava ligado e mostrava soldados nazistas marchando em uma parada. Então vinha uma cena em um apartamento (o de Jim) cujas paredes estavam cobertas de nus da *Playboy*, que haviam sido utilizados como alvos para dardos. Diversos homens ficavam chapados, depois sentavam-se para assistir filmes pornô, mas o filme era interrompido e os homens levantavam-se e começavam a fazer sombras com as mãos, contra a luz branca da tela. Depois disso, havia um *close* de uma garota lambendo o olho de DeBella (limpando-o das sujeiras coletadas pelas imagens que ele havia visto). A cena final era da televisão sendo desligada, com a projeção desaparecendo em uma linha branca e depois em um ponto e, em seguida, a escuridão.

A exibição foi tão caótica quanto o filme. Primeiro, as emendas se romperam e a película não passava pelo projetor. Disseram para Jim emendá-lo outra vez, para uma exibição mais tarde, naquela noite. Quando ele o fez, a reação variou da confusão à diversão e ao descontentamento. Alguns dos estudantes pensaram que Jim tinha enlouquecido e poucos tinham algum comentário a fazer, embora a maioria tenha urrado de prazer ao ver a namorada de DeBella em roupas íntimas. Mesmo Ed Brokaw, que geralmente ficava intrigado com a mente de Jim, agitava os dedos como se jogasse uma bola de basquete imaginária, batendo a mão esquerda contra a direita e dizendo:

– Jim... Estou terrivelmente desapontado com você.

O filme não foi escolhido para o Royce Hall, e a Jim foi dada uma nota “D por cortesia”.

Jim ficou magoado com a rejeição. Alguns dizem que ele saiu da sala e chorou. Sendo isso verdade ou não, ele claramente ficou amargurado. Primeiro se tornou defensivo, depois petulante, e finalmente anunciou sua saída iminente da UCLA. Colin Young tentou demovê-lo da ideia, mas em junho, quando chegou a hora de ele pegar seu diploma, Jim estava na praia de Venice, fumando maconha.

Por esta época, Jim e Mary estavam se afastando. Ela ainda fazia questão de

incluir o estrelato em seu destino – uma convicção da qual Jim havia debochado, em primeiro lugar, e depois tentado desencorajá-la. Então ela disse que poderia participar de uma seleção para dançarina no Whiskey a Go Go, uma boate que tinha sido inaugurada na Sunset Strip, em janeiro. Jim lhe disse que não queria vê-la vestindo uma saia curta de franjas, em uma gaiola de vidro, balançando o traseiro para bêbados de meia-idade. Eles brigaram novamente quando ela conseguiu um agente, que lhe disse para não aparecer em um filme que Jim queria fazer, porque seria ruim para sua carreira estar em um filme de estudante. Eles brigaram uma terceira vez quando Mary apareceu inesperadamente no apartamento de Jim e o flagrou com outra garota. Jim disse a Mary que ela não tinha o direito de vir à casa dele sem ser convidada. Além das brigas, havia os irritantes, mas educados, lembretes de que, na opinião dela, ele estava usando drogas demais.

Jim viu Ray Manzarek atravessando o *campus*. Ray era amigo de John DeBella. Jim admirava Ray e tinha aplaudido secretamente sua recusa em editar uma cena de nu no chuveiro em um filme que ele havia feito de sua namorada. Além disso, Jim foi atraído pela música de Ray e tinha ido ouvir sua banda, Rick and the Ravens, no Turkey Joint West, em Santa Monica, uma comunidade de praia nas proximidades. Uma vez Ray convidou Jim para subir ao palco, com várias outras pessoas da escola de cinema, e todos, bêbados de cerveja, cantaram o coro de “Louie, Louie”. Agora, em junho, a banda de Ray havia sido contratada para acompanhar Sonny e Cher em um baile de formatura. Mas quando um dos membros da banda saiu e Ray entrou em contato com a escola para avisar que haveria cinco músicos em vez de seis, foi-lhe dito que, se ele não trouxesse seis músicos, como tinha sido previsto, eles não seriam pagos.

– Ei, cara – disse Ray, avistando Jim –, quer fazer um show com a gente?

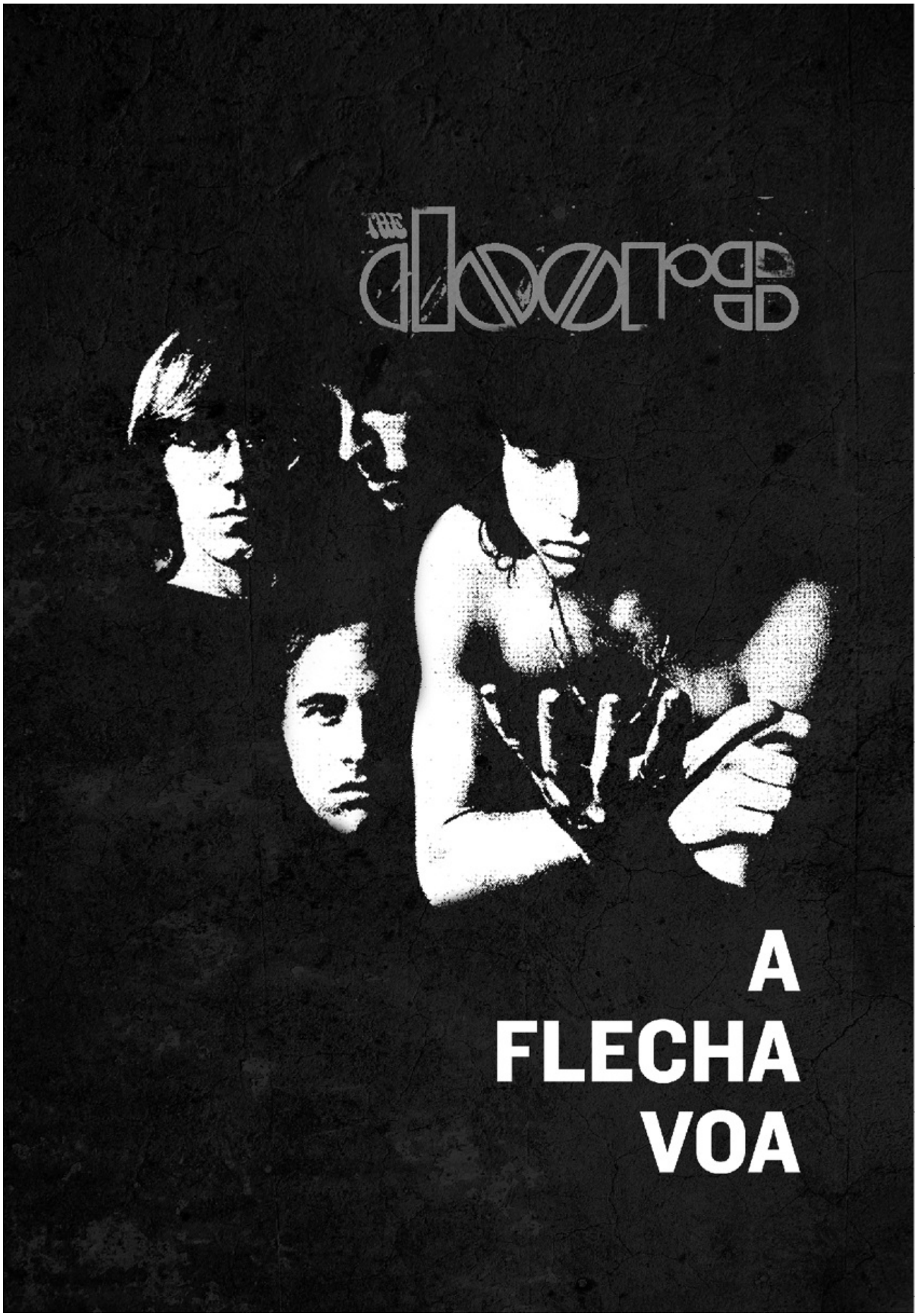
– Eu não toco nada, Ray.

– Tudo bem, tudo o que você tem que fazer é ficar lá e segurar uma guitarra elétrica. Nós vamos apenas passar o fio por trás de um dos amplificadores. Nem vamos ligá-lo.

Jim disse depois que aquele foi o dinheiro mais fácil que já ganhara em sua vida.

The Doors nos degraus de uma guarita de salva-vidas, em Venice Beach, Los Angeles.

(Henry Diltz)



CAPÍTULO TRÊS

– VOCÊ SABE O QUE PRECISAMOS FAZER?

Jim estava estirado na cama, olhando para o teto. Usava uma voz que seus amigos conheciam muito bem – um amálgama desconcertante de brincadeira e provocação grosseira vaga, que deixava o ouvinte querendo saber se ele estava falando sério ou brincando. Às vezes Jim usava esta voz para disfarçar sua perversa mania de provocar. Outras vezes, como agora com seu amigo da Florida State University, Sam Kilman, que havia aparecido em L.A. logo após o término das aulas, ele a usava para cobrir suas dúvidas sobre uma sugestão que estava prestes a fazer. Isto diminuía o fator de risco para ele.

– Não – disse Sam – o quê?

– Começar uma banda de rock – Jim disse, ainda olhando para o teto.

– Porra, cara eu não toco bateria há sete anos... e o que você vai fazer?

Jim sentou-se.

– Eu vou cantar – ele quase cantarolou as palavras. – Euuuuu... vouuuu... cantar.

Sam olhou para Jim, incrédulo.

– Você sabe cantar?

– Claro que não! Eu não canto nada – Jim rugiu.

– Bem, tudo certo, Jim, digamos que nós comecemos esta banda de rock, e digamos que você saiba cantar – o que você não sabe. Como vamos chamá-la?

– The Doors. Existe o conhecido. E existe o desconhecido. E o que separa os dois é a porta, e é isso o que eu quero ser. Euuu quero ser a portaaaa...

JOHN DEBELLA E PHIL OLENO tinham ido para o México; Dennis Jakob e Felix Venable permaneceram em Venice; Jim pensou em se mudar para Nova York, mas permaneceu no oeste de Los Angeles por algumas semanas, à procura de um emprego com Sam, e em seguida ele também se mudou para Venice. *Fugiu* pode ser uma palavra mais adequada, pois a mudança foi precedida por uma crise que o deixou chocado. Ele se apresentou para o seu exame físico do exército no dia 14 de julho, e soube dois dias depois que havia passado, o que significava que havia perdido seu adiamento de estudante e agora era classificado como 1-A.

Jim pensou rápido. Ele havia mentido para o governo, dizendo que ainda estava matriculado na UCLA, mas eles devem ter descoberto. No dia seguinte foi até a secretaria e colocou seu nome em vários cursos que ele nunca pretendia cursar.

Venice era ideal para Jim. A pequena comunidade artística estava atraindo mais cabeludos, fugitivos e artistas a cada dia. Corpos cobriam as praias; pandeirolas soavam alegremente nas dezenas de rádios a pilha; cachorros perseguiam *frisbees*; círculos de pessoas usando jeans, sentadas com as pernas cruzadas, fumavam maconha; o LSD era vendido no balcão da principal loja local. São Francisco tinha Hight, e Los Angeles tinha Venice. A época do hippie estava começando.

Jim era um dos andarilhos anônimos de cabelos compridos, camiseta e jeans. Ele morou com Dennis Jakob por algum tempo em uma cabana à beira de um canal poluído, e em seguida se mudou para o terraço de um armazém vazio. Lá ele tinha uma vela como iluminação, um bico de Bunsen para aquecer suas ocasionais refeições enlatadas e um cobertor para se aquecer. Ele raramente dormia ou comia, mas devorava avidamente o bom ácido que embebia a comunidade da praia, e começou a escrever, criando, em um único momento de iluminação, mais material do que ele jamais conseguiria novamente em sua vida.

– Veja só – disse ele –, o nascimento do *rock and roll* coincidiu com a minha adolescência, minha entrada na consciência. Foi um verdadeiro tesão, embora na época eu nunca pudesse me permitir fantasiar racionalmente sobre eu mesmo fazer isso. Acho que durante todo aquele tempo estive inconscientemente acumulando disposição e coragem. Meu subconsciente havia preparado a coisa toda. Eu não pensava nisso. Foi só pensar. Ouvir toda a situação de um show, com uma banda, cantando e num público – um grande público. Essas cinco ou seis primeiras canções que escrevi, eu estava apenas tomando nota de um fantástico show de rock que estava acontecendo dentro da minha cabeça.

Embora tudo o que estava prestes a acontecer não fosse, de forma alguma, preconcebido por Jim, ele estava consciente da música que tocava em seu ouvido interno, implorando para ser liberada.

– Na verdade, acho que a música veio à minha mente primeiro, e em seguida criei palavras para que se moldassem à melodia, a um tipo de som. Eu podia ouvi-la, e uma vez que não tinha como escrevê-la musicalmente, a única maneira como poderia lembrar dela seria tentando colocar palavras lá dentro. E muitas vezes eu terminava só com as palavras e não conseguia me lembrar da melodia.

> Olá, eu te amo
> Você me diria seu nome?
> Olá, eu te amo
> Me deixe entrar em seu jogo[11]

Era 1965, três anos antes do mundo ouvir “Hello, I love you”, Jim estava sentado em Venice, na areia da praia, observando uma jovem, alta e magra garota negra se insinuando para ele.

> A calçada agacha a seus pés
> Como um cão que implora por algo doce
> Você tem esperança de fazê-la ver, seu tolo?
> Você tem esperança de pegar furtivamente esta joia sombria?[12]

Para “End of the Night”, ele tirou sua inspiração de um romance do apologista ao nazismo e pessimista adamantino, o francês Louis-Ferdinand Céline, *Viagem ao fim da noite*: “Pegue a estrada até o final da noite…”[13]. Uma terceira canção, “Soul

Kitchen", foi dedicada ao Olivia's, um pequeno restaurante de *soul food*, perto da arcada de Venice, onde Jim podia comer um grande prato de costelas, feijão e pão de milho por 85 centavos e um jantar com bife por US$ 1,25. Uma outra, "My eyes have seen you", incluía uma descrição de todas as antenas de TV que Jim via de seu terraço: "Contemplando uma cidade sob um céu de televisões…"[14]. Por mais óbvia que fosse a inspiração para estas canções, elas não eram comuns. Mesmo as mais simples delas tinham um toque enigmático e visionário, um ritmo, uma linha ou uma imagem que dava aos versos uma força peculiar. Como quando inseriu a frase "Os rostos parecem feios quando você está sozinho"[15] em "People are strange". E na música sobre o Olivia's havia este verso:

> Seus dedos tecem rápidos minaretes / Falando alfabetos secretos / Acendo mais um cigarro / Aprenda a esquecer, aprenda a esquecer, aprenda a esquecer.[16]

Estes primeiros poemas-música eram recheados com a escuridão pela qual Jim se sentia tão atraído, que sentia como se fosse parte dele. Visões de morte e insanidade eram expressas assustadoramente, com compulsão. Em uma, que mais tarde se tornou parte de uma obra maior, "The Celebration of the Lizard", Jim escreveu:

> Certa vez eu criei um pequeno jogo / eu gostava de voltar para dentro da minha mente / Acho que você conhece o jogo do qual estou falando / Eu quero dizer, o jogo chamado enlouquecer.[17]

Em "Moonlight Drive", uma canção de amor que poderia ser agradável, com imagens abundantes e tão fortes que agia sobre
os sentidos mais como uma pintura do que como um poema, Jim escreveu um final surpreendente:

> Vamos lá, querida, vamos dar uma volta / Até, até a praia / Se formos, vamos bem juntos / Querida, vamos nos *afogar* esta noite / Vamos descer, descer, descer, descer...[18]

Depois de escrever estas letras, Jim disse:

– Eu tenho que cantá-las.

Em agosto, teve sua oportunidade quando encontrou Ray Manzarek andando pela praia de Venice.

– Ei, cara!

– Ei, Ray, como você está?

– Estou bem. Pensei que você tivesse ido para Nova York.

– Não, eu fiquei aqui. Morando de vez em quando com Dennis. Escrevendo.

– Escrevendo? O que você anda escrevendo?

– Oh, não muito – disse Jim. – Apenas algumas letras.

– Letras? – perguntou Ray. – Vamos ouvi-las.

Jim agachou-se na areia e Ray se ajoelhou em frente a ele. Jim se equilibrou com uma mão de cada lado, apertando a areia por entre os dedos, os olhos bem fechados. Escolheu o primeiro verso de “Moonlight Drive”. As palavras saíam lentas e cuidadosas.

> Vamos nadar até a lua, uh huh
> Vamos escalar a maré
> Penetrar na noite
> Que a cidade dorme para esconder...[19]

Quando ele terminou, Ray disse:

– Esta é a melhor letra de música que eu já ouvi. Vamos começar uma banda de rock e ganhar um milhão de dólares.

– Exatamente – respondeu Jim. – Isso é o que eu tinha em mente o tempo todo.

* * *

HAVIA UMA ANGULARIDADE EM RAY, que é comumente chamado de “ossudo”. Ele media 1,85m e era magro, pesando cerca de 72 quilos. Mas seus ombros eram extraordinariamente largos, seu queixo era forte e quadrado, usava óculos sem aro, tinha aspecto frio, intelectual. Se ele tivesse acreditado nos clichês de elenco de Hollywood, poderia ter se oferecido para o papel do que havia se tornado recentemente: um estudante de graduação que se levava a sério demais, ou talvez um jovem professor severo em uma cidade da fronteira do Kansas. Mas havia uma suavidade nele, também. Seu queixo quadrado tinha uma covinha e sua voz era sempre controlada, graciosa e reconfortante. Ray gostava de pensar em si mesmo como um irmão mais velho em potencial de todos: organizado, inteligente, maduro, sábio, capaz de grande compaixão e apto a aceitar uma grande responsabilidade.

Ele era quatro anos mais velho do que Jim, nascido em Chicago em 1939, filho de pais da classe operária. Depois de estudar piano clássico no conservatório local e ganhar um diploma de bacharel em Economia pela Universidade DePaul, Ray matriculou-se no curso de Direito da UCLA. Duas semanas depois, desistiu para assumir um cargo de *trainee* no setor de gerenciamento de uma agência do Westwood Bank of America, um trabalho no qual ficou por três meses antes de voltar à UCLA, desta vez como estudante da graduação no departamento de cinema. O término de um relacionamento acabou com isto, em dezembro de 1961, quando Ray se alistou no exército. Embora sua função fosse tranquila – tocar piano em uma banda, quando estava de folga, em Okinawa e na Tailândia (onde ele foi apr sentado à maconha) – Ray quis sair, então disse ao psiquiatra de plantão que achava que poderia estar se tornando gay. Foi liberado um ano antes do previsto e voltou para o curso de cinema da UCLA na mesma época em que Jim ingressou.

Ray começou produzindo filmes de qualidade excepcional, todos eles autobiográficos, em louvor da sensualidade de sua namorada nipo-americana, Dorothy Fujikawa. Em um destes, chamado *Evergreen*, havia uma cena que parecia inspirada na sequência de repetidos cortes entre um menino e uma menina correndo em câmera lenta, um em direção ao outro, do filme *Hiroshima Mon Amour*, de Alan Resnais, onde Ray e Dorothy finalmente se encontravam, nus, em um chuveiro. A faculdade queria que Ray editasse aquela cena e ele concordou, mas quando diversos estudantes o criticaram por sua indecisão, voltou atrás no acordo e distribuiu um panfleto durante a projeção dos estudantes em dezembro, explicando por que o filme não estava sendo exibido. (Eventualmente este filme, e todos os outros que Ray fez, seriam exibidos e elogiados.) Em junho, quando ele recebeu seu diploma da licenciatura, Colin Young, o chefe da divisão, disse que Ray era um dos poucos estudantes naquele ano que estavam prontos para ir em frente e realizar filme de longa-metragem. Até a revista *Newsweek* reconheceu os primeiros trabalhos de Ray.

RAY CONHECEU JIM ATRAVÉS de John DeBella, e em um curto espaço de tempo eles se tornaram grandes amigos, nunca verdadeiramente íntimos mas compartilhando um intelectualismo e uma ingênua filosofia nietzschiana. Em muitos aspectos, eles eram opostos. Ray nunca se esquecia de fazer a barba e os vincos de suas calças chino estavam sempre impecáveis. Jim andava deliberadamente desleixado, acostumado a usar camisetas e jeans desbotados e, quando fazia frio à noite usava uma jaqueta de soldador encardida que ele havia conseguido em um brechó. Ray havia se familiarizado com o pensamento oriental, e em 1965 estava começando a estudar a meditação transcendental de Maharishi Mahesh Yogi, enquanto Jim voltava suas costas para isso, acreditando que O Caminho era pavimentado com drogas e xamanismo. Ray era um esteta praticante, enquanto Jim se deleitava – algumas vezes chafurdava – no dionisíaco. Mas, ainda assim, eles se sentiam mutuamente atraídos e, quando se encontraram na praia de Venice, Ray perguntou a Jim se ele não queria ir morar com ele – Jim poderia dormir no sofá da sala, e poderiam trabalhar nas músicas durante o dia, enquanto Dorothy estava no trabalho. Jim mudou-se imediatamente e os dois começaram.

Ray Manzarek (Henry Diltz)

A voz de Jim era fraca, mas ele e Ray concordaram que aquilo era em grande parte uma questão de confiança, algo que viria com a prática. Eles trabalharam nas canções por duas semanas inteiras, Ray no piano em seu pequeno e discreto apartamento, Jim nervosamente consultando as letras por segurança (embora ele soubesse todas de cor), de pé, duro e imóvel, desejando que a mariposa que ele tinha certeza que estava presa em sua garganta fosse embora. Em seguida, Ray levou Jim para a casa de seus pais, onde a banda Rick and the Ravens ensaiava.

As letras de Jim passavam por cima das cabeças dos irmãos de Ray. Obviamente Rick e Jim Manzarek não entendiam Jim *nem* suas letras, embora tivessem concordado em tentar trabalhar com ele. Outras pessoas também não entendiam Jim. Quando Ray esbarrou em dois de seus ex-colegas da escola de cinema e disse que havia começado uma banda com Jim, eles ficaram chocados.

– Você está em uma banda com *Morrison*? Pelo amor de Deus, Ray, por que você faria uma coisa dessas?

Jim ainda era considerado um sujeito não confiável e extravagante, embora inteligente. Muitos colegas de classe não dariam qualquer crédito a nenhuma banda na qual Morrison estivesse.

Ray permaneceu leal, vendo em Jim algo que poucos viram, algo que o próprio Jim estava apenas começando a reconhecer. A mudança mais evidente era física. Jim passou dos 70 para os 60 quilos aproximadamente, e tinha perdido seu físico “cheinho” – agora ele estava magro e elegante. Além do novo corpo, Jim estava também com o cabelo mais longo, caindo sobre as orelhas, passando do colarinho, emoldurando um rosto que tinha perdido todo o inchaço e havia se tornado positivamente belo. A transformação foi radical.

Mas a diferença mais importante foi no que Jim sentia: uma confiança delirante e poderosa, um magnetismo transcendental, que parecia atrair tudo o que ele precisava em seu caminho.

POUCO DEPOIS DE JIM TER CONHECIDO a família de Ray, os irmãos Manzarek

e ele mudaram os ensaios para uma casa atrás da estação de ônibus Greyhound, em Santa Monica, onde eles acrescentaram um novo baterista, John Densmore, que Ray tinha conhecido em suas aulas de meditação.

John tinha muito em comum com Jim. Ambos tinham sólida formação de classe média; o pai de John era arquiteto. Ambos tinham um irmão e uma irmã. No ensino médio, ambos tinham demonstrado uma aptidão para os esportes; John havia jogado tênis; Jim se destacara na natação. Com Ray, John compartilhava uma empolgação pelo jazz, juntamente com a avidez e a dedicação de um novo convertido às disciplinas *yogi* do Maharishi.

John disse a Ray e Jim que ele tinha um temperamento inflamado, e esperava que a meditação o ajudasse a controlá-lo. Ele tinha vinte anos e ainda vivia com seus pais (o que o tornou um alvo imediato das chacotas de Jim), embora estivesse louco para sair de casa, ansiando pela libertação que uma banda atuante poderia trazer. Nos anos seguintes, Jim e John trabalhariam juntos no The Doors, mas nunca se tornaram amigos íntimos.

John tocava bateria desde os doze anos. Tinha tocado tímpano e caixa na University High School, a oeste de Los Angeles, e depois passou para o jazz durante a faculdade, que havia iniciado na cidade de Santa Monica, indo em seguida para a cidade de Los Angeles, e finalmente abandonando a San Fernando Valley State College.

Depois de duas semanas de ensaio, Ray e seus irmãos diri- giram com os novos vocalista e baterista e uma baixista (uma garota cujo nome todos se esqueceram) para o estúdio de gravação World Pacific, na Third Street em Los Angeles. Rick and the Ravens tinham um contrato com a Aura Records e tinham gravado duas canções com Ray cantando sob o nome de Screaming Ray Daniels. Após o lançamento, o single afundara no anonimato, e a Aura decidiu dar aos garotos algumas horas gratuitas no estúdio em vez de gravar mais músicas. Em três horas eles gravaram seis músicas.

– O que conseguimos – disse Jim, anos depois – foi uma demo em acetato, da qual fizemos três cópias.

Estes foram os discos que Jim, Ray e John, e às vezes Dorothy Fujikawa, levaram de gravadora em gravadora, com as canções que Jim havia escrito em Venice naquele verão, incluindo “Moonlight Drive”, “My Eyes Have Seen You” (uma canção então chamada “Go Insane”), “End of the Night” e uma pequena melodia inócua com um tema recorrente, “Summer’s Almost Gone”. As canções e o grupo foram rejeitados por todas as gravadoras.

Nessa época Jim conheceu Pamela Courson.

PAMELA ERA UMA RUIVA de apenas dezoito anos de idade. Tinha sardas nas costas das mãos, espalhadas por seu rosto pálido e delicado e polvilhadas como

canela em seu corpo fino e comprido como uma corda. Usava o cabelo repartido ao meio, liso e longo. Seus olhos eram de uma cor de lavanda translúcida, maiores que os da maioria das pessoas, dando-lhe a aparência de uma pintura de Walter ou Margaret Keane: vulnerável, dependente, adorável.

Ela nasceu em 22 de dezembro de 1946, em Weed, Califórnia, a poucos quilômetros de Mount Shasta, considerada uma montanha sagrada pelos índios. Seu pai, como o de Jim, tinha sido aviador da Marinha – mas bombardeiro, não piloto – e agora era um comandante da Reserva Naval dos EUA e diretor de uma escola em Orange, a cidade que deu a Orange County seu nome. Ela disse a Jim que havia abandonado suas aulas de arte na Los Angeles City College e estava à procura de algo interessante para fazer.

Jim e Pamela Courson em Santa Mônica. (Bobby Klein)

Anos mais tarde, Pamela diria que foi Jim quem falou a ela sobre a vida. Ela se denominava “uma criação de Jim”. Ele ensinou a ela sobre os filósofos, escrevendo um parágrafo sobre cada um deles, de Platão a Nietzsche, apresentando-a às grandes ideias da mente ocidental. Jim deu a ela seus diários para ler, e imediatamente ela se considerou guardiã de sua poesia.

JIM ESTAVA RELENDO *As portas da percepção*, de Aldous Huxley: “A maioria destes modificadores de consciência não pode agora ser tomada, exceto sob as ordens dos médicos, ou então ilegalmente e em considerável situação de risco. Para uso irrestrito o Ocidente permitia apenas o álcool e o tabaco. Todas as outras ‘Portas’ químicas na ‘Parede’ são classificadas como droga, e os seus compradores ilícitos como viciados.” Jim se divertiu com esta imagem, e começou a aumentar a variedade e a quantidade.

Agora ele estava fazendo toda e qualquer coisa para expandir sua mente. Abrir as portas da percepção... Romper até chegar ao outro lado... Pegar a estrada até o final da noite... Visitar cenas estranhas dentro da mina de ouro... Montar na

serpente... As frases marcantes que ele viria a espalhar através de suas canções estavam sendo escritas em cadernos na morna praia outonal. Ele estava com pressa para descobrir sua visão e vocabulário particulares.

Ele engolia doses de ácido como amendoins de aperitivo – ou aspirina, pois é isso que então pareciam: o primitivo Owsley de São Francisco, o "raio branco" original, puro, barato e... ótimo. E maconha, é claro – sacos e sacos de maconha, vinda do México. Até que vieram os *sugar cubes* [outra forma de ácido].

Break on through to the other side
Break on through to the other side
Break on through to the other side

Jim decidiu que era hora de contar à sua família, em Londres, sobre seus planos. Escreveu que havia tentado encontrar trabalho após a formatura, mas as pessoas tinham rido de sua graduação em cinema, e por isso agora ele estava em uma banda, e cantando – e o que eles pensavam sobre isso?

O pai de Jim ficou atordoado e escreveu uma carta de forte objeção. Lembrou a Jim sobre as aulas de piano abandonadas, e sua recusa, quando criança, de se juntar à família para cantar músicas de Natal... E agora ele estava começando uma banda? Após seu pai pagar as despesas de quatro anos de faculdade?

– Bem – disse o bem-sucedido oficial da Marinha –, eu acho isso tudo uma besteira.

Jim nunca aceitou críticas tranquilamente – nunca mais escreveu a seus pais.

EM ALGUM MOMENTO daquele outubro, uma foto de Billy James apareceu nas revistas especializadas que Jim e Ray agora liam semanalmente. Billy, que tinha trinta e três anos e já tinha sido ator, estava fazendo a publicidade de Bob Dylan em Nova York depois que ele assinara com a Columbia, e em 1963 mudou-se para a Califórnia, para fazer publicidade por lá. Por um tempo ele foi bem-sucedido nisso, quer dizer, satisfazia todas as exigências corporativas usuais, mas então começou a adotar o estilo de vida dos músicos, mudando tão radicalmente que já não podia mais se comunicar com seus amigos da Costa Leste e com quase todos os seus superiores na Columbia. Foi então dado a Billy um novo título – gerente de aquisição e desenvolvimento de talentos –, vago o suficiente para driblar os convencionais gráficos corporativos. No que lhe dizia respeito, o título era a autorização para farejar as coisas que o atraíam.

Ray e Jim olharam a fotografia. Billy tinha uma barba.

– Talvez ele seja um cara maneiro – disse Ray.

Quando Billy voltou do almoço, encontrou Jim, Ray, Dorothy e John parados no corredor, próximos do bebedouro ao lado de seu escritório. Ele cumprimentou distraidamente com um movimento de cabeça, pediu aos garotos que entrassem,

aceitou a demo educadamente e ouviu a conversa deles, que Billy reconheceu instantaneamente e que já havia ouvido muitas vezes. Prometeu aos garotos que iria ligar, provavelmente dentro de um dia ou dois. Dois dias depois a secretária de Billy chamou Jim ao telefone. Ela disse que Billy queria vê-los em seu escritório assim que fosse possível.

– Eu disse a eles que poderia produzir seus discos se quisesse, mas que embora eu sentisse que havia talento ali, não estava certo de que conseguiria trazê-lo à tona no estúdio – recorda Billy. – Então eu soube que teria de fazer com que outro produtor da Columbia se interessasse por eles. E como previ que poderia haver problemas, o contrato que ofereci era de apenas cinco anos e meio, com seis meses de prazo inicial, durante o qual a empresa concordava em produzir um mínimo de quatro faixas e lançar um mínimo de duas. Eu não queria que eles ficassem presos em um contrato conosco por mais de seis meses, sem que nada acontecesse.

Jim não podia acreditar. Columbia. A gravadora de Dylan.

Apesar deste estímulo, a banda ameaçou desmoronar, quando um dos irmãos de Ray desistiu e o outro foi substituído. O substituto foi Robby Krieger, um guitarrista que estava na aula de meditação de John e Ray.

Aos dezenove anos, Robby era o mais novo dos quatro. Era também o mais discreto. Tinha cabelos castanhos crespos e olhos verdes distraídos que davam a ele um olhar desorientado, que alguns pensavam ser causado por drogas ou lentes de contato mal adaptadas. A imagem excêntrica era reafirmada pela forma como ele falava – hesitantemente, como se estivesse caindo no sono, suas frases terminando em um ponto de interrogação ou desaparecendo em um sussurro. Mas as aparências enganam. Atrás daquele olhar de criança atordoada havia uma mente rápida e um senso de humor sutil, herdados de seu pai, um homem modestamente rico, que aconselhava agências do governo e empresas sobre planejamento e finanças.

Como John, Robby era um nativo da Califórnia – nascido em 8 de janeiro de 1946, em Los Angeles, gêmeo não idêntico de seu irmão – ele havia ido para a “Uni” High. Mas Robby também tinha frequentado escolas de ensino médio em Pacific Palisades, um rico bairro na praia, em Los Angeles, e em Menlo Park, um luxuoso subúrbio perto de São Francisco. Passou um ano na Universidade da Califórnia, em Santa Barbara, e em seguida passou um tempo na UCLA, onde mudou de especialização pela terceira vez. Estava estudando Física quando John pediu a ele que conhecesse alguns caras que se denominavam The Doors.

– The Doors? – disse Robby, sorrindo vagamente. – Legal!

Robby e John tinham tocado juntos em um grupo chamado Psychedelic Rangers, que até aquele momento ele pensava ser um nome incomum.

Robby contou a Jim que ele tinha começado a tocar guitarra aos quinze anos, e que aos dezoito era um aspirante a Montoya ou Segovia. Mas ele mudava de estilo

musical tão frequentemente quanto trocava de escola, mudando rapidamente do flamenco para o folk, do folk para o blues e do blues para o rock. Ele gostava especialmente do pessoal do folk, disse a Jim, recordando a vez em que foi ver Joan Baez na Stanford University. Jim, é claro, começou a falar sobre Dylan. Então Robby ligou sua guitarra e casualmente tocou algo no estilo *bottleneck*. Jim tinha ouvido essa técnica em discos, mas era a primeira vez que via uma execução ao vivo. Por um tempo quis que Robby tocasse com o *slide* em todas as músicas.

As conversas sobre a banda e os ensaios continuaram, e os quatro iam ficando cada vez mais íntimos, se encontrando todos os dias – na casa de Ray, na casa de Robby, onde seus pais tinham um piano em um dos quartos, ou na casa de um amigo em Venice. Cinco dias por semana, durante toda a tarde, eles ensaiavam. Conseguiam shows ocasionais nos finais de semana – principalmente em bar mitzvahs, casamentos e festas de fraternidade –, apoiando-se em algumas poucas músicas facilmente reconhecíveis como “Louie, Louie” e “Gloria”, ocasionalmente tocando uma de suas próprias composições. Jim, ainda muito tímido e inseguro para enfrentar uma plateia, não importa quão pequena fosse, virava-se de costas para a pista de dança ou, quando ficava de frente, fechava os olhos e segurava o microfone como se este fosse a única coisa que o impedia de afundar no palco. Na verdade, nos primeiros shows do The Doors era Ray quem cantava a maior parte das músicas, com Jim pontuando os versos ao tocar uma gaita ou grunhindo “sim!” e “vamos nessa!”.

Phil Oleno tinha um emprego como gerente noturno de um supermercado, e naquelas raras tardes quando Jim não estava ensaiando, frequentemente eles matavam o tempo fumando maconha e ficando de bobeira no *campus* da UCLA, conversando com as garotas do Departamento de Artes. Uma delas era Katie Miller, um ou dois anos mais nova que Jim, que parecia um pouco com a jovem Tuesday Weld: inocente, loira, etérea.

Katie era uma garota sensível, insegura de suas capacidades, sempre prefaciando suas observações com pedidos de desculpa. Mas era sua generosidade que lhe causava mais dor. Era como se estivesse tentando ser uma mãe para os “perdidos” que conhecia na escola. Ela convidou Jim para ficar em seu apartamento sempre que quisesse e cozinhava refeições suntuosas, insistindo para que ele pegasse o carro dela quando precisasse de transporte. Às vezes Jim desaparecia com o carro durante dias, deixando Katie a pé e sem notícias. Outras vezes ficava no apartamento dela dias a fio, fazendo uma bagunça terrível e maltratando-a perversamente, castigando-a com uma língua satânica, vangloriando-se, bêbado, sobre as outras mulheres da vida dele, ameaçando rasgar com uma faca as enormes pinturas que ela havia feito na escola e que estavam penduradas nas paredes do apartamento. Ele também a tranquilizava: ela era legal, dizia, ela era linda.

– Você realmente precisa conhecer o Jim – disse ela à amiga Rosanna White,

outra estudante de artes. Rosanna tinha ouvido algumas histórias de Katie e havia ficado enojada, mas quando finalmente conheceu Jim, ele a fascinou. Às vezes ele vinha sem camisa e com o cabelo comprido, e a maneira como virava de lado sua cabeça, realçando os músculos do pescoço, faziam Rosanna pensar que ele parecia uma estátua grega ganhando vida. Ela também era dominada por sua voz, que nunca, nos seis meses em que ela o conhecia, havia aumentado além de um sussurro. Rosanna admitiu estar com medo de Jim, mas ainda assim ela ofereceu o sofá preto de seu apartamento, dando a ele um segundo lugar para se estirar quando não conseguisse voltar à praia.

O apartamento de Rosanna era tão sóbrio quanto o de Katie era exuberante. Ela vivia à base de alimentos naturais, por isso nunca havia muito para comer, e como ela não fumava maconha, não havia nenhuma das besteiras que os fumantes de maconha gostavam de comer. Até vinho ela raramente bebia, então Jim tinha que trazer o seu próprio. Ela também tinha um shampoo orgânico de que Jim gostava, e muitas vezes, quando voltava das aulas, o encontrava no banheiro, de calça jeans e com a parte de cima surrada do pijama que usava, posando em frente ao espelho, sugando as bochechas como uma modelo da revista *Vogue*, com a aparência enigmática e faminta, alisando o seu cabelo ainda úmido e despenteado.

– Jim – disse ela – por que você não penteia o cabelo?

Jim deu uma ajeitada final no cabelo e olhou para Rosanna em uma quase caricatura de sensualidade.

– Porque eu quero que ele pareça com a asa de um pássaro.

Então ele se acariciava, passando os braços à frente do peito para esfregar seus bíceps sensualmente através da fina flanela, olhando para ela com petulância.

Uma noite, não muito tempo depois de Rosanna ter conhecido Jim, ele apareceu no apartamento dela com John Densmore e Katie, que logo partiram, deixando-os a sós. Rosanna, que estava cada vez mais irritada com a vaidade e os murmúrios de Jim, decidiu falar o que pensava:

– Que merda é essa? – disse, quando Jim começou a sussurrar para ela. – Você não fala *realmente* assim. Pare com isso, agora.

Jim transformou seu sussurro em uma proposta suja, dizendo a Rosanna que o que ela realmente queria era ir para a cama com ele.

– Oh, pare com isso, Jim – disse ela, enojada. – Não seja tão fingido assim. Você está doidão o tempo todo, eu não posso me relacionar com você. Eu não posso nem falar com você agora, porque eu acho que você está chapado e você é falso. Jim, você está representando um papel.

Jim correu para a cozinha e, segundos depois, voltou com uma faca de aço de lâmina curva. De frente para ela, ele agarrou seu pulso direito e dobrou o braço de Rosanna atrás dela, torcendo-o. Sua blusa se desabotoou com o movimento, e Jim encostou a lâmina na carne macia de sua barriga.

– Você não pode dizer isso para mim – ele sussurrou. – Eu irei cortá-la e ver se você sangra.

Ele parecia estar falando sério.

Alguém entrou no apartamento. Jim virou-se e viu John Densmore, que havia voltado inesperadamente. Olhou para Rosanna e, em seguida, para baixo, vendo a faca. Ele riu.

– Ei, o que é isso? Uma faca? De onde é que isso veio?

Depois Rosanna pediu desculpas e, em seguida, Jim pediu desculpas, perguntando se ele poderia dormir no sofá dela aquela noite. Ela disse que sim.

CERTO DIA, EM NOVEMBRO, Jim ligou para Ray. Eram 8 horas da manhã e Jim estava no auge dos efeitos de um ácido. Ele queria reunir os amigos e ensaiar. Ray disse que era muito cedo. Jim insistiu, disse que se Ray não viesse imediatamente, seria o fim, para o inferno com o The Doors, ele sairia da banda. Ray disse a Jim que o veria mais tarde.

Várias horas se passaram e Jim estava na casa de Phil Oleno com Felix Venable, esperando que passassem os efeitos da droga. Eles estavam falando sobre algumas imagens de teias de aranha que tinham visto, tecidas sob a influência de ácido e mescalina. Oleno mostrou o livro – ele o pegara na biblioteca da UCLA – e abriu para mostrar as fotografias. As teias feitas por aranhas às quais havia sido dado ácido eram geométricas, e as teias feitas sob o efeito da mescalina eram arbitrárias, caóticas, ilógicas, talvez (disse Jim) insanas. Eles decidiram que deveriam pegar uma mostra de mescalina em sua forma mais pura, o cacto peiote. Isso significava dirigir até o deserto, para o Arizona.

Os três foram em direção ao leste no Chevrolet vermelho conversível e aos pedaços de Phil, que não tinha a primeira marcha nem a ré. Enquanto passavam por Hawthorne, ainda perto de Los Angeles, Jim mandou parar o carro, que deu um ruído alto de brecada, saltou, correu e beijou uma garota, correndo de volta para o carro no momento em que um carro da polícia encostou na frente do Chevrolet. A fuga fantástica de Jim não havia passado despercebida. Um policial pediu a ele sua identificação, falou com a menina e descobriu que ela tinha apenas quatorze anos.

– Qual é – disse Jim –, por que não atira logo em mim? Vamos, filho da puta, covarde maldito, atire em mim.

Misteriosamente, a polícia os deixou ir, apenas com uma advertência. A viagem para o leste foi retomada.

Dois dias depois, quando Jim e Felix voltaram sem Phil, cobertos de hematomas e cortes, as histórias começaram. Jim disse a algumas pessoas que haviam dirigido até o Arizona, encontrado alguns índios, entrado no deserto com eles para atirar um círculo de flechas em torno dos cactos peiote, porque se você puxa o arco e atira a

flecha, Jim explicou, isso quer dizer que é forte o suficiente para fazer uma boa *viagem*. E depois disso eles mascaram o peiote, e depois de tudo Phil decidiu ir para o México.

Outras pessoas ouviram uma versão diferente, que explicava os hematomas. Nesta versão Jim, Phil e Felix nunca encontraram nenhum índio, nenhum peiote; mas encontraram, em vez disso, alguns *chicanos* mal encarados que viviam perto do rio Colorado e gostavam de agredir homens de cabelo comprido.

Nada estava acontecendo com a Columbia. O contrato tinha sido assinado e houvera um jantar de comemoração na casa de Robby, mas depois disso, nada. Billy James estava achando impossível conseguir a atenção dos produtores. O The Doors continuava ensaiando, tocando em festas ocasionais e fazendo audições onde podiam.

Em dezembro, em uma exibição da escola de cinema da UCLA, que incluiu um dos exercícios da turma de Ray do ano anterior, o The Doors apareceu no palco – em sua primeira verdadeira aparição pública – improvisando uma trilha sonora com instrumentos acústicos. Depois fizeram uma audição em um bar em Westchester – que era a base dos Turtles, uma banda então popular em Los Angeles – e foram rejeitados. Eles também foram rejeitados pelo Bido Lito's, um bar pequeno, porém bacana, em Hollywood, onde o Love tinha sido a banda da casa por muito tempo. O problema, disseram a eles, era a falta de um bom som de baixo.

Eles começaram a convidar baixistas para seus ensaios, mas o som estava cheio demais, como o dos Rolling Stones (eles tocavam muitas das mesmas canções) ou de qualquer banda de blues. Eles ainda tentavam decidir se queriam mudar tanto assim a sonoridade da banda, ainda fazendo audições em bares sem um baixista quando, no início de janeiro, foi oferecido a eles um trabalho como banda da casa no London Fog, um pequeno club na Sunset Strip, a menos de 45 metros da Whiskey a Go Go, cujo proprietário tinha o inacreditável nome de Jesse James. O The Doors viu o banner ser colocado do lado de fora: "Doors – Banda de Venice", e ficaram em êxtase. Na primeira noite em que eles tocaram, nem uma só pessoa entrou no bar.

Foto de divulgação, 1968. (Paul Ferrara)

As condições do proprietário eram tão mesquinhas que parecia que ele estava tentando se vingar por eles terem enchido a casa de amigos da UCLA na noite em que fizeram o teste. Uma vez que o London Fog era um bar não sindicalizado, como o Bido Lito's, os músicos contratados não tinham que pertencer ao sindicato dos músicos, e o bar não tinha que pagar o mínimo decretado pelo sindicato. O The Doors tocava das 9h às 2h, cinco sets por noite, com quinze minutos de intervalo a cada hora, seis noites por semana. Para isso, eles recebiam 5 dólares cada um durante a semana e 10 dólares cada um às sextas-feiras e sábados. Em dinheiro, no final da noite – se o proprietário tivesse.

A proximidade com o Whiskey não ajudou em nada a aumentar ou construir o primeiro público do The Doors. Apesar de seu nome moderno, o London Fog era frequentado em sua maioria por marinheiros, marginais, cafetões, prostitutas e tipos mafiosos usando ternos pretos, às vezes por algum turista ocasional também. Todos estavam procurando por algum agito que, claramente, estava em outro lugar.

Entre os sets, os componentes do The Doors se revezavam em idas até o Whiskey, onde podiam ficar na entrada e ver as atrações da noite, na esperança de um dia serem, como disse Jim depois, "tão grandes quanto o Love", à época a banda *underground* mais popular de Los Angeles.

Ainda assim, esse trabalho os encorajou e deu-lhes a oportunidade de construir confiança enquanto poliam seu material original. A princípio Jim continuava tentando tocar gaita ou atirava-se nos teclados, enquanto Ray tocava flauta. Mas, quando começou a concentrar-se mais em sua performance visual, ele desistiu de tentar tocar um instrumento. Ray descobriu o Fender Bass Keyboard, um instrumento que ele podia tocar com a mão esquerda para fazer o som do baixo, enquanto continuava a fazer acordes e solos com a mão direita em seu órgão Vox que a Columbia Records havia comprado para ele. O dilema do baixo estava resolvido.

Em fevereiro a banda tinha nada menos do que quarenta canções em seu

repertório, sendo 25 originais, incluindo “The End”, que no início de 1966 não era mais do que uma canção muito bem escrita sobre o amor que acaba:

> É o fim, amiga querida.
> É o fim, minha única amiga.
> Dos planos que elaboramos. O fim,
> de tudo o que era firme, o fim
> Nenhuma segurança ou surpresa, o fim
> Nunca mais a olharei nos olhos[20]

Com exceção de “Alabama Song”, tirada de um musical de Brecht-Weill sobre a glória e a degradação da Alemanha nazista de antes da guerra intitulado *Ascensão e queda da cidade de Mahagonny*, as canções que a banda tocava eram velhos clássicos do blues ou sucessos reconhecidos do rock, como “Money”, “Back Door Man”, “Gloria” e “Louie, Louie”. Jim já estava cantando quase todas elas.

À medida que as semanas se passavam, Jim ganhava autoconfiança. Ele não achava que tinha muita voz:

– Eu não canto, eu grito – ele dizia às pessoas. Mas sabia que estava melhorando muito. Enquanto a banda se soltava, ele fazia uma virada dramática com um lenço preto, envolvendo-o no microfone e passando-o sensualmente em seu rosto.

O mais importante para o The Doors era o crescente sentimento de “unidade”. Depois de ensaiar todos os dias, e agora tocando juntos em público, os três músicos e o cantor conheciam a música uns dos outros intimamente, e estavam ficando muito bons. O órgão Flash Gordon assertivo e vagamente eclesiástico de Ray; a bateria jazzística de John, pontuando perfeitamente as letras de Jim; o dedilhar sutil e aparentemente espontâneo de blues e flamenco de Robby; a voz ligeiramente rouca, irregular, mas sensual de tenor/barítono de Jim – tudo se juntava em um estilo que havia sido apenas insinuado no disco demo. Em boa parte do show Jim ainda ficava de costas para o público, de frente para a banda, assumindo a posição que ficava nos ensaios, quando, segundo Ray, eles se voltavam para dentro, para “direcionar nossas energias uns para os outros”. Com a ajuda do LSD, Ray disse, o The Doors desenvolveu sua “mente comunal”. A maioria dos músicos que tocam juntos por um tempo, e que respeitam a musicalidade um do outro, sente uma proximidade que os não músicos e os não cantores não podem compreender.

– Sim – diz Ray –, havia isso. Mas também havia uma *intensidade* incomum.

Eles tinham um acordo de parceria incomum, em que tudo deveria ser dividido igualmente. Jim estava escrevendo quase todas as músicas, mas quando eles gravassem, disse ele, o The Doors seria listado como compositor, e os royalties e todas as outras rendas seriam divididas igualmente em quatro partes. Todas as decisões criativas seriam feitas não pela regra da maioria mas pelo voto unânime.

JIM COMEÇOU A LEVAR suas drogas para o palco, às vezes internamente: olhos

dilatados, percepção sensorial distorcida e intensificada, ego fragmentado; outras vezes nos bolsos: sacando um amy[21] tão logo Ray começasse um solo de órgão, e estourando-o abaixo de seu nariz. Certa vez, ele estorou *amies* para todos quando eles começaram a tocar "Little Red Rooster" e, quando chegaram à parte da letra que dizia "os cachorros começaram a latir e os cães começaram a uivar"[22], Ray começou a latir, John começou a uivar e Jim caiu do palco. Outra noite, muito bêbado, Jim fez um estranho tipo de grosseria adolescente, improvisando novas letras para "Gloria", acrescentando: "e então ela goza no meu chão / ela goza na minha cama / ela goza na minha boca..."[23]

Jim ainda estava sem endereço fixo, indo de um sofá para uma cama, depois para outro sofá e assim por diante. Pamela era sua garota número um, mas ele não era monogâmico. Eles conversaram sobre conseguir um apartamento no Laurel Canyon, mas na época ele estava passando suas noites por toda a zona oeste de Los Angeles. Ainda não tinha um carro e dependia do antigo Volkswagen amarelo de Ray ou do Singer Gazelle de John. Quando tinham fome, o The Doors ia em peso para a casa de John, sendo a mãe dele a de coração mais mole entre as três disponíveis.

Em abril os rapazes estavam com muito medo. Eles continuavam sem dinheiro. Quarenta dólares não era suficiente para que vivessem, e frequentemente não conseguiam nem isso. John havia recebido uma proposta para tocar em outra banda. John e Robby foram presos por posse de maconha e Jim, que havia conseguido ilegalmente um adiamento militar como estudante no verão anterior, foi reclassificado com 1-A e lhe mandaram se apresentar para um novo exame médico em maio. Finalmente, a Columbia os colocou na "lista negra", a lista de bandas cujos contratos possivelmente seriam cancelados.

Um dos produtores da Columbia, Larry Marks, foi ao London Fog uma noite e se apresentou como o produtor deles, mas eles nunca mais o viram. E nem tiveram mais notícias de Billy James. Foi John quem conseguiu ver o nome do The Doors na "lista negra" na mesa de Billy. Eles pediram para serem liberados do contrato imediatamente.

– Aguentem mais um pouco – disse Billy. – Vocês ganharão milhares de dólares se ao final destes seis meses as músicas não forem gravadas.

Eles negaram. Billy suspirou e ligou para alguém do departamento jurídico. O The Doors estava legalmente livre.

Poucos dias depois, o dono da London Fog liberou totalmente o The Doors. Demitiu-os.

A SORTE DO GRUPO MUDOU EM MAIO.

Primeiro, Jim adulterou sua pressão arterial, sua glicemia, seus batimentos cardíacos, sua respiração, sua visão e sua fala com uma vasta e abundante variedade de drogas, foi para o centro de recrutamento do exército para seu exame

médico, disse aos médicos que era homossexual e que se eles o aprovassem se arrependeriam amargamente. Ele foi recusado para servir. Então, na última noite da banda no London Fog, a responsável pela agenda do Whiskey a Go Go apareceu para perguntar se eles estariam disponíveis para tocar na segunda-feira à noite. Apenas uma noite, disse a bela morena chamada Ronnie Haran, mas os proprietários estariam assistindo ao show.

– Eu já falei muito bem de vocês – disse ela a Jim – e estamos procurando um grupo para ser a banda da casa.

Se a experiência se transformasse em um trabalho regular, disse ela, significaria dois sets por noite – em comparação com os quatro ou cinco sets no Fog –, e um cachê de, pela tabela do sindicato, 499,50 dólares para os quatro. Jim e os outros três responderam tranquilamente, mas por dentro estavam explodindo de alívio.

– Sim – disse Jim – acho que nós podemos fazer isso. Segunda-feira, certo? Ei, isso já é amanhã. Um pouco em cima da hora, não é?

O homem que tomava as decisões e que era sócio tanto do PJ (um inferninho próximo da Strip) quanto do Whiskey a Go Go era um ex-policial de Chicago de trinta e tantos anos que tinha o cartunesco nome de Elmer Valentine. Ronnie Haran, que havia conhecido Elmer quando ela ainda era uma estrela principiante que ia às noites no PJ, estava fazendo a divulgação de ambos os bares e procurava novas atrações. Ela também fez a divulgação do cantor escocês Donovan em 1966 e, quando ela estava à procura de um fotógrafo, alguém sugeriu Paul Ferrara, que havia cursado a UCLA com Jim, e ele dissera a Ronnie que ela deveria ver a banda no Fog. Ele não foi o primeiro nem o último a falar sobre o The Doors com ela, e como ela confiava muito no que ouvia nas ruas – mais do que confiava naquilo que seus “gerentes” diziam –, ela finalmente fez uma visita ao Fog.

Elmer admite que Ronnie Haran implorou a ele para que agendasse com o The Doors uma segunda chance, porque na primeira ele os odiou completamente. Disse-lhe que achava Jim um amador sem potencial que fingia uma postura descolada para disfarçar sua falta de talento. Também achava que Jim era muito boca suja. Mas Elmer gostava de Ronnie, então concordou em agendar o The Doors para mais duas noites.

O The Doors permaneceu no Whiskey do meio de maio até o meio de julho, período no qual eles eram demitidos pelo menos uma vez por semana por enfurecer os proprietários. Embora quisessem impressionar favoravelmente as atrações principais do bar – Rascals, Paul Butterfield Blues Band, Animals, Beau Brummels, Them, Buffalo Springfield, Captain Beefheart –, eles também queriam “forçá-los a sair do palco”, fazendo com que o sócio de Elmer, Phil Tanzini, gritasse: “Alto demais! Alto demais! Vou tirá-los do palco na frente de todos! Abaixem o volume, abaixem o volume!”. Como vingança, cada vez que a banda tocava “Unhappy Girl”, Ray se inclinava sobre a nota mais aguda, até que o órgão, e Tanzini, gritassem. As palhaçadas de Jim agravavam a situação. Ele às vezes ficava tão alterado pela

bebida ou pelas drogas que simplesmente não aparecia. Pior, às vezes ele pulava para o palco entre os sets, gritando: “Foda-se o Elmer! Foda-se o Whiskey! Foda-se o Phil!”.

Sempre que o The Doors era despedido, Ronnie Haran ligava para uma garota de quatorze anos de Beverly Hills que àquela época era uma das maiores fãs do The Doors – ela podia ficar na bilheteria, mas não podia entrar –, e que telefonava para todas as suas amigas, que por sua vez ligavam para o Whiskey perguntando quando o The Doors tocaria de novo. Elmer dava muita importância às ligações para o bar, usando-as da mesma forma que Ronnie utilizava a conversa nas ruas, para saber do que o público gostava.

– Era sempre a mesma coisa – diz Elmer, que até hoje não sabe que era, ao menos parcialmente, enganado. – As garotas, todas as garotas, todas perguntavam: “Será que aquele tarado filho da puta de calça preta vai tocar hoje?”. Bom, eu não sou bobo nem nada, então eu continuei chamando-os como segunda banda.

Na rua, o que se dizia era:

– Você precisa ver o The Doors no Whiskey, o cantor é *louco*.

A imagem do The Doors era escancaradamente sexual – um cantor muito magro esfregando sua virilha contra um pedestal de microfone –, mas era também intelectual.

A galeria de grotescos nas letras de Jim fascinava os admiradores sessentões da banda. Canções como “When the Music’s Over” eram um misto de melancólicas, ofensivas, consoladoras, exigentes e suplicantes, mas acima de tudo eram frustrantes.

O set do The Doors era bem instável. Não eram raras as vezes em que eles gastavam cinco minutos entre as músicas tentando decidir o que tocariam a seguir.

– Que tal “Crystal Ship”? – Jim perguntava.

– Não, acho que não – Ray dizia – Não estou a fim dessa.

John sugeria uma música que dava a Robby um longo solo e Robby sacudia a cabeça negativamente.

– When the Music’s Over? – perguntava Jim.

Ray parecia contemplativo, formava em sua boca um sorriso sem mostrar os dentes, tipo Henry Fonda, e concordava. John dizia que tudo bem e Robby dizia que sim. Era unânime. A política do The Doors.

“When the Music’s Over” era um número de improvisação que levava 11 minutos ou mais, dependendo da duração dos intervalos instrumentais e os pedaços de poesia que Jim incluía. De muitas maneiras, esta era a clássica música do The Doors:
um estilo altamente dramático que fazia com que a banda fosse vista tanto em termos teatrais quanto musicais.

A música começava com o riff de um órgão saltitante e Jim implorando, quase em voz baixa, "*Yay ... c'moan*". Então John Densmore começava a girar os braços exageradamente, acrescentando uma alta batida metronômica, e de repente, surpreendendo a todos, Jim pulava direto no ar, com seu microfone, e gritava: "*Yeeeaahhhh*!" O órgão levava a linha melódica, Robby pontuava e Jim cantarolava um lamento fatalista:

Quando a música terminar
Quando a música terminar
Quando a música terminar
Apague as luzes
Apague as luzes
Apague as luzes[24]

E então, mais violentamente:

Porque a música é sua amiga especial[25]

E ainda mais agressivamente, quase em um grito:

Dance em fogo, como ela pede[26]

E então, um consolo (e um aviso):

A música é a sua única amiga[27]

A bateria rufava.

Até o fim
Até o fim
Até o fim[28]

Aqui Robby fazia uma guitarra de resposta/enlouquecedora/psicodélica, John batia nos pratos, Ray sustentava notas penetrantes no órgão, e, no meio desta cacofonia, Jim se contorcia no chão, segurando o microfone de encontro ao peito, batendo as pernas, assumindo alternadamente uma posição fetal e, em seguida, ficando perfeitamente rígido. A música ficava mais lenta, os músicos se recompunham. Jim ficava de pé novamente.

Cancele minha inscrição para a ressurreição
Envie minhas credenciais para a casa de detenção
Eu tenho alguns amigos lá dentro
O rosto no espelho não vai parar
A garota na janela não vai cair
Uma festa de amigos
Com vida, ela gritou
Esperando por mim

Lá fora[29]

A última palavra era outro grito. A música se tornava hipnótica:

Antes de mergulhar no grande sono
Eu quero ouvir
Eu quero ouvir
O grito da borboleta
Volte, querida
Volte para os meus braços[30]

Certa impaciência aparecia na voz de Jim, insinuando violência:

Estamos ficando cansados de andar por aí
Esperando por aí com nossas cabeças no chão[31]

A voz abandonava a violência, tornava-se tão hipnótica quanto a música:

Eu ouço um som muito delicado
Muito perto, embora muito longe;
Muito suave, sim, muito claro;
Venha hoje, venha hoje[32]

Um clima de tristeza era criado, se transformando em raiva:

O que eles fizeram à Terra?
O que eles fizeram à nossa irmã gentil?
A devastaram e saquearam e roubaram e morderam,
Prenderam-na com facas nos flancos da aurora,
E a amarraram com cercas e a arrastaram[33]

Havia apenas o rítmico batimento cardíaco do órgão de Ray: duas notas, bum-bump, com a intervenção apocalíptica da bateria. Bum-bump. Bum-bump.

Eu ouço um som muito delicado
Com seu ouvido... no chão[34]

O rosto de Jim estava próximo ao microfone, preso quase amorosamente em sua mão esquerda, enquanto a mão direita cobria seu ouvido. Sua perna direita estava à frente, com o joelho flexionado, seu pé segurando o pedestal do microfone. A perna esquerda estava rígida, equilibrada.

Queremos o mundo e o queremos...
Queremos o mundo e o queremos...[35]

Um rufar de tambores. E:

Agora

Agora?[36]

O rufar de tambores terminava. Ele pulava. Ele gritava:

Agoraaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaa!

O órgão voltava, em completo frenesi:

Noite persa;
Veja a luz,
Salve-nos, Jesus, salve-nos!
Então, quando a música acabar,
Apague as luzes.
A música é a sua amiga especial
Dance em fogo, como ela pede
A música é sua única amiga
Até o fim
Até o fim
Até
O FIM![37]

Mesmo as dançarinas, que já tinham visto todo mundo fazer tudo duas vezes, ficavam sentadas, hipnotizadas.

11. “Hello, I love you / Won’t you tell me your name? / Hello, I love you / Let me jump in your game.”
12. “Sidewalk crouches at her feet / Like a dog that begs for something sweet / Do you hope to make her see, you fool? / Do you hope to pluck this dusky jewel?”
13. “Take the highway to the end of the night.”
14. “Gazing on a city under television skyes...”
15. “Faces look ugly when you’re alone.”
16. “Your fingers weave quick minarets / Speaking secret alphabets / I light another cigarette / Learn to forget, learn to forget.”
17. “Once I had a little game / I liked to crawl back in my brain / I think you know the game I mean / I mean the game called go insane”.
18. “Come on, baby, gonna take a little ride / Down, down to the ocean side / If we go, get real tight / Baby gonna *drown* tonight / Go down, down, down, down...”
19. “Let’s swim to the moon / uh huh / Let’s climb through the tide / Penetrate the evenin’ that the /City sleeps to hide.”
20. “This is the end, beautiful friend/This is the end, my only friend/of our elaborate plans. The end,/of everything that stands, the end/No safety or surprise, the end/I’ll never look into your eyes again.”
21. Nitrato de amila.
22. “the dogs began to bark and the hounds began to howl (...)”
23. “and then she come on my floor / she come on my bed / she come in my mouth...”
24. “When the music’s over / When the music’s over / When the music’s over / Turn out the lights / Turn out the lights / Turn out the lights.”
25. “For the music is your special friend.”
26. “Dance on fire as it intends.”

27. “Music is your only friend.”

28. “Until the end / Until the end / Until the end.”

29. “Cancel my subscription to the resurrection / Send my credentials to the house of detention / I got some friends inside / The face in the mirror won’t stop / The girl in the window won’t drop / A feast of friends alive she cried / Waiting for me / Outside.”

30. “Before I sink into the big sleep / I want to hear / I want to hear / The scream of the butterfly / Come back baby / Back into my arms.”

31. “We’re gettin’ tired of hangin’ around / Waitin’ around with our heads to the ground.”

32. “I hear a very gentle sound / Very near yet very far;/ Very soft, yeah, very clear; / Come today, come today.”

33. “What have they done to the Earth? / What have they done to our fair sister? Ravaged and plundered and ripped her and bit her, / Stuck her with knives in the side of the dawn, / And tied her with fences and dragged her down.”

34. “I hear a very gentle sound / With your ear... down to the ground.”

35. “We want the world and we want it... / We want the world and we want it...”

36. “Now / Now?”

37. “Persian night; /See the light, / Save us, Jesus, save us! / So when the music’s over, / Turn out the lights. / The music is your special friend /Dance on fire as it intends / Music is your only friend / Until the end / Until the end / Until / THE END!”

CAPÍTULO QUATRO

QUANDO FICOU EVIDENTE que o The Doors continuaria no Whiskey por um tempo – eles pararam de levar as demissões a sério depois das duas primeiras semanas –, os quatro se mudaram. John e Robby finalmente saíram da casa dos pais para dividir um pequeno lugar em Laurel Canyon e tentar encontrar outros trabalhos para a banda. Ray e Dorothy alugaram um apartamento em frente à praia, que tinha apenas um quarto e aproximadamente 18 metros de comprimento, perfeito para ensaiar. Jim se mudou para a casa de Ronnie Haran, um pequeno apartamento que custava 75 dólares por mês, a poucas quadras do Whiskey, e foi ali que ela começou a falar sobre fazer um contrato para o que chamou de "gerenciamento promocional". Ela também começou a ligar para as gravadoras, convidando representantes para que assistissem ao que ela chamava de "Rolling Stones dos Estados Unidos". Poucos realmente vieram. O produtor dos Beach Boys, Nick Venet, não gostou nem um pouco deles. Lou Adler, que já produzia o Mamas and Papas, continuou tão indiferente como quando Jim e Ray deram a ele o demo da banda, nove meses antes. Alguns produtores dos Rolling Stones assistiram quando estavam de passagem pela cidade; eles também não ficaram impressionados. Nem o ficou Jac Holzman, o apaixonado por eletrônica e produtor de música folk de 36 anos que era o fundador e presidente da Elektra Records. A Elektra era então uma pequena gravadora que fazia suas primeiras incursões no mercado do rock com o Love. Ao sair do Whiskey naquela primeira noite, em meados de junho, Jac declarou:

– Este grupo não tem o que é preciso ter.

Holzman foi persuadido a ver mais uma vez o The Doors, por Ronnie, é claro, mas também por Arthur Lee, líder do Love. Então ele voltou e decidiu que *havia* algo atraente na maneira de Ray tocar órgão. Na quarta visita, ele se viu fazendo sua jogada, oferecendo ao The Doors um contrato. Ele os queria por um ano, disse ele, com a possibilidade de mais dois anos, ou até que tivessem lançado seis álbuns – o que demorasse mais. Em troca, o The Doors ganharia 2500 dólares como adiantamento por futuros royalties de 5% da receita bruta da venda dos discos.

A jogada de Jac enfatizava as duas características mais óbvias da Elektra: a sinceridade e seu tamanho. Jac queria que ficasse claro que a Elektra era um negócio pequeno, cuja modesta mas organizada operação era sempre acessível. Os artistas da Elektra, disse ele, tinha acesso fácil e imediato a qualquer pessoa na empresa... E com tão poucos artistas contratados (em comparação com a Columbia, por exemplo), a equipe poderia se dedicar mais diretamente à promoção de todo o material.

Parecia bom. Houve um momento em que o The Doors apenas queria ser tão grande quanto o Love. Agora eles queriam mais, e talvez uma pequena gravadora

pudesse fazer isso. Além disso, esta era a única proposta de uma companhia que haviam recebido. Eles estavam cautelosos a respeito de contratos desde a experiência com a Columbia, mas também estavam ansiosos para gravar. Eles disseram a Jac que gostariam de pensar a respeito, e Jac voou de volta para Nova York.

A primeira pessoa a quem mostraram o contrato foi Billy James, o amigo deles da Columbia. Ele disse que não estava em posição de avaliá-lo com justiça, porque estava prestes a sair da Columbia para abrir um escritório da Elektra na Costa Oeste. Se eles decidissem ficar na Elektra, Billy prometeu fazer todo o possível para conseguir tudo o que eles queriam. E então Billy sugeriu que conseguissem um advogado que pudesse dar conselhos significantes.

Quando foram à Ronnie Haran com o contrato, ela os levou até seu advogado, Al Schlesinger, que prometeu representá-los com a ressalva de que, no caso de um conflito com Ronnie, ele ficaria do lado de Ronnie. Isso os deixou nervosos, então Robby conversou com seu pai, que servia como consultor de negócios interino para a banda, e ele os mandou para o seu advogado, um elegante consultor de cabelos brancos de Beverly Hills, com outro nome maravilhosamente cartunesco: Max Fink.

Durante o tempo em que Max negociou com Holzman, Jim deu a impressão de estar incomumente tenso. Ele tinha passado por duas semanas de intensa bebebedeira quando a banda britânica Them tocara como banda principal no Whiskey, pois o cantor e compositor do grupo não só tinha o mesmo sobrenome de Jim, mas também muitos dos mesmos hábitos. Jim e Van se convenceram de que eram parentes e beberam em comemoração a isso.

Isso foi seguido por um período de consumo de drogas mais intenso do que o habitual. Quase todos os dias Ronnie o via tomar ácido e, certa vez, ela jura tê-lo visto fumar aproximadamente 170 gramas de maconha em um só dia, algo que ele conseguiu fazer ficando acordado metade da noite, fumando sem parar cigarros grossos como um dedo indicador. O pequeno apartamento estava sempre cheio de sementes e folhas secas de *marijuana*, e Ronnie ficava furiosa. Jim a ignorava, dizendo que desde que Robby e John haviam sido presos, eles estavam paranoicos em relação a drogas e ficavam no pé dele para que diminuísse.

– Só porque eles fazem meditação...

Ele não terminava a frase. Jim não estava pronto para a meditação, mas tinha ido a uma das palestras do Maharishi para olhar em seus olhos e ver se ele era feliz. Jim chegou à conclusão de que era, e dedicou uma música a ele, “Take it as it Comes”:

> Vá bem devagar / Você vai gostar cada vez mais / Aceite como vier / Especialize-se em se divertir[38]

Mas ele não estava disposto a assumir a disciplina da meditação.

NESTE MOMENTO O THE DOORS estava enchendo o Whiskey com seus próprios fãs devotados. Certa noite, Jim não apareceu para o primeiro set, então Ray, Robbie e John tocaram sem ele, com Ray fazendo todos os vocais. Robby voltou para o vestiário depois, enquanto John e Ray foram correndo até o Tropicana, onde esperavam encontrar Jim.

Durante o trajeto de dez minutos, Ray e John falaram sobre Jim e drogas. John estava visivelmente chateado, beirando a raiva. Ray estava mais calmo.

– Você está com a *impressão* de que Jim está tomando drogas demais porque diminuiu muito o uso – disse ele.

– Ah, é? Bem, eu nunca tomei ácido mais do que uma vez por semana – disse John –, e Jim toma dia sim, dia não, pelo menos.

Eles estacionaram o carro perto do quarto de Jim.

John admite que nunca o entendeu.

"Ele realmente queria sair de si, ir totalmente até o extremo, o mais longe possível, sempre. Descobrir! Eu nunca entendi, porque eu vinha da concepção indiana da metafísica, o lado brilhante, seja qual for. Ele gostava de Nietzsche, e 'o-que-tudo-isso-significa', e toda a exploração existencial."

Ray suspirou ao atravessar o estacionamento, indo em direção ao quarto de Jim – que custava oito dólares por dia. Murmurou uma frase de uma canção:

– Atravesse para o outro lado...[39]

John e Ray chegaram à porta do quarto de Jim. Bateram. Não houve resposta, mas eles pensaram ter ouvido um movimento.

– Jim? Vamos, cara, aqui é o Ray e o John.

Finalmente Jim abriu a porta.

Jim olhou para os dois.

– Dez mil miligramas – foi tudo o que ele disse.

Ray riu. Ele não acreditava que aquilo fosse possível. Uma dose normal de LSD variava entre 350 e 500.

– Vamos lá, vamos ver o que acontece. Você já perdeu o primeiro set. Vamos dar a Tanzini alguma coisa para ficar na memória.

Jim voltou correndo para seu quarto, balançando a cabeça.

– Não, cara, não. Aqui... – Ele abriu uma gaveta da cômoda. – Aqui, tome estes.

Jim pegou dois punhados de LSD, em pequenos frascos roxos, oferecendo-os a John e Ray. Ray notou que havia um tijolo de maconha na gaveta, também. Um quilo inteiro.

O segundo set foi um desastre, mas quando o The Doors estava chegando aos 40 minutos finais, Jim ficou razoavelmente coerente.

– Nós faremos “The End” neste set – disse ele, balançando a cabeça como se estivesse preocupado.

“The End” era o trabalho mais memorável do The Doors – ou seria, após esta performance. Encarnava o conceito de rock--teatro mais do que “When the Music’s Over”. Começara como uma simples canção de despedida de dois versos, mas naquele momento estava com a duração de 12 minutos, com Jim inserindo e retirando novos trechos de poesia em quase todas as apresentações. Naquela noite, Jim tinha uma nova surpresa.

Ray Manzarek, Jim Morrison, Robby Krieger e John Densmore. (Elektra Records)

USANDO CALÇAS *CHINO* ESCURAS e camiseta, com seus cabelos ondulados na altura do pescoço, seu rosto de Botticelli com a barba por fazer, ele se escondia por entre a cinética de luz e sombra da pista de dança do Whiskey a Go Go. Parou e ficou observando as meninas nas gaiolas de vidro. No chão estavam Vito e seus arlequins loucos por música em rendas transparentes, que eram conhecidos por escolher as novas bandas da moda. Eles haviam descoberto o The Byrds no Ciro’s, depois o Love no Bido Lito’s, depois se tornaram membros do Mothers’ Auxiliary de Frank Zappa. Vito e sua comitiva entravam de graça no Whiskey nas noites de semana, pois em qualquer lugar que Vito fosse iam também os clientes pagantes, logo atrás.

Jim caminhou, de um modo largado, em direção ao palco, olhos semicerrados, cabeça caída de lado. Viu John, Robby e Ray a postos, então se juntou a eles, ficando próximo ao órgão de Ray. Ouviram-se os sons discordantes de aquecimento, seguidos pelo silêncio, Jim e os músicos permanecendo na escuridão.

A pista de dança ficou imóvel.

Jim se pendurou no pedestal do microfone como se fosse uma camisa, sua cabeça inclinada para trás, seus olhos fechados, uma das mãos segurando o microfone, a outra cobrindo uma orelha. Ele colocou um pé, que calçava uma bota, na base do pedestal do microfone e começou a recitar como se fosse um lamento.

Este é o fim, amiga querida
Este é o fim, minha única amiga, o fim
dos planos que elaboramos. O fim,
de tudo o que era firme, o fim.
Nenhuma segurança ou surpresa, o fim
Nunca mais a olharei nos olhos.
Você consegue imaginar como será,
tão sem limites e livre
desesperadamente necessitado
da mão de algum estranho
em uma terra desesperada[40]

O acompanhamento musical era tão hipnótico quanto a voz melancólica e ameaçadora de Jim. Havia a pulsação do órgão de Ray, as repentinas ejaculações da bateria de John, as excursões como cítara da guitarra de Robby.

Perdido em uma imensidão romana de dor,
e todas as crianças estão loucas
à espera da chuva de verão – yahyyyyyeh[41]

A enunciação de Jim era cuidadosa. Ele fazia pausas entre as sílabas, da mesma forma como fazia quando falava, como se estivesse escolhendo as palavras e as frases cuidadosamente, como um cirurgião manuseando um bisturi. Havia em sua recitação e na música uma sensação de retenção, um aviso, antecipação, medo.

Há perigo nos limites da cidade
Vá pela estrada do Rei, baby
Cenas estranhas dentro da mina de ouro;
Vá pela estrada do oeste, baby[42]

A pista de dança do Whiskey estava imóvel, repleta de corpos parados, olhando para Jim, que não havia se movido desde o início da música. Até mesmo o bar estava estático. Em nenhuma parte do clube havia qualquer conversa. Até as garçonetes estavam hipnotizadas pela figura no palco.

Monte a serpente
Monte a serpente, até o lago,
O antigo lago
A serpente é looooooooonga... sete milhas;
Monte a serpente
Ela é velha... e sua pele é fria
O oeste é o melhor
O oeste é o melhoooor
Venha até aqui e nós faremos o resto
O ôôônibus azul... está nos chamando
O ôôôôônibus azuuuuuul... está nos chamando
Motorista, para onde você está nos levando?[43]

Jim abriu um pouco os olhos, como se estivesse espiando o público, e então os fechou novamente, enquanto os sons assustadores dos outros três Doors formavam uma pano de fundo misterioso.

Os olhos de Jim se abriram. Ele tirou o microfone do pedestal e fulminou a plateia, com as pernas firmes, recitando os doze versos que completavam a canção em sua versão final e, em menos tempo do que leva para contar a história, foi impulsionado à mitologia pop contemporânea.

O assassino acordou antes do amanhecer,
Ele colocou suas botas,
Ele pegou um rosto da antiga galeria
E andou pelo corredor.
Ele entrou no quarto onde sua irmã vivia eeee...
Então ele fez uma visita ao seu irmão,
E então ele... andou pelo corredor.
E chegou a uma poooorta,
E olhou para deeeentro,
“Pai?”
“Sim, filho?”
“Eu quero te matar. Mãe... Eu quero
FODEEEEEEER VOCÊÊÊÊÊÊÊ!”[44]

A voz de Jim se elevou em um grito primal, fazendo o som de metros e metros de seda sendo rasgados por unhas quebradas. Atrás dele, os instrumentos berravam e gritavam. Nem John, nem Robby, nem Ray haviam ouvido esta letra antes, mas eles não ficaram tão assustados a ponto de não continuar seu acompanhamento instrumental improvisado.

Quando ouviu Jim dizer alguma coisa sobre foder a mãe, todo o sangue do rosto de Phil Tanzini desapareceu e seu coração acelerou.

– Esta é a última vez – rosnou. – Nunca, *jamais*, o The Doors entrará novamente no Whiskey. Nem mesmo se pagarem para entrar.

Jim ainda estava cantando, com os olhos fechados.

Vamos lá, baby, dê uma chance para nós,
Vamos lá, baby, dê uma chance para nós,
E me encontre no fundo do ônibus azul
Vamos, yayehhhh[45]

A banda começou a correr como um trem, indo em direção ao final estremecedor e primal, com Jim gemendo sensualmente. Então, voltando à mesma abertura misteriosa, Jim cantou o que originalmente era a segunda estrofe da canção.

Este é o fim, beeeelooo amigo
Este é o fim, meu único amigo,
Dói te libertar, mas você nunca me seguirá,
O fim das risadas e das pequenas mentiras,

Este é o fim, beeelooo amigo
Este é o fim, meu único amigo,
Dói te libertar, mas você nunca me seguirá,
O fim das risadas e das pequenas mentiras,
O fim das noites em que tentamos morrer
Este
é
o
fiiiiiiiiiim[46]

Lentamente, aqueles que estavam na pista de dança voltaram para suas mesas ou para o bar, as garçonetes começaram a receber os pedidos de bebidas e as pessoas voltaram a conversar.

Phil Tanzini estava esperando no andar de cima, no camarim, quando os integrantes do The Doors entraram.

– Você... – gritou para Jim, que entrava, cambaleante, no recinto – ... é um filho da puta desbocado, e está demitido! Todos vocês! Fora! E não voltem mais!

Os Doors sabiam que daquela vez ele estava falando sério.

– FODER A MÃE, MATAR O PAI, foder a mãe, matar o pai, foder a mãe, matar o pai...

Como um mantra, as palavras preenchiam o mal iluminado estúdio de gravação. Havia outros sons – a afinação dos instrumentos, o arranhar e estalar dos microfones sendo ajustados, a voz que saía da sala de controle e dava instruções no PA – mas todos os ouvidos escutavam o suave, repetitivo e irritante canto de Jim Morrison, que se encostava próximo à bateria.

– Foder a mãe, matar o pai, foder a mãe...

A inspiração veio de *O nascimento da tragédia*, de Nietzsche:

– Édipo, o assassino de seu pai, marido de sua mãe, solucionador do enigma da Esfinge! – disse Jim. – Você realmente pode se convencer disso apenas repetindo este lema sem parar.

– Foder a mãe, matar o pai, foder a mãe...

Sófocles tinha uma ideia romântica sobre Édipo, uma visão sobre a qual Nietzsche escreveu. Ele chamava Édipo de “a figura mais triste do palco grego... O tipo de homem nobre que, apesar de sua sabedoria, é levado ao erro e à desgraça mas que, no entanto, através de seus inacreditáveis sofrimentos, em última análise exerce um efeito mágico e curador sobre todos à sua volta, e este efeito persiste mesmo após sua morte”.

Jim gostava daquilo.

– Foder a mãe, matar o pai, foder a mãe...

– Ok, eu acho que agora estamos prontos – a voz de Paul Rothchild saía da sala de controle. Jim não parou, então ele insistiu. – Jim, eu acho que estamos prontos agora.

Paul era o produtor que a Elektra havia designado para o The Doors. Ele era baixo e atarracado, cerca de sete centímetros mais baixo que Jim, e seu estranho cabelo loiro estava curto por que recentemente havia passado oito meses na prisão por tráfico de maconha. Paul tinha trinta anos de idade, filho de uma cantora de ópera e de um empresário inglês intelectual, e havia crescido nos moldes liberais e excêntricos do Greenwich Village. Jac Holzman o levara para Los Angeles para que ouvisse o The Doors no Whiskey em julho, e as gravações haviam começado depois do Dia do Trabalho[47].

Rothchild e os Doors escolheram as músicas que funcionavam melhor no show, para fazer o que Paul chamou de "documentário aural". Um baixista contratado foi chamado em duas canções, e numa terceira os Doors se levantaram e bateram os pés, para gravar uma faixa só de ritmo, mas praticamente tudo foi feito como se o descolado estúdio Sunset Sound fosse uma boate. Apesar da falta de familiaridade com estúdios e técnicas de gravação, os Doors se sentiram à vontade, e as primeiras músicas foram finalizadas em apenas dois ou três *takes* cada uma. Depois veio a música que iria preencher mais da metade de um lado do álbum, o drama épico edipiano "The End".

– Foder a mãe, matar o pai, foder a mãe...

Paul estava ficando impaciente.

– Jim...

Jim estava chapado e, quando se levantou, pesadamente – seu canto edipiano finalmente desaparecendo –, seus olhos caíram sobre o pequeno aparelho de televisão que havia trazido. Olhou para Johnny Carson, cujos lábios se moviam silenciosamente, então pegou a televisão e a jogou na direção da sala de controle, fazendo com que Paul e o engenheiro de som se abaixassem rapidamente. A televisão ricocheteou no grosso vidro à prova de som que os separava e voltou ao chão. Jim parecia intrigado.

Paul interrompeu a sessão de gravação, sugerindo à garota que estava com Jim que o levasse para casa.

– Nãããooo – disse Jim, discordando. – Vamos sair por aí, cara!

Paul balançou a cabeça negativamente e ajudou Jim a entrar no carro da garota. Ela seguiu pela Sunset. Jim estava murmurando.

– *Foh dah man, mah teoh pah, foh dah man*...

Então ele disse, claramente:

– Tenho que voltar ao estúdio. – Abriu a porta do carro e saltou.

Ele voltou correndo, escalou o portão de madeira de mais de dois metros de altura

e de alguma forma conseguiu passar por uma porta externa e uma segunda porta que levava ao estúdio. Respirava pesadamente enquanto tirava seus sapatos, sua calça jeans e sua camiseta.

– *Foh dah man, mah teoh pah, foh dah man...*

Nu, ele agarrou um dos grandes cinzeiros de areia e o levantou, loucamente. Em seguida puxou um extintor de incêndio de uma parede e pulverizou a espuma química em todo o painel de controle, as paredes e os instrumentos, arruinando uma das guitarras de Robby e um cravo alugado.

Jim largou o extintor. Ele ouviu uma voz.

– Jim? Jim? Você está aí?

Era Paul Rothchild, chamado por Billie Winters, a menina que Jim havia abandonado no meio da Sunset Strip. Os dois estavam olhando, do portão. Jim correu para fora.

– Ei, cara, é boooom ver você! Vamos lá, cara, vamos gravar... Vamos gravar algumas músicas.

– Espere um minuto, cara – disse Paul. – Quero dizer, nós temos que sair daqui, vamos curtir em outro lugar. Vamos ser presos aqui, cara. Que maneira estúpida de sermos pegos.

Jim foi convencido a ir embora, mas esqueceu os sapatos. Na manhã seguinte, o proprietário do estúdio ligou para Paul. Ele havia encontrado uns sapatos no meio de toda aquela destruição. Por acaso queria que ele descobrisse de quem eram aqueles sapatos? Paul mandou que enviasse a conta para a Elektra, e, quando os Doors entraram no estúdio naquela tarde, o local estava perfeitamente arrumado e os danos nunca foram mencionados.

– Ok – disse Paul – hoje nós gravaremos “The End”, e acho que conseguiremos em um só *take*.

Eles conseguiram em dois.

Mais tarde, quando Ray, John e Robby brincaram com Jim sobre o “incêndio” que ele havia provocado no estúdio (Paul finalmente havia contado a eles sobre o caso), Jim negou a história. O cinzeiro, provocaram, a espuma química...

– Não – disse Jim. – É sério?

*** * ***

RAY FOI O PRIMEIRO A aparecer no palco, acendendo um incenso. Então entraram Robby e John e, finalmente, Jim com o vigoroso estilo desleixado de um punk das ruas.

Eles estavam em um nova e elegante discoteca chamada Ondine, perto da ponte

da Rua 59, em Manhattan. Era uma daquelas respeitáveis boates, direcionada à Uptown Bohemian, um cabaré brechtiano cuja celebração apocalíptica era tão forte quanto a fumaça de maconha. Aquela era a primeira apresentação do grupo em outra cidade. Nova York!

Os olhos de Jim estavam semicerrados, sua cabeça inclinada para trás, insolentemente. Ele colocou um de seus pés calçados com botas na base do pedestal do microfone, empurrando sua virilha contra ele, casualmente sacudindo seus cabelos escuros e encaracolados. Atrás dele, Robby começou a tocar as primeiras notas hipnóticas de “Back Door Man”.

Houve um grito, o rugido de um puma na noite, e em seguida Jim cantou:

– Oh, eu sou o amante que sai pela porta dos fundos / os homens não sabem, mas as garotas entendem...[48]

As palavras saíram, alcançaram as ruas e se espalharam como um carregamento da boa e barata erva mexicana. Na segunda noite, todas as principais *groupies* vieram.

– Vocês têm que ver este grupo – uma delas disse a todas as suas amigas. – O cantor é demais.

Nas semanas seguintes, Jim perambulou pelas ruas da Baixa Manhattan, bebendo cerveja no Bowery, olhando para dentro das pequenas butiques que estavam abrindo no Lower East Side, explorando as livrarias de usados na Fourth Avenue. Havia reuniões com a Elektra – para assinar o acordo de lançamento com a Nipper Music, uma das companhias de Jac Holzman, nomeada por seu filho de dez anos; para aprovar a fotografia de capa do álbum; para concordar relutantemente em editar “Break On Through” de forma que a frase “Ela fica chapada / Ela fica chapada / Ela fica chapada”[49] fosse transformada em “Ela fica / Ela fica / Ela fica”. Este seria o primeiro single do The Doors, e Holzman tinha medo que a palavra “chapada” impedisse a veiculação nas rádios. Porque o The Doors não tinha muito dinheiro, eles passavam muitas tardes em seus quartos no Henry Hudson Hotel, assistindo novelas na televisão, fumando maconha. Ocasionalmente, quando ficava entediado, Jim se pendurava pelas mãos na borda da janela do hotel.

A banda voltou para Los Angeles no final de novembro e Jim foi morar com Pamela Courson. Eles estavam se vendo a cerca de um ano e agora ela morava em um pequeno apartamento em Laurel Canyon. Se Pamela não ainda tinha aceitado por completo a irresponsabilidade de Jim, agora ao menos ela já esperava por isto. Para início de conversa, “se mudar” para a casa de Pamela, para Jim, significava pouco mais do que dormir lá, porque ele não tinha quase nada que pudesse levar consigo. Mais importante – e frustrante – para Pamela era o fato de que só porque Jim passava as noites terça a sexta em sua cama, isso não significava que ele estaria lá sábado e domingo, ou nas próximas noites de quarta-feira ou quinta-feira.

Na realidade, isso funcionava desta forma para ambos. Quando o The Doors

esteve em Nova York, Pamela ligou para o seu hotel três vezes por dia, tentando encontrar Jim em seu quarto, então desistiu e começou a sair com um jovem ator chamado Tom Baker. Quando Jim voltou (e Pamela voltou para Jim), os dois rapazes se tornaram amigos, percebendo que compartilhavam o amor pelo teatro e pela poesia e também uma criação militar nômade.

Nas semanas seguintes, a banda tinha pouco o que fazer, então passavam o tempo no pequeno escritório da Elektra, ajudando a preparar o release do álbum.

– Ei, caras – disse o velho amigo deles, Billy James. – Vocês estão prontos?

– Nós andamos pensando – disse Ray – e não temos certeza de que queremos uma biografia. Nós achamos que de onde viemos e quais são nossas cores favoritas são fatores irrelevantes para a nossa música.

– Vocês estão certos, é claro – Billy concordou. – Mas, mais cedo ou mais tarde, perguntarão a vocês o que é que o grupo está tentando fazer. Pode ser uma boa ideia expor isso logo e ficar livre de uma vez.

Os cinco rapazes discutiram a questão da publicidade por quase uma hora. Apreciavam o valor de uma imagem bem-sucedida, mas todas as biografias de outros artistas que eles haviam visto, mesmo aquelas na lista da Elektra, eram muito entediantes.

Billy foi até a janela, onde olhou fixamente para a poluição no ar por um tempo, e então disse:

– Bem... que tal escrever isto agora? Vocês podem dizer o que quiserem, e isso é o que mandaremos para Nova York.

A gerente do escritório, Sue Helms, estenografou tudo e em seguida datilografou o texto para aprovação deles. O conteúdo preenchia trinta páginas, e a parte que finalmente foi utilizada no release incluía algumas das frases de efeito mais criativas de Jim, as frases que apareceriam na mídia impressa, definindo – e limitando – a imagem de Jim Morrison até muito tempo depois.

No palco, o The Doors parece estar em seu próprio mundo. As músicas são espaciais e antigas. Soam como música de carnaval. Quando a música termina, há um segundo de silêncio. Algo novo chegou no recinto.

> Você poderia dizer que é um mero acidente eu ser adaptado de forma ideal para o trabalho que estou fazendo; é o sentimento de um arco sendo retesado por 22 anos e subitamente sendo solto. Eu sou, em primeiro lugar, um americano, em segundo lugar, um californiano, em terceiro lugar, um residente de Los Angeles. Eu sempre me senti atraído por ideias sobre revolta contra a autoridade – quando você faz as pazes com a autoridade, você se torna uma autoridade. Eu gosto de ideias sobre romper ou derrubar a ordem estabelecida, eu estou interessado em todos os aspectos de revolta, desordem, caos e especialmente atividades que parecem não ter significado.

O informativo que acompanhou este texto estudado era mais tradicional. Neste, Jim dizia que seus grupos vocais favoritos eram os Beach Boys, os Kinks e o Love. Dizia que admirava Frank Sinatra e Elvis Presley e os atores Jack Palance e Sarah

Miles. Dizia ainda que não tinha família, que seus pais estavam mortos.

– Jim! – disse Sue Helms. – Isso não é legal. O que os seus pais vão pensar?

Jim insistiu. Se alguém perguntasse, seus pais estavam mortos. E foi isso o que ficou na biografia.

NA PRIMEIRA SEMANA DE janeiro de 1967, o álbum, intitulado *The Doors*, e o single, “Break On Through”, foram lançados. Um outdoor mostrando seus rostos e a mensagem “The Doors: Rompendo com um Álbum Eletrizante”[50] se tornou o primeiro letreiro de rock na Sunset Strip, e a banda foi tocar no Fillmore Auditorium de Bill Graham, em São Francisco, cujas atrações principais eram o Young Rascals e o Sopwith Camel. O cachê, 350 dólares, era mínimo, mas aquele era o melhor lugar dos Estados Unidos.

Eles foram para São Francisco cedo, a tempo para o Human Be-In, na quarta-feira, um evento catalisador e espiritualmente orgásmico que entrou para a mitologia pop antes mesmo do dia terminar. Os integrantes do The Doors ficaram imensamente impressionados com a multidão no Golden Gate Park. A era Haight-Ashbury foi formalizada aquela semana em São Francisco e o The Doors, cada um deles, sentiu parte daquilo.

Eles abriram seu set no Fillmore com o single “Break On Through”, e em seguida tocaram a música que Jim havia dedicado ao Maharishi, “Take it as it Comes”, ambas canções de conselho existencial contemporâneo. Normalmente a banda menos importante consegue pouca atenção nessas apresentações, mas na terceira música os fãs do Young Rascals, do Sopwith Camel e do Fillmore começaram a se empurrar em direção ao palco para ver e ouvir mais atentamente. A banda tocava “Light My Fire”.

> Você sabe que seria falso
> Você sabe que eu seria um mentiroso
> Se eu dissesse para você
> Garota, não podemos ir mais além[51]

Esta era, essencialmente, uma canção de Robby. Ele havia escrito a melodia e quase toda a letra, com apenas uma pequena ajuda de Jim. Mas Ray inventou uma introdução carnavalesca no órgão que logo passou a ser considerada como uma espécie de definição do som do The Doors. Mais significativo ainda, a canção tinha sete ou oito minutos de duração, a maior parte um interlúdio instrumental que deixava bem claro que o The Doors era mas do que somente Jim Morrison. A banda alegava nunca ter tocado esta música duas vezes da mesma forma, mas a usava como um tear sonoro no qual tecia improvisações intrincadas e jazzísticas, chegando a um clímax vertiginoso.

> O tempo de hesitar acabou

Não há tempo para revolver na lama,
Tente agora, só podemos perder
E o nosso amor se torna uma pira funerária
Vamos, querida, acenda meu fogo
Vamos, querida, acenda meu fogo
Tente tocar fogo na noite
Tente tocar fogo na noite[52]

O público do Fillmore estava hipnotizado.

No segundo set o The Doors tocou “The End” e Jim, tentando pegar o microfone, caiu em cima da bateria, machucando as costas. Como ele estava gritando a frase “*Mãe? Eu quero te fodeeer!*”, o público pensou que a queda fosse parte da estranha coreografia. Na noite seguinte, a notícia se espalhava por outra cidade: Vá ao Fillmore e veja o show de abertura.

O The Doors voltou para São Francisco três semanas depois, para outra série de apresentações no Fillmore, desta vez abrindo para o Grateful Dead e o Junior Wells Chicago Blues Band. E, como no Whiskey, eles “ofuscaram as atrações principais”.

Nos dois meses seguintes, até meados de março, a banda permaneceu na Califórnia, ajudando seu single a subir nas paradas de sucesso, ligando para a principal estação de rádio de rock e pedindo a música até que esta chegasse ao 11º lugar em Los Angeles.

Eles estavam aproveitando o momento. Fizeram um show beneficente para a KPFK-FM, da estação de rádio Pacífica, apoiada pelos ouvintes. Em seguida, tocaram no velho Moulin Rouge, agora chamado Hullabaloo, e trabalharam durante uma semana no Gazzarri, na Sunset Strip, onde conseguiram uma crítica pequena, mas encorajadora no *Los Angeles Times*. Na mesma semana, no final de fevereiro, outro crítico do *Times* (John Mendelsohn) chamou Jim de “um tanto quanto exagerado, sombrio e enfadonho”, e disse que “The End” era uma “pesquisa sobre o quão tedioso ele pode soar quando recita absurdos psicodélicos superelaborados e falácias singularmente simplistas”. Quase um ano depois, Jim encontrou este crítico em um elevador e, quando ele se pôs em movimento e o crítico não podia mais escapar, Jim sorriu e disse:

– Absurdos psicodélicos superelaborados e falácias singularmente simplistas, não é?

Em seguida, o The Doors foi à São Francisco para a sua primeira aparição no Avalon Ballroom, a mais bacana e “descolada” das duas pistas de dança da cidade. Lá eles eram a atração principal, tocando depois do Sparrow e do Country Joe and the Fish.

Naquela época Jim e Pamela tinham um novo apartamento em Laurel Canyon, na Rothdell Trail. O lugar era escassamente mobiliado e ao fundo havia o barulho constante do tráfego de Laurel Canyon Boulevard. Muitas vezes Jim sentava-se na varanda, bebendo cerveja, observando as pessoas entrando e saindo da Country

Store, uma pequena mercearia a apenas 45 metros de distância. Em um apartamento-garagem quase ao lado do deles vivia o amigável traficante da vizinhança, um ex-disc jóquei chamado Ted. Era a ele que Pamela recorria para conseguir heroína, uma droga que ela raramente usava – e cujo uso escondia de Jim.

– Oh, por favor, não conte a Jim – ela implorava. – Nunca, jamais conte a Jim. Ele me mataria.

Pamela ia ao Gazzarri's todas as noites em que os Doors tocavam ali e, quando não estavam trabalhando ela ia à Strip com Jim, sentava-se perto dele enquanto ele bebia freneticamente e, em seguida, juntava-se a qualquer banda que estivesse tocando em qualquer lugar onde eles estivessem, cantando enquanto aguentassem. Depois iam andando para casa. Voltavam cansados, drogados, bêbados e exaustos, e sempre era tarde, depois das duas da manhã, e o trajeto até o apartamento exigia uma caminhada de vinte minutos ladeira acima.

– Por favor, Jim, vamos pegar uma carona esta noite.

Jim sempre dizia não, e todas as noites eles caminhavam. Pamela passava sua mão pelas costas de Jim, se agarrando a ele, sua cabeça encostada em seu ombro, balançando a cabeça e cochilando. Ela às vezes tropeçava e acordava.

– Por favor, Jim, deixe-me pegar uma carona...

– Vamos lá, querida, falta pouco. São só mais alguns passos...

Tempos depois Jim escreveu uma canção sobre o apartamento dele em Rothdell Trail, chamada "Love Street". Como todas as outras músicas sobre ou dedicadas a Pamela, havia uma hesitação, uma recusa em firmar um compromisso decisivo, uma alfinetada no final:

> Ela vive na Rua do Amor
> Permanece na Rua do Amor
> Ela tem uma casa com jardim
> Eu gostaria de ver o que acontece
> Ela tem vestidos e tem macacos
> Lacaios preguiçosos repletos de diamantes
> Ela tem sabedoria e sabe o que fazer
> Ela tem a mim e ela tem a você
> Eu vejo que você mora na Rua do Amor
> Lá existe a loja onde as criaturas se encontram
> Imagino o que elas fazem por lá
> Domingo de verão e um ano
> Eu acho que eu gosto bastante disso... até agora[53]

Mas ele ainda dormia onde quer que a inconsciência o apanhasse. Ele ricocheteava ao longo da Sunset Strip, cantando com bandas esquecíveis imediatamente, bebendo até cair com amigos que conhecia na hora. Certa noite ele correu, alterado, por um cemitério de Hollywood, procurando o túmulo de Valentino;

outra vez ele brincou de toureiro com carros em alta velocidade; em uma terceira vez ele incinerou alguns de seus cadernos e poemas na cozinha de uma amiga.

– TANDY MARTIN! Não acredito!

Jim ficou surpreso ao ver em Nova York sua namoradinha de escola. Era meados do mês de março e o The Doors estava lá novamente para mais uma semana na Ondine. Tandy contou a Jim que estava casada com um pintor que era o editor da seção de poesia do *East Village Other*, um jornal *underground* de sucesso. Jim a convidou para ser sua companhia em um jantar no apartamento de Jac Holzman e deixou claro ao apresentá-la que ela era uma velha amiga, e não mais uma de suas conquistas.

– Robby, esta é Tandy Martin. Frequentávamos a mesma escola... Jac, esta é Tandy, ela era minha amiga na escola...

Depois do jantar, Jim ficou bêbado.

– Você sempre bebe assim, Jim?

– Nem sempre. Uh... Às vezes, eu bebo mais – ele riu.

Tandy olhou para Jim inexpressivamente.

– Eu tenho bebido – Jim disse, finalmente –, mas estou ficando bom nisso. Posso dizer agora, eu posso, hã, medir tudo para que eu fique em um só lugar. Cada gole é mais uma oportunidade. Outra chance instantânea de bem-aventurança.

A conversa de Jim deslizava de sua boca como melaço, uma frase poética, outra incoerente. Eles estavam sentados na grande sala de estar de Jac, perto de uma janela. Ele observava a noite da Baixa Manhattan, sem olhar para Tandy enquanto falava.

– Nós precisamos reunir músicas para o segundo álbum. Temos o suficiente, mas eu, uh, tenho tentado escrever mais algumas.

– Você ainda tem aqueles diários que você costumava me deixar ler?

Jim olhou para Tandy, assustado com o que estava prestes a dizer.

– Alguns. Mas eu não consigo encontrar muitos deles, e eu estupidamente queimei alguns em Los Angeles, quando estava em uma viagem de ácido. Você acha que se eu tomar sódio pentotal conseguirei me lembrar do que escrevi neles?

Tandy permaneceu sentada em silêncio, com as mãos cruzadas sobre o colo, olhando para Jim atentamente, tristemente. Os dois haviam esquecido das outras pessoas no recinto.

Jim começou a remexer em seus bolsos, tirando grandes maços de guardanapos, caixas de fósforos e cartões de visita.

– Alguém me deu o nome de um psiquiatra – disse ele, finalmente, segurando um envelope rasgado na parte de cima. – Uma psiquiatra *mulher* – ele usou sua voz

estúpida de quem parecia andar pela areia movediça. – Uhhhh, o que você acha disso?

– Eu acho que poderia ajudar. Talvez não, mas o que você tem a perder? Mal não poderá fazer.

Jim ficou em silêncio por um momento, então disse:

– Oh, eu não preciso de um psiquiatra, eu não tenho que fazer isso, eu não tenho um problema com a bebida. – Então, convidou-a para ouvi-lo na Ondine .

– Hey, Jim! – Ray estava chamando do outro lado da sala. – Hora de ir para o show. Você está pronto?

Quando Tandy chegou na Ondine, Jim havia esquecido de colocar seu nome na lista de convidados, e ela não pôde entrar. Então Jim chegou. Tandy estava irada.

– Jim! Maldito seja você, Jim! Aquele homem acabou de me tratar como se eu fosse um lixo. Agora você diga a ele que se esqueceu de colocar o meu nome. Diga a ele, ele acabou de me fazer parecer uma idiota.

Jim disse ao homem na porta:

– Ahnnn, eu estava, ahnnn, deveria ter colocado o nome dela – ele se virou para Tandy. – Assim está bom? – ele perguntou, docemente. Então pediu para que ela fosse ao camarim, que a veria mais tarde, e foi para o bar, onde dezenas dos rostos mais badalados de Nova York estavam ansiosos para pagar bebidas a ele.

Grande parte da adulação devia-se à aceitação crítica que o The Doors, e especialmente Jim, estavam conseguindo de Richard Goldstein, que aos 25 anos era um dos dois ou três críticos de rock mais importantes do país. Ele não tinha ido à primeira apresentação do The Doors na Ondine, mas em uma visita a Los Angeles ele os ouvira no Gazzarri's e agora estava em seu rastro, anunciando que a volta dos Doors ao Ondine seria de um "sucesso estrondoso" no *The Village Voice*, e descrevendo o disco como "uma excursão convincente, tensa e poderosa". Sobre "The End", argumentou que "qualquer um que conteste o conceito de rock-literatura precisa escutar muito e com atenção esta canção". Esta, disse Goldstein, era nada menos do que um "pop joyceano". Ele chamou Jim de um "punk de rua que foi ao céu e reencarnou como um menino do coral".

– CARA, VOCÊ DEVIA TER VISTO as cartas – John disse para os outros, uma semana depois, de volta a Los Angeles. – Dave Diamond me levou e à Robby à sua casa, e a correspondência era uma pilha deste tamanho.

– Todo mundo quer ouvir "Light My Fire" – Robby acrescentou. – Dave diz que somos loucos se não a escolhermos como nosso próximo single.

A Diamond Mine de Dave Diamond era um dos melhores programas de rock da rádio de Los Angeles, e um dos vários no qual a música estava sendo tocada. Mas como lançá-la? No álbum durava quase sete minutos, e um single médio tinha menos

que a metade disso.

Alguém disse para Jim colocar a música nos dois lados de um disco de 45 rotações, à moda das canções do passado, que tinham a parte 1 e a parte 2. Outros lhe disseram para não se comprometer, para lançar a canção sem editar – Dylan não havia feito sucesso com “Like a Rolling Stone”, de seis minutos? Jac Holzman, no entanto, se mantinha a favor de uma versão mais curta, pedindo que os Doors retornassem ao estúdio e gravassem a canção novamente. Eles tentaram mas, no final, pediram a seu produtor Paul Rothchild que tirasse uma parte do trecho instrumental.

Alguns dias depois os Doors estavam no Ciro’s, na Sunset Strip, uma outrora glamorosa boate frequentada por estrelas de cinema e que mais recentemente havia sido o trampolim para os Byrds. Jim trabalhou duro se preparando para esta apresentação. No palco, ele fez uma dança de xamã, rodopiando, pulando e balançando o microfone, em seguida balançando o pedestal do microfone e caindo sobre ele, para depois levantar, pegá-lo e jogá-lo novamente. Uma mulher negra, alta, com a cabeça raspada, se juntou a ele em sua dança. David Thompson, um velho amigo da escola de cinema que estava operando a iluminação dos shows da boate, ficou tão tomado pela performance que desligou o equipamento e ficou de pé durante o restante do set, olhando fixamente. Um jovem saiu do público como se tivesse sido lançado por uma mola gigante, abraçou Jim e ofereceu a ele a comunhão, dividindo seu copo. Jim bebeu. Depois, Jim e os outros conversaram animadamente. Eles haviam ficado chapados no palco, e haviam deixado a plateia chapada também.

Uma semana mais tarde, os Doors fizeram isso de novo, tocando para dez mil pessoas – o primeiro público realmente grande deles – na quadra de esportes de uma escola em San Fernando Valley, onde abriram o show do Jefferson Airplane, de São Francisco. Aquele era um público do The Doors. Depois que eles tocaram, um terço do público foi embora.

Até ali, os negócios e a agenda do The Doors tinham sido gerenciados em grande parte pela Elektra e pelo pai de Robby, ou pelos próprios rapazes. Mas quando “Light My Fire” apareceu nas paradas dos mais vendidos do país, eles concluíram que era hora de conseguir alguns empresários profissionais.

Esta mudança não foi motivada exclusivamente pelo sucesso antecipado. Como Robby recorda:

– Jim estava pirando, nos dando problemas. Tínhamos que lutar muito naqueles dias apenas para conseguir um show, e então nós tínhamos que lutar muito para que Jim chegasse lá a tempo. Então dissemos: por que deveríamos fazer isso? Precisávamos de um empresário para cuidar disso.

É claro que eles tinham as razões habituais para buscar um empresário – para que conseguisse uma agência e contratasse um relações públicas; organizasse suas vidas e operasse os negócios de forma eficiente; para que servisse como um muro

de proteção entre eles e os promotores, os proprietários de casas, a imprensa e o público; e, como Ray disse, “para atender o maldito telefone”.

Depois de algumas semanas procurando e discutindo as poucas ofertas que receberam, os Doors finalmente assinaram um contrato com Asher Dann, um próspero corretor de imóveis que vendia casas para estrelas e agora queria uma fatia maior do bolo do glamour, e seu novo parceiro, Sal Bonafede, que havia dirigido um grupo bem-sucedido da Costa Leste chamado Dion and the Belmonts e atualmente cuidava da carreira de uma cantora peituda e popularesca chamada Lainie Kazan.

Como Jim, Asher era um sedutor tímido, e era bonito em seu estilo de jogador de tênis da Califórnia. Como ele também bebia muito, foi considerado a babá número um de Jim. Sal era esperto, falava rápido e de maneira nenhuma agradava a Jim, que achava ele parecido com algum chefão da Máfia – só lhe faltava o bigode.

Sal e Ash – que ficavam com 15% dos ganhos do The Doors mais despesas, um contrato padrão – rapidamente conduziram o grupo a uma agência e a uma empresa de relações públicas. Todd Schiffman era um elegante agente de 25 anos de idade que vestia ternos quadriculados e gravatas largas. A primeira coisa que ele fez foi aumentar o preço dos shows da banda. À época eles estavam ganhando de 750 a 1.000 dólares por noite em Los Angeles, mas em Nova York, onde eles já tinham três semanas marcadas, iriam fazer três shows por noite, por 750 dólares por semana. Todd achava esses preços muito baixos, então entrou em contato com um pequeno contratante de shows para as escolas de Denver. Este havia telefonado pedindo o Airplane para duas noites, em setembro. No momento em que Todd conseguiu falar com ele ao telefone, rapidamente e blefando, o promotor concordou em ficar com o The Doors no lugar do Airplane por 7.000 dólares. O que aconteceu é que quando setembro chegou o The Doors valia mais do que isso, mas em abril, antes de “Light My Fire”, o acordo estabeleceu um preço que o agente iria continuar a usar como vantagem para a banda.

Uma exceção foi feita. A apresentação do dia 7 de maio, no Valley Music Theater, no subúrbio de Los Angeles, que seria por 750 dólares, um agradecimento a Dave Diamond, que havia promovido o show – e arrecadara mais de U$ 10.000 com este –, por ajudá-los a construir seu público local.

Mike Gershman era um tranquilo nova-iorquino recentemente transplantado para Beverly Hills para começar o departamento de rock da Rogers, Cowan e Brenner, a General Motors da publicidade de Hollywood, conhecido na cena rock por ir a uma loja e pedir “uma dúzia de discos de bandas com nomes esquisitos”. O que ele descobriu foi suficiente para fazê-lo bombardear o *Time* e o *Newsweek* com cartas elogiosas sobre o The Doors.

O time do The Doors estava completo. Eles tinham um advogado na casa dos cinquenta cuja especialidade era direito penal, mas que também gostava de trabalhar na área legal associada ao *show business*. Eles tinham empresários não para cuidar

da música deles, mas do potencial de estrela de Jim. Tinham um jovem agente e um publicitário, e ambos estavam começando novos departamentos e estavam ansiosos para provar seu valor. Foi uma seleção casual, mas não incomum.

VERÃO DE 1967. Junho foi bom. No dia 3, a versão editada de “Light My Fire” fez sua primeira aparição em todas as paradas de sucesso nacionais e em seguida os Doors foram para São Francisco para serem, pela primeira vez, a atração principal no Fillmore, tocando com o Jim Kweskin Jug Band. No dia 11 eles voaram para Nova York, onde foram recebidos pelo novo diretor de publicidade da Elektra, Danny Fields, e levados por uma limusine alugada para o Village Theater, no Lower East Side, onde a estação de rádio WOR-FM estava comemorando seu primeiro aniversário. Outras bandas já haviam tocado quando os Doors chegaram, e um bando de jazzistas locais que posavam de roqueiros estavam terminando um barulhento set. O mestre de cerimônias da noite, um dos DJs da WOR-FM, fez alguma referência a “iluminar” e apresentou o The Doors. A cortina subiu e Jim subiu também, segurando-se com as duas mãos. O aplauso foi prolongado.

Um dia depois os Doors começaram aquela que seria a sua última temporada em uma boate, três semanas em uma das discotecas da moda de Nova York, gerenciada por um charmoso cenógrafo que gostava de se promover chamado Steve Paul. A casa se chamava, apropriadamente, Scene. Como a Ondine, a Scene era uma meca para os conhecedores do pop; um spa noturno que atraía os volúveis festeiros endinheirados, em calças justas de veludo e peças importadas da Carnaby Street. Outros vinham do East e West Village – os doidões aficionados por música que vestiam penas e franjas, símbolos da paz e excêntricos figurinos teatrais.

Enquanto isso, muitos destes nova-iorquinos tinham ido para a Califórnia na mesma semana para assistir ao Monterey Pop Festival. O The Doors foi ignorado até que fosse tarde demais, segundo o diretor do festival, John Simon, e isso o deixou chateado, principalmente quando a Scene foi fechada durante os três dias do festival e o The Doors foi forçado a fazer shows em Long Island e na Filadélfia.

Jim estava mal-humorado e bebendo excessivamente. Dava longas e solitárias caminhadas, que geralmente se estendiam da hora em que acordava até a tarde, até que tivesse que ir para a boate. Uma vez, em uma segunda-feira à noite, ele acompanhou Danny Fields e Paul Rothchild até o Max’s Kansas City, no East Side, e se recusou a falar com qualquer pessoa durante toda a noite. No show de Long Island, durante o fim de semana do Monterey Pop, ele surpreendeu os outros Doors ao tentar tirar suas roupas no palco.

Ainda assim, os shows foram bons e o humor de Jim melhorou quando Richard Goldstein novamente dedicou uma grande parte de sua coluna no *Village Voice* à banda, chamando Jim de “xamã sexual”, dizendo que “o The Doors começava onde os Rolling Stones paravam”. Lillian Roxon, outra respeitada crítica de rock, disse que “os Doors são um prazer insuportavelmente prolongado”.

E então Pamela veio para Nova York para ficar com Jim. Agora ele vagava pela cidade com ela, e encontrou por acaso uma velha amiga de Los Angeles, Trina Robbins, que tinha uma butique onde Pamela comprou diversas calças boca-de-sino de veludo. De volta ao hotel, Tom Baker ligou. Pamela disse que Jim não sairia naquela noite e perguntou se ele poderia ir até lá. Tom disse que sim, e que traria amigos, com os quais pretendia fazer um filme: Andy Warhol e Paul Morrissey.

Tom aproximou-se de Jim na festa pós-show.

– Como você está?

– Muito bem, muito bem.

Ray se juntou a eles.

– Está mesmo. Os Beatles compraram dez cópias do seu álbum.

Jim acrescentou:

– Sim, nós devemos estar indo bem, porque Pamela está procurando uma casa.

NA SEMANA SEGUINTE, os Doors fizeram outros dois shows, abrindo para Simon e Garfunkel em Forest Hills, Nova York, e foram a atração principal no auditório de uma escola secundária em Greenwich, Connecticut. Em Forest Hills eles enfrentaram um público de Simon e Garfunkel totalmente desinteressado nas pirotecnias de Jim, que nem mesmo se importavam muito com rock, aliás.

– Como foi? – Danny Fields perguntou quando Jim apareceu no escritório da Elektra, na segunda-feira seguinte.

– Eles riram de mim.

A voz de Danny ficou mais baixa.

– Como assim?

– Abriram a cortina e lá estava eu, e eles riram. Aqueles idiotas me odiaram. E eu os odiei. Eu queria matá-los. Nunca odiei tanto alguém assim. Durante todo o show eu não conseguia lidar com aquilo, eu os odiei muito.

Ao mesmo tempo, “Light My Fire” estava crescendo rápido, sua popularidade indo de oeste a leste, assim como os próprios Doors. Na terceira semana de junho “Light My Fire” entrou na lista das “10 mais” e assim ficou por um mês inteiro, subindo aos poucos. Finalmente, em 25 de julho, Sal e Ash receberam uma ligação da Elektra.

– Por favor, diga aos rapazes – dizia a voz ao telefone – que no exemplar da próxima semana da *Billboard* o The Doors será o número um.

Eles conseguiram! Número um. O verdadeiro estrelato estava ao alcance da mão.

38. “Go real slow / You’ll like it more and more / Take it as it comes / Specialize in havin fun.”
39. “Break on through to the other side.”

40. “This is the end, beautiful friend / This is the end, my only friend, the end, / of our elaborate plans. The end, / of everything that stands, the end, / No safety or surprise, the end. / I’ll never look into your eyes again. / Can you picture what will be, / So limitless and free / desperately in need / of some stranger’s hand / in a desperate land.”

41. “Lost in a Roman wilderness of pain, / and all the children are insane; / waiting for the summer rain - *yahyyyyyeh.*”

42. “There’s danger on the edge of town / Ride the King’s highway, bay-beh / Weird scenes inside the gold mine; / Ride the highway west, bay-beh.”

43. “Ride the snake. / Ride the snake, to the lake, / The ancient lake / The snake is looooooooooong... seven miles; / Ride the snake. / He’s old... and his skin is cold. / The west is the best. / The west is the bessssssssssss-ttttt. / Get here and we’ll do the rest / The blue buuuuuus... is calling us / The blooooooooooooooe buuuuuuuuuus... is calling us / Driver where you takin’ us?”

44. “The killer awoke before dawn, / He put his boots on, / He took a face from the ancient gallery, / And he walked on down the hallllll. / He went into the room where his sister lived annnd... /Then he paid a visit to his brother, /And then he... walked on down the hallllll. / And he came to a doooooor, / And he looked insidddde, / “Father?” / “Yes, son?” / “I want to kill you. Mother... I want to /
FFFUUUUCKKK YOOOOO!”

45. “Come on, bay-beh, take a chance with us, / Come on, bay-beh, take a chance with us / And meet me at the back of the blue bus / Come on, yayehhhh.”

46. “This is the end, bewwww-ti-fullll friend / This is the end, my only friend, / It hurts to set you free, but you’ll never follow me, / The end of laughter and soft lies, / This is the end, bewwwww-tee-fulll friend / This is the end, my only friend, / It hurts to set you free, but you’ll never follow me, / The end of laughter and soft lies, / The end of nights we tried to die / This / is / the /ehhhhhhhhhhhhhh-ennnnnnnnnnnnnnd.”

47. Nos EUA o dia do trabalho é comemorado no 1º domingo de setembro.

48. “Oh ahm e beck door man / the men don’t know, but the little girls understand...”

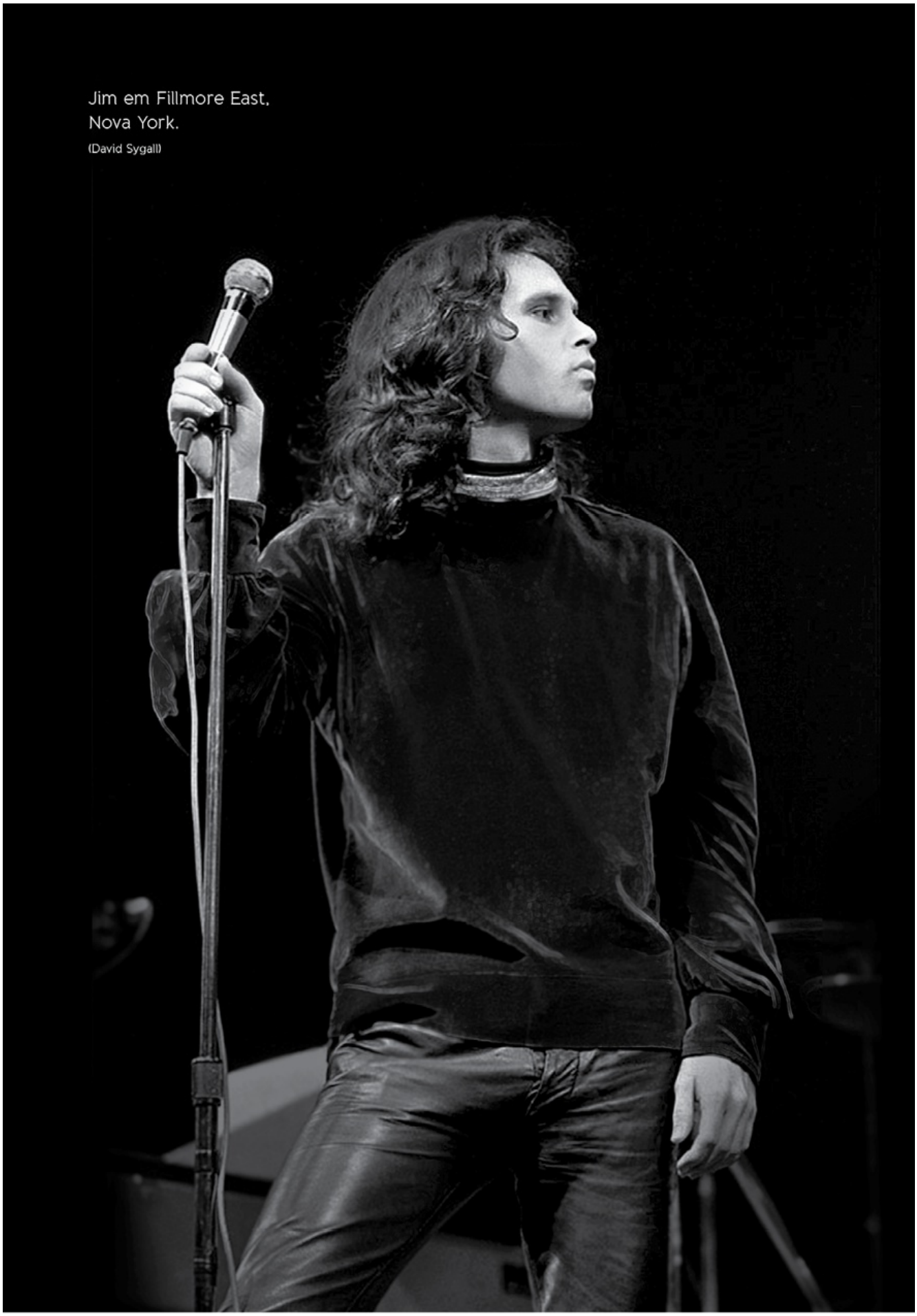
49. “She gets high / She gets high / She gets high.”

50. “The Doors: Break On Through with an Electrifying Album”

51. “You know that it would be untrue / You know that I would be a liar / If I was to say to you / Girl, we couldn’t get much higher.”

52. “The time to hesitate is through / No time to wallow in the mire / Try now we can only lose / And our love become a funeral pyre. / Come on baby, light my fire / Come on baby, light my fire / Try to set the night on fi-yer / Try to set the night on fi-yerrrrrrrrr.”

53. “She lives on Love Street / Lingers long on Love Street / She has a house and garden / I would like to see what happens /She has robes and she has monkeys / Lazy diamond studded flunkies / She has wisdom and knows what to do / She had me and she has you / I see you live on Love Street / there’s the store where the creatures meet / Wonder what they do in there / Summer Sunday and a year / I guess I like it fine... so far.”



Jim em Fillmore East,
Nova York.
(David Sygall)

CAPÍTULO CINCO

PARA COMEMORAR, JIM SAIU e comprou um terno – de couro preto feito sob medida, que ficava tão apertado em seu corpo que quando ele vestiu as calças e foi para a frente do espelho de corpo inteiro, parecia um corpo nu mergulhado em tinta nanquim.

Ele ficou na frente do espelho por um longo tempo, fazendo poses, tirando e colocando o seu paletó de couro. Jogou o casacode lado, finalmente, e flexionou seus esbeltos, porém fortes, braços e tórax, endurecendo os músculos de sua barriga e do pescoço. Com seu cabelo escuro ondulado e suas bochechas afundadas ele parecia um Davi chegando em Hollywood, um punho cerrado enfiado em uma luva negra.

– NAQUELE MÊS DE JUNHO – disse Danny Fields – quando vi Jim cercado por *groupies* no *backstage* do Fillmore, decidi que se eu fosse o responsável pela imagem daquela pessoa, mesmo que não fizesse nada além disso, iria melhorar seu gosto por mulheres.

Em julho, Danny apresentou Jim por telefone a Gloria Stavers,a editora da revista *16*. Então, quando ele descobriu que algumas das seguidoras de Andy Warhol estavam hospedadas no Castle, a casa quase sempre vazia do ator Phillip Law, viu que Jim estava com uma delas.

Nico era de idade indefinida, esquiva e carismática. Tinha sido modelo de capa de revista na sua Alemanha nativa, em 1958, tinha aparecido em *La Dolce Vita* de Fellini, fora amante do ator francês Alain Delon, era íntima de Bob Dylan e Brian Jones e uma das estrelas do *Chelsea Girls*, de Warhol. Naquele momento ela era a vocalista da bizarra contribuição de Warhol ao rock, a Exploding Plastic Inevitable. Ela era tão alta quanto Jim, e não importa o quanto mais esquisito ele ficava, ela o superava. Também gostava de beber. Para Jim, ela era irresistível.

Parecia um filme de Ingmar Bergman, escrito por Bertolt Brecht e encenado por Ionesco. Jim estava bebendo vinho quando descobriu que Danny tinha sete gramas de haxixe, e então fumou tudo. Depois lembrou-se de que tinha um pouco de ácido e o engoliu com vodca.

Danny estava falando sobre trabalho.

– Você deve entender o quão importante é a revista *16*. Ela é *a chave* para que os mais novos conheçam o The Doors.

Jim olhou para Danny distraidamente.

– Você tem algum Tuinal? – perguntou.

– É importante projetar a imagem adequada, Jim.

– Você tem certeza de que nós acabamos com o haxixe?

Jim e Nico se curvaram como arcos, olhando para o chão entre eles.

Mais tarde naquela noite, ouviu-se gritos vindos do pátio do Castle, onde Jim segurava Nico pelos cabelos. Finalmente ela se soltou e minutos mais tarde Jim estava nu, andando nos parapeitos do Castle sob o brilho branco da lua que preenchia tudo.

No dia seguinte, Jim mergulhou na água da piscina do Castle. Ele ia e voltava por toda a extensão da piscina, uma agressiva festa esportiva aquática de um homem só.

– Jim é louco – disse Nico, em sua profunda voz wagneriana. – Ele é totalmente louco.

Era óbvio que ela o adorava.

No dia seguinte, Jim voltou para Pamela. Nico, junto com muitas outras, reapareceria ao longo dos anos, mas era Pamela que ele pensava ser sua "companheira cósmica", uma expressão que ele usava somente para ela. As Nicos na vida de Jim – as dezenas de mulheres que passaram na noite de Hollywood – eram as entradas, as sobremesas e os aperitivos: Pamela era quem lhe alimentava de verdade.

De muitas maneiras, Pamela era como Jim. Ela era brilhante, atraente fisicamente e gostava de lugares fechados, não era dada ao atletismo, evitando a luz solar, preferindo o anonimato do crepúsculo. Ela estava sempre disposta a experimentar drogas – embora, diferentemente de Jim, preferisse os tranquilizantes aos psicodélicos, e às vezes um pouco de heroína – e não se opunha aos namoros paralelos ou aos encontros de uma noite só. Considerava a moralidade tradicional irrelevante: a vida nos anos 1960 era mais existencial do que isso, mais hedonista, menos tensa.

Em alguns aspectos Pamela também era como a mãe de Jim. Ele dizia a seus amigos que ela era uma "construtora de ninhos", uma boa cozinheira. Mas ela também reclamava, sentia-se afastada dos outros Doors, e dizia incessantemente a Jim que não gostava de sua escolha de carreira, que ele se adequava mais à poesia. Também dizia que ele bebia demais. Às vezes Jim ficava cansado daquilo e se voltava contra ela. Ela dizia que as rejeições eram mais brutais verbalmente. Como na vez em que eles estavam indo para o Cheetah, em Los Angeles, para uma apresentação do The Doors "de volta para casa".

Jim estava vestindo sua roupa de couro, verificando seus cabelos lavados com shampoo no espelho do banheiro. Ele sugou as bochechas e forçou os músculos de seu pescoço, dando tapinhas em seus quadris e em suas coxas com as mãos, fazendo uma pose atrevida e andrógina.

– Vai ser um bom show – disse ele a Pamela, que estava se vestindo no quarto ao

lado. – Estou sentindo. O Cheetah fica em Venice, sabia?

– Oh Jim – ela disse – você vai usar a mesma calça de couro de novo? Você nunca muda suas roupas. Você está começando a cheirar mal, sabia?

Jim não disse nada. Eles ouviram a buzina de um carro vinda lá de baixo – a limusine havia chegado para levá-los à faixa da praia de Los Angeles onde, quase exatamente dois anos antes, Jim havia encontrado Ray e cantado “Moonlight Drive”. Eles desceram correndo os degraus e, quando Pamela foi entrar na limusine, Jim ficou na frente dela.

– Jim – disse ela. – O que é...

– Eu mudei de ideia. Eu não quero que você vá. Você iria acabar fazendo algo que me deixaria chateado.

Jim entrou no carro e ordenou ao motorista que partisse, deixando Pamela ali, parada.

No Jardim Botânico de São Francisco (Paul Ferrara).

“LIGHT MY FIRE” PERMANECEU em primeiro lugar durante o mês de agosto, por isso foi com grande confiança que os Doors começaram a gravar seu segundo álbum, *Strange Days*. Um ano se passara desde que gravaram seu primeiro álbum, e nesse tempo o Studio Number One na Sunset Sound havia dobrado o número de canais disponíveis para oito. O The Doors aproveitou completamente esta oportunidade de expandir sua criatividade.

Por trás do poema que Jim escreveu durante o colegial, “Horse Latitudes”, Paul e o engenheiro Bruce Botnick criaram um pano de fundo de *musique concrète*. Em um canal Bruce colocou o ruído branco de um gravador de fitas, variou a velocidade manualmente e conseguiu uma sonoridade parecida com o vento. Jim, John, Robby e Ray tocavam seus instrumentos de forma inusitada, dedilhando as cordas de um piano, por exemplo – e os sons orgânicos foram alterados eletronicamente para criar diferentes tempos e efeitos. Eles até mesmo jogaram uma garrafa de Coca-Cola em uma lata de lixo de metal, bateram cocos contra um chão de cerâmica e fizeram com que alguns amigos lamentassem com suas vozes descontroladas. Contra este pano

de fundo, e elevando sua voz só um pouco além dele, Jim gritou versos de seu poema:

> Quando o mar tranquilo conspira uma armadura...[54]

Na canção-título, “Strange Days”, Ray gravou um dos primeiros usos do sintetizador Moog no rock. Em uma terceira canção, “Unhappy Girl”, ele teve que tocar a música inteira de trás para frente, e John tocou o contratempo ao contrário, conseguindo, assim, um som rítmico de suave sucção.

Havia outros tipos de experimentos. Paul tentou criar uma atmosfera especial no estúdio para a gravação de algumas músicas. Para uma das baladas, “I Can’t See Your Face in My Mind”, Paul disse aos rapazes, em um sussurro abafado, que fingissem estar no Japão e que “à distância havia o som de um koto”. Os Doors responderam com uma barulhenta obscenidade. Em seguida, Paul sugeriu que Jim conseguisse uma garota para fazer sexo oral nele enquanto cantasse “You’re Lost, Little Girl”, uma balada que eles esperavam que Frank Sinatra gravasse para Mia Farrow. Paul gostou tanto da ideia que disse ser capaz até mesmo de pagar por uma prostituta. Mas Pamela gostou da ideia também, e ela tirou a roupa ali mesmo onde estava, na sala de controle, e caminhou suavemente para a cabine de gravação, em direção a Jim. Paul esperou, contando lentamente até sessenta, e em seguida disse:

– Hã... Me avise quando, bem... Você estiver pronto, Jim.

Cerca de vinte minutos depois, Jim entrou na sala de controle e Paul encolheu os ombros.

– Bem – ele disse –, não se pode ganhar sempre.

A INTENSIDADE LÍRICA de Jim estava intacta. Havia a sua fascinação pela morte sacrificial no afogamento de garanhões espanhóis em “Horse Latitudes”. “Moonlight Drive” tinha seu final chocante. E havia a honesta e dolorosa insegurança de “People are Strange”. Os onze minutos de “When the Music’s Over” continham um irado protesto: “Nós queremos o mundo e o queremos agora!”[55], assim como a constante preocupação de Jim com sua própria morte (“Antes que eu mergulhe no grande sono / Eu quero ouvir / O grito da borboleta”[56]). E, finalmente, havia as críticas às mulheres em “Unhappy Girl” “Você está trancada em uma prisão / criada por você”[57]), e no título de “You’re Lost Little Girl” – Você está perdida, garotinha. O segundo álbum não era um catálogo tão estranho de abalos psíquicos e dores quanto o primeiro, mas ainda assim era uma incrível variedade de aflições para 1967, quando todas as outras pessoas pareciam estar cantando sobre incensos, balas de menta e céus de marmelada. O álbum também tinha uma capa bastante inusitada: um homem forte, um cornetista, dois acrobatas, um malabarista e dois anões fazendo acrobacias em uma estrebaria, com um pequeno cartaz em uma das

paredes da vila sendo a única menção à banda. A Elektra queria uma foto de grupo apresentando Jim, mas a banda, especialmente Jim, foi inflexível: nenhuma foto na capa. O acordo foi uma fotografia sombreada no interior da sobrecapa, de frente para as letras.

No final do verão de 1967 os Doors continuaram cruzando o país. Em uma semana eles se apresentaram para nove mil pessoas no Anaheim Convention Center, no sul da Califórnia, onde Jim usou um casaco cinza de moletom, manchado e sem mangas, com sua calça preta de couro. Ele jogou cigarros acesos na plateia, e o público, por sua vez, começou a jogar fósforos quando o grupo tocou “Light My Fire”. Então eles foram para o leste, para uma semana de shows em Filadélfia, Boston e New Hampshire, retornando a Los Angeles para aparecer mais uma vez com o Jefferson Airplane no Cheetah. “Light My Fire” permaneceu como número um por três semanas, e em seguida deu lugar para “All You Need is Love”, dos Beatles, na mesma semana em que a Elektra divulgou o seguinte release para a imprensa:

> A Elektra Records solicitou à Record Industry Association of America (RIAA) que certificasse que o álbum e o single do The Doors fossem ambos qualificados como Discos de Ouro. Como anunciado nesta semana [30 de agosto] pelo presidente da Elektra, Jac Holzman, as vendas do álbum The Doors excederam substancialmente a marca de um milhão de dólares, e um milhão de cópias do single “Light My Fire”, do The Doors, foram para as lojas.
>
> O gerente de vendas da Elektra, Mel Posner, afirmou que as contagens de vendas separadas, do LP e do 45 rotações, ultrapassaram a marca de um milhão, com diferença de uma hora entre elas.
>
> Esta dupla exibição de poder comercial estabelece o The Doors como o grupo mais forte a aparecer na cena pop musical desde o início do ano. O The Doors agora tem a excelência de ser o único grupo este ano a receber o Disco de Ouro pelo seu primeiro LP; além disso, de todos os grupos que gravaram seus discos de estreia em 1967, somente o The Doors conseguiu que um single atingisse a marca de um milhão...

Houve outras “primeiras vezes” no final de agosto. O show no Cheetah foi a primeira vez em que eles tocaram como atração principal à frente de seus rivais de São Francisco, o Jefferson Airplane. E esta foi a primeira vez que Jim incluiu uma espécie de “andar na corda bamba” em sua performance, tentando se equilibrar ao longo da borda do palco de mais de três metros de altura para em seguida cair na plateia. Parecia um acidente e era incrivelmente sensacional. A multidão ficava em êxtase.

POR ESTA ÉPOCA OS DOORS haviam polido e aperfeiçoado o que pode ser chamado de “pausa dramática” em sua música e performance. Às vezes eles faziam um momento de silêncio no meio de uma canção, ou Jim da mesma forma fazia pausas entre as sílabas. Owsley, o lendário fabricante de ácido e amigo das bandas de rock de São Francisco, disse ao The Doors que os silêncios deixavam--no maluco. Ocasionalmente, algumas pessoas na plateia riam. Quando isso aconteceu, em Berkeley, Jim ficou ofendido e disse:

– Quando você ri de uma performance, você está na verdade rindo de si mesmo.

Mais tarde, ele explicou:

– O único momento em que eu realmente me exponho é no palco. A máscara da performance me dá isso, um lugar onde eu me escondo de mim, então eu posso me revelar. É porque eu vejo isto como algo mais do que uma performance, algo mais do que apenas ir até lá, cantar algumas músicas e ir embora. Encaro tudo isso de forma muito pessoal. Não sinto que tenha feito algo realmente completo até que nós tenhamos conseguido colocar todos os que estão no teatro em uma espécie de terreno comum. Às vezes simplesmente paro a música e apenas solto um longo silêncio, solto todas as hostilidades latentes e desconfortos e tensões antes de nos unirmos todos.

Pouco depois de tentar a “pausa “dramática em Berkeley, Jim a usou em uma universidade de Nova York. Ele parou no meio de “The End” por quatro minutos, mas desta vez não houve problemas. Em vez disso, o efeito no ginásio foi como o de uma panela de pressão. À medida que a pressão aumentava, a temperatura também aumentava, e então, quando o público estava pronto para explodir, Jim fez um sinal para a banda, e eles voltaram
à canção.

– É como olhar um mural – disse ele, mais tarde. – Há movimento, e então este se congela. Eu gosto de ver o quanto eles aguentam e, quando eles estão a ponto de arrebentar, eu os liberto.

– Mas o que você faria se eles enlouquecessem e invadissem o palco? – alguém certa vez perguntou a ele.– Não em adoração, mas como se fossem matá-lo?

Jim se lembrou de Norman O. Brown e de sua própria teoria sobre as neuroses sexuais das multidões. Ele parecia confiante.

– Eu sempre sei exatamente quando fazer isto – disse ele. – Isso estimula as pessoas. Você sabe o que acontece? Elas ficam com medo, e o medo é muito excitante. As pessoas gostam de ficar com medo. É exatamente como o momento antes de você ter um orgasmo. Todos querem isso. É uma experiência extrema.

Sem que Jim soubesse, enquanto “Light My Fire” era a número um, seu pai também chegava ao topo de sua própria lista, tornando-se, com a idade de quarenta e sete anos, o mais jovem almirante da Marinha dos EUA. Ele estava ligado ao Pentágono, e os Morrisons – Andy tinha agora dezoito anos, e Anne vinte – mudaram-se para Arlington, Virginia.

Um dia, um amigo de Andy chegou na casa deles com uma cópia do primeiro álbum do The Doors.

– Olhe para isso – disse ele. – Este não é Jim?

Andy disse que vinha escutando “Light My Fire” há semanas e não tinha reconhecido a voz de seu irmão. Ele pediu emprestado o disco de seu amigo e naquela noite o colocou para tocar com seus pais na sala. Clara largou o livro que

estava lendo, mas o almirante continuou a ler o seu jornal. Quando a parte edipiana de “The End” chegou, o jornal começou a tremer, lentamente no início mas então mais violentamente à medida que ficava claro sobre o que se tratava aquela canção. Até hoje o almirante não comenta sobre o trabalho de seu filho.

Na manhã seguinte a mãe de Jim ligou para a Elektra Records em Nova York e disse a eles que estava tentando localizar seu filho. Depois de dar detalhes convincentes sobre Jim, ela recebeu o número do hotel de Manhattan e o nome do empresário do The Doors. Ela desligou e ligou para Nova York novamente.

– Olá? Aqui é a Sra. Morrison. Jim está aí?

– Qual Jim?

– Jim. Jim Morrison. Eu sou a mãe dele.

– Ah, é? – O homem parecia entediado.

Outra voz entrou na linha.

– Alô?

– Jim? Oh, Jim...

– Sim, mãe...

Ela nervosamente disse a ele como era bom ouvir sua voz, perguntou sobre sua saúde, o repreendeu por não ter escrito, disse a ele que estava tão preocupada que queria contratar um detetive particular, mas que o almirante teimosamente a havia proibido de fazê-lo. Depois do grande alívio veio o ressentimento. As respostas de Jim às perguntas e acusações dela eram grunhidos.

– Jim...

– Sim, mãe – ele grunhiu.

– Por favor, venha para casa para um antiquado jantar de Ação de Graças. Andy e Anne...

– Uh... Acho que estarei muito ocupado, na data – disse Jim.

– Por favor, tente, Jim. Por favor.

Jim finalmente disse que ele talvez estivesse em Washington para um show em breve, e talvez ela pudesse ir vê-lo.

– Uma coisa, Jim. Você faria um grande favor à sua mãe? Você sabe como o seu pai é, você cortaria o cabelo antes de vir para casa?

Jim disse adeus e se voltou para os outros que estavam no recinto. Eles estavam em pé, e haviam escutado tudo, em silêncio.

– Eu nunca mais quero falar com ela.

O SHOW FOI NO SALÃO DE BAILE do Hotel Hilton de Washington, a Sra. Morrison chegou bem cedo com Andy, e ficou esperando no saguão até que ouviu alguém na recepção mencionar o nome do The Doors. Era Todd Schiffman, o agente da banda,

e Clara rapidamente se apresentou e informou a ele que queria ver seu filho. Todd enviou um amigo ao salão onde o The Doors estava se preparando para aquela noite. Quando o amigo voltou, disse a Todd, baixinho:

– Jim disse “De jeito nenhum”.

Então, pelas próximas quatro horas Todd manteve Clara e Andy longe de Jim, levou-os para jantar e pediu desculpas, dizendo que Jim os veria naquela noite.

– Nós todos fizemos a mesma coisa – diz Ray. – Nós todos nos revezamos, tentando distraí-la.

– Ah, e como fizemos! – diz Bill Siddons, que à época era um belo surfista de 19 anos que cuidava da turnê do The Doors.

Ray reencenou o incidente.

– Sim, senhora, ele estava aqui, eu o vi andando por aqui...

– Não, eu o vi lá fora – acrescentou Siddons, continuando a enganá-la.

Clara chegou cedo para o show, e ouviu um comentário de Bill:

– Há algo errado com o PA.

Clara não sabia o que era um PA, mas disse:

– O que você quer dizer com “há algo errado”? Onde está Jim? O que há de errado com o PA do meu filho?

Clara e Andy ficaram naquela noite de um lado do palco com Todd Schiffman, que lhes assegurou que eles veriam Jim imediatamente após o show. Clara ficou chocada e Andy, envergonhado com a interpretação de Jim em “The End” naquela noite. Após gritar “Mãe? eu quero... FODER VOCÊ!” ele lançou um olhar desinteressado para sua mãe, e então gritou novamente, desta vez mostrando os dentes.

Após o show, Todd pastoreou Clara e Andy até um quarto de hotel, onde disseram a eles que Jim estava esperando para vê-los, mas quando chegaram lá ele confessou que Jim já havia ido para Nova York para aparecer no *The Ed Sullivan Show*.

TODOS OS DOMINGOS havia uma grande confusão nos bastidores do Ed Sullivan Theater, na Rua 54. Às vezes havia mais de uma centena de convidados e a logística do show ficava complicada. Os corredores e os vestiários reverberavam com os sons de malabaristas, equipes de dança, sopranos e sapateadores, enquanto o pessoal da produção carregando suas pranchetas tentava organizar a multidão incontrolável.

Os Doors conheceram Bob Precht no vestiário. Ele era genro de Ed Sullivan e também o diretor do programa.

– Nós temos um problema bem pequeno – disse Precht, mostrando o indicador e o dedão bem próximo um do outro. – Nada muito importante, mas...

Os quatro integrantes do The Doors trocaram olhares perplexos.

– É sobre a música “Light My Fire”, que eu acho maravilhosa.

Os Doors permaneceram em silêncio.

– Bem, o canal, isto é, nós, quero dizer, na CBS você não pode dizer a palavra “alto”[58]. Eu sei que isto é uma besteira – ele encolheu os ombros, dramaticamente, fazendo um gesto com as mãos –, mas nós temos que mudar a canção.

Ele puxou um pedaço de papel do bolso de seu paletó e disse:

– A frase é “Garota, nós não podemos ficar mais altos”[59]. Jim e os outros não ficaram surpresos. Afinal, a própria gravadora havia editado a palavra “alto” em uma música de seu primeiro álbum.

Jim também estava ciente de que uma semana antes Pete Seeger havia sido censurado em outro programa da CBS, o popular *Smothers Brothers Show*, e que Precht havia censurado pessoalmente a aparição de Bob Dylan no programa de Sullivan.

– Claro – disse Jim –, acho que podemos colocar outra frase.

Precht deu um largo sorriso, disse aos Doors que eles realmente eram muito fáceis de lidar, avançou para a porta do vestiário e chamou seu sogro. Precht o chamava de “Sr. Sullivan”.

– Rapazes, vocês ficam ótimos quando sorriem – disse Sullivan. – Não sejam tão sérios.

Jim olhou para o “homem de televisão” com os olhos semicerrados e disse:

– Bem, nós somos uma espécie de grupo mal-humorado.

Quando Precht e Sullivan saíram do recinto, Jim e os outros trocaram olhares. Certo. Eles cantariam uma nova frase no ensaio e, depois, ao vivo, cantariam a letra original.

Na sala de controle, quando isso aconteceu, Bob Precht começou a gritar, com raiva.

– Vocês não podem fazer isso – ele gritou com as pequenas imagens nos monitores de televisão à sua frente. – Vocês não existem mais para este programa! Vocês nunca mais voltarão a este programa!

Depois da apresentação, ele foi até os rapazes, reclamando:

– Vocês me prometeram, rapazes, vocês me prometeram...

– Xi – disse Jim, dando de ombros –, eu acho que acabamos nos esquecendo com toda a empolgação.

Na mesma semana, houve uma festa na adega do DelMonico’s, um caro restaurante na Park Avenue. Todos os escritores e editores importantes apareceram, programadores de rádio estavam lá, e também Steve Paul (proprietário da Scene) e

Andy Warhol. Danny Fields bebia vinho, sentado com Gloria Stavers. As melhores e as piores *groupies* vieram, ficaram e beberam. Jim ficou bêbado e atirou pedras de gelo nas garotas. Danny sugeriu que o bar fosse fechado. Jim objetou. Ele sabia muito bem que festa era aquela e abriu uma garrafa de champanhe quebrando o pescoço desta na borda de uma mesa. Ele continuou, tirando garrafas de vinho vintage das prateleiras, quebrando-as, bebendo-as e distribuindo-as aos companheiros de bebedeira.

O comportamento dele não mudou depois da festa. Andy Warhol deu a Jim um telefone francês de marfim e ouro. Logo ele estava sentado no banco de trás de uma limusine com Steve Paul, Gloria e Andy. Quando a limusine dobrou a esquina da Park Avenue com a Rua 53, Jim se inclinou para fora da janela e jogou o telefone francês em uma lata de lixo, e gritou para os carros que passavam.

Eram quase três horas da manhã e Jim decidiu acertar as contas com Jac Holzman por ele não ter aparecido na festa. Jac não tinha visto motivos para comparecer, uma vez que tudo estava correndo bem para os seus clientes – a festa, na verdade, era uma festa para a imprensa, para comemorar o sucesso de “Light My Fire” e para servir como introdução oficial dos Doors ao estrelato. Claramente Jac tinha feito bem o seu trabalho, então por que lisonjear a si mesmo, aparecendo na festa? Aquele foi um grande equívoco, ele logo saberia.

Com uma voz pastosa de uísque, Jim ordenou que o motorista da limusine fosse para o elegante endereço dos Holzman em Chelsea. Gloria estremeceu, Danny questionou a ideia e Steve implorou para deixá-lo sair e pegar um táxi. Jim os ignorou.

Na casa de Jac, Jim insistiu para que todos o acompanhassem até a porta do luxuoso apartamento de dez quartos dos Holzman. Ele tocou a campainha de baixo e, quando não houve resposta, tocou em todos os outros apartamentos, até que um vizinho imprudente liberou a entrada deles.

Na porta da frente de Jac, a performance de Jim ia desde um toque persistente até se jogar contra a porta de aço com seu corpo suado e bêbado. Depois de se jogar até cair no chão e ainda assim não receber resposta, Jim arrancou metade do carpete do saguão e então ruidosamente liderou seu grupo pelos oito andares de escada até o saguão de mármore, onde ele cuidadosa e metodicamente vomitou em todo o recinto.

E então os Doors tomaram rumo para o oeste novamente.

NO NEGÓCIO DE RELAÇÕES PÚBLICAS a lista “A” é a lista de escritores e editores cuja atenção o agente mais gostaria de atrair para o seu cliente. Nesta lista estão as pessoas da *Time*, da *Newsweek* e da *The New York Times* e, em 1967, do *Saturday Evening Post*, da *Life* e da *Look*. A lista “A” para o The Doors era mais ampla do que para a maioria das bandas, porque eles tinham um apelo potencial a

um público mais amplo. Isso significava que a lista deles se estendia desde o *Times* até a imprensa underground, da *Vogue* à revista *16*.

– Ele fazia uma boa figura – disse Danny Fields, que trabalhava no departamento de promoção da Elektra. – Era muito esperto. Dava entrevistas maravilhosas e fazia citações fabulosas. Ele simplesmente as despejava. E os escritores gostavam de escrever sobre ele. Esse era o verdadeiro segredo. Ele fazia com que os escritores *gostassem* de escrever sobre ele. Então, eles não riam dele. Levavam-no totalmente a sério.

Jim e os outros Doors *queriam* ser levados a sério. Assim, suas entrevistas soavam um pouco como se fossem bate-papos de estudantes de faculdade. A entrevista com o repórter da *Newsweek* em Los Angeles em outubro, quando eles voltaram de Nova York, foi um bom exemplo.

– Há coisas que você conhece – disse Ray, citando Jim – e há coisas que você não conhece, o conhecido e o desconhecido, e entre eles estão as portas – somos nós.

Mais tarde esta frase seria atribuída a William Blake.

– É uma busca – disse Jim –, a abertura de uma porta depois da outra. E ainda assim não há nenhuma filosofia ou política consistentes. A sensualidade e o mal são uma imagem atraente para nós agora, mas pense nelas como uma pele de cobra que será trocada em algum momento. Nosso trabalho, nossa performance, é um esforço pela metamorfose. Agora estou mais interessado no lado escuro da vida, o mal, o lado escuro da lua, a noite. Mas na nossa música me parece que estamos buscando, nos esforçando, tentando chegar a uma esfera mais limpa, mais livre.

– É como um ritual de purificação no sentido alquímico. Primeiro você tem que ter o período de desordem, caos, retornando a uma região de desastre primitiva. Com isso, você purifica os elementos e encontra uma nova semente de vida, que transforma toda a vida e toda a matéria e a personalidade, até que finalmente, se tudo der certo, você emerge e congrega todos estes dualismos e opostos. Então você não está falando mais sobre bem e mal, mas sobre algo unificado e puro. Nossa música e personalidade, como se vê em nossa performance, ainda estão em um estado de caos e desordem, como talvez um elemento incipiente de um tipo de pureza do começar. Ultimamente, quando aparecemos ao vivo, estas coisas têm começado a se fundir.

Então ele soltou o seu melhor *slogan* até então:

– Pense em nós como políticos eróticos.

Para o escritor da revista *Time*, Jim estava encantado em falar sobre o conceito de rock-teatro, misturando música com “a estrutura de um teatro poético”. Sobre Los Angeles, ele disse:

– Esta cidade está à procura de um ritual para juntar seus fragmentos. Os Doors estão à procura de tal ritual, também – uma espécie de matrimônio elétrico.

E depois:

– Nós nos escondemos na música para nos revelarmos.

Em todos os momentos Jim estava consciente de sua imagem e das notícias sobre eles. Antes de cada apresentação, ele perguntava a um dos publicitários da Elektra quais escritores estariam na plateia e quem lia as publicações para as quais eles escreviam. Ele trabalhava em estreita colaboração com Gloria Stavers nas histórias que ela publicava na *16*, revisando cada uma até que ficasse satisfeito.

A maneira como Jim trabalhava com fotógrafos era reveladora, também. Durante a estadia do The Doors em Nova York em setembro, houve três importantes sessões de fotografia, e foi por causa delas que ele foi ao Jay Sebring, o cabeleireiro cultuado em Hollywood, antes que saísse de Los Angeles.

– Como você quer que o seu cabelo fique? – Jay perguntou.

– Assim – disse Jim, mostrando uma página rasgada de um livro de história que exibia a imagem de uma estátua – como Alexandre, o Grande.

– Jim – disse Gloria Stavers –, você precisa me escutar.

Gloria estava com Jim em seu apartamento no East Side e estava tirando algumas fotos para a *16*.

– Eu quero que você olhe para a câmera, não para mim. Imagine que a câmera seja qualquer coisa ou qualquer pessoa que você queira que ela seja – uma mulher que você quer seduzir, um homem que você quer matar, uma mãe que você quer aborrecer, um garoto que você quer seduzir; o que você quiser que seja, ela será. Lembre-se disso.

Os outros Doors haviam ido embora. Jim começou a perambular por todo o espaçoso apartamento, olhando dentro dos *closets* e abrindo gavetas, tirando casacos e joias. Gloria o seguia, observando atentamente. Ele foi até um espelho e ajeitou o seu cabelo, deixando-o cuidadosamente desarrumado. Quando Gloria quis penteá-lo, ele respondeu rapidamente:

– Tire este pente de perto de mim.

Ela retornou ao seu silencioso papel de fotógrafa. Jim colocou o casaco de peles de Gloria por cima de sua camisa indiana, ficou contra uma parede com suas mãos cruzadas sobre sua virilha, suas magras pernas afastadas, vestidas com a calça de couro. Ele a olhou com os olhos semicerrados assim que ela começou a clicar. E então tirou o casaco e a camisa e começou a experimentar seus colares.

No dia seguinte, os Doors foram ao estúdio de Joel Brodsky, fotógrafo da Elektra. Jim ainda estava vestindo suas calças de cintura baixa de couro e estava sem camisa novamente. Em seu pescoço havia um único fio de pequenas contas coloridas que ele havia pego emprestado com Gloria na noite anterior. Aos outros Doors foram dados ponchos pretos e eles ficaram posicionados contra um fundo preto, de forma que somente a figura de Jim e três cabeças aparecesse nas fotos.

Durante uma hora, Joel fez com que John, Ray e Robby se movessem muito pouco, mas permitiu que Jim fizesse qualquer pose que quisesse. Ele fez uma careta e olhou ameaçadoramente, apontando um dedo acusador e estendendo sua mão como que pedindo ajuda; flexionou e contorceu seu corpo flexível. Começou a beber, engolindo o uísque entre as poses: jogava a cabeça para trás para evidenciar os músculos de seu pescoço, que pareciam os de um cavalo selvagem; fazia um beicinho à la Mick Jagger; dava um sorriso zombeteiro como Elvis; rosnava, cuspia, assobiava, mostrava a língua. Nunca sorrindo, nunca rindo.

– Com a maioria das bandas, quando você as fotografa em um estúdio – diz Brodsky –, os integrantes brincam entre si, fazem piadas, tentam caçoar uns dos outros. Os Doors nunca fizeram isso. Eles eram muito sérios sobre o que estavam fazendo, em todos os momentos. E Jim era o mais sério dos quatro.

Gloria gastou apenas um rolo de filme. Assim que viu as provas, ela as enviou, junto com o primeiro álbum do The Doors, a um amigo da *Vogue*. Menos de uma semana depois, Jim entrou no estúdio da *Vogue* e foi diretamente para um cabideiro, cheio de figurinos de uma sessão anterior. Começou a experimentá-los, saltitando pelo estúdio.

– Ahhhhh – disse o fotógrafo –, tem um aqui vivo.

EM OUTUBRO, OS DOORS se apresentaram para quase 50 mil pessoas, e enquanto isso outras 35 mil marchavam para o Pentágono. A Elektra anunciou que tinha 500 mil encomendas para o segundo álbum. Cinco fuzileiros navais dos EUA foram mortos e 30 foram feridos no Vietnã ao serem bombardeados acidentalmente por aviões norte-americanos. John Wayne começou a fazer um filme sobre os Boinas Verdes. Uma passeata foi realizada em São Francisco, marcando a “Morte do Hippie e o nascimento do Homem Livre”, e Joan Baez, Mimi Fariña e sua mãe foram presas por fazerem uma manifestação no Centro de Instrução do Exército em Oakland. “People are Strange” entrou para o Top 20 nacional, e em outra gravação um executivo de propaganda de meia-idade, Victor Lundberg, leu “Uma Carta Aberta ao Meu Filho Adolescente”, tendo como música de fundo o “Hino de Combate da República”. As linhas finais são:

> Se você não é grato a um país que deu a seu pai a oportunidade de trabalhar para a sua família, de dar a você as coisas que você tem tido, e se você não sente orgulho o suficiente para lutar para que as coisas continuem desta maneira, então eu assumo a culpa por seu fracasso em reconhecer o verdadeiro valor do nosso patrimônio. E eu gostaria de lembrá--lo de que sua mãe irá amá-lo não importa o que você faça, porque ela é uma mulher. E eu também o amo, meu filho, mas eu também amo o nosso país e os princípios que defendemos. E se você decidir queimar o seu cartão de alistamento, então queime também sua certidão de nascimento. A partir desse momento, eu não tenho filho.

As frases eram claras. Em 1967 era Nós contra Eles. Em outubro, Jim começou a escrever suas canções mais militantes.

A primeira delas teve seu nome tirado de um reverenciado monumento nacional,

“The Unknown Soldier”, e foi composta na estrada, da mesma maneira que os Doors haviam criado suas primeiras canções no Whiskey a Go Go e na Ondine. Durante um período de dois ou três meses, esta se tornou uma das performances de maior sucesso da banda.

> Espere que a guerra termine
> E que ambos estejamos mais velhos
> O soldado desconhecido[60]

De repente, o canto fúnebre tornava-se uma celebração. John e Robby se juntavam a Ray em um ritmo que era tanto militar (metronômico) quanto carnavalesco.

> No café da manhã, quando se leem as notícias
> Crianças alimentadas pela televisão
> Futuras vidas vivas, mortas
> A bala atinge a cabeça sob o capacete
> E está tudo acabado para o soldado desconhecido
> Está tudo acabado para o soldado desconhecido[61]

Havia o som de pés marchando enquanto Jim, Ray e Robby começavam a bater com os pés em uníssono, e John também fazia um apropriado ritmo de marcha com a caixa. Ray contava a cadência.

> Hut
> Hut
> Hut ho hee up
> Hut
> Hut
> Hut ho hee up
> Hut
> Hut
> Hut ho hee up
> Companhia
> Alto[62]

As pisadas paravam e Jim adotava a postura torturada de um prisioneiro prestes a ser executado pelo pelotão de fuzilamento. Havia um segundo de silêncio enquanto todos os olhos se voltavam para ele, com seus braços esticados atrás das costas, cabeça erguida e o peito orgulhosamente aberto.

> Apreeee-sentar! Armas![63]

Havia um longo rufar de tambores e em seguida John geralmente quebrava uma baqueta batendo no aro da bateria, simulando um tiro. Ao mesmo tempo, Jim se dobrava, violentamente, caindo no chão como se tivesse sido atingido. Havia outro silêncio, mais longo, o órgão misterioso de Ray recomeçava, e uma voz solene vinha

da figura ainda caída no palco.

> Faça um túmulo para o soldado desconhecido
> aninhado na cavidade do seu ombro
> O soldado desconhecido[64]

A celebração recomeçava. Jim dançava alegremente enquanto gritava:

> Acabou!
> A guerra acabou!
> Acabou!
> A guerra acabou![65]

A segunda das canções militantes de Jim escrita neste período – e que a princípio parece ser sua canção mais militante de todas – foi mal interpretada por quase todos, que ouviram apenas os dois primeiros versos.

> Cinco para um, amor
> Um em cinco
> Ninguém sai vivo daqui
> Você terá o seu, amor
> E eu terei o meu
> Conseguiremos, amor
> Se tentarmos
> Os velhos envelhecem
> E os jovens ficam mais fortes
> Pode demorar uma semana
> E pode demorar mais
> Eles têm armas
> Mas nós temos os números
> Ganharemos, sim
> Assumiremos o controle
> Vamos lá![66]

A canção foi intitulada a partir da primeira frase, “Five to One”, uma estatística nunca explicada por Jim. A teoria de Paul Rothchild é que:

– Cinco para um é o mesmo que um em seis, a proporção aproximada de negros para brancos nos EUA, e um em cinco eu lembro que era relatado como sendo a proporção de fumadores de drogas em Los Angeles.

Sempre que era questionado, Jim dizia apenas que não considerava aquela uma canção política.

Ouvida inteiramente, a música parece ser uma paródia de toda a retórica revolucionária ingênua ouvida nas ruas e lida na imprensa alternativa do final dos anos 1960. Esta interpretação encontra forte apoio na estrofe final, a que o público de Jim prestava pouca atenção. Neste, Jim se dirigia a alguns dos jovens em sua circunscrição, as hordas “hippie / *flower child*” que ele via em número crescente,

esmolando nas calçadas da cidade do lado de fora de todas as casas de show.

> Seus dias de salão se acabaram
> A noite está se aproximando
> As sombras da noite se esgueiram pelos anos
> Você anda pelo chão com uma flor em sua mão
> Tentando me dizer que ninguém entende
> Trocando suas horas por um punhado de moedas[67]

Isso não quer dizer que Jim tenha virado as costas inteiramente para a "*love generation",* da qual a banda havia saído.

– Nós todos realmente acreditávamos nela – diz Ray. – Quando estávamos tocando no Whiskey a Go Go, acreditávamos que "ei cara, nós estamos dominando o país, nós estamos virando o jogo, nós vamos criar a sociedade perfeita".

O próprio Jim disse, em 1969:

– De um ponto de vista histórico este provavelmente se parecerá com o período trovadoresco na França. Tenho certeza de que parecerá incrivelmente romântico. Acho que pareceremos incríveis para as gerações futuras, porque muitas mudanças estão ocorrendo e nós estamos realmente lidando habilmente com isso.

Aquele era, segundo ele, um renascimento espiritual e cultural, "como o que aconteceu no final da praga que dizimou metade da população da Europa. As pessoas dançavam, usavam roupas coloridas. Era uma espécie de primavera incrível".

Por mais que Jim simpatizasse com seus jovens fãs, permanecia diferente deles em muitos aspectos básicos. Ao contrário do modelo hippie, Jim pensava que a astrologia era uma pseudociência, rejeitava o conceito de personalidade totalmente integrada e expressava um desgosto pelo vegetarianismo devido ao fervor religioso muitas vezes associado à dieta. Aquilo, dizia Jim, era um dogma, algo do qual não gostava.

A educação, a inteligência e a criação de Jim vieram a separá-lo de muitos de seus fãs. Um graduado na faculdade – em vez de alguém que a abandonou –, um leitor voraz com um gosto altamente católico, ele não era o homem tribal não linear pós-literal de Marshall McLuhan. Gostasse ou não, era um óbvio produto de uma família da classe média alta do sul: encantador, focado e de muitas maneiras politicamente conservador. Por exemplo, ele desaprovava a maioria dos beneficiários da previdência social com o mesmo desprezo que sentia pelos mendigos de cabelos compridos que criticou em "Five to One".

Outra barreira entre Jim e seu público foi sua mudança dos psicodélicos para o álcool. As farras agora estavam atingindo proporções quase míticas.

Asher Dann tinha uma teoria: se ele e Jim saíssem e ficassem bêbados na noite anterior a um show importante, Jim tiraria a ansiedade de seu sistema e ficaria relativamente sóbrio na hora do show. Esta foi uma teoria inútil na noite de novembro

em que os Doors tocaram para Bill Graham no Winterland, em São Francisco. Jim bebeu com Ash no bar do hotel das três da tarde até as oito da noite: talvez dez ou doze drinks. Em seguida, Todd Schiffman se juntou a eles, pagou mais uma rodada e os apressou para que entrassem em um carro, que desceu pela Fillmore Avenue. No trajeto, Jim cobriu a noite de obscenidades.

– Você acha que ele pode ir? – perguntou Todd.

– É claro – disse Asher Dann. – Quando está bêbado assim, ele faz um show ainda melhor.

Verdade apenas em parte: quando ele estava bêbado geralmente fazia alguns de seus melhores shows; quando estava bêbado também fazia alguns de seus piores shows.

A limusine parou. Bill Graham apareceu.

– *Onde diabos você esteve*? – ele gritou.

– Nós estamos aqui, Bill – disse Asher, obviamente tão bêbado quanto Jim. – Nós não estamos atrasados para o show.

Graham tornou seu rosto uma máscara e gritou:

– O contrato diz que a banda deveria estar aqui há uma hora: isso significa *todos* os quatro membros da banda! Incluindo Jim Morrison! – Graham apontou um dedo na direção de Jim. –Ele está bêbado, não é?

A partir do momento em que Jim subiu ao palco, o caos foi instaurado. A multidão estava em êxtase, adorando, chapada. Jim corria pelo palco, deixando o iluminador louco. Inclinava-se na beira do palco alto, oscilando acima do equipamento de luz no fosso, girando o microfone como um laço, fazendo-o passar por cima das cabeças na plateia. Os corpos se amontoavam na frente do palco.

Bill Graham veio correndo de seu escritório no andar de cima até o salão, lutando contra a multidão. Agitava os braços, pedindo a atenção de Jim. Mas ele continuava a rodopiar o microfone. Seus olhos estavam fechados, a música martelava. Finalmente soltou o microfone, que atingiu Graham como uma bala, batendo em sua testa e derrubando-o.

Mais tarde, no camarim, Jim desafiou Asher para que batesse nele, o que Asher fez, deixando Jim estatelado no chão.

Em novembro, o The Doors chegou às bancas de jornal com os melhores da lista "A", em publicações como *Newsweek*, *Times*, *The New York Times* e *Vogue*. Não eram apenas menções ou críticas elogiosas – os melhores da imprensa estavam investigando e tentando *definir* o The Doors.

No dia 6 de novembro a *Newsweek* disse: "O rítmico The Doors se abre: arrepio do aço, sons estranhos, um mundo de Halloween e fruto proibido".

No dia 15, a *Vogue* usou a foto de Jim – de peito nu, usando o seu cinto indígena de prata em volta do pescoço – para ilustrar um artigo de um professor de história

da arte, que contou à classe média norte-americana que Jim “pega as pessoas. Suas canções são estranhas, carregadas de um simbolismo um tanto freudiano; são poéticas, mas não são bonitas; cheias de sugestões de sexo, morte, transcendência... Jim Morrison escreve como se Edgar Allan Poe tivesse voltado como um hippie”. No dia 20, a *Time* usou uma citação de Jim, retirada da biografia da Elektra: “Eu estou interessado em todos os aspectos de revolta, desordem, caos” e em seguida descreveu a música como uma busca que “leva o The Doors não somente além de limites familiares da odisseia da juventude, tais como alienação e sexo, mas até mesmo a reinos simbólicos do inconsciente – estranhos mundos noturnos, cheios de ritmos pulsantes, tons metálicos vibrantes, imagens perturbadoras”. A fotografia, tirada nos bastidores, mostrava Jim vestido em couro preto, prostrado como se estivesse drogado, seu rosto a única coisa escondida da câmera.

“Realmente não havia um grande símbolo sexual masculino desde a morte de James Dean e desde que Marlon Brando ganhou uma pancinha”, escreveu Howard Smith, colaborador do *The Village Voice* e autoridade em modas e tendências. “Dylan é mais um galã cerebral, e os Beatles sempre foram bonitos demais para serem verdadeiramente sexy. E agora chega Jim Morrison, do The Doors. Se a minha antena estiver funcionando bem, ele pode ser a melhor coisa para despertar a libido das massas em muito tempo.”

Com este prognóstico, Smith publicou uma das fotografias de Joel Brodsky, que se tornou conhecida como “a foto do Jovem Leão” na Elektra – uma foto mostrando o peito nu e um ombro de Jim, um colar de contas de uma só volta de Gloria Staver em torno de seu pescoço musculoso, uma linha de queixo estilo Sieve Canyon, lábios sensualmente entreabertos, um olhar de abrasadora intensidade, costeletas enfatizando as maçãs do rosto salientes, cabelos esculpidos à la Alexandre, o Grande.

Mesmo os críticos mais cínicos admitiram que Jim Morrison era um super-homem cultural, de enorme estatura, capaz de levar garotinhas e muitos homens ao deleite sexual e intelectuais à profundidade. O crítico intelectual nova-iorquino Albert Goldman o chamou de “Dionísio nascido do surf” e um “Adônis hippie”, enquanto Digby Diehl, que logo se tornaria o cronista literário do *Los Angeles Times*, o descreveu se referindo à “sexualidade infantil perversa polimorfa” de Norman O. Brown.

* * *

NA VISITA SEGUINTE DOS DOORS a Nova York, Jim apareceu bêbado e com um olhar selvagem à meia-noite na butique no Lower East Side onde ele e Pamela tinham pedido a uma velha amiga que fizesse algumas calças boca-de-sino em uma

visita anterior à Costa Leste. Trina Robbins estava morando em um quarto atrás da butique e, quando ele bateu na janela, ela acordou e o deixou entrar.

– Ele não disse nenhuma palavra. Entrou, tirou a roupa e apenas ficou parado, nu. E ele era tão lindo, você sabe. Parecia um pouco tímido, mas me perguntou se eu ia tirar a minha roupa ou não.

JIM FREQUENTEMENTE VIA GLORIA STAVERS, a compreensiva ex-modelo na casa dos trinta de aparência irritadiça e interior doce, que editava a revista *16* para adolescentes "antenados". Ray, John e Robby avisaram a Gloria sobre Jim assim que eles se conheceram, contando a ela sobre a noite em que ele usou o extintor de incêndio no estúdio de gravação.

– Cuidado – disse Robby quando Gloria pediu a Jim que ficasse contra a parede para que ela tirasse uma foto – ele irá fazer o que você diz, e irá fazer o que você diz e irá fazer o que você diz, mas um dia ele irá fazer algo muito estranho e violento.

Era como se Robby estivesse falando sobre um irmão querido, que tinha ataques. A advertência era gentil e sincera.

O espírito de grupo ainda estava ativo. Quando Gloria disse a Jim que queria fotografá-lo e escrever sobre ele em vez do grupo todo, Jim ficou preocupado que os outros Doors se sentissem menosprezados e tomou muito cuidado para que a coisa toda acontecesse de maneira a não ferir ninguém. Quando os agentes disseram a Jim que ele poderia ser uma estrela maior sem os outros três, e ficaria mais rico se apenas pagasse músicos contratados e não dividisse tudo igualmente, Jim disse que iria pensar sobre isso, e então imediatamente contou a Ray, Robby e John e juntos eles começaram a conversar sobre conseguir novos agentes. Jim disse a Gloria:

– Basta um olhar para Ray e já fico sabendo na hora que fui longe demais.

Quando Gloria contou isso a Ray, ele disse:

– Bem, eu o amo muito.

Nas apresentações o espírito de grupo chegava ao seu auge. Ray diz:

– Veja você, quando o xamã siberiano se prepara para entrar em transe, todos os aldeões se reúnem e sacodem chocalhos e sopram apitos e tocam qualquer instrumento que tenham para ajudá-lo no transe. Há um constante martelar. E estas sessões duram horas e horas. Era isso que acontecia com o The Doors quando tocávamos ao vivo. Os sets não duravam muito, mas eu acho que nossas experiências com drogas nos faziam entrar neste transe muito mais rápido. Conhecíamos os sintomas daquele estado, de maneira que podíamos tentar nos aproximar dele. Era como se Jim fosse um xamã elétrico e nós fôssemos a banda do xamã elétrico, martelando atrás dele. Às vezes ele não sentia como se estivesse entrando neste estado, mas a banda continuaria martelando e martelando e aos poucos isto o dominaria. Deus, eu conseguia fazer com que um choque elétrico o

atravessasse, com o órgão. John conseguia fazer isso com a bateria. Era possível ver, de vez em quando, que ao tocar um acorde eu o fazia se contorcer. E ele entrava em transe novamente. Às vezes ele era simplesmente incrível. Simplesmente fantástico. E o público sentia isso, também!

A polícia também sentiu isso no dia 9 de dezembro de 1968. Um dia depois do aniversário de 24 anos de Jim, o The Doors estava em New Haven, Connecticut. Jim estava nos bastidores, conversando com uma garota de minissaia. Policiais estavam descansando, apoiados na parede do corredor. *Roadies* estavam carregando amplificadores. Bajuladores, como a garota, estavam por toda parte. Faltavam 30 minutos para que os Doors entrassem em ação.

– Nós não podemos conversar aqui – Jim disse à menina. – Vamos encontrar algum lugar mais calmo.

A menina concordou, balançando a cabeça, e seguiu Jim enquanto ele abria uma porta que dava para um vestiário, espiando lá dentro e depois entrando.

Poucos minutos depois, Jim e a menina estavam se agarrando.

Um policial entrou:

– Ei, garotos! Saiam daqui! Ninguém pode ficar nos bastidores!

Jim olhou para o policial.

– Quem disse?

– Eu digo: saiam daqui. Saiam agora, vamos!

– Aqui para você – disse Jim, agarrando a genitália.

O policial pegou a lata de spray de pimenta que estava em seu cinto.

– Último aviso – disse ele. – Última chance.

– Última chance de pegar aqui – Jim provocou, mencionando novamente seus genitais.

A garota correu quando o policial se aproximou e lançou o spray no rosto de Jim.

Jim andou para frente, passando pelo policial, e então se jogou às cegas no corredor, gritando:

– Me atingiram com spray de pimenta! O porco filho-da-puta!

Uma multidão se formou, e pela maneira solícita como Jim estava sendo tratado, o policial percebeu que havia cometido um erro.

Bill Siddons, o *roadie* do The Doors, entrou correndo e com a ajuda do policial levou Jim a uma pia, onde eles lavaram seus olhos. O policial se desculpou, e poucos minutos depois o show começou.

Durante o show, os alunos aplaudiram frequentemente e muitos deles se juntaram a Jim quando ele gritou:

– Queremos o mundo e queremos... agora!

Quando ele cuspiu no público com desdém e jogou o pedestal do microfone, eles urraram, em adoração. E então, durante a parte instrumental de “Back Door Man” Jim começou a falar.

– Eu quero contar a vocês sobre algo que aconteceu alguns minutos atrás, aqui mesmo em New Haven. Aqui é New Haven, não é? New Haven, Connecticut, Estados Unidos da América?

O público ficava mais silencioso à medida que Jim contava os detalhes de sua recente chegada: jantar e bebidas, uma conversa sobre religião com uma garçonete, um encontro com uma garota no backstage. Ele e a menina começaram a conversar, disse ele. Tendo como fundo o ritmo de “Back Door Man”, a batida espontânea foi se tornando hipnótica.

– E nós queríamos privacidade... Então nós entramos no vestiário. Nós não estávamos fazendo nada. Apenas estávamos lá, conversando... E então esse homenzinho entrou lá, um homenzinho com um casaquinho azul e um bonezinho azul...

Uma fila de policiais estava em pé ao longo da frente do palco, de frente para o público, como os policiais tradicionalmente ficam em shows de rock, para manter afastados os adolescentes armados de máquinas Instamatics. Mas, enquanto Jim contava a sua história, alguns deles se viraram.

– O que vocês estão fazendo aqui? – Jim disse, citando o policial no vestiário.

– Nada.

– Mas ele não foi embora. Ele ficou lá, e então ele pegou uma pequena lata preta, com alguma coisa dentro. Parecia creme de barbear. E então ele pulverizou aquilo nos meus olhos.

Quase todos os policiais estavam encarando Jim agora. Ele estava usando uma voz de “sulista idiota” para contar a história, usando-a para ridicularizar o homezinho de casaquinho azul. Houve risos na plateia, o riso dirigido aos policiais.

– O mundo inteiro me odeia! – Jim gritou. – A porra do mundo... Ninguém me ama. A porra do mundo inteiro me odeia.

O público estava extasiado.

Jim fez um sinal à banda e cantou o refrão final da canção:

– *Oh, sou o homem da porta dos* fundos...[68]

De repente as luzes se acenderam e Robby veio até a frente do palco, sussurrando no ouvido de Jim:

– Eu acho que os policiais estão chateados.

Jim perguntou à plateia se eles queriam mais música e, quando a resposta veio num barulhento “sim”, Jim gritou:

– Bem, então apaguem as luzes! *Apaguem as luzes!*

As luzes permaneceram acesas, e um tenente da polícia, que era o chefe da

Divisão da Juventude do Departamento de Polícia de New Haven, subiu ao palco e disse a Jim que ele estava preso.

Jim virou-se para encarar o policial, as pernas vestidas com calças de couro apoiadas desafiadoramente, os longos cabelos ondulados, úmidos e desarrumados. Ele colocou o seu microfone diante da boca do policial.

– Ok, porco – disse Jim, em uma mistura de bravata de colegial com uma repulsa adulta pela autoridade –, vamos lá, diga o que tem a dizer, cara!

Um segundo policial apareceu e cada um deles pegou Jim por um braço, levando-o para fora do palco, atravessando as cortinas. Eles o arrastaram por um lance de escadas abaixo, lutaram com ele através de um estacionamento, deixaram-no em pé ao lado de um carro patrulha e o fotografaram, derrubaram--no, chutaram-no e o jogaram dentro do carro para uma ida à delegacia, onde ele foi acusado de "realizar uma apresentação indecente e imoral", violação da paz e resistência à prisão.

Os policiais também prenderam um colaborador do *The Village Voice* e um fotógrafo da revista *Life*, garantindo involuntariamente a Jim publicidade máxima.

Poucos dias depois, Jim sentou-se no chão do escritório do The Doors entre pilhas de cartas de fãs, entre revistas e jornais de duas semanas e os últimos lotes de clippings recolhidos pelo relações públicas. Jim desdobrou um artigo escrito pelo crítico de cinema do *Los Angeles Free Press*.

– Ei – ele disse, depois de um minuto –, algum de vocês leu o que Gene Youngblood disse sobre nós?

Os outros na sala olharam para ele. Jim estava sorrindo maliciosamente.

– Ele diz, e eu cito, "Os Beatles e os Stones são para fundir sua mente; os The Doors são para depois, quando você já tiver ultrapassado isso".

Jim se endireitou, como se estivesse lendo em uma tabuleta.

– Ouça o que ele diz sobre a música. "A música do The Doors é a música da indignação. Não é farsa. Ela investiga os segredos da verdade. É *avant-garde* no conceito, mesmo que não seja técnica: fala da loucura que habita dentro de todos nós, de depravação e de sonhos, mas fala disto em termos musicais relativamente convencionais. Esta é a sua força e a sua beleza – uma beleza que aterroriza."

"A música do The Doors é mais surreal do que psicodélica. É mais angústia do que ácido. Mais do que rock, é ritual – o ritual do exorcismo psíquico-sexual. Os Doors são os bruxos da cultura pop. Morrison é um anjo; um anjo exterminador."

John Densmore pegou o recorte das mãos de Jim:

– Ei, no primeiro parágrafo ele diz que estava transando e, quando ele gozou, nós estávamos tocando "Horse Latitudes".

Todos se reuniram ao redor do recorte.

– Veja só – disse Bill Siddons. – Está escrito: "Os Doors podem produzir iluminação instantânea através do sexo".

Houve risos e por dez minutos piadas foram feitas. Meses depois Jim ainda dizia que Youngblood foi o primeiro a realmente entender onde sua mente estava.

Então, pouco antes do Natal, na tarde anterior à primeira apresentação deles no Shrine, Ray e Dorothy convidaram Jim e Pamela para serem padrinho e dama de honra do casamento deles.

– Bacana! Quando, Ray?

– Esta tarde... na Câmara Municipal.

Naquela noite Jim teve de ser arrastado para fora do palco porque ele queria cantar baladas para os recém-casados a noite toda.

54. “When the still sea conspires an armour…”

55. “We want the world and we want it now!”

56. “Before I sink into the big sleep / I want to hear / the scream of the butterfly.”

57. “You’re locked in a prison / of your own devise.”

58. “Higher” – que também tem a conotação de “chapado”.

59. “Girl, we couldn’t get much higher”.

60. “Wait until the war is over / and we’re both a little older / the unknown soldier.”

61. “Breakfast where the news is read / television children fed / unborn living, living, dead, / bullet strikes the helmet’s head. / And it’s all over for the unknown soldier, / It’s all over for the unknown soldier.”

62. “Comp’nee / Halt.”

63. “Preeee-zent! Arms!”

64. “Make a grave for the unknown soldier / nestled in your hollow shoulder / The unknown soldier.”

65. “It’s all over / The war is over! / It’s all over / The war is over!”

66. “Five to one, baby / One in five / No one here gets out alive / You get yours, baby / I’ll get mine /Gonna make it, baby /If we try / The old get old /And the young get stronger /May take a week /And it may take longer /They got the guns /But we got the numbers /Gonna win, yeah / We’re takin’ over / Come on!”

67. “Your ballroom days are over baby / Night is drawing near / Shadows of the evening crawl across the years / You walk across the floor with a flower in your hand / Trying to tell me no one understands / Trade in your hours for a handful of dimes.”

68. “Oh, Ahm a back door man...”

Jim posando em um casaco
de pele, pouco antes de um show
na cidade de Nova York, 1967.
(Gloria Stavers)

CAPÍTULO SEIS

JIM ESTAVA MORANDO em um quarto de US$ 10 por noite no Alta Cienega Motel, um prédio anônimo de dois andares e quartos praticamente idênticos, construído em uma encosta muito próxima da Sunset Strip. Nos anos seguintes, este motel se tornaria o centro do universo de Jim Morrison.

O local era adequado para quando Jim não tinha carro, ou para quando sua licença estivesse apreendida por embriaguez. Tudo podia ser feito a pé, mesmo dentro dos padrões de Los Angeles. Os novos escritórios e o novo estúdio de gravação da Elektra estavam a aproximadamente 90 metros dali, em La Cienega Boulevard, uma larga avenida conhecida como a “rua dos restaurantes”, onde Jim comeu centenas de refeições. Ainda mais perto estavam os próprios escritórios do The Doors e os três bares favoritos de Jim.

Jim estava no quarto 32, no segundo andar, esparramado sobre a colcha de chenille verde que cobria o colchão irregular da cama de casal. Uma garota magra de dezessete ou dezoito anos estava perto do pequeno aparelho de televisão, de costas para o pequeno banheiro.

Jim entornou uma cerveja e jogou a lata em uma cesta de lixo de plástico, ao lado da cômoda amarela. Errou, derrubando um livro no chão: The Origins and History of Consciousness.

– Dane-se – Jim arrotou. Olhou para a menina. Levantou o queixo, sinalizando para que ela viesse até a cama. Eles haviam se conhecido na noite anterior; ele ouvira toda a história da vida dela e então havia feito sexo anal com ela, e agora estava entediado.

– Deixe-me ver suas mãos.

A menina as estendeu. Jim pegou uma das mãos pelo pulso e começou a tirar os anéis de seus dedos. Ele estava sendo bruto. Ela gritou de dor.

– Me dê a outra mão – ele ordenou, antes de soltar a primeira.

Ela hesitou. Ele apertou o pulso dela e repetiu a ordem. Ela obedeceu e ele tirou todos os seus outros anéis, arranhando a pele.

Em seguida, soltou-a. Ele segurou os anéis em uma das mãos e, se inclinando sobre a cama, tirou outra lata de cerveja de um saco de papel e pediu que a menina a abrisse. Ela obedeceu.

Houve uma batida súbita na porta.

– Sim? – disse Jim, irritado. – Quem é?

– É segredo – disse uma voz provocante de mulher.

Jim obviamente conhecia a voz.

– Por que você não volta mais tarde? Eu estou sem roupa – disse ele.

– Jim, eu vim até aqui e agora você nem vai me deixar entrar?

– Pam querida, eu estou ocupado.

– Jim, eu sei que há alguém aí dentro. Eu sei que há! Eu não posso acreditar que você esteja fazendo isso de novo. Você é realmente nojento!

Jim ficou em silêncio.

– Jim, há uma maravilhosa perna de carneiro no forno para o jantar, e meu novo apartamento é...

Jim interrompeu.

– Bem, veja você, aqui há uma garota louca, Pam, ela está deitada na cama com suas pernas abertas e eu não sei o que fazer.

– *Você é nojento, Jim Morrison, e eu estou indo embora!*

– Mas, Pam querida, ela é sua irmã, Judy. Você não deveria ficar zangada.

Jim se voltou para a garota no quarto e pediu desculpas por não haver uma porta de trás por onde ela pudesse escapar.

– E você não pode sair pela janela: são seis metros até a calçada – ele olhou em volta. – Talvez deva ficar no chuveiro.

Pamela gritou:

– Eu quero vê-la, Jim.

A camareira chegou e começou a discutir com Pamela, dizendo que ela estava fazendo muito barulho e que teria que ir embora. Jim vestiu uma camisa e uma calça e saiu do quarto.

– Escute, Pam querida – disse ele, colocando o braço em volta do ombro dela – eu estava apenas brincando com você, sua irmã não estava comigo.

Jim estendeu a mão, mostrando a ela os anéis.

– Veja – disse ele –, são para você. Uma de minhas fãs os deu para mim.

Pamela pegou um anel de turquesa, colocou-o em um dedo e guardou os outros. Andaram até o carro de Pamela e entraram.

A cena era típica. Jim era capaz de ir da crueldade à ternura no espaço de poucos minutos. Para alguns, ele parecia ser um “ursinho de pelúcia fofo”. Para todos ele jurava amor, a verdade do momento. Mas para muitos, incluindo Pamela, a promessa testava a própria credibilidade.

Para fazer as pazes, Jim disse a Pamela que a levaria para Las Vegas com Bob Gover e sua namorada. Gover era o lascivo quarentão autor do livro *$100 Misunderstanding*, um romance engraçado sobre um estudante branco ingênuo e uma inacreditável, mas muito cool, prostituta negra. Ele tinha um contrato com o *New*

York Times Magazine para escrever uma história retratando Jim como produto de maquiavélicos titereiros de Hollywood. Quando ele insistiu que Jim era uma criação dele, Gover foi tirado da história, mas a esta altura os dois já haviam se tornado amigos, compartilhando o amor pelos livros, pelas mulheres e pelo álcool. Gover já havia vivido em Vegas e disse que queria mostrar a Jim o lado da cidade que os turistas não viam. Previsivelmente, Jim e Pamela brigaram, por isso Jim foi para Vegas sem ela.

Jim saiu, junto com vários outros, do carro do Gover; ficou parado no calor da noite seca do deserto e olhou por um momento para a marquise da boate: Pussy Cat a Go Go apresenta *Stark Naked and the Car Thieves*[69]. Jim riu e andou pelo estacionamento pavoneando-se. Ele estava bebendo desde o meio-dia, e agora eram cerca de dez da noite. Ele olhou para trás, para os outros de seu grupo e, fazendo um gesto com os dedos, fumou ruidosamente um baseado imaginário.

–Você quer? – ele perguntou.

O guarda do estacionamento deu um passo para trás, como se estivesse sentindo repulsa, e então pulou para a frente, empunhando seu cassetete.

– Ei, espere um minuto. – Um dos companheiros de Jim entrou na frente para protestar.

O guarda desferiu um golpe de cassetete no crânio mais próximo, então se virou e acertou Jim. Ele parecia mais surpreso do que ferido, embora o sangue estivesse correndo por um lado de seu rosto, e o guarda o acertou novamente.

Logo depois disso a polícia chegou, colocando Jim e Gover – os dois com os cabelos mais compridos – na parte traseira da viatura.

– Seu covarde – Jim falou, em um sussurro, e ficou em silêncio novamente.

– Seu *covarde* – ele levantou a voz, e então ficou em silêncio.

– Porco – disse ele.

– *Porco* – novamente.

– Porco covarde.

Os policiais no banco da frente ignoraram os insultos de Jim e foi Gover quem tentou silenciá-lo.

– Acalme-se, cara, esses sujeitos podem acabar conosco se eles quiserem, eles têm autorização para isso.

– Não, cara – disse Jim –, isto é uma prova de coragem.

Bob foi fichado por embriaguez pública, Jim pelo mesmo e também por vadiagem e falta de documentação. Como de costume, ele não carregava nada nos bolsos, exceto um cartão de crédito.

– Ei, o que vocês trazem aí – disse um dos policiais da cadeia, quando Jim e Bob chegaram –, duas garotas?

– Isso aí, cara, veja esse cabelo. Hahah.

– Acho que essas duas belas criaturas deveriam tirar a roupa para que nós saibamos com certeza de que sexo elas são, o que você acha?

Bob e Jim tiveram que tirar a roupa. Depois de fichados foram ordenados a se vestir e, em seguida, colocados na cela. As barras da cela iam até o teto, que ficava a seis metros de altura, e, quando a porta foi fechada, Jim subiu até o alto da cela, como um macaco, para olhar para o recinto ao lado, onde havia mesas e policiais.

– *Ei, Bob* – disse ele – eles não são os filhos da puta mais feios que você já viu?

Jim começou a rir.

– Hahahahaahah…

Um dos policiais se aproximou e olhou para Jim.

– Eu saio à meia-noite, e então teremos um encontro. Só eu e você em um quarto. Te vejo mais tarde... querida.

Faltando cinco minutos para a meia-noite, Jim escapou de uma surra garantida quando amigos de Bob pagaram a fiança deles e Jim retomou sua noitada.

Esta também era uma cena típica. Nos primeiros meses de 1968 as bebedeiras de Jim aceleraram em um ritmo que fez com que os outros Doors ficassem alarmados. Na tradição de Dylan Thomas e Brendan Behan, Jim estava se tornando não apenas um Bêbado Mítico, mas um Bêbado Diário.

Em uma festa na casa do cantor John Davidson, Jim e Janis Joplin ficaram bêbados juntos. Paul Rothchild lembra-se deles com seus braços nos ombros um do outro: “Sr. e Sra. Rock’n’ Roll”. Mas então Jim ficou perverso e agarrou Janis pelos cabelos, puxando a cabeça dela para a virilha dele e segurando-a ali. Finalmente ela se soltou e fugiu para o banheiro aos prantos. Jim foi colocado à força dentro de um carro. Janis veio correndo atrás dele, pegou algo dentro do carro e começou a bater na cabeça de Jim com uma garrafa de Southern Comfort. Jim estava rindo quando o carro saiu.

Em Nova York, na Scene, Jim tropeçou e derrubou uma mesa cheia de bebidas no colo de Janis, e em seguida, levado pela música, saltou para o palco, onde caiu de joelhos, segurando as pernas de Jimi Hendrix em um abraço fervoroso e embriagado.

De volta a Los Angeles, no Barney’s Beanery, ele se envolveu em uma discussão com seu amigo Tom Baker. Em um filme que ele havia feito com Andy Warhol, Tom apareceu nu, e agora ele chamava Jim de “provocador”.

– Pelo menos eu deixo tudo para fora, cara – disse Tom.

Jim estava bêbado e procurou seu zíper.

– Bem, eu posso fazer isso – se vangloriou. – Eu posso fazer isso. Isso não é nada. Isso não é arte.

Em um aeroporto na região centro-oeste dos Estados Unidos, novamente bêbado,

Jim insistiu para que alguém o empurrasse em uma cadeira de rodas, da qual ele caía periodicamente, se sacudindo violentamente, como se estivesse tendo um ataque. Por fim, caiu e não se mexeu. Ele desmaiou debaixo de um banco e Bill Siddons educadamente o protegeu da visão de quem passava, colocando bagagem de mão e *cases* de guitarra
na frente dele.

Jim acolheu com prazer o sucesso, na tradição *rock and roll* de "ao vencedor os espólios". Além de conseguir um número cada vez maior de garotas, ele começou a gastar dinheiro furiosamente – não em casas e carros, mas em enormes contas de bar e roupas customizadas, incluindo um casaco de pele de lagarto e um terno de $ 2.200 dólares feito com pele de feto de pônei. Este foi descuidadamente jogado em uma lixeira do aeroporto depois que muitos o confundirem com pele de foca. Havia uma pequena multidão de bajuladores que acompanhava Jim por toda parte, deleitando-se com o característico ambiente de ostentação do estrelato pop nos anos 1960. Eles levavam Jim aonde ele quisesse ir, competiam para acender seus ocasionais cigarros com filtro, corriam para pegar coisas na loja de bebidas, mantinham a cabine de voz no estúdio abastecida com todo tipo de *groupies* malucas.

Jim também começou a montar sua primeira confraria de bebedores sérios, incluindo Tom Baker, o ator, o então praticamente desconhecido cantor Alice Cooper e um integrante da banda de Alice, Glen Buxton. Jim, naquela época, levava a bebida muito a sério, mesmo que parecesse descontraído. Ele passava os dias nos bares que praticamente cercavam seu motel. Nunca entrava no estúdio sem uma garrafa.

O álcool era a panaceia de Jim, a poção mágica que respondia às suas necessidades, resolvia seus problemas, e para ele parecia que, historicamente, consumi-lo era a coisa certa a ser feita. Seu consumo estava de acordo com a imagem dionisíaca com a qual ele se identificava e que gostava de projetar. E que também estava firmemente integrada à tradição cultural norte-americana.

À época em que começaram as gravações do terceiro álbum, esta situação ficou mais séria ainda. Tanto na sala deensaios quanto no estúdio só havia parasitas. Bruce Botnick se recorda da noite em que uma garota gorda desmaiou na cabine de voz com seu vestido levantado acima da cintura, sem calcinha, e todo mundo queria dar uma olhada.

Então veio a noite em que John jogou no chão suas baquetas e foi embora. Ele havia feito isso antes, quando Jim estava bêbado demais para cantar na festa de boas-vindas aos alunos da Universidade de Michigan. Mas agora era definitivo.

– Chega! – disse John, com raiva. – Não aguento mais, chega, vou embora! Para mim já chega, vou embora!

E ele foi embora.

Ray e Robby olharam um para o outro e depois para Jim, que estava caído no

chão do estúdio, deitado em uma mancha de urina que se espalhava. Ray lentamente se levantou e caminhou até a sala de controle. Encolheu seus grandes ombros e disse:

– Eu não sei...

O dia seguinte foi um dia de trabalho comum, com todos os quatro Doors presentes.

Discretamente, John, Robby e Ray começaram a sondar quem poderia ser contratado para exercer um pequeno controle amigável. Paul Rothchild sugeriu Bobby Neuwirth, um amigo que morava em Nova York. Os Doors disseram sim, que já tinham ouvido falar dele.

– Ele não era o *roadie* do Dylan?

– Mais do que isso – disse Paul. Neuwirth era um catalisador, um criador de cenários, uma personalidade suave, que assumia o comando das coisas com uma aparência tranquila. Ele também conhecia todos que era preciso conhecer – "Quem você quer conhecer – Brando?" Joan Baez disse que Neuwirth havia sido a inspiração de Dylan para "Like a Rolling Stone".

– E – Rothchild disse aos três Doors – ele pode superar Jim Morrison para sempre. Ele pode entretê-lo e lidar com ele intelectualmente, ele consegue farrear mais do que ele, beber mais, correr mais, dormir menos e ainda levá-lo ao show na hora certa.

Os três disseram a Paul que ele parecia adequado, e Paul ligou para Jac Holzman, em Nova York, para informar que a situação havia piorado tanto que eles não estavam certos de que haveria um terceiro álbum, a menos que alguém fizesse algo a respeito de Jim. Jac disse que a Elektra pagaria metade do salário de Neuwirth.

Já que Neuwirth era o que ele mesmo definiu como "um artista da *curtição*", ele conheceu Jim em Nova York, então eles não eram estranhos. Mas para fazer com que sua função parecesse natural, Paul trouxe-o consigo quando ele se juntou ao The Doors, na turnê em março. Um plano foi desenvolvido, no qual Bobby começaria a fazer um filme sobre o The Doors – um documentário em miniatura, que poderia ser usado para promover um dos próximos singles, muito parecido com os filmes feitos para "Break on Through" e "The Unknown Soldier".

É claro que Jim percebeu o que estava acontecendo.

– Não diga que os Doors fizeram isso pelas costas dele – diz Neuwirth –, porque ninguém *jamais* fez algo pelas costas *daquela* figura, cara; porque se você o conhecesse *um pouquinho* saberia que ele não era tão bobo assim. Ele entendeu tudo – *na mesma hora*. Eu deveria ser uma espécie de diretor que não dirigia, não é? Mas não funcionou assim. Aquela figura captava *cada* movimento que estava sendo feito.

Então, segundo Neuwirth, estabeleceu-se entre os dois uma relação confortável. Primeiro ele tentou ensinar Jim a tocar guitarra, mas Jim disse que não, que isso

levaria muito tempo. Depois apenas fizeram o que Bobby sabia fazer melhor: curtiram.

– Aquilo não era estranho, cara, *absolutamente*. Potencialmente volátil, porque gostava de cervejas geladas também, cara... e tequila. Vamos encarar, não havia nenhuma maneira de impedir que Jim bebesse. Você simplesmente acabava bebendo com ele.

JAC HOLZMAN FOI A UMA DAS SESSÕES de gravação logo após Neuwirth ter sido contratado, e foi puxado conspiratoriamente para uma cabine de voz.

–Eu tenho que te pedir um favor – disse Robby.

– Claro.

Robby disse a Jac que queria um adiantamento sobre os royalties que eles haviam ganhado, mas que seriam pagos apenas daí a alguns meses.

– De quanto você precisa?

– Eu não sei, nós queremos pagar para romper o nosso contrato com Sal e Ash.

Os Doors estavam discutindo isto há meses. Dann e Bonafede haviam conseguido para eles um bom agente e uma firma de publicidade eficiente, mas também tentaram separar o grupo, aliciando Jim a tentar uma carreira solo, e eles estavam fornecendo a Jim bebidas demais no camarim. Então eles falaram com o pai de Robby e, em seguida, com o advogado deles, Max Fink.

Jac Holzman nunca gostara dos empresários do The Doors, porque achava que haviam criado um distanciamento entre o grupo e ele quando insistiram que os rapazes trocassem seus números de telefone e não dessem os novos ao pessoal da Elektra. Então ele alegremente deu um adiantamento de 250 mil dólares ao The Doors, uma parte já garantida das vendas dos discos. Dann e Bonafede concordaram em receber um quinto dessa quantia.

Primeira foto de divulgação da banda, nunca utilizada – 1966 (Elektra Records).

Os Doors decidiram convidar o antigo empresário deles, Bill Siddons, para assumir

a função. Ele os havia deixado no primeiro dia do ano para voltar à escola e assim evitar o alistamento militar, mas com o salário de 1.500 dólares por mês que os Doors lhe prometeram – ao invés de uma porcentagem –, ele imaginou que poderia deixar seu deferimento de estudante de lado e contratar um bom advogado para tratar do alistamento militar (que, mais tarde, também conseguiu para Robby uma dispensa). Bill, de apenas dezenove anos, era um cidadão canadense, com um status de estrangeiro residente, mas era o perfeito californiano do sul: um jovem alto, loiro e em ótima forma física, obcecado por pranchas de surf, motocicletas, maconha e garotas bonitas.

Não era incomum naqueles dias que alguém tão jovem e ingênuo como Bill se tornasse o empresário de uma banda de rock de sucesso. As bandas muitas vezes se voltavam para seus *roadies* em busca de ajuda quando tinham problemas. Além disso, ficara entendido que os Doors na realidade estariam se empresariando, tomando todas as decisões criativas, enquanto Bill dirigiria o escritório e serviria como ligação entre eles e seus advogados, agentes, contadores e publicitários.

O humor e comportamento de Jim melhoraram e uma série de quatro shows no novo Fillmore East, em Nova York, superou todos os outros shows dos últimos tempos. Bill Graham se opôs fortemente a exibir o violento filme impressionista que o The Doors havia feito para “The Unknown Soldier” – nele, Jim era amarrado a um poste na praia de Venice, atingido por um tiro e cuspia sangue pela boca –, mas finalmente ele concordou.

Os *teenyboppers*[70], agora em franca expansão, aceitaram o Morrison irlandês preto-e-branco como ninguém menos do que Deus. Na *Crawdaddy* o escritor Kris Weintraub descreveu Jim da seguinte forma, no verão de 1968:

> Ele aproximou-se do microfone, agarrou a parte superior com a mão direita e o suporte com as pontas dos dedos da mão esquerda, e olhou para cima para que a luz atingisse seu rosto. O mundo começou naquele momento. Não há outro rosto como aquele no mundo. É tão belo, e nem mesmo é bonito de uma forma comum. Eu acho que é porque você pode dizer, só de olhar para ele, que ele é Deus. Quando ele se oferece para morrer na cruz por nós, está tudo bem, porque ele é Cristo.

Outro escritor, mais calmo, para a mesma revista lembrou:

> Depois de sua morte simbólica, o mundo inteiro celebra descontroladamente, enquanto Morrison canta histericamente a trilha sonora: “Está tudo acabado, baby! A guerra acabou!”[71]
>
> Quando o filme foi exibido no Fillmore East, um público jovem cheio de frustração antiguerra rompeu em um pandemônio. “A guerra acabou!”, gritaram os teenyboppers nas fileiras. “O The Doors acabou com a maldita guerra!” A pequena peça da paixão dos Doors tinha conquistado o público. Jimmy e os rapazes haviam conseguido de novo.

Enquanto “Unknown Soldier” ia para as paradas de sucesso, outra crise acontecia. Esta aconteceu em Los Angeles, quando o The Doors voltou para o estúdio. Ray foi até Vince Treanor, há quatro meses gerente de equipamentos do grupo, e pediu algum trocado para a máquina de Coca-Cola.

– Falando em trocado – Vince disse –, você não acha que é hora de trocarem de empresário?

Ele estava, é claro, recomendando a si mesmo. Ray ficou estupefato.

A opinião de Vince era que Bill estava fazendo um grande mal ao grupo, e ele se ofereceu aos quatro integrantes do The Doors, individualmente. Em seguida, os quatro e Paul Rothchild entraram na sala de controle, e pouco tempo mais tarde Bill se juntou a eles, depois que passou por Vince cumprimentando-o com apenas um aceno de cabeça. Os Doors decidiram ficar com Bill. Eles concordaram que Vince era um gênio da eletrônica (certa noite, em uma situação de emergência, ele havia desmontado, consertado e remontado o amplificador de guitarra de Robby na escuridão do palco). Concordaram ainda que seria impossível encontrar qualquer um que fosse mais leal ao The Doors do que o sombrio construtor de órgãos de Massachusetts. Mas sentiam que ele não tinha a personalidade adequada. Tinha um temperamento difícil e era um daqueles verdadeiros excêntricos, cujas maneiras mantinham as pessoas à distância. Ao mesmo tempo, decidiram que deveriam dar uma promoção e um aumento a Vince, de gerente de equipamentos para produtor, e de 400 a 500 dólares por mês, mais 100 dólares por apresentação.

Passada esta pequena tensão, o The Doors voltou sua atenção mais uma vez para uma tensão maior: a conclusão do álbum.

Esta não estava sendo fácil. Uma longa composição chamada “Celebration of the Lizard” havia sido descartada, com exceção de um pequeno pedaço que apareceu como “Not to Touch the Earth”. Jim tirou as primeiras frases da canção – “Not to touch the earth / Not to see the sun” – do índice de *The Golden Bough,* de Frazer. A canção “Lizard”, em sua forma primária, chegava a 24 minutos, e sua retirada, depois de muitas horas no estúdio, deixou metade do álbum vazio, sem nada planejado.

Desta forma, o The Doors mergulhou no pouco que havia restado de seu repertório mais antigo e gravou canções que Jim havia escrito em Venice, incluindo o que viria a ser seu próximo grande sucesso, “Hello, I Love You”, resgatada pelo jovem filho de Jac Holzman, Adam, de uma fita demo original. Arranjos para outras canções foram criados em estúdio, o que exigiu que gastassem mais do caro tempo que custava estar ali. Para uma delas, “My Wild Love”, os Doors desistiram da música e transformaram-na em uma *work song* ao conseguir que todos os presentes, incluindo Mark James, o jovem filho de Billy, batessem palmas, batessem com os pés e cantassem em uníssono.

Mais tempo ainda foi consumido pelo perfeccionismo de Paul Rothchild. Quase todas as músicas do álbum demandavam pelo menos vinte *takes* – reconhecidamente, muitos erros nos *takes* eram responsabilidade de Jim –, enquanto “The Unknown Soldier”, gravada em duas partes, exigiu um total de 130 *takes*. O álbum foi finalmente concluído em maio.

Jim passou por isso com determinação, mas cada vez mais mostrava sua

frustração e seu tédio ao negligenciar sua música, comprometendo seu tempo com um número crescente de atividades não musicais. Uma delas era o cinema.

Quando o diretor francês Jean-Luc Godard apareceu para a estreia americana de *La Chinoise* na University of Southern California, Jim sentou-se na primeira fila. Seu amigo escritor Bob Gover estava escrevendo um roteiro, e eles conversaram sobre Jim participar do projeto. Joan Didion, que escreveu um artigo lisonjeiro sobre Jim para o *Saturday Evening Post*, e seu marido escritor, John Gregory Dunne, compraram os direitos para filmagem de um livro chamado *Needle Park*, e queriam que Jim e seu amigo Tom Baker estivessem nos papéis principais. E o curto documentário em preto-e-branco de Bobby Neuwirth, *Not to Touch the Earth*, foi editado como uma espécie de protótipo para outros filmes promocionais produzidos pelo The Doors.

– A ideia era – diz Bobby – que o The Doors nunca tivesse que ir ao *Dick Clark Show*, ou algum destes outros programas. Eles simplesmente mandariam o último filme. Dessa forma, ninguém teria que carregar nenhum amplificador, nem ninguém teria que estar sóbrio.

O filme de Bobby nunca foi usado. Os Doors decidiram não lançar “Not to Touch the Earth” como single, e Bobby foi retirado da equipe.

Com a saída de Bobby, veio a decisão de fazer um documentário em longa-metragem. Os quatro Doors ansiosamente concordaram em dividir o custo; todos acreditavam que o filme seria um investimento com um grande potencial de retorno. Se este fosse exibido e chegasse a ser tão popular quanto, por exemplo, *Don’t Look Back*, de Dylan, eles poderiam ter um grande lucro. Até mesmo uma venda para a televisão daria lucro. De qualquer maneira, esperava-se que o filme melhorasse o status criativo do grupo, ao mesmo tempo promovendo o valor financeiro do The Doors. O cinema era algo bastante aceitável para bandas de rock se envolverem em 1968, e o The Doors estava entre as primeiras a se interessar por isso.

Vinte mil dólares foram gastos em câmeras, luzes, gravação de fitas, equipamento de edição, e três “funcionários” foram contratados em tempo integral. Dois eram ex-colegas da escola de cinema de Jim e Ray. O primeiro era Paul Ferrara, um rapaz de boa aparência que havia acompanhado a cena inicial de Venice e que agora trabalhava com fotografia. O segundo era Frank Lisciandro, um estudante de zen de fala mansa e um pouco
excêntrico que, com sua esposa Kathy (mais tarde secretária do The Doors), serviu dois anos no Peace Corps, na África. O terceiro era Babe Hill, um dos velhos amigos do ensino médio de Paul Ferrara, das planícies do subúrbio de Inglewood onde, até recentemente, Babe vivia, casado e com dois filhos.

Nos três meses seguintes, esses três homens seguiram o The Doors por todo o sul da Califórnia – desde a Disneylândia até Catalina – e em seguida por toda a América, para captar imagens deles tocando e se divertindo. Como todos que entraram na órbita dos Doors, os três foram atraídos pela força da personalidade de

Jim e pela profundidade de sua generosidade. Com o tempo eles se tornaram seus amigos mais próximos – especialmente Babe, que parecia uma criança, e cuja aberta e pronta aceitação a tudo e a todos deixava Jim em transe.

– Eu não sei se esse cara é um estúpido ou um gênio, mas ele com certeza sabe como se divertir – disse Jim certa vez.

Ao mesmo tempo, Jim estava lutando novamente com sua poesia. Embora os outros Doors pensassem em "Celebration of the Lizard" como uma espécie de albatroz em volta de seus pescoços antes de ser finalmente retirada do terceiro álbum, Jim estava feliz com a letra, e via a obra como "puro teatro". Esta reiterava muitos de seus temas favoritos, incluindo prisão, loucura, sonhos e morte (Infelizmente, apenas duas das 133 linhas do poema seriam lembradas: "Eu sou o Rei Lagarto / Eu posso fazer qualquer coisa."). Ele também gostava de garimpar alguns de seus primeiros escritos da UCLA para a revista *Eye* – um ensaio disperso sobre a visão que era poético e perspicaz, mas tão esotérico que os editores se sentiram impelidos a adicionar uma grande quantidade de notas de rodapé para explicar suas referências arcanas.

Pamela deu a Jim uma bolsa de couro trabalhado para guardar os poemas que ele tão bem e trabalhosamente havia datilografado e marcou um encontro com o poeta Michael McClure, de São Francisco. Jim disse que queria ver a nova e controversa peça de McClure, *The Beard*, e Pamela ligou para um dos velhos amigos de sua irmã, que era agente literário de McClure. Ele conseguiu ingressos para a produção de Los Angeles e depois disso Jim conheceu o poeta da geração *beat* que havia sido um de seus heróis no ensino médio. O encontro foi uma decepção para os dois. Michael McClure não havia lido nenhuma poesia de Jim, e a timidez deste o levou a ficar incrivelmente bêbado. Mas Jim saiu exultante do encontro. Um agente, Michael Hamilburg, disse que queria ler a poesia de Jim e concordou que ela devia ser publicada sem referências à imagem de Jim como uma estrela do rock.

Enquanto isso, o tédio de Jim com o estrelato do rock começou a aumentar. Originalmente, ele e Ray tinham concebido o The Doors como uma fusão inteligente e volátil de teatro, poesia e música de investigação bem executada. Era óbvio para Jim que este conceito foi se perdendo entre o público do The Doors: a maior parte dele era atraída pelo sensacionalismo e por ver Jim como um ídolo sexual.

Mas houve um momento em que ele começou a mostrar desprezo pelos fãs e a se voltar contra eles. Durante meses vinha cuspindo neles (ou na imagem que tinham de Jim), e vinha ficando tão bêbado que as performances muitas vezes eram prejudicadas. No início do verão de 1968 Jim ficou incrivelmente insolente, como uma forma de negar a si mesmo a aprovação equivocada e estúpida que lhe era oferecida.

Era 10 de maio e o The Doors estava em Chicago. Jim saiu do camarim/trailer e foi para o palco, protegido por uma falange de policiais de Chicago, possivelmente refletindo sobre o que ele havia escrito na Flórida a respeito das neuroses sexuais

das multidões. Certamente o que se seguiu foi deliberado. Jim admitiu depois. Estava se tornando uma tendência que as bandas fizessem seus fãs subirem ao palco, e ele queria ver se ele poderia ir um pouco mais além: ele queria ver se ele conseguia provocar um tumulto.

Os outros Doors já estavam em seus lugares, tocando uma introdução sombria, típica da banda. Jim jogou o peito para frente, arrumou seus longos cabelos casualmente e subiu os degraus. Ele deu seis grandes passos até o centro do palco, agarrou o microfone e rosnou.

Uma erupção hitleriana de quinze mil pessoas o cumprimentou, e em réplica ele orientou a banda para todas as canções “inflamadas”, começando com “Unknown Soldier”. O sentimento antiguerra estava começando a fermentar em 1968, e esta música havia sido praticamente banida das rádios, enquanto o filme violento que o The Doors havia feito para promovê-la na televisão havia sido totalmente censurado. Ainda assim, o disco alcançou o Top 40, se tornando uma canção de batalha para o que então estava sendo esperançosamente chamado de A Revolução.

“Break on Through” foi a próxima, e então veio “Five to One”. Quando Jim gritou: “We want the world and we want it now!” em “When the Music’s Over” toda a multidão deu voz à mesma exigência.

Jim se entregou totalmente nesse show, usando todos os truques que conhecia: caindo e pulando, contorcendo-se em simulada agonia, atirando-se contra o chão do palco com tanta força que machucou um lado do corpo, colocando as maracas na frente de suas apertadas calças de couro, em seguida jogando-as para as garotas nas primeiras fileiras, desabotoando sua camisa e jogando-a também.

No bis os Doors tocaram mais duas músicas, e em seguida, Bill Siddons anunciou:

– Os Doors saíram, eles já deixaram o prédio.

Era o mesmo tipo de anúncio que era feito no final de um show dos Beatles ou dos Rolling Stones.

A multidão estava batendo os pés e gritando em uma só voz:

– Mais, mais, mais, mais, mais, mais, mais...

Alguém estava em pé no parapeito do balcão, pronto para mergulhar como um cisne em direção à multidão que se movimentava no chão de concreto, cinco metros abaixo. Houve um murmúrio ondulante e um silêncio repentino, quando todos no Coliseu se voltaram para ver o adolescente anônimo que deixava o parapeito com os braços estendidos como asas.

A multidão se afastou para que ele aterrissasse, e ele caiu no chão com uma pancada. Ninguém respirava. Em seguida, o adolescente levantou-se e quebrou o silêncio:

– Uau! Que onda!

A multidão explodiu. Invadiu o palco. Veio varrendo tudo até a boca do palco e

avançou os primeiros 10 metros, foi forçada a ir para trás e então voltou, em outra onda, na direção dos instrumentos.

Finalmente os *roadies* do The Doors e os policiais do prefeito Daley, chutando e batendo nos adolescentes com cassetetes, com as baquetas abandonadas de John Densmore e com o pedestal de microfone de Jim, fizeram com que o último dos fãs dos Doors retrocedesse. Jim Morrison tinha visto a prova de sua teoria.

* * *

PARA AS CENTENAS DE MILHARES, talvez milhões, de pessoas em seu público, Jim era um rebelde bem-vindo, um parceiro sexual de fantasia, o Rei Lagarto; romanticamente louco. Para a classe média norte-americana ele era uma ameaça pública; obsceno e arrogante. Este era seu lado apocalíptico.

Na vida particular, com seus amigos, ele mostrava uma inocência original, complementada por um jeito verdadeiramente
tímido e uma voz suave. Mas ele mesmo reconhecia que era atraído por extremos:

– Acho que o ponto mais alto e o ponto mais baixo são os mais importantes. Todos os pontos entre estes são... Bem, medianos. Eu quero a liberdade para experimentar de tudo – eu acho que experimentarei tudo, pelo menos uma vez.

Ele podia ser extremamente bem educado, gentil, até mesmo erudito; em outras ocasiões ele podia ser bruto ou, como ele preferia, “primitivo”.

Mais do que tudo, Jim Morrison era carismático.

Com seus amigos, ele podia ser suavemente gentil, quase deferente. Jac Holzman diz:

– Ele não tentaria, de maneira geral, desagradar alguém de quem gostasse por algo que dissesse. Eu acho que ele tentava procurar uma maneira de concordar com você – assim como os japoneses, que não dizem não, eles dizem: “sim, mas...”.

Regularmente, em entrevistas, Jim reagia a afirmações com as quais ele não concordava dizendo: “Eu entendo o que você quer dizer, mas talvez...” Da mesma forma, mostrava compaixão por alguns de seus fãs. Na Filadélfia, por exemplo, providenciou para que dois adolescentes que haviam sido abandonados por amigos tivessem um quarto de hotel para passar a noite, e em Nova York, depois de um show, conversou delicadamente com outro adolescente que havia sido ferido. Outra vez tirou sua jaqueta para oferecê-la a um adolescente que tremia de frio em uma esquina durante uma tempestade. Jac diz que: “Jim deixava transparecer mais sobre sua criação do que acredito que ele gostaria que as pessoas suspeitassem”.

Ele era muito bem educado, quando queria, e sabia conversar muito bem.

Podia ser incrivelmente bondoso também. Um exemplo disso envolvia um jovem adolescente para quem ele era tanto um herói quanto a figura de um irmão mais

velho – este último, em especial, sendo um papel do qual Jim parecia gostar. Denny Sullivan conhecera os Doors através de um de seus *roadies*, e ficou tão fisgado depois de tê-los visto ao vivo que conseguiu chegar até os escritórios do The Doors, em West Hollywood. Talvez porque tivesse apenas 13 anos de idade e fosse pequeno, ninguém se preocupou em detê-lo. Não demorou muito para que todos na família Doors soubessem quem ele era. Também não demorou para que Bill Siddons decidisse que ele estava
ficando com eles tempo demais, interferindo nos procedimentos do escritório. Quando Siddons pediu a Denny para que diminuísse suas visitas, ele ficou arrasado. Então, Jim neutralizou as objeções de Bill, colocando Denny como responsável pela correspondência com os fãs, que a esta época chegava aos montes. Denny recebia 10 centavos por cada carta que respondia.

Jim não considerava muito seus fãs, e realmente acreditava que Denny faria seu trabalho com sensibilidade, diferente do serviço comercial que os Doors haviam pensado em contratar. Assim, Denny *aumentou* suas visitas ao escritório, abandonando a escola para estar perto de pessoas às quais ele se sentia mais atraído.

Uma sexta-feira à tarde, algumas semanas depois, Jim sem cerimônias perguntou a Denny porque ele mantinha o cabelo tão curto. Denny disse a Jim que seus pais o obrigavam a cortá-lo.

– Eles o obrigam? – Jim franziu o cenho. – Bem, eles não irão mais obrigá-lo a cortar.

– Por que não?

– Porque eu estou dizendo – afirmou Jim. – Porque eu não irei deixá-los. De agora em diante você não precisa mais fazer nada que você não queira. Você não tem que cortar o seu cabelo se não quiser, entendeu?

Jim enfiou o dedo no peito de Denny. Jim sabia que sua atenção fazia toda a diferença do mundo para Denny.

– Da próxima vez que eles o perturbarem, me diga, e eu lhe direi como lidar com eles.

A bebedeira de Jim continuava inabalável. Assim como outros aspectos do seu comportamento, aquilo não podia ser interrompido. Além disso, muitos concluíam, Jim carregava a maior parte da pressão do grupo, de modo que tinha direito a beber se precisasse ou quisesse. Na realidade, Jim estava em posição de fazer qualquer coisa que quisesse, independentemente do quanto isso desagradasse aqueles à sua volta, e ele de fato fazia. Não era algo intencional, era autodestrutivo.

Ele começou a ficar flácido e inchado. Seu cabelo já mostrava alguns fios grisalhos. Uma pequena barriguinha agora caía por cima de sua calça de couro de cintura baixa, e ele então começou a usar suas camisas para fora da calça para escondê-la. Quando um fã que encontrou na rua disse que ele estava engordando,

Jim se matriculou na Beverly Hills Health Club, inscrição que logo ignorou.

Pior do que isso, Paul Rothchild lhe disse que ele estava perdendo a voz. Paul nunca havia se convencido de que Jim fosse um cantor de verdade, embora às vezes dissesse que Jim era o "primeiro *crooner* verdadeiro a surgir desde Frank Sinatra". Mas Jim "não tinha uma cabeça de cantor. Pensava mais em termos teatrais do que vocais. E estava destruindo o que tinha de voz com a bebida".

Ainda assim, havia a aclamação. Nos primeiros meses de 1968 os leitores do *Village Voice* votaram em Jim como o Vocalista do Ano. (O The Doors conquistou o prêmio de Revelação do Ano; Ray Manzarek foi eleito como o terceiro Melhor Músico do Ano depois de Eric Clapton e Ravi Shankar, e o primeiro álbum do grupo tirou o segundo lugar, somente ficando atrás do *Sergeant Pepper*, dos Beatles.) Uma matéria de sete páginas na revista *Life* defendia a validade e a qualidade literária dos Doors e relatava a prisão de Jim em New Haven com simpatia. A banda também apareceu no *Who's Who in America*, uma honra rara no campo deles.

Mas, como a crítica Diana Trilling escreveu sobre Marilyn Monroe, a fama tem uma maneira própria de, cedo ou tarde, fazer as estrelas sofrerem; ela chamava a isso de Lei da Compensação Negativa. Jim passou por isso em junho, em um encontro marcado dos Doors.

Ele estacionou seu carro, um Shelby GT 500 Cobra (ele nunca dirigiu nada além de carros americanos), no estacionamento de um bar de topless próximo aos escritórios do The Doors, em West Hollywood. Notou que a sala de ensaio, no andar de baixo, estava vazia, então subiu lentamente os degraus externos e abriu a porta, no andar de cima.

Na primeira sala havia três ou quatro mesas comuns, um sofá barato, uma vitrola, uma máquina de café e a bagunça geral da correspondência dos fãs, revistas, jornais e discos. Em um canto havia um pequeno banheiro com chuveiro. Nas paredes do escritório estavam os discos de ouro do The Doors, que agora eram quatro.

Jim atravessou silenciosamente até sua mesa, em um canto na parte de trás, sem dizer nada aos demais presentes: uma secretária, Bill Siddons e os outros Doors. Olhou para a carta de fã mais estranha e interessante do dia – separada diariamente, a seu pedido – e em seguida tirou um hambúrguer frio de um saco de papel e o mordeu. Ele mastigava lentamente, assim como falava lentamente e se movia lentamente. Depois de um minuto ou dois, olhou para os outros e disse que estava saindo da banda.

– O quê? – todas as cabeças se voltaram.

– Eu estou... Bem, saindo da banda – disse Jim.

Todos começaram a falar ao mesmo tempo. Finalmente fez-se silêncio e Bill perguntou:

– Por quê?

– Não é mais o que eu quero fazer. Já foi, mas agora não é mais.

Os Doors tinham uma política de longa data: se eles não concordassem com algo – um show, uma música, qualquer coisa –, então ninguém faria aquilo; a unanimidade reinava. Jim teve apenas um voto contra quatro, mas ele não podia ser voto vencido.

Os outros Doors e Siddons conversaram sobre como a banda estava indo bem agora, não havia como dizer até onde eles poderiam ir – eles tinham poder para fazer qualquer coisa.

– Não é o que eu quero fazer – disse Jim novamente. Começou a remexer as cartas dos fãs, à sua frente, dando outra mordida no hambúrguer.

Ray deu um passo à frente e disse, com sinceridade e uma ponta de pânico em sua voz:

– Mais seis meses. Vamos tentar por mais seis meses.

NUNCA É FÁCIL SAIR DE UM TREM que se move muito rápido, por isso Jim não conseguiu levar a cabo sua ameaça. Logo o The Doors estava ensaiando para o seu show mais prestigiado até o momento, uma grandiosa apresentação no Hollywood Bowl no dia 5 de julho. Depois disso veio o enorme Singer Bowl, em Nova York. Com uma turnê europeia se aproximando e o lançamento simultâneo em julho do terceiro álbum e um novo single, ambos tornando-se sucessos instantâneos, criou-se um impulso de força suficiente para levar a banda por uma década ou mais.

Ao mesmo tempo, os Doors pareciam estar tentando se superar. Para o show no Hollywood Bowl eles contrataram mais três operadores de câmera, totalizando cinco, e para o som colocaram 52 amplificadores cobrindo 29 metros de palco, produzindo sessenta mil watts de potência apenas no PA da voz, o que era suficiente para impulsionar a voz de Jim até as colinas de Hollywood, atrás do Bowl.

Não havia como deter o avanço em direção ao sucesso. Ser a atração principal do Hollywood Bowl colocou o The Doors em igualdade com os Beatles, fez deles os “Rolling Stones dos EUA”. A Elektra tinha encomendas antecipadas de quase meio milhão de cópias do novo álbum, e dentro de 10 semanas 750 mil cópias foram vendidas, empurrando-os para o topo das paradas de sucesso. “Hello, I Love You” foi para o primeiro lugar nas paradas de *singles*, tornando-se o segundo 45 rotações do grupo com um milhão de cópias vendidas.

O título do álbum foi trocado diversas vezes durante a gestação de cinco meses do LP, de *American Nights* (a escolha inicial de Jim) a *The Celebration of the Lizard* (quando Jim queria que a capa do álbum fosse uma imitação de pele de lagarto) e finalmente *Waiting for the Sun*, que era o título de uma canção que não entrou no disco. Houve um momento em que Jim quis recitar pequenos poemas entre as músicas, mas no final foi decidido imprimir no interior da capa do disco o texto do poema que ainda não havia sido musicado “The Celebration of the Lizard”.

Jim explicou seu fascínio por répteis.

– Não devemos esquecer – disse ele – que o lagarto e a cobra são identificados com o inconsciente e com as forças do mal. Há algo profundo na memória humana que responde fortemente a cobras. Mesmo que você nunca tenha visto uma. Acho que uma cobra encarna tudo o que tememos.

Seu longo poema, disse ele, era “uma espécie de convite para as forças das trevas”, mas a imagem do Rei Lagarto que ele projetava não era.

–É tudo feito de brincadeira – ele insistiu. – Eu não acho que as pessoas percebam isso. Não é para ser levado a sério. É como se você interpretasse o vilão em um faroeste: não significa que você seja isso. Este é apenas um aspecto que você guarda para o show. Eu realmente não levo isso a sério. A ideia é ser irônico.

O The Doors voltou à estrada, indo em julho do Hollywood Bowl para Dallas e Houston, e daí para Honolulu, e depois para Nova York. A maior e mais memorável destas apresentações foi no dia 2 de agosto, no Singer Bowl, na área da antiga Feira Mundial em Nova York. Bill Graham queria que o The Doors voltasse ao Fillmore East, mas o espaço ao ar livre no Queens era cinco vezes maior e possibilitaria que eles tocassem com o The Who, a banda britânica que tinha acabado de anunciar planos para fazer uma ópera rock. O The Doors estava confiante que aquela seria uma noite artística e emocionante.

– Morrison Morrison Morrison Morrison...

Jim saiu da limusine preta com sua equipe de filmagem documental filmando-o pela frente ou seguindo-o alternadamente em suas calças de couro de garanhão das ruas. Sua expressão estava relaxada enquanto ele se movia lentamente através de uma grande multidão de garotas, então eles entraram na área dos bastidores, onde ele foi protegido por um cordão de policiais nova-iorquinos.

– Morrison Morrison Morrison...

Seu nome era um mantra que a plateia fazia ecoar pelos terrenos da feira. Sua expressão estava solene quando ele subiu os degraus para o palco. Os policiais se posicionaram em frente ao palco, e os câmeras (Paul e Babe) subiram atrás dele. Exceto pelos botões de luz dos amplificadores e o brilho do incenso queimando no órgão de Ray, o palco estava na escuridão.

– Morrison Morrison Morrison...

Os outros Doors estavam tocando a introdução de “Back Door Man”. Jim chegou ao microfone, um *spot* foi ligado, o público explodiu e Jim encheu o mundo com um longo e doloroso grito estridente. Por um momento ele ficou imóvel; em seguida caiu no chão, se contorcendo e chutando.

Na hora seguinte, Jim era uma visão em uma camisa de peão mexicano e em uma calça de couro preto girando em um dos pés calçados de botas, caindo em uma dor primal, logo depois se levantando novamente e agarrando sua genitália com as mãos em concha, pulando para a frente de olhos fechados, os lábios contraídos em êxtase. Os jovens da plateia começaram a chegar até o palco como insetos sendo

atraídos pela luz. Os policiais foram forçados a ficar no palco, onde formaram um paredão de camisas azuis de mangas curtas e calças azuis escuras entre o The Doors e seu público enlouquecido.

Ninguém podia ver. Jim estava se contorcendo, deitado de lado, com as mãos entre as coxas. A música martelava.

Os jovens começaram a subir nas costas de outros jovens, conseguindo assim agarrar a borda do palco, somente para serem pegos pelos policiais e, literalmente, voarem de volta em direção à escuridão.

Centenas de cadeiras dobráveis de madeira foram arremessadas em direção aos policiais. Centenas de adolescentes estavam sangrando.

A apresentação foi encerrada abruptamente e este foi o Tumulto Número Dois. Em uma época onde os "motins" do rock estavam adquirindo um caráter chique underground – e gerando manchetes nos jornais –, a reputação do grupo foi reforçada. Este impulso ainda estava crescendo em agosto. "Hello, I Love You" era número um no país pela quarta semana seguida. O The Doors apareceu novamente na *Vogue* em um artigo sobre rock--teatro. Críticos da revista *New York* e do *Los Angeles Times* disseram que o terceiro álbum era o melhor já lançado pela banda. E a Europa ainda estava por vir.

"HELLO, I LOVE YOU" foi o primeiro grande sucesso do The Doors na Europa e criou a base para a explosiva turnê de três semanas do grupo. A canção hipnótica já estava no topo das paradas britânicas quando a banda desembarcou em Londres. Eles foram recebidos no aeroporto por centenas de fãs e por uma equipe de filmagem da Granada TV, que filmou não só a passagem deles pela alfândega, mas também o primeiro de seus quatro shows no Roundhouse.

A Europa estava pronta para o The Doors, e eles sabiam disso. O Roundhouse era um teatro intimista, com capacidade para apenas 2.500 pessoas sentadas. Era menor do que os locais que os Doors estavam acostumados. Quatro shows em duas noites era o que estava combinado, com dez mil ingressos ao todo, rapidamente esgotados. Milhares de pessoas se espremiam do lado de fora dos portões, esperando ao menos ouvir a emoção que acontecia do lado de dentro. O disc-jóquei John Peel disse em sua coluna no *Melody Maker*:

"Os ingleses abraçam o The Doors tão calorosamente quanto os Estados Unidos fizeram com os nossos Beatles."

Os espetáculos no Roundhouse foram um sucesso absoluto. As plateias foram muito receptivas e a banda estava em ótima forma. Na intimidade do pequeno auditório, a teatralidade de Jim ficou mais selvagem do que nunca. Em todos os shows o público pediu bis. A imprensa inglesa esqueceu completamente do Jefferson Airplane, que também se apresentou, dedicando toda a sua cobertura para os Reis do *Acid Rock* dos Estados Unidos. Os dez mil felizardos que viram os shows

espalharam a notícia para aqueles que não tinham ido. A Granada supriria o que não pôde ser visto pelos ausentes. A reputação dos Doors atingiu proporções lendárias depois de apenas uma semana de estadia na cidade.

Morrison conheceu a Inglaterra, e ficou claro que deste encontro os ianques saíram vencedores. Agora era a hora de ir para Copenhague, Frankfurt e depois Amsterdã.

O ÚNICO PROBLEMA REAL durante a turnê aconteceu em Amsterdã. Em Frankfurt, ofereceram a Jim um pedaço de haxixe cujo tamanho equivalia a metade de seu polegar e, quando os Doors desceram do avião no dia seguinte, em Amsterdã, e se aproximaram da alfândega, Bill Siddons perguntou:

– Alguém está com alguma coisa?

Jim disse:

– Sim, eu tenho haxixe aqui.

Todos os outros não levavam nada.

Siddons disse:

– Bem, livre-se dele.

Então Jim mastigou e engoliu.

Jim tinha tomado diversos drinques no avião, e em um almoço com os *promoters* do show em Amsterdã bebeu muitos outros, e então saiu para explorar o famoso bairro da luz vermelha.

Siddons disse para um dos *roadies*:

– Vá com Jim, e certifique-se de que ele chegue a tempo para o show.

Jim continuou a beber durante toda a tarde e início da noite e, quando um fã lhe deu outro pedaço de haxixe, ele prontamente o engoliu. Por volta das 21 h, o *roadie* o colocou em um táxi.

Mais uma vez o The Doors estava tocando com o Jefferson Airplane, que abria a noite. Jim chegou no backstage mais ou menos na metade do show do grupo, e no meio de uma música do Airplane que ele conhecia, apareceu de repente no palco – tentando cantar, tentando dançar, girando por ali, pulando embriagado.

O que exatamente aconteceu a seguir é incerto – as testemunhas discordam. Alguns dizem que Jim caiu perto das coxias e foi retirado dali. Outros afirmam que ele foi levado de volta ao camarim dos Doors, onde sentou em um banco do piano, quase em coma, sua cabeça pendendo, os olhos vidrados e cerrados, enquanto os outros discutiam sobre o que deveriam fazer.

Foi passada uma mensagem para que o Airplane alongasse o set, e então as equipes de ambas as bandas foram instruídas a demorar o tempo que fosse preciso para desmontar o equipamento do Airplane e montar o equipamento do The Doors.

Nos bastidores ficou decidido que Vince Treanor anunciaria que Jim estava doente mas que os três outros Doors queriam tocar de qualquer maneira.

– E diga a eles que quem quiser pode pegar o dinheiro de volta imediatamente – Bill finalizou.

De repente, Jim deslizou de sua cadeira, caindo no chão como se antes estivesse preso e agora tivesse sido silenciosamente solto. Bill correu em direção a ele, tirou um pequeno espelho do bolso e o segurou em frente à boca e o nariz de Jim, procurando pelo sopro da vida.

– Para trás! – ele gritou para os outros. – Eu não consigo ver se ele está respirando. Para trás, com os diabos!

Bill se inclinou sobre Jim novamente, olhando esperançoso para o pequeno pedaço de vidro em sua mão. O rosto de Jim estava da cor de um marfim velho, sua respiração superficial. Um médico veio do público e depois de um rápido exame pronunciou:

– O *monsieur* desmaiou.

Ouvir aquilo quebrou o feitiço e, quando Jim foi levado para um hospital local, a preocupação genuína foi substituída pela fúria reprimida. Os outros Doors estavam tão furiosos que tocaram naquela noite, com Ray cantando, como se sempre tivessem sido um trio.

No dia seguinte, no hospital, os poderes de recuperação surpreendentes de Jim trouxeram cor ao seu rosto.

– Vocês deveria ter ouvido o que o médico me disse esta manhã – disse ele aos outros. – Ele me perguntou o que aconteceu, eu disse que devia estar cansado e, bem, ele me deu um sermão de vinte minutos sobre os perigos de trabalhar na indústria do entretenimento. Disse que eu tinha que tomar cuidado com agentes gananciosos que exigiam muito do artista.

Bill e os outros olharam para ele e Jim sorriu timidamente de volta.

69. Nua em pelo e os ladrões de carro.

70. Expressão dada os adolescentes “antenados” da época.

71. “It’s all over, baby! The war is over.”

Jim em apresentação
no Fillmore East.
(David Sygall)

CAPÍTULO SETE

PAMELA FICOU EM LONDRES durante a turnê europeia, em um apartamento suntuoso que ela havia encontrado na cara e elegante área de Belgravia. Nos primeiros dias, ela e Jim exploraram Londres juntos, andaram pelo Soho e pelas ruas Carnaby e Oxford, onde Pamela comprou algumas roupas. No dia 6 de outubro eles viram o programa da Granada TV, The Doors are Open, que mostrava Jim em um contexto revolucionário, intercalando o show no Roundhouse com imagens de noticiários da convenção do Partido Democrata em Chicago e uma demonstração recente na Embaixada Americana em Londres. Era óbvio, mas Jim achou que os Doors se saíram muito bem, apesar de tudo.

O poeta Michael McClure se juntou a eles uma semana depois. Ele tinha ido a Londres para encontrar um produtor americano de cinema que estava no exílio, Elliot Kastner, que queria que Jim representasse Billy the Kid em uma adaptação para filme da peça de Michael, *The Beard*. Jim e Michael rapidamente superaram o embaraço e em diversos dias de bebedeiras e muita conversa em Londres consolidaram sua amizade. Para Jim, Michael e Pamela ficar bêbado era um imperativo na rica tradição poética, por isso na primeira noite todos ficaram bêbados e tentaram em vão pegar um táxi que dirigisse por oito horas em direção ao norte, até o 'England's Lake Country, lar de Lamb, Scott, Wordsworth e Coleridge. A cada tentativa eles eram parados pelo mesmo policial das redondezas, que ameaçou, às quatro da manhã, prendê-los caso eles saíssem do apartamento mais uma vez.

Na manhã seguinte Michael acordou com uma ressaca "tão forte que era como se fosse uma onda de mescalina", e distraidamente começou a ler alguns dos poemas de Jim que encontrou em uma mesa. Ele sabia sobre os poemas, mas não tinha lido nenhum deles antes e ficou "terrivelmente impressionado". Já tinha começado a pensar em Jim como a personificação de Alastor, de Shelley, um andrógino meio espírito, meio homem que vivia na floresta e adorava a beleza intelectual; e os poemas que ele leu antes do café da manhã – muitos dos quais mais tarde apareceram no *The New Creatures* – só ajudaram a confirmar esta impressão.

Quando Jim apareceu para tomar o café da manhã, Michael disse a ele que achava que aqueles poemas deveriam ser publicados. O aborrecimento de Jim com Pamela por ter deixado os poemas tão expostos em cima da mesa foi dissipado pelo grande elogio do poeta. Ele perguntou a Michael o que ele pensava sobre publicar poesia de maneira privada.

– Eu disse que achava que quando isto era feito por uma razão muito boa, não era a mesma coisa que a publicação por vaidade – diz McClure. – Jim não queria obter reconhecimento por sua poesia, porque ele era Jim Morrison, a estrela do rock. Ele queria manter a poesia separada disso. Eu disse que Shelley havia publicado seu

próprio trabalho particularmente. Que achava que a primeira obra de Lorca havia sido publicada por conta própria. E eu mesmo publiquei um livro meu por conta própria.

A conversa sobre poesia continuou, acompanhada de drinques, por mais dois ou três dias. Jim disse que ele havia dedicado os poemas a Pamela porque ela era sua editora.

– Ela os revisa e tira todos os "*fucks*" e *"shits*" – Jim disse, sorrindo.

Michael olhou para ele e disse:

– A esposa de Mark Twain fazia isso, também.

Michael folheou alguns dos poemas e comentou:

– Você conhece o poema de William Carlos Williams, "The Red Wheelbarrow"'? É um dos grandes poemas objetivistas e se relaciona com o seu poema, "Ensenada". Ele me lembra "The Red Wheelbarrow" em sua concretude e extensão, embora seja impressionista na técnica. Ele se move através do espaço como o cinema faz, como um filme.

Sequência de uma apresentação na Roundhouse, Londres, Inglaterra. (Daniel Sugerman, Doors Library)

EM SUA PRIMEIRA SEMANA de volta a Los Angeles, Jim visitou o escritório do agente literário de Michael, Mike Hamilburg. Levou consigo 42 páginas de poesia, acompanhadas de vinte fotografias que havia tirado em uma viagem ao México. Aquilo viria a ser o livro *The New Creatures*. Ele também havia trazido consigo um longo poema chamado "Dry Water". O agente mostrou grande entusiasmo pelo material e eles concordaram que a imagem de Jim como estrela do rock não deveria ser enfatizada. No final de outubro *The New Creatures* estava em cima da mesa de um editor da Random House, em Nova York, e Jim estava fazendo planos para um lançamento privado em Los Angeles.

Ao mesmo tempo, houve uma crise em relação ao documentário. Quase trinta mil dólares haviam sido gastos nele e todos, menos Jim, queriam abandonar o projeto. Até então, a edição estava longe de estar completa, e nenhuma das sequências ficcionais planejadas tinham sido filmadas. Eles chegaram a um acordo. Os planos para mais filmagens foram abandonados, Paul Ferrara e Frank Lisciandro concordaram em trabalhar sem salário, e os Doors concordaram em colocar uma

quantia entre US$ 3.000 a $ 4.000, necessária para completar a edição. Eles esperavam vender o filme pronto para a televisão.

Nos últimos dias de outubro Jim desapareceu na sala de edição, um cubículo atrás da sala de ensaio nos escritórios do The Doors. Onde quer que ele olhasse havia latas e latas de filmes, e em um quadro de avisos havia sugestões para um título, a maioria retiradas de letras de Jim. “Mute Nostril Agony” era um dos títulos favoritos de John Densmore, mas foi uma sugestão de Ray que acabou sendo escolhida: “Feast of Friends”, de “When the Music’s Over”. Jim sentou-se na moviola e fez várias sugestões de cortes, ofereceu uma proposta de sequência de cenas, mas deixou todas as decisões finais para Paul e Frank.

– Jim era muito consciente de que cinema não se fazia em um estado particular – diz Frank –, mas que era feito em uma espécie de maneira evolutiva, onde cada estágio acrescenta algo e aprimora o produto final. Ele era muito interessado em edição de cinema.

Foi enquanto via o material filmado que Jim fez uma descoberta surpreendente. Babe, Frank e Paul tinha estado alertas na apresentação no Singer Bowl, em Nova York, para registrar a violência da performance, de Jim se contorcendo no palco em agonia simulada, da polícia empurrando os adolescentes de volta para a plateia a apenas alguns metros de distância dele.

– A primeira vez que vi o filme fiquei bastante chocado – disse Jim mais tarde –, porque estando no palco e sendo uma das figuras centrais em um filme, eu só vi aquilo do meu ponto de vista. Então, ver uma série de eventos sobre os quais eu pensei ter algum controle... Ver aquilo como realmente aconteceu... De repente percebi, de certa forma, que eu era apenas uma marionete de muitas forças que compreendia apenas vagamente.

Embora Jim tenha ficado “bastante chocado” com o caos e a violência que ele inspirou, no dia 1º de novembro o The Doors começou a turnê mais turbulenta de sua carreira, contratando quatro dos maiores guarda-costas disponíveis na Parker Detective Agency, uma organização de simpáticos homens negros, cada um dos quais pesando mais de cem quilos e com licença para portar armas.

As apresentações em Milwaukee e Columbus, no dia 1º e no dia 2, ocorreram sem grandes surpresas. A única diferença notável foi que Jim estava cantando mais canções de blues e menos canções originais, exatamente como ele tinha feito em alguns dos shows na Europa. Mas nos oito dias que se seguiram houve ferimentos, tumultos e prisões em Chicago, Cleveland, St. Louis e Phoenix.

A manchete de primeira página do *Phoenix Gazette* dizia: “Quase-Motim Irrompe no Coliseum”, e logo abaixo o artigo afirmava:

> Na noite passada a State Fair que estava sendo realizada no Coliseum se transformou em uma guerra entre jovens e policiais. A culpa foi do The Doors, possivelmente o grupo mais controverso do mundo. O vocalista Jim Morrison apareceu em roupas surradas e se comportou agressivamente. A multidão aceitou plenamente as excentricidades de Morrison, que incluíram arremessar objetos do palco para a plateia,

xingando e fazendo gestos rudes.

Houve mais de vinte detenções.

Quando perguntado como se sentia em situações de violência nos locais onde se apresentava, as respostas de Jim sempre eram ambíguas. Do tipo:

– Apenas uma grande brincadeira... bastante divertido – ele disse a um jornalista. – Nós nos divertimos, os garotos se divertem, os policiais se divertem. É uma espécie de triângulo estranho. [Mas] é preciso olhar para isso de uma maneira lógica. Se não houvesse policiais lá, será que alguém tentaria subir ao palco? Por que o que eles fariam quando chegassem lá? Quando eles chegam ao palco, eles ficam simplesmente muito tranquilos. Eles não vão fazer nada. O único incentivo para invadir o palco é porque existe uma barreira. Acredito firmemente nisso. Isso é interessante porém, porque os garotos têm uma chance de testar os policiais. Você vê policiais, hoje, andando por aí com suas armas e uniformes, e todos ficam curiosos para saber exatamente o que aconteceria se alguém os desafiasse. Acho que é uma coisa boa, porque dá aos jovens uma oportunidade de testar a autoridade.

Ele disse a outro entrevistador:

– Eu tentei estimular alguns pequenos tumultos, sabe, e depois de algumas vezes percebi que aquilo tudo era apenas brincadeira. Logo isso chegou a um ponto onde as pessoas não pensavam que seria um show bem-sucedido a menos que todos pulassem e corressem por ali um pouco. É uma piada, porque isso não leva a nada. Eu acho que seria melhor fazer um show e apenas manter todos estes sentimentos submersos para que, quando todos partissem, levassem essa energia para as ruas e de volta às suas casas.

Nesta época o público tinha se tornado consciente do que esperar de um show do The Doors: motim e transcendência. Se não houvesse isso, eles pelo menos conseguiriam ver o Rei Lagarto comportar-se de uma maneira que mais ninguém poderia fazer, nem faria. Ele estava tão alterado que tropeçava para fora do palco – tão bêbado que gritava quando esquecia os versos das músicas –, tão drogado que tentava encoxar amplificadores e então caía no palco, incapaz de se levantar. O The Doors dava a você um show – um espetáculo diferente de qualquer outro que já tivesse visto, um show de bizarrices.

O The Doors trabalhava duro para merecer essas expectativas. Eles eram, de longe, o grupo mais teatral no circuito, e atraíam tanto os “antenados” do underground quanto os *teenyboppers*. Morrison era capaz de tirar estes dois públicos de um estado de meros espectadores e levá-los à arena da experiência direta e do deslumbramento.

Mas quanto mais Jim percebia que suas letras e suas músicas estavam sendo negligenciadas, mais sua frustração explodia no palco e fora deste. Ele também estava ficando cansado do peso das expectativas da multidão. No início havia sido

fácil conduzir o público, porque eles vinham com a mente aberta. Agora a multidão só ficaria satisfeita com nada menos do que aquilo que eles já haviam ouvido falar – e sentiam que aquilo lhes havia sido prometido. Como lidar com isso?

O The Doors havia se tornado maior do que a vida. Sua relação com o público estava se tornando mais irreal a cada show. Jim não apenas se sentia indigno de adoração, mas ficava cada vez mais transtornado pensando no que fazer em relação àquela situação. O desprezo apenas acrescentava um show extra à atração principal. Talvez, pensava, a maneira para sair disso seria parar de agir em conformidade com sua imagem divulgada. Esta não era uma solução imediata, mas talvez ele pudesse conseguir isto aos poucos, e a longo prazo diminuir as exigências do público e, finalmente, talvez até mesmo melhorar de forma radical sua relação com ele.

NA PRIMEIRA SEMANA de dezembro, depois que a banda gravou seu primeiro programa de televisão em mais de um ano, *The Smothers Brothers Show*, Jim foi para o bar Troubadour, onde depois de ficar quase bêbado demais para andar, convenceu uma das garçonetes a sair com ele. No caminho para o seu carro, apelidado de Blue Lady, ele foi abordado por dois homossexuais.

– Olha, essa não é a minha onda – disse secamente. Eles continuaram a segui-lo e conseguiram entrar à força no carro. Jim partiu rapidamente, apertou fundo o acelerador e seguiu até a Doheny Drive. Ele estava dirigindo na mão errada e em alta velocidade. Havia uma árvore. Houve gritos, pneus cantando, buzinas, e por alguma razão o carro parou quando bateu no meio-fio. As portas se abriram, os passageiros foram jogados no chão ilesos, e Jim saiu com seu carro rugindo pela noite.

A garçonete voltou ao Troubadour para chamar um táxi. Jim reapareceu, gritando que ela precisava entrar no carro com ele. Ela se recusou, dizendo que ele era muito louco, e Jim saiu em disparada, terminando sua farra a menos de uma milha de distância, onde bateu com Blue Lady em uma árvore, na Sunset Boulevard. Ele foi levado inconsciente, mas ileso, para o seu quarto de motel.

Meia hora depois a garçonete ligou, e ele implorou a ela que viesse encontrá-lo. Ela correu até o motel e Jim começou a soluçar.

– Eu não quero machucar ninguém – disse ele. – Eu não quero machucar ninguém.

Ela perguntou o que ele queria dizer. Ele apenas chorava:

– Eu não quero machucar ninguém, eu não quero...

Ninguém ficou ferido, e alguns dias depois o carro foi rebocado para a oficina, em Beverly Hills.

NA SEMANA SEGUINTE, em uma sexta-feira, 13 de dezembro, o The Doors fez a

sua primeira apresentação em sua cidade natal, no Hollywood Bowl, sendo a atração principal daquele Fórum de dezoito mil lugares. A banda havia gravado as primeiras músicas de seu quarto álbum aquela tarde e Jim deixou o estúdio da Elektra duas horas antes do horário previsto para as limusines chegarem. Com seu irmão Andy, que estava agora com dezenove anos e tinha vindo de San Diego, ele caminhou um quarteirão até uma loja de bebidas e comprou seis garrafas de cerveja e meio litro de vodca, que bebeu ao retornar ao estacionamento da Elektra, quebrando cada garrafa contra a parede à medida que terminava.

O promotor do show havia feito um excelente trabalho promovendo a apresentação. Chamadas de TV que mostravam Morrison vestindo sua calça de couro com fogos de artifício divulgavam o evento com semanas de antecedência; cartazes anunciando a data cobriam Los Angeles desde os bairros da praia até West Hollywood; todas as estações de rádio de rock na cidade anunciavam: o The Doors está de volta! A arena estava lotada e as expectativas eram altas.

O público ignorou o ato de abertura, conversou durante a apresentação do músico *folk* chinês que Ray havia chamado (a apresentação do músico feita por Ray recebeu mais aplausos do que todo o seu show), vaiou Jerry Lee Lewis todas as vezes em que ele tocou alguma música country e, quando o The Doors começou, pediram “Light My Fire” em todas as oportunidades que tiveram. Alguém jogou alguns fogos de artifício acesos no palco,
quase atingindo Jim, que se aproximou da beira do palco.

– Ei, cara – ele gritou para a multidão, sua voz ressoando através dos 32 novos amplificadores gigantescos que Vince havia construído – pare com esta merda.

O público estava pronto, murmurando em voz alta. “Calem a boca.” Houve uma mistura de entusiasmo, riso e alguns “ok”.

– O que vocês estão fazendo aqui? – Jim perguntou. – Por que vocês vieram para cá esta noite?

Não houve resposta. Isto não era o que eles esperavam e Jim sabia disso.

– Bem, pessoal, nós podemos tocar a noite toda, mas não é isso o que vocês realmente querem, não é? Você querem outra coisa, algo mais, algo maior do que vocês jamais viram, certo?

A plateia urrou.

– Bem, fodam-se vocês. Nós viemos para tocar.

O grupo atacou com “Celebration of the Lizard”. A abertura solta e sinistra convidava os tagarelas a conversarem, mas ninguém fez isso. Quando os músicos mergulharam na canção em si, o público ficou atento. A performance foi perfeita – as palavras enfatizavam um novo tipo de paixão. Jim não dançou. Nem mesmo pulou. E não gritou nenhuma vez. Quando ele terminou com as maracas, colocou-as de volta no tablado da bateria. A canção durou quase quarenta minutos e, quando terminou, o público estava imóvel. Não houve tumulto... Nem aclamação. Não houve quase

nenhum aplauso. A banda não se curvou nem acenou em despedida – saiu silenciosamente do palco, em direção ao vestiário. E a plateia permaneceu sentada e atônita. Então, lentamente, começou a sair do vasto auditório em direção à noite de Los Angeles.

Jim e Pamela tiveram sua entrada recusada na festa de imprensa, depois do show, porque não foram reconhecidos pelo pessoal da segurança e seus nomes não estavam na lista de convidados. Jim não ficou hostil, como Pamela esperava. Em vez disso, transformou aquela situação em um script de comédia.

– Mas eu tenho amigos importantes – disse ao guarda.

– A resposta ainda é não, você não pode entrar.

Jim logo foi identificado e entrou na festa. A multidão envolveu a ele e a Pamela.

Depois da festa, ele, seu irmão e Pamela jogaram futebol com uma lata de cerveja no imenso, silencioso e vazio estacionamento do Fórum.

DURANTE MESES BILL GRAHAM tentou fazer com que os Doors retornassem ao Fillmore East, em Nova York, mas Bill Siddons sempre dizia não. A próxima vez que viessem para o leste, disse ele, eles tocariam no Madison Square Garden, o salão cujo nome e cuja capacidade para vinte mil pessoas faziam dele a mais prestigiada e lucrativa casa de shows da cidade. Graham disse:

– Isso aconteceu um pouco antes de você chegar, Bill, mas fui eu quem colocou os Doors no Fillmore, em São Francisco, antes que eles tivessem alguma música de sucesso. Eu dei a eles a primeira oportunidade.

– Sim, claro, Bill – retrucou Siddons. – Acho que você pagou a eles 350 dólares.

– Escute aqui, seu merdinha...

Obviamente a conversa terminou mal, e Siddons providenciou para que os shows no Garden fossem produzidos por outra pessoa que não Graham. O The Doors seria a primeira banda a ir do Fillmore para o Garden, e Siddons pensou que Graham teria gostado de estar lá.

– Você não pode compartilhar nada com o público em um lugar tão grande – disse Graham em sua despedida. – Você não pode falar em vibrações em uma fábrica de cimento. Estou feliz porque os rapazes estão indo tão bem, mas diga a eles que acho ruim para os negócios tocar em locais tão grandes.

Em meados de janeiro de 1969, o The Doors estava realmente indo bem. Eles eram, de fato, os “Beatles americanos”, o maior grupo norte-americano. Eles se recusavam a tocar em locais onde não coubessem dez mil ou mais de seus leais fãs, e exigiam 35 mil dólares por noite ou 60% do bruto, o que fosse maior. A última gravação deles, “Touch Me”, uma surpreendentemente tradicional canção de amor escrita por Robby, logo se tornou outro single a vender um milhão, e para recriar seu som a banda chamou um baixista e um saxofonista de jazz para irem até Nova York

com eles, e contratou vários violinistas da Filarmônica de Nova York. Em uma pesquisa feita com os leitores publicada naquele mês na revista *Eye*, o The Doors foi nomeado o melhor grupo, e Jim foi chamado de “o homem mais sexy do rock and roll”.

No dia seguinte à triunfante apresentação no Garden, Jim estava recebendo visitas importantes em sua suíte no Plaza. Seu bigodudo ajudante da Elektra em Los Angeles, David Anderle, apresentou-o a alguém que achou que Jim gostaria de conhecer, uma loirinha bonita de seu escritório em Nova York, Diane Gardiner, que era sua nova relações públicas. Diane era uma atraente e sociável garota de 21 anos que havia abandonado a faculdade na Califórnia e ajudado a divulgar dezenas de shows de sucessos, sendo o Cream, o Bee Gees e o Jefferson Airplane alguns deles, mas o The Doors – e Jim Morrison em especial – empolgavam-na mais ainda. Ele estava bêbado e contando piadas que ela considerou constrangedoras.

– Qual é a diferença – Jim perguntou – entre um anão inteligente e uma doença venérea?

Todos os presentes olharam para o chão.

– Bem – disse Jim – o primeiro é um nanico esperto...

Diane pediu a Jim que viesse até o quarto. Ela disse que ele tinha que dar um telefonema.

Uma vez no quarto, ela disse:

– Olhe, Jim, você é um grande cara para encontrar a imprensa e tudo mais, mas agora você está... Que inferno, você está caindo, e... E eu tenho esse trabalho a fazer, Jim, eu poderia perder meu emprego, então... Sairei e direi a eles que nós ligamos para este homem e você tinha um compromisso de encontrá-lo e teve que sair. Então você sai e eu ficarei aqui e pedirei desculpas por você.

Diane olhou para Jim, que não disse nada.

– Droga, eu estou tentando ajudá-lo, responda-me... Por favor, Jim.

Jim estava usando as mesmas roupas que usara no Garden na noite anterior: uma camisa de linho cru do México, calças de couro pretas e botas pretas. Estava perto da porta do quarto, com um braço apoiado casualmente contra a moldura da porta, seu quadril oposto levantado sensualmente, um bourbon na mão direita. Lançou a ela um sorriso de lado infantil e caiu de costas na cama. Jim olhou para o rosto preocupado de Diane.

– Eu quero transar com você – disse com uma mão atrás da cabeça, a outra descansando sobre sua virilha com a bebida.

– Claro, Jim, com certeza – Diane saiu nervosamente do quarto.

A tarde se esgueirava em direção ao crepúsculo de Nova York. Grandes quantidades de álcool foram consumidas, junto com biscoitos de chocolate feitos com haxixe trazidos por Ellen Sander, a tímida, porém corajosa, morena que havia

chamado Jim de “Mickey Mouse de Sade” em sua coluna na *Saturday Review*. Havia essa estranha sensação de que todos os que estavam presentes haviam nascido ali e que ninguém jamais iria embora. De repente, Jim caiu no chão e andou de joelhos até o sofá onde Ellen estava sentada. Começou a se mover para frente e para trás, seu rosto cada vez mais perto de Ellen.

– Cante uma canção para nós, Ellen.

Ellen se sentou em cima dos pés.

– Eu não canto, Jim. Eu sou uma plateia profissional.

– Vamos lá, Ellen – Jim implorou. – Por favor, cante uma canção para nós.

–Por favor, Jim. Eu sou escritora, não cantora.

Jim recuou e rugiu:

– Eu disse *caaaaante!*

Ellen protestou novamente.

– Eu não canto, você canta. Você é o cantor, cante você algo para nós, Jim. – Sua voz estava fraca, suplicante. – Eu sou apenas uma crítica.

Jim continuou seu intimidante balançar para frente e para trás, olhando para Ellen ameaçadoramente. Finalmente, ela começou a cantar, com uma voz pequena e assustada, as frases iniciais de “Hey Jude”, dos Beatles. Apenas quatro frases. Então todos aplaudiram e tudo ficou bem novamente. Jim foi para o quarto e ligou o som da TV, que tremeluzia.

– Mickey Mouse de Sade! – ele resmungou para si.

Jim ficou de mau humor o fim de semana todo. As apresentações no Garden foram bem, e a viagem foi um sucesso total, mas alguma coisa o estava incomodando, e ele não falou com os outros integrantes do The Doors durante aquele fim de semana em Nova York. Descobriu-se que quando Jim tinha estado em Londres com Michael McClure e Pamela, Jac Holzman, que ainda controlava a parte editorial dos Doors, foi abordado por uma agência de publicidade que queria saber se ele permitiria que a Buick usasse “Light My Fire” em um comercial por cinquenta mil dólares. Jac disse que perguntaria aos rapazes. Quando Robby, John, Ray e Bill Siddons não conseguiram encontrar Jim, eles fizeram uma votação sem ele. Jim ouviu falar sobre “Come on, Buick, light my fire” quando voltou aos Estados Unidos e foi direto até Jac Holzman, encurralando-o no pátio do lado de fora do escritório de David Anderle, dizendo que considerava aquela música sagrada, embora estivesse cansado de interpretá-la publicamente.

– Eu vou deixar bem claro, Jac, estou dizendo, eu vou deixar bem claro: jamais faça isso novamente. Essa música é preciosa para mim, e não quero que ninguém a use.

A canção nunca foi vendida. Mas, ainda assim, Jim “deu um gelo” nos integrantes da banda, sem nunca dizer nada a ninguém. Apenas Jac sabia por que ele estava

chateado.

Mas não era só isso que estava incomodando Jim.

* * *

JIM FEZ UM NOVO AMIGO enquanto estava em Nova York, o eloquente, roliço e sociável Fred Myrow, que aos 28 anos de idade era o assistente de Leonard Bernstein e compositor residente da Filarmônica de Nova York. Fred foi levado ao Plaza por David Anderle, especificamente para encontrar Jim.

Jim transferiu o drinque da sua mão direita para a esquerda, e eles trocaram um aperto de mão formal. Jim imediatamente puxou Fred de lado, quase conspiratoriamente. Tinha ouvido falar muito sobre Fred Myrow – que era um dos compositores-promessa do mundo clássico *avant-garde*. Mas Jim tinha ouvido que Fred queria sair disso. Ele ouvira os Beatles e decidiu que o que estava fazendo era irrelevante; queria se envolver em formas mais populares. Jim estava indo na direção contrária, mas os desejos de ambos eram quase idênticos: ambos queriam mudanças significativas.

– Se eu não encontrar uma nova maneira de me desenvolver criativamente dentro de um ano – disse Jim a Fred logo que se conheceram – eu não servirei para nada, só para a nostalgia.

Fred ficou muito impressionado com essa declaração, sabendo que era raro um artista ter tais pensamentos no dia seguinte a um enorme sucesso. Mas a obsolescência era um destino que Jim considerava com pavor. Nunca diria isso a alguém – além de seus amigos mais próximos –, mas ele pensava em si como uma figura revolucionária, que tinha tido que criar um equilíbrio social ao se opor a seu pai. Ou assim parecia. Jim não gostava de admitir isso, mas ele era muito parecido com seu pai. Seus objetivos podiam ser opostos, mas eles tinham o mesmo tipo de ambição e ímpeto.

Jim não queria necessariamente liderar a revolução, mas se uma acontecesse ele a apoiaria integralmente. Embora afirmasse que algumas de suas músicas lhe vieram como uma visão, ele nunca estava inconsciente da natureza rebelde e apocalíptica desta visão. Quando seus fãs e o público de rock começaram a considerá-lo uma pessoa representativa no movimento político/social que estava ocorrendo, Jim ficou impassível publicamente, mas secretamente lisonjeado.

Por bastante tempo ele acreditou que os discos poderiam servir ao mesmo propósito que os livros e manifestos impressos serviram em revoluções anteriores. Ele ainda não estava seguro de que estivesse errado. Mas sentia que precisava de uma nova direção, e depois de fazer planos para se encontrar novamente com Fred Myrow, ele voltou para Los Angeles e se entregou nas mãos do discípulos do teórico

radical de teatro Antonin Artaud – os 32 membros do Living Theatre que estavam em uma turnê pelos Estados Unidos.

Jim havia acreditado no Teatro da Crueldade quando estava na FSU, quando leu Artaud pela primeira vez. No verão de 1968 ele havia questionado John Carpenter, um escritor do *Los Angeles Free Press*, sobre um amigo dele que estava no "Le Living". Então tentou extrair mais informações de Michael McClure quando soube que ele conhecia os fundadores, Judith Malina e Julian Beck. Em novembro, Jim leu e releu um artigo sobre o grupo de teatro radical na revista *Ramparts*, até que pudesse citar alguns trechos de cor: "Eles não são realmente artistas [escreveu o autor, Stephen Schneck], mas um bando itinerante de pessoas que buscam o Paraíso, definindo o Paraíso como a libertação total, praticando hipnologia e defendendo o Paraíso *agora*; a presença deles e sua função estão em oposição direta ao repressivo estado
totalitário chamado Lei e Ordem".

Quando Jim soube que a companhia estava vindo ao *campus* da University of Southern California em fevereiro de 1969 ele fez com que o secretário dos Doors reservasse dezesseis ingressos para cada uma das cinco noites programadas e então convidou o *advance man* do grupo, Mark Amatin, para jantar em sua casa.

Ele morava naquela época em uma casa confortável e isolada que havia alugado para Pamela em Beachwood Hills, Hollywood. Jim foi grosseiro com Pamela e não apresentou Mark ao outro casal presente. Então, depois de comer, ele grosseiramente dispensou todos, exceto Mark.

Jim estava bebendo e engolindo pequenas pílulas brancas. Ele ofereceu algumas a Mark, sem avisar que eram benzedrina. Eles conversaram sem parar até amanhecer.

Mark se abriu com Jim, disse a ele o quanto havia mudado.

– Na noite em que eu vi o "Le Living", fui para casa com treze pessoas que eu havia acabado de conhecer e me droguei muito, depois de terem me despido no palco. Nunca teria sonhado em fazer qualquer uma dessas coisas antes de ir vê-los. Bem, no final do dia seguinte eu sabia que aquela era a forma como a vida deveria ser. Então voltei para o meu trabalho regular como agente de viagens e, quando me disseram para tirar meu colar de contas, eu mandei o cara se foder e fui embora dali.

– Eu estava fazendo o que eu acreditava ser um trabalho político e missionário espiritual – diz Mark – e é isso o que Jim queria descobrir. Seu trabalho tinha sido uma experiência religiosa, mas tinha se tornado entretenimento, e ele estava extremamente insatisfeito. O Living Theatre era composto por pessoas que tinham ido ver a companhia e não tinham conseguido ir embora, e Jim queria saber mais sobre aquele entusiasmo. Ele disse que queria encontrar maneiras de incorporar uma mensagem política naquilo que estava fazendo, mas que não sabia como fazê-lo, nem por onde começar. Sentia que todos estavam esperando que ele falasse,

prontos para obedecer cada uma de suas palavras, que isso era uma tremenda responsabilidade, mas Jim não sabia o que dizer.

– O que é que existe no Living que causa tanto entusiasmo? – Jim perguntou a Mark. – Como conseguir o mesmo tipo de empenho e dedicação? O que eu tenho que fazer?

A SEQUÊNCIA DE EVENTOS que diretamente levaram o The Doors a enfrentar a sua pior crise começou na noite de sexta-feira, 28 de fevereiro de 1969, quando o Living Theatre apresentou sua *tour de force, Paradise Now*. Para Jim, foi como uma porrada cataclísmica.

Ele estava sentado com amigos na fila da frente, como tinha acontecido durante toda a semana. A peça começou com "The Rite of Guerrilla Theater", no qual os atores se misturavam com os espectadores, falando a primeira das cinco frases-chaves catárticas.

– Eu não estou autorizado a viajar sem passaporte.

O Living Theatre estava em turnê pelos Estados Unidos depois de quatro anos de exílio voluntário na Europa. Durante este tempo, o grupo tornou-se internacional por sua composição e conheceu as dificuldades de atravessar fronteiras por experiência própria. Eles dialogavam com os espectadores, irritando-os até conseguir uma resposta, se fosse necessário, gritando as palavras com angústia e frustração.

– Eu não posso viajar livremente, não posso me movimentar à vontade!

– Estou separada de meu semelhante, meus limites são definidos arbitrariamente por outros!

– *As portas do Paraíso estão fechadas para mim*!

Em poucos minutos os atores estavam perto da histeria e o teatro da USC estava transformado. Jim estava de pé com muitos outros, gritando palavras de ordem, clamando pelo Paraíso Agora.

Os atores se retiraram silenciosamente, voltando para o palco, pararam por um momento, e então começaram de novo, agora com a segunda frase:

– Eu não sei como parar as guerras!

E assim foi: um catálogo de reclamações, apresentado com energia explosiva.

– Você não pode viver se você não tem dinheiro!

– Eu não estou autorizado a fumar maconha!

E finalmente:

– Eu não estou autorizado a tirar a roupa!

– O próprio corpo de que somos feitos é tabu!

– Temos vergonha do que é mais bonito, temos medo do que é mais bonito!

– Nós não podemos agir naturalmente em relação ao outro!

– *A cultura reprime o amor!*

– *Eu não estou autorizado a tirar minhas roupas!*

Os atores começaram a se despir, tirando grande parte de suas roupas, e depois ficando em pé nos corredores e no palco, as áreas proibidas de seus corpos cobertas. Foi uma demonstração ativa da proibição. Quando o desnudamento alcançou o limite legal, os atores gritaram mais uma vez:

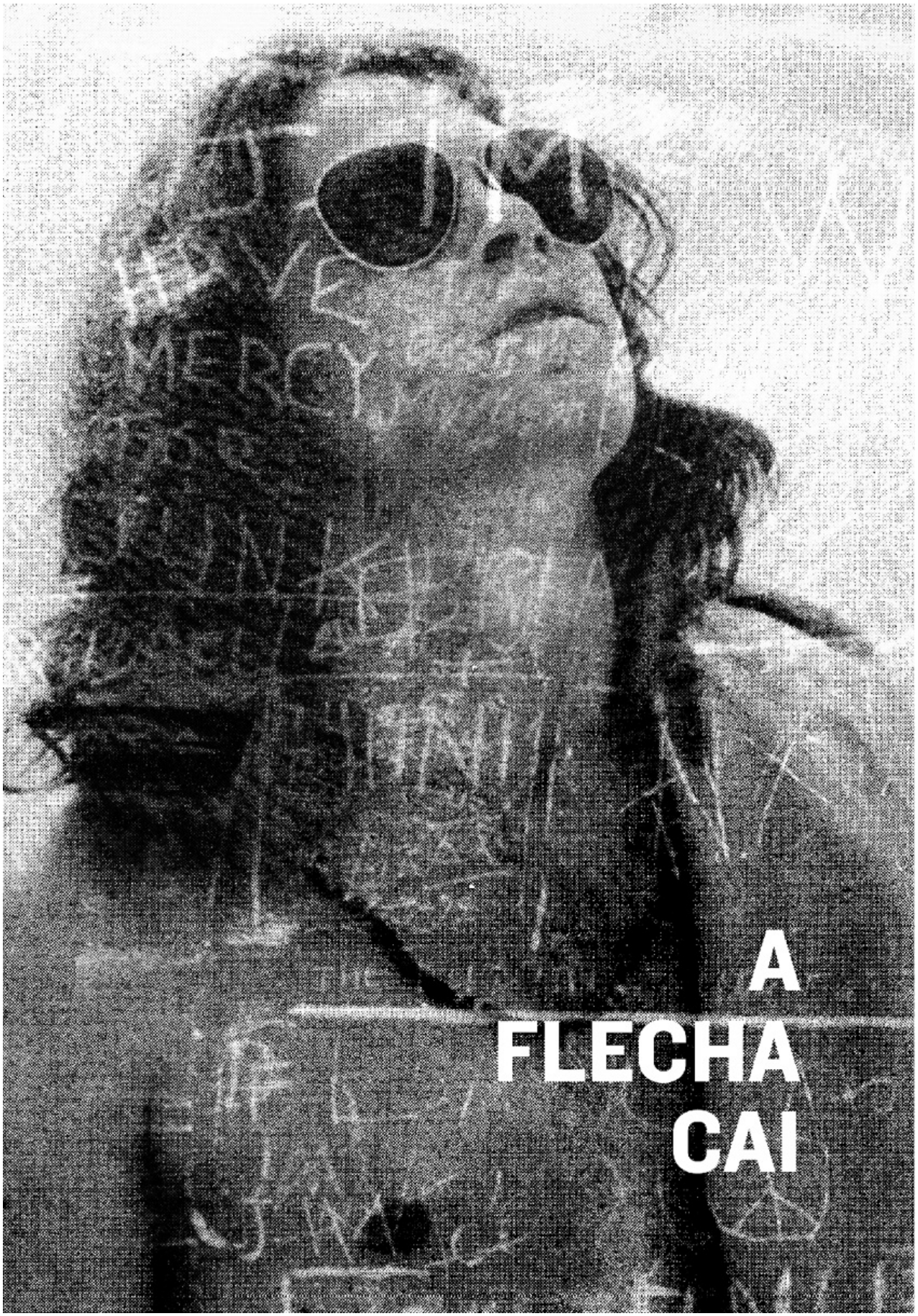
– *Eu não estou autorizado a tirar minhas roupas! Estou do lado de fora dos portões do Paraíso!*

Foi aí que a Polícia entrou e impediu a continuação da peça.

UM SHOW DO THE DOORS estava marcado para o dia seguinte. Depois dele, Jim e Pam iriam passar uma semana juntos em uma casa que já estava sendo preparada para eles na Jamaica. Mas antes de saírem para o aeroporto eles tiveram uma briga. Em seguida, no aeroporto, tiveram outra briga e Jim mandou Pamela para casa. Então Jim perdeu o voo. Xingando e desejando ter uma garrafa com ele, Jim reservou um assento em outro voo, e então foi para o bar do aeroporto, onde esperou e bebeu. Uma vez a bordo do avião, ele bebeu tantos drinques quanto conseguiu usando seu charme com a aeromoça da primeira classe. Houve uma escala em New Orleans, onde Jim novamente foi para o bar do aeroporto e novamente perdeu a partida programada. Quando ele conseguiu tomar as providências para pegar outro voo e ligou para o local do show para dizer aos rapazes da banda que chegaria um pouco atrasado, ele já estava bêbado.

Jim continuou bebendo. Durante toda a viagem para Miami.

Por volta de 1967, em Nova York. (Gloria Stavers)



CAPÍTULO OITO

UMA NOITE QUENTE e úmida do sul.

Os joelhos de Jim fraquejaram. Ele se viu com uma mão no enorme amplificador preto que estava à sua direita no palco e com a outra mão levantou uma grande garrafa de cerveja preta e bebeu. Em seu queixo havia uma barba nova que lhe conferia uma severidade mefistofélica. Ele usava uma camisa escura sem gola para fora da calça preta de couro para esconder a pança de uísque. Jim olhou de soslaio para o público através da fumaça.

Haviam se passado poucos minutos das onze, Jim engoliu o que restava da cerveja. O The Doors estava mais de uma hora atrasado para o show e o público estava agitado. Era a primeira apresentação da banda na Flórida – resultado da vitória do The Doors em uma enquete de popularidade no *campus* da Universidade de Miami –, mas até mesmo os maiores fãs podem ficar bastante tensos quando estão em um antigo hangar de hidroaviões lotado, sem assentos nem ventilação.

Ray, Robby e John aproximaram-se de seus instrumentos na escuridão. Ray olhou nervosamente para John, que estava tão chateado com o atraso de Jim que segurava com toda a força suas baquetas. Ray então olhou para Robby, que estava segurando sua guitarra distraidamente, como se não estivesse sentindo a tensão.

No *backstage*, os produtores do show de Miami estavam discutindo furiosamente com Bill Siddons e um dos agentes do The Doors, que tinha vindo de Nova York para "acertar as coisas". Siddons havia acreditado nos produtores quando eles disseram que o ganho máximo da bilheteria por aquele show seria de U$$ 42.000, e havia concordado em aceitar uma taxa fixa de US$ 25.000 pelo show, em vez de garantir no contrato os 60% da receita bruta, como era costume. Depois que Bill entregou o contrato assinado, os produtores retiraram os assentos e venderam mais de sete mil ingressos. Bill estava se sentindo insultado, e estava furioso.

Jim se inclinou sobre a mesa de mixagem atrás da bateria para pedir a Vince Treanor outra cerveja. O trabalho oficial de Vince era supervisionar a montagem, diagnosticar avarias e cuidar da manutenção do impressionante sistema de som dos Doors; seu trabalho não oficial era entregar bebidas a Jim. Mas desta vez ele balançou a cabeça negativamente. Ele não tinha mais cervejas, que tal uma Coca-Cola?

– Não estrague tudo – Vince disse, calmamente. – Esta é a primeira vez que tocamos em Miami.

Jim se virou, caminhou até a beira do palco e arrotou. Perscrutando a escuridão inquieta, ele perguntou se alguém tinha algo para beber. Alguém se aproximou com uma garrafa de vinho barato.

Primeiro Ray pediu a John que começasse com "Break on Through", a canção que abria a maioria dos shows do The Doors. Eles tocaram a introdução por quase dez minutos. Não funcionou. Jim não estava escutando. Ele estava conversando com alguns jovens da plateia, compartilhando com eles um copo de papel. Os Doors

ficaram em silêncio novamente enquanto Jim se colocava de pé com dificuldade e agarrava o microfone fino e dourado.

– *Eu não estou falando de uma revolução!*

A voz era um latido estridente, um ataque que parecia o início de uma recitação.

– Eu estou falando em se *divertiiiiiiiiir*. Estou falando sobre nos divertirmos neste verão. Vocês todos irão para Los Angeles, você todos chegarão lá. Vamos deitar lá na areia e esfregar os dedos no oceano e nos divertiremos. Vocês estão prontos? Vocês estão *prontoooooos*! Vocês estão *prontooos*? Estão prontos? Vocês estão... Estão... Uhuuuuuuu... Ahhhh... Ahhh....

A banda estava atacando com a introdução de uma canção conhecida do primeiro álbum, “Back Door Man”.

– *Mais alto! Vamos lá, banda! Toquem mais alto! Vamos lá! Yeahhh. Yayehhh. Ahhmmm uh back door mannn...*

Depois de quatro frases da música Jim parou de cantar e começou a falar novamente. Ele parecia se desculpar. Estaria falando para Pamela, assim como para a multidão?

– Ei, escutem – ele gritou. – Estou sozinho. Ei vocês, eu preciso de amor. Vamos. Eu preciso de alguns bons momentos. Eu quero um pouco de amor, de amor. Ninguém aí vai me amar, porra? Ora!

A multidão estava atônita.

– Eu preciso de vocês. Há tantos de vocês aí, e ninguém vai me amar, queridos, venham. Eu preciso, eu preciso, eu preciso, preciso de vocês, preciso de vocês, preciso de vocês, preciso de vocês. *Vamos*! Yeah! Eu amo vocês. Vamos. Ninguém virá aqui e me amar, hum? Está ok, baby. Que pena. Vou conseguir outra pessoa.

Os músicos mal estavam acompanhando estas confissões. Quando Jim fez uma pausa, eles começaram a tocar “Five to One” e ele os acompanhou, cantando o primeiro verso de maneira razoavelmente coerente. Então fez outro discurso, inspirado pela ganância dos produtores ao amontoarem tantas pessoas em um lugar, mas também inspirado no *Paradise Now*.

– Vocês são um bando de idiotas!

Mais uma vez a multidão ficou atônita.

– Deixam as pessoas dizerem o que vocês devem fazer! Deixam que mandem em vocês. Quanto tempo vocês acham que isso irá durar? Quanto tempo deixarão que eles mandem em vocês? Quanto tempo? Talvez gostem disso, talvez vocês gostem de ter seus rostos afundados na merda...

Jim os estava irritando, assim como os atores do Living Theatre irritavam seus espectadores, tentando quebrar a letargia deles.

– Vocês são um bando de escravos! – Jim gritou. – O que irão fazer em relação a isso, o que vocês irão fazer, o que vocês irão fazer?

A voz de Jim era um grito rouco. Em seguida, voltou a cantar:

– Your ballroom days over over, bayyy-beeee. Night is drawing near.

De alguma forma a música terminou, e Jim começou a falar novamente.

– Eu não estou falando sobre nenhuma revolução, não estou falando sobre nenhuma demonstração. Não estou falando sobre sair nas ruas. Eu estou falando sobre se divertir. Estou falando sobre dançar. Estou falando sobre amar o próximo. Estou falando sobre abraçar seu amigo. Estou falando de amor. Estou falando sobre um pouco de amor. Amor, amor, amor, amor, amor, amor, amor. Abrace... a porra do seu amigo e o ame. Vamos *lááááááá! Yeahhhhhh!*

Então, como se quisesse dar o exemplo, Jim tirou sua camisa e a jogou para a plateia, onde desapareceu como carne atirada a uma matilha de cães raivosos. Enquanto observava, Jim enfiou os polegares no cós de sua calça e começou a brincar com a fivela. Este era o momento que Jim estava planejando desde que havia visto *Paradise Now*. Ele havia se preparado para aquilo cuidadosamente. Mas não havia dito nada para ninguém da banda.

Ray começou a tocar “Touch Me”, na esperança de chamar a atenção de Jim de volta para a música. Jim cantou duas frases e parou.

– *Heyyyyyy*, espere um minuto, espere um minuto. Ei, espere um minuto, tudo está errado – não, espere um minuto, espere um minuto, espere um minuto! Vocês estragaram tudo, vocês estragaram tudo, *ora! Espere um minuto! Eu não vou aceitar esta merda! Fodam-se!* – ele gritou.

O rosto dele estava vermelho, sua voz era um grunhido berrado, o microfone batendo em sua boca.

– *Que merda!*

A multidão gritou.

Jim começou a desafivelar o cinto. Ray chamou Vince:

– Vince, Vince, pare-o! Não deixe que ele faça isso!

Vince pulou a mesa de som à sua frente e em dois grandes passos estava atrás de Jim, uma mão segurando o cós da calça pela parte de trás, a outra empurrando suas costas, mais acima, impossibilitando-o de desafivelar o cinto.

– Não faça isso, Jim, não faça isso – Vince pediu.

Embora Jim raramente usasse cueca, nesta noite ele estava usando uma cueca samba-canção tão grande que havia sido puxada acima da cintura de sua calça de couro. Ele havia planejado deixar cair suas calças, mas sem se expor, ficando no “limite legal” proposto em *Paradise Now*. Jim sabia o que estava fazendo. Ele havia planejado aquilo com cuidado. Agora a decisão de Ray e a contenção física de Vince haviam abortado seu plano. A chegada ao paraíso seria adiada.

Surpreendentemente, a banda ainda estava tocando “Touch Me”, embora atrapalhadamente. Finalmente Jim relaxou e o show continuou.

Jim permaneceu obviamente bêbado, embora a cerveja tivesse sido cortada e ele tivesse parado de pedir bebida ao público. Ele murmurou algumas palavras com a voz rouca. Esqueceu as letras das músicas e se perdeu no meio dos versos, voltando e se repetindo. Proferiu um discurso insultuoso sobre ter nascido e frequentado a escola na Flórida, “mas então eu fiquei esperto e fui para um lindo Estado chamado Califórnia”. Um conhecido de Los Angeles, um excêntrico chamado Louis Marvin, para quem o The Doors havia tocado em uma de suas primeiras festas em 1966, veio para a frente carregando um cordeiro e o entregou a Jim.

– Eu a comeria, sabe – disse Jim –, mas ela é muito jovem.

Então ele tirou o chapéu de um policial e o jogou para a massa suada diante dele... E o policial pegou um chapéu que tinha sido dado a Jim e o jogou na mesma direção, provocando muitas risadas.

Havia frases que ele repetia e repetia, entre e no meio das canções.

– Eu quero ver dança, eu quero ver diversão – era uma destas frases. – Não há regras, não há limites – era outra.

Não poderia haver nenhuma dúvida sobre a sua inspiração e motivação.

– Ei, escutem – ele disse. – Eu costumava pensar que tudo era uma grande brincadeira. Eu pensava que tudo era algo para se rir, e então nas últimas duas noites eu encontrei algumas pessoas que estavam fazendo algo. Eles estão tentando mudar o mundo, e eu quero ir nessa viagem. Eu quero mudar o mundo.

Por quase uma hora Jim convidou e atormentou o público para que se juntassem a ele no palco, e depois de uma hora de show eles começaram a chegar. Um dos produtores disse ao microfone:

– Alguém irá se machucar – e ameaçou parar o show. Os jovens continuavam chegando. Agora havia mais de cem se aglomerando, dançando ao som da música que os Doors de alguma forma continuavam a tocar.

– Nós não vamos sair até que tenhamos nos divertido ao máximo – Jim gritou. Ele começou a dançar com duas ou três garotas. O palco estava tremendo tanto que John e Robby pensaram que iria desabar. Mais jovens ainda começaram a estender suas mãos para alcançar a borda do palco e poder subir. Finalmente, um dos homens da segurança do produtor, que era faixa preta em caratê, chegou na multidão do palco e com um hábil golpe jogou Jim para fora do palco. Ele caiu em um espaço vazio, se levantou, formou uma fila, uma serpente humana, e começou a arrebanhar centenas de jovens atrás de si. Reapareceu na boca de cena alguns minutos depois, acenou para a multidão e depois desapareceu no camarim. O show tinha acabado.

Havia cerca de 24 pessoas presentes e todas pareciam estar falando ao mesmo tempo, algumas demonstrando preocupação pela quantidade de equipamentos perdidos e os danos físicos inevitáveis aos membros da plateia. Bill Siddons diria mais tarde que Jim disse algo como “Uh-oh, acho que me expus lá”. Enquanto outros

argumentavam que ele dissera: “Agora quero ver a Buick usar “Light My Fire”. Ainda outros diziam que ele estava rindo, se divertindo, não dizendo nada relevante nem memorável. Em geral, o clima era leve. Parte disto era devido ao alívio que todos sentiam no final de todos os shows. Mas era também por causa das brincadeiras que foram feitas quando Siddons entregou algum dinheiro a um dos policiais, para pagar o chapéu que Jim tinha tirado e jogado no meio da multidão. Até a meia dúzia de policiais presentes estava rindo, dizendo que haviam se divertido.

Meia hora depois, apenas Vince, os *roadies* do The Doors e algumas pessoas da segurança permaneceram no velho hangar-casa de shows, empacotando e examinando os destroços. O palco estava quebrado e inclinado perigosamente, mas mais impressionante mesmo talvez fossem as milhares de garrafas vazias de vinho e cerveja e também as calcinhas e sutiãs, em quantidade suficiente para abrir uma loja de lingerie bem abastecida. Como Vince recorda:

– A cada metro havia uma outra peça de roupa.

Jim pode ter sido impedido de se despir e se aproximar do paraíso, mas claramente seu público de Miami não.

NOS TRÊS DIAS que se seguiram – com Jim passando as férias na Jamaica, como planejado, mas sem Pamela – seu futuro e o dos Doors estava sendo traçado pelos políticos, pela polícia e pela imprensa de Miami. No domingo, um dos jornais de Miami escreveu que Jim tinha empurrado três policiais para fora do palco antes de ser retirado por outros três. Na segunda-feira um sargento da polícia disse:

– É preciso dar crédito aos jovens presentes, neste caso. É preciso elogiá-los. Aquele indivíduo fez todo o possível para iniciar um motim, mas os jovens não se moveram.

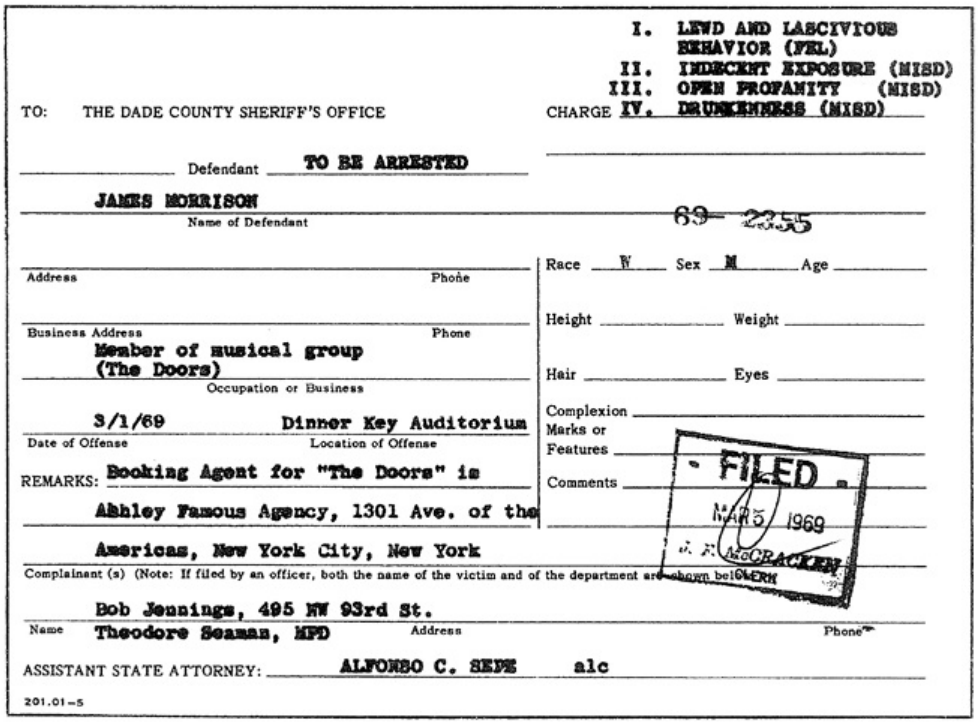
O chefe de polícia disse que assim que conseguisse encontrar um policial que tivesse testemunhado quaisquer crimes, ele conseguiria um mandado de prisão para Jim.

No mesmo dia o politicamente ambicioso gestor municipal assistente foi levado a perguntar:

– Como isso aconteceu em um auditório *da cidade*?

Na terça-feira houve uma corrida para pegar aquele bonde em movimento quando o presidente da Comissão do Crime da Grande Miami, um ex-promotor da cidade, requereu um inquérito com júri... Um deputado estadual, que foi presidente do Miami Exchange Club, escreveu ao prefeito de Jacksonville instando-o a cancelar o show do The Doors programado para o próximo fim de semana... O capitão da divisão de segurança interna do departamento de polícia de Miami disse que ele definitivamente iria emitir mandados de prisão para Jim... E um ex-jogador de futebol de dezenove anos chamado Mike Levisque começou a planejar nos escritórios de um jornal católico regional um comício antiobscenidade.

A bomba veio no dia 5 de março, uma quarta-feira, quando Bob Jennings, um funcionário de 22 anos de idade no gabinete do procurador do Estado, concordou em servir como reclamante no caso e Jim foi acusado de um crime –comportamento indecente e lascivo – e três contravenções – exposição indecente, desrespeito público e embriaguez. A acusação era a parte mais intrigante, polêmica e publicamente controversa, pois segundo o testemunho de algumas pessoas alegou-se que Jim "expôs o pênis obscena e lascivamente, colocou suas mãos sobre seu pênis e o sacudiu, e posteriormente o dito acusado simulou atos de masturbação em si e cópula oral em outro". Numa conferência da imprensa realizada pelo chefe de polícia, foi anunciado que, caso fosse condenado por essas acusações, Jim poderia ser enviado para a prisão Raiford – uma das piores da Flórida – por sete anos e 150 dias. No dia seguinte, os nomes de Jim e do The Doors estavam em todas as primeiras páginas de todo o país.



I. LEWD AND LASCIVIOUS BEHAVIOR (FEL)
II. INDECENT EXPOSURE (MISD)
III. OPEN PROFANITY (MISD)
IV. DRUNKENNESS (MISD)

TO: THE DADE COUNTY SHERIFF'S OFFICE — CHARGE IV. DRUNKENNESS (MISD)

TO BE ARRESTED — Defendant

JAMES MORRISON — Name of Defendant

69- 2355

Address — Phone

Race W Sex M Age

Business Address — Phone

Height — Weight

Member of musical group (The Doors) — Occupation or Business

Hair — Eyes

Complexion

3/1/69 — Date of Offense — Dinner Key Auditorium — Location of Offense

Marks or Features

REMARKS: Booking Agent for "The Doors" is Abbley Famous Agency, 1301 Ave. of the Americas, New York City, New York

Comments

FILED MAR 5 1969 J. F. McCRACKEN CLERK

Complainant (s) (Note: If filed by an officer, both the name of the victim and of the department are shown be

Name Bob Jennings, 495 NW 93rd St. — Address — Phone

Theodore Seaman, MPD

ASSISTANT STATE ATTORNEY: ALFONSO C. SEPE alc

201.01-5

Documento referente à sentença de Jim Morrison.

NESTE MEIO TEMPO, Jim estava passando por maus bocados no Caribe. Ele era o único rosto branco na antiga casa senhorial que havia alugado. Ray e Dorothy estavam na ilha francesa de Guadalupe, e John, Robby e suas garotas Julia e Lynn estavam também na Jamaica, em outra casa, um pouco distante da casa em que Jim estava. Era "assustador", Jim disse a amigos, mais tarde e, quando um dos empregados negros lhe ofereceu maconha, ele disse que ficou com medo de recusar, então fumou um cigarro do tamanho de um charuto cubano e teve "alucinações que incluíam a fantasia da minha morte". Só meses depois Jim conseguiu fumar maconha de novo.

Em pânico, Jim saiu da casa e foi se juntar a John e Robby, perto da praia. Mas

ele não tinha nenhum interesse nos esportes aquáticos que eles praticavam, então logo voltou, entediado e visivelmente chateado, para a Califórnia.

Parecia incompreensível que o que Bill Siddons primeiramente havia chamado de "apenas mais um show sujo do The Doors" estivesse atraindo tanta atenção e tendo um efeito tão grande sobre o grupo. Na primeira semana o grupo brincou sobre o assunto. Quando Jim entrou no escritório e Leon Barnard perguntou:

– Como foi em Miami?

Jim sorriu e respondeu:

– Você teria *adorado*, Leon.

Quando os jornais de todo o país começaram a contar histórias sobre Mike Levisque e o "comício da decência" que estava organizando para o Orange Bowl, os Doors começaram a planejar seu próprio comício da decência – que aconteceria no Rose Bowl, com Jim dando de presente um grande cheque a Levisque, que viria de Miami para a ocasião.

Mas as piadas pararam. Em menos de três semanas, ficou claro que o que havia acontecido em Miami estava colocando em perigo o futuro do grupo. O boletim confidencial distribuído entre os membros da Concert Hall Managers Association alertava para a imprevisibilidade do The Doors e as numerosas acusações contra Jim. Resultado: o grupo foi banido de quase todos os lugares.

A primeira cidade a cancelar uma apresentação foi Jacksonville. Depois, Dallas e Pittsburgh, depois Providence e Syracuse, Filadélfia e Cincinnati, Cleveland e Detroit. Até a Kent State University cancelou a apresentação. Pior ainda, as estações de rádio em várias cidades começaram a tirar o The Doors de sua programação.

A imprensa nunca desistia. Qualquer desenrolar, pequeno ou grande, era amplamente coberto, e a *Rolling Stone* chegou a fazer um cartaz de "Procura-se" com o rosto de Jim estampado, ao estilo *western*, de página inteira. Pela primeira vez na carreira dos Doors a mídia se voltava contra eles.

Quando a manifestação no Orange Bowl atraiu pessoas como Anita Bryant e Jackie Gleason – e uma multidão de trinta mil! – a reação à performance de Jim se tornou um movimento nacional, estimulando manifestações semelhantes em várias outras cidades e atraindo um endosso do presidente Nixon.

No final de março, o FBI concordou em acusar Jim de voo ilegal. Era uma acusação ridícula, porque Jim havia deixado Miami três dias antes de quaisquer mandados terem sido emitidos, mas o FBI enviou um agente ao escritório do The Doors com um mandado de prisão para Jim. Neste dia os Doors entenderam que a situação era grave.

Bill Siddons emitiu (dadas as circunstâncias) uma declaração calma, mas que denunciava o quanto os Doors estavam ansiosos para que aquele sonho bizarro acabasse:

> Não há nada que possamos dizer que torne as coisas melhores. Estamos apenas deixando que as pessoas digam o que quiserem. Estamos deixando que todos deem vazão à sua ira... E então, quando tudo acabar, seguiremos nosso caminho. Nós não temos nada a dizer sobre isso – nem bom, nem ruim, nem indiferente.

Para Jim, não se passava um dia sem que algo o recordasse sobre Miami. No dia 4 de abril, acompanhado por seu advogado, ele se entregou ao FBI, e foi solto mediante uma fiança de cinco mil dólares.

Enquanto isso, *Feast of Friends* era preparado para suas primeiras exibições e Jim começava seu novo filme. Depois de formar sua própria companhia de produção, a HiWay Productions, Jim incluiu seus amigos Frank Lisciandro, Babe Hill e Paul Ferrara na folha de pagamento, comprou a maior parte do equipamento usado nas filmagens de *Feast* e os mandou levar para as duas pequenas salas no andar de cima do prédio do outro lado da rua da Elektra Records, que tinha o improvável nome de Edifício Clear Thoughts[72].

As filmagens foram iniciadas na semana da Páscoa. Mais uma vez, o tema morte no deserto dominava o enredo: um barbudo Jim Morrison saía das montanhas da Califórnia, perto de Palm Springs, encontrava um coiote moribundo enquanto pedia carona para Los Angeles e então aparentemente assassinava o primeiro motorista que lhe oferecia uma.

Enquanto filmava o final do filme, em Los Angeles, Jim deu um telefonema misterioso para Michael McClure, em São Francisco. Ele não se identificou quando Michael atendeu.

– Eu o matei – disse Jim.

Michael reconheceu a voz de Jim.

– Jim... – ele pensou que Jim estivesse bêbado. Mas não tinha certeza.

Jim desligou abruptamente, deixando a cabine telefônica com um sorriso surgindo nos cantos de sua boca.

– Agora vamos para o 9000 Building – disse ele.

Jim estivera bebendo constantemente durante horas, mas não estava bêbado. Ginni Ganahl, o então secretário do The Doors, e Kathy Lisciandro estavam com ele, bem como Frank, Babe, Paul e Leon. Já estava escuro quando eles tomaram o elevador até o topo dos dezessete andares do 9000 Building, na Sunset Boulevard. A ideia era que Jim amarrasse uma corda em volta de sua cintura – o que não apareceria nas filmagens – e em seguida fizesse uma dancinha ao longo da borda de 20,3 centímetros, não havendo nada entre ele e a calçada, dezessete andares abaixo. A corda seria segurada por amigos, que o impediriam de morrer caso caísse.

Quando Jim explicou a cena, todos ficaram assustados. Sabiam que não podiam impedi-lo de fazer a cena exatamente da forma como ele queria, mas eles não seriam amigos se ao menos não protestassem.

– Você não quer fazer isso realmente, não é? – disse Leon.

Jim olhou para ele. Parecia ver aquela questão como um desafio. Dramaticamente tirou a corda de sua cintura, saltou para o parapeito, ordenou que Paul começasse a filmar e fez sua dancinha, encerrando a performance urinando por cima da borda, em direção à Sunset. A cena toda não tinha sentido a menos que você conhecesse Jim. Neste caso, ela se tornava apenas uma loucura de bêbado.

Se seus filmes refletiam o ousado *rock* star, seus livros traziam à luz outra identidade de Jim: o poeta.

Ele ficou muito satisfeito com a poesia que havia mandado imprimir. *The Lords* foi publicado de forma muito extravagante: 82 observações rimbaudianas sobre visão e cinematografia, impressas em papel pergaminho cor creme, medindo 21,60 por 27,9 centímetros, em uma caixa azul com um laço vermelho e o título em uma folha dourada. *The New Creatures* foi apresentado mais modestamente: 42 páginas de tamanho padrão com a poesia mais recente, impressas em papel amarelo claro, do tipo utilizado nas capas lustrosas de revistas, presas por cartões em cor marrom, semelhantes àqueles utilizados em capas de trabalhos de escola, e novamente com o título em uma folha dourada. Jim mandou entregar uma centena de cópias de cada livro para o escritório do The Doors, onde eles ficaram empilhados contra a parede, perto da mesa de Bill Siddons. Na capa de cada um havia o nome que ele usava como poeta: James Douglas Morrison.

Ao longo de *The New Creatures* as palavras e frases de conflito sexual se interligavam com imagens de dor e morte: Havia assassinatos, linchamentos, terremotos, crianças-fantasma, boca de trincheira, gonorreia, ervas venenosas maléficas, pessoas dançando sobre ossos quebrados, pilhagens, motins e artistas no inferno. Havia mundos sobrenaturais grotescos, Lovecraft e Bosch pairavam sobre a obra. Referências a animais eram frequentes: insetos, lagartos, cobras, águias, peixes de grutas, enguias, salamandras, vermes, ratos, cães selvagens.

O poema final do delgado volume era tão desesperado quanto o resto. Neste – uma descrição sem título do pós-apocalipse – havia uma visita à terra devastada.

Os poemas proporcionavam um olhar profundo e longo nas feridas inflamadas do desespero de Jim, um desespero que talvez nunca fosse adequadamente explicado ou entendido, mas que aparecia em sua poesia de forma dolorosamente clara e brilhantemente expressa.

OS QUATRO JORNALISTAS de Nova York reunidos para o programa de televisão pareceram assustados quando Jim entrou tranquilamente no estúdio do Channel 13. Da última vez que eles o tinham visto no Madison Square Garden há cinco meses, ele estava barbeado e usava sua calça de couro preta. Agora ele estava de barba, óculos escuros de aviador e calças de algodão de ferroviário listradas, e fumava um charuto fino e longo, parecendo um belo e forte Che Guevara. Carismático como

sempre, ele agora estava sóbrio e encantador, dizendo a todos o quão feliz estava ali naquele estúdio de uma TV educacional onde não havia censura e a conversa e a música eram levadas a sério.

A referência de Jim à censura era mais do que uma observação casual, pois os Doors planejaram apresentar uma versão na íntegra de uma canção chamada "Build Me a Woman". Quando esta canção foi incluída em um álbum ao vivo, um ano depois, as frases "Sunday trucker / Christian motherfucker"[73] foram censuradas. No Public Broadcasting System, no entanto, as frases permaneceram, embora Jim tenha suavizado o golpe, na hora pronunciando de forma pouco clara a palavra crítica.

O The Doors também apresentou na íntegra o poema musical que daria título ao quarto álbum da banda, "The Soft Parade", e durante a entrevista de dez minutos da banda com Richard Goldstein Jim pegou uma cópia do *The New Creatures* e leu um pouco de poesia. Quando perguntado se ele não queria mais ser considerado um "político erótico", Jim admitiu, pela primeira vez publicamente, que ele havia dito aquilo apenas para dar a um escritor a frase de efeito que todos os jornalistas sempre procuram.

Este era o "novo" Jim Morrison – honesto, sério, educadamente se recusando a falar sobre Miami "por insistência do meu advogado", charmoso como um menino, despejando poesia. Mas, para quem estivesse observando de perto, ficava claro que Jim estava manipulando a mídia novamente, que ao mudar suas roupas, deixar a barba crescer, enfatizar sua poesia e ser sincero sobre o seu passado maquiavélico ele estava construindo para si outra imagem. Esta imagem era mais honesta. Não que a encarnação anterior, vestida de couro, não tivesse sido legítima, mas havia sido limitante e ele obviamente havia superado isso. Sua nova imagem era mais fácil de ser colocada em prática e ao mesmo tempo mais fácil de manter. Jim estava aprendendo.

A entrevista para a PBS foi a primeira de Jim desde Miami. A segunda começou menos de uma semana depois e foi com o correspondente em Los Angeles da publicação que tinha – Jim acreditava – mais ferido sua imagem, a *Rolling Stone*. Jim se encontrou com Jerry Hopkins por quatro vezes durante um período de duas ou três semanas e deu aquela que foi sua mais extensa e provavelmente profunda entrevista. Ele parecia ansioso para agradar, ansioso para se fazer entender. Sendo assim, ele escolhia suas palavras devagar, com cuidado, quase como um cortador de gemas ao examinar pedras brutas.

Como esperado, ele se recusou a falar sobre Miami – por razões legais, disse. Mas, inesperadamente, comentou sobre sua família, não profundamente, mas com honestidade e perspectiva, algo que anteriormente ele não tinha se permitido fazer. Jerry perguntou a Jim por que ele inventara aquela outra história. Jim pensou por um momento antes de responder e então disse:

– Eu apenas não queria envolvê-los. É muito fácil encontrar detalhes pessoais se

você realmente quiser. Quando nascemos, tiram a impressão de nossos pés, e assim por diante. Eu acho que disse que meus pais estavam mortos como uma espécie de brincadeira. Eu tenho um irmão, mas não o vejo há mais ou menos um ano. Eu não vejo nenhum deles. E isto é o máximo que já falei sobre o assunto.

A resposta não revela muito, mas o fato de que Jim foi capaz de reconhecer a existência de sua família diz muito sobre a forma como estava começando a se entender com sua vida em outras áreas. Ou, como Bill Siddons disse a um entrevistador certa vez:

– Jim costumava ter muitos pequenos demônios correndo dentro dele. Eu não acho que ele tenha tantos, agora. Parece estar se livrando deles.

Algumas de suas respostas eram muito bem educadas:

– Estou interessado em cinema, porque para mim esta é a forma de arte que mais se aproxima do real fluxo de consciência, tanto em sonhos quanto na percepção cotidiana do mundo.

E ele definiu ritual da seguinte forma:

– É como se fosse uma escultura humana. De certa forma é como a arte, porque dá forma à energia, e de certa forma é um costume ou uma repetição, um plano ou manifestação que geralmente se repete e tem significado. Este invade a tudo. É como um jogo.

E verbalizou estes pensamentos: “A extensão lógica do ego é Deus” e “a extensão lógica de viver nos Estados Unidos é ser presidente”.

No final da terceira sessão de entrevistas Jim se esticou amigavelmente e fitou Jerry, que parecia ter ficado sem mais perguntas.

– Você não quer falar sobre meu hábito de beber? – perguntou. Ele se ajeitou na cadeira, sorrindo.

– Bem, sim, com certeza – disse Jerry. – Você tem uma reputação de...

– ...ficar bêbado – Jim terminou. – Bem, é verdade, é tudo verdade. Ficar bêbado é, bem... Ficando bêbado, você está no completo controle... Até certo ponto. A escolha é sua, cada vez que você dá um gole. Você tem um monte de pequenas escolhas.

Houve uma longa pausa. Jerry esperou por mais.

– É como... Eu acho que é a diferença entre suicídio e lenta capitulação.

Será que Jim realmente acreditava que ele estava bebendo lentamente até a morte e não se importava, porque cumpria a tradição poética pela qual era tão apaixonado? Ou será que ele simplesmente, para efeito dramático, escolheu sugerir que este era o seu destino?

Jerry decidiu tentar descobrir.

– O que você quer dizer com isso? – ele perguntou.

Jim riu.

– Eu não sei, cara. Vamos até ali pegar uma bebida.

No encontro final, Jim disse a Jerry que queria ler um longo poema ao invés de responder a mais perguntas. Este, à época ainda sem título, foi mais tarde publicado como “An American Prayer”. Como a maior parte de suas primeiras poesias e algumas de suas mais conhecidas canções, o poema tinha como tema o iminente apocalipse norte-americano e a forma de mais um catálogo de queixas da metade do século, às vezes pessoal e expressado com raiva.

Quando ele teve em suas mãos as entrevistas publicadas, algumas semanas mais tarde (um Jim de calça de couro e sem camisa fotografado por Paul Ferrara enfeitava a capa) e viu o poema incluído, disposto da forma como ele havia solicitado, com o *copyright* creditado a James Douglas Morrison, ficou imensamente satisfeito.

– Finalmente – ele disse a amigos – esta revistinha está começando a reconhecer um talento verdadeiro quando o vê.

Em junho o quarto álbum do The Doors estava finalmente completo. Com um ano inteiro de preparação, havia sido o mais frustrante até o momento, com Jim contribuindo apenas com metade do material. Sua energia, obviamente, estava sendo direcionada mais para a poesia do que para as letras. Por esta razão, e porque Jim não queria que ninguém pensasse que ele havia escrito a canção que seria o próximo single deles, “Tell All the People”, o crédito individual do autor substituiu o tradicional crédito “Canções compostas pelo The Doors”.

Mas, como em álbuns anteriores, havia em *The Soft Parade* diversos “versos de Jim Morrison”, frases consideradas muito estranhas e coloridas para terem sido escritas por qualquer outra pessoa. Em “Shaman’s Blues” havia a imagem de “Frias mandíbulas estraçalhantes de urso / Logo atrás de você”[74], e em “The Soft Parade” a monótona “Catacumbas, ossos no berçário / Mulheres de inverno se tornando pedras / Carregando bebês até o rio”[75], a última frase levando à pergunta: para banhá-los ou afogá-los?

“Easy Ride”, uma canção que Jim esperava que também se tornasse um single, tinha uma letra afiada e acessível por toda a música, mas na última estrofe ele não pôde resistir à torção poética:

> Rainha Coda, agora seja minha noiva / se enraiveça na escuridão ao meu lado / aproveite o verão em seu orgulho / alcance o inverno em seus passos largos / vamos passear[76].

Mas no geral o impacto lírico era menor do que tinha sido em álbuns anteriores, e o uso do que Vince Treanor chamou de “The La Cienega Symphony” – cordas da Filarmônica de Los Angeles, sopros por alguns dos melhores músicos locais de estúdio de jazz – turvaram ainda mais o outrora lúcido som do The Doors.

ERA IMPERATIVO QUE os Doors encontrassem trabalho. O novo álbum havia custado 86 mil dólares, mas mais desanimadora ainda era a contínua maldição econômica a qual Jim agora se referia como o “incidente de Miami”. Ray se lembra de ter perdido 25 datas de shows, o que John descreveu à época como “um milhão de dólares em shows”.

Produtores de uma dúzia de cidades estavam processando--os pelo dinheiro que haviam perdido, e ao mesmo tempo “bons samaritanos” locais baniram oficialmente os Doors de aparecer por estas cidades. Apesar do último single de sucesso, “Touch Me”, que havia sido lançado na mesma época do incidente de Miami, ter vendido quase tão bem quanto “Light My Fire”, o dinheiro foi rapidamente gasto com advogados, e as vendas de discos subsequentes despencaram quando a banda entrou para a lista negra das estações de rádio em vinte mercados importantes. Esta fase durou pouco, no entanto, e, quando as notícias atingiram de frente o país, as vendas de discos nivelaram.

Embora “Touch Me” tenha sido gravada antes do incidente em Miami, sua data de lançamento fez parecer como se o incidente e o single tivessem alguma relação. Com a exposição indecente nos noticiários e o pedido de “Touch Me” abalando as paradas de sucesso, os *teenyboppers* inocentemente engoliram aquilo, e os fãs do The Doors ficaram orgulhosos de sua banda, apesar dos sopros e das cordas, por aquilo que eles consideravam ser um desafio.

Finalmente, Bill Siddons recebeu boas notícias.

– Nós temos algumas datas fechadas – disse ele. – Chicago e Minneapolis nos dias 14 e 15. Eugene, Oregon, no dia 16. Seattle Pop Festival no dia 17.

– Ei – disse Jim calmamente, afastando-se da geladeira do escritório com uma lata de Coors na mão. – Eu pensei que tivéssemos combinado de não fazermos mais shows ao ar livre.

Os outros Doors encararam Jim inexpressivamente.

– Estas datas estão *certas*, Jim – disse Bill. – Nós realmente precisamos de trabalho. Já se passaram três meses desde Miami. É um longo período sem shows.

– Então como é que nós temos quatro shows seguidos marcados? O que a agência prometeu? Que eu não tiraria minhas calças?

– Nós teremos que dar uma caução, Jim. Cinco mil dólares por show. Nós perdemos a caução se for um show obsceno. Está escrito nos contratos.

– A “cláusula da sacanagem”, Jim resmungou. Ele se deixou cair no sofá e levantou sua cerveja. – Eu aposto que é a primeira na história do rock.

Jim foi cuidadoso em ambas as cidades para não usar couro e não dizer obscenidades. Havia razão para cautela. Em Minneapolis, pouco antes de começarem, o gerente da casa e a polícia estavam de pé nas coxias, no caso de “exposição indecente”. A paranoia pós-Miami havia começado.

No dia 16 os Doors voaram para Eugene e em seguida, no dia 17, para o festival nas proximidades de Seattle. Mais uma vez foram cautelosos (para decepção do público), mas também estavam começando a ter a sensação de estarem trabalhando novamente. O festival não foi satisfatório. Desde a apresentação no Hollywood Bowl eles achavam que a música deles não era adequada para uma arena ao ar livre. Mas tinha ficado claro, no entanto, que os quatro Doors ainda funcionavam como banda. Cada show era melhor que o outro, musicalmente, mais livre e mais espontâneo do que o show anterior. O comportamento de Jim na estrada tornou-se mais civilizado, também – os dias de pedir sete refeições apenas para provar cada uma delas ficaram no passado. Ele gastava seu tempo lendo, indo ao cinema e passeando pelas cidades – evitando os bares dos hotéis, assim como as casas noturnas.

Ele estava contente, até mesmo satisfeito com a forma como as coisas estavam indo. As expectativas do público pareciam menores. Talvez ele tivesse conseguido isso em Miami, quando, como disse a um jornalista, havia “tentado reduzir o mito ao absurdo, destruindo-o”. No entanto, ainda existia aquele elemento que não vinha da música, mas de ver o integrante do The Doors nu cantando “Touch Me”.

Mais datas foram acrescentadas à medida que o verão chegava – em Toronto, Cidade do México, São Francisco, Filadélfia, Pittsburgh, Las Vegas e Los Angeles. Mas agora os Estados Unidos estava imerso profundamente naquilo que a *Rolling Stone* chamou de “A Era da Paranoia”. No ano anterior, Martin Luther King e Robert Kennedy haviam sido assassinados, e a polícia havia provocado tumultos na Convenção Democrata em Chicago. Os assassinatos de Manson estavam sendo usados para manchar a cultura da juventude que pouco tempo antes tinha sido abraçada tão calorosamente. Era muito claro que o The Doors fazia parte deste alvo.

Em Toronto eles foram informados, enquanto montavam o palco, de que a polícia da cidade estava pronta para atacar caso Jim apenas se contorcesse. Dois dias antes do show deles na Filadélfia, o prefeito desenterrou uma lei de 1879 que lhe dava o poder de revogar uma licença para qualquer apresentação que “pudesse ser de natureza imoral ou desagradável e prejudicial à comunidade” e, depois do produtor ter lutado contra esta decisão e ter ganhado, os Doors foram avisados de que seus motoristas de limusine eram *narcs*[77]. Em Pittsburgh o show foi interrompido quando centenas de adolescentes correram para o palco. Em Las Vegas o delegado chegou ao show com mandados em branco feitos para cada um dos Doors, as acusações a serem preenchidas – ou não – de acordo com a maneira com que a banda se apresentasse.

Os espetáculos tornavam-se compactos e brilhavam, apesar da pressão. Jim aproveitava a oportunidade de simplesmente cantar e entreter, e até mesmo desenvolveu um senso de humor a respeito daquela situação. Mas estava irritado com a mesquinhez das autoridades e começou a pensar que talvez devesse fazer

algo sobre aquilo, de uma vez por todas.

Foi com uma mistura de sentimentos que eles anteciparam os shows na Cidade do México, programados para o final do mês no Plaza Monumental, a maior praça de touros da cidade. Mais uma vez, isto significava tocar para um grande público ao ar livre (48 mil pessoas), mas os Doors sentiam que o prestígio do show era mais importante do que a recompensa estética, e porque a entradas seriam colocadas à venda por preços que variavam desde 40 centavos até um dólar, eles acreditavam que não excluiriam os pobres. Também estava previsto que a banda faria um show beneficente para as Nações Unidas ou para a Cruz Vermelha, no Camino Real Hotel, bem como em uma casa restrita e cara.

Mas o promotor da Cidade do México, um jovem barbudo e decorador de interiores chamado Mario Olmos, foi incapaz de conseguir todas as licenças necessárias, de forma que ele foi até Javier Castro, um cantor de 26 anos que era o proprietário do Fórum, uma grande casa de mil lugares mais ou menos equivalente em decoração e clientela ao Copacabana, em Nova York. Ele disse a Javier que poderia oferecer o The Doors por quatro noites, a cinco mil dólares por noite. Juntos, eles encontraram um amigo que pôde providenciar um cheque de vinte mil dólares como garantia, e na manhã seguinte os jornais da Cidade do México traziam uma publicidade de página inteira anunciando a apresentação do The Doors no Fórum naquele fim de semana.

O The Doors não havia sido consultado sobre esses planos, e ficaram furiosos quando Mario e Javier entraram no escritório com o anúncio de jornal, o cheque em suas mãos e promessas mirabolantes nos lábios. O escritório naquela noite estava mal iluminado, a mesa de Bill Siddons, atulhada de garrafas de cerveja vazias, cartazes e anúncios de jornal sobre o show do Fórum. Os membros da banda estavam sentados por ali, parecendo tristes, falando sobre como deveriam ter chamado um vidente. Essa ideia havia surgido quando tanto Alan Ronay quanto Leon Barnard haviam relatado premonições sobre a morte de Jim. Aquela não era a primeira vez, mas esta parecia ser o prenúncio da desgraça.

Bill Siddons nunca havia aceitado tais afirmações confortavelmente. Em uma dúzia de manhãs de segundas-feiras do ano anterior houve boatos de que Jim estaria morto, vítima de exageros no fim de semana, e a cada vez Bill tinha entrado em pânico, buscando freneticamente por Jim, até que o próprio
silenciava os rumores chegando no escritório para ler sua correspondência.

– Você supostamente devia estar morto – dizia Bill, sorrindo e claramente aliviado.

– Ah, é? – Jim respondia, abrindo a geladeira do escritório de Bill e tirando uma lata de Coors. – De novo? Como eu morri, desta vez?

Jim não foi informado sobre as premonições que Leon e seu amigo próximo Alan tiveram. As preparações para a viagem ao México foram retomadas.

– JEEM! JEEM! Onde está Jeem? – milhares de fãs dos Doors tinham vindo para saudar a banda e dar as boas-vindas ao México.

Os Doors passaram pela alfândega e entraram no saguão do aeroporto da Cidade do México. Com sua barba cheia, Jim estava irreconhecível: ele não parecia o Jim Morrison que havia sido pintado na fachada do Fórum, e houve rumores de descontentamento dentro de seu grupo. Pediram a Siddons para falar com Jim, o que ele fez. Mas a barba permaneceu.

As apresentações estavam entre as melhores que eles já haviam feito. Os Doors eram muito mais populares no México do que haviam pensado, e a resposta dos ricos adolescentes que enchiam a casa a cada noite os atirava a extremos musicais fora do comum – embora eles houvessem notado como parecia *estranha* uma parte desta popularidade. Era a reação a “The End” que mais os intrigava.

Na primeira noite, Jim e os outros ignoraram os repetidos pedidos para que tocassem aquela canção, mas na segunda noite cederam. À medida que se aproximaram da parte edipiana, tantos na plateia começaram a fazer “shhhh” uns para os outros que aquela ficou parecendo uma sala cheia de cobras.

“Father?” “Yes, son?”

Jim recuou perante a resposta que aquele verso provocou, uma vez que imediatamente todos os rapazes no local gritaram:

– *I want to kill you!*

Jim olhou para a escuridão, visivelmente atordoado.

– Mother? – ele disse, timidamente. – I want...”

E, novamente, o público explodiu.

Jim ficou impressionado.

Essa música era tão popular no México que havia sido lançada em um 45 rotações em versão ampliada, e era tão tocada nas jukeboxes que as letras mal eram inteligíveis.

– O México é um país edipiano – alguém disse a Jim mais tarde. – Está tudo embrulhado no machismo nacional e na “Mãe Igreja”.

Os Doors foram tratados como a realeza, e em uma semana passaram a apreciar o conforto que acompanha um compromisso prolongado. Havia tempo para passeios turísticos, e para isso havia Cadillacs preto e branco, motoristas e uma mulher chamada Malu, que normalmente servia como relações públicas do Fórum, mas que fazia as vezes de intérprete e “protetora” dos Doors. Tudo isso estava disponível 24 horas por dia para eles. O hotel estava situado no melhor bairro residencial. Eles foram apresentados ao filho do presidente mexicano, que estava vestido segundo a última moda de Carnaby Street e em cujo rastro havia um bando de garotas americanas, conhecidas no México como “as groupies do presidente” (uma destas,

que Jim escolheu para si enquanto visitava o museu de antropologia, parecia muito com Pamela). Nos bastidores sempre aparecia alguém carregando algo que parecia ser meio quilo de cocaína em um grande saco plástico, oferecendo aos rapazes tanto quanto quisessem.

Durante toda a semana Bill Siddons fez reuniões. Primeiro tentou organizar um concerto gratuito em um parque, mas foi rejeitado porque o governo estava cauteloso em permitir que tantos jovens se reunissem em um mesmo local. (Um ano antes, haviam acontecido manifestações de estudantes e greves massivas.) Depois disso, Siddons tentou marcar um programa de televisão e, finalmente, um contrato foi assinado para um especial de duas horas sobre o The Doors, sua música e suas ideias. No entanto, nada aconteceu.

Os Doors regressaram ao seu motel após o último dos cinco shows. O motorista do Cadillac de Jim acelerou enquanto dirigia pela ampla avenida arborizada, a quase 130 quilômetros por hora, diminuindo para 80 quando fazia curvas. A velocidade fazia todos rirem, nervosamente.

Jim fez uma arma com o polegar e o indicador e imitou sons de tiros.

– *Andele! Andele!* – gritou. O The Doors retumbava pela noite mexicana.

A BANDA AINDA ENCONTRAVA dificuldades para trabalhar. Antes de partir para o México, mais dois shows foram cancelados, em St. Louis e Honolulu, deixando-os apenas com um show confirmado para todo o mês de julho, e este seria em um teatro de Los Angeles que havia sido alugado para uma série de shows nas noites de segunda-feira pela própria gravadora do The Doors. Os ingressos se esgotaram na hora em que foram colocados à venda.

Havia dois shows, e antes de cada um deles Jim distribuía ao público cópias de um poema impressionista que ele havia escrito sobre a recente morte do guitarrista dos Rolling Stones, Brian Jones, “Ode to L.A. While Thinking of Brian Jones, Deceased”[78]. Como em “An American Prayer”, havia jogos de palavras joyceanos e uma penetrante contemplação da morte.

A tempestuosa onda jornalística que se seguiu ao incidente de Miami estava finalmente retrocedendo. Em junho, julho e agosto, uma época em que os Doors ficaram praticamente sem trabalho, várias publicações importantes para Jim começaram a publicar artigos elogiosos.

Um dos jornais de Los Angeles chamou o show no Aquarius de “um dos shows de rock mais emocionantes dos últimos anos”, e outro colocou como manchete ”Público Ouve um Novo Jim Morrison”. A *Rolling Stone*, a publicação que tinha feito Jim parecer um tolo logo depois do episódio de Miami, publicou uma resenha agradável sobre *Feast of Friends* e a completou com a foto da capa e a entrevista de Jerry, que contou com mais de oito mil palavras, mais um relatório do México com quatro mil palavras. Na edição de julho da *Jazz & Pop*, de Pat Kennely, houve um relato

lisonjeiro sobre a aparição do The Doors no Channel 13 de Nova York. Finalmente, na primeira semana de agosto, uma longa apreciação dos Doors escrita pelo jovem dramaturgo Harvey Perr foi publicada no *Los Angeles Free Press*. Com o tempo, Harvey se tornaria um amigo de Jim, e este artigo seria incluído no *The Doors Complete*, uma compilação de todas as partituras do The Doors.

> Eu não estou completamente certo de que minha admiração pelos Doors tenha algo a ver com suas canções [escreveu ele]. Algumas delas são, reconhecidamente, fracas, mas acho que o grau em que eles se entregam à simplicidade é mais impressionante do que o grau em que artistas inferiores conscientemente evitam a simplicidade. Parece-me que se um grupo realmente chega às alturas poéticas, ele deve desfrutar do luxo de cometer erros grosseiros; muito poucos fazem uma coisa ou a outra. É como a poesia de Morrison; a maior parte dela é o trabalho de um poeta genuíno, um Whitman dos revolucionários anos 1960, mas algumas poesias são embaraçosamente pueris. Não há crime em ir de um extremo artístico a outro; estas são, afinal, falhas humanas, e não há arte se não houver humanidade. Mas novamente, não é, absolutamente, a música deles – e talvez nem mesmo seja a poesia, nem a musicalidade, nem o carisma, nem os álbuns, nem o show no Aquarius, mesmo isso tudo sendo tão estranho, bonito e emocionante como de fato é – o que realmente me faz admirar o The Doors. Não é isso, e sim as vibrações que recebo deles por causa da coisa que sinto que estão tentando alcançar e nos levar junto: um mundo que transcende o mundo limitado do rock, que se movimenta em áreas de cinema, teatro e revolução. Ver Morrison não no palco, mas vivendo sua vida nos momentos mais calmos, vê-lo em uma produção de The Deer Park de Norman Mailer, em todas as performances do Living Theatre, na estreia de James Joyce Memorial Liquid Theatre da The Company Theatre; sempre no lugar certo, na hora certa, furiosamente envolvido no tipo de arte que é relevante, mais do que apenas tangencial à vida. Esse tipo de pessoa não tem que ter a poesia dentro de si, mas quando a tem, você tende a olhar mais de perto, levá-la mais a sério. No caso de Jim Morrison e o The Doors, vale a pena o esforço. Eles se aproximaram da Arte, não importa o quanto tenham ofendido, divertido ou até mesmo emocionado os críticos de rock. Os padrões pelos quais a arte deles deve ser medida são mais antigos e mais profundos.

Poucos dias depois do show no Aquarius, no final da tarde de uma quinta-feira, Jim entrou no escritório e foi para o banheiro. Denny estava na mesa de Jim, havia correspondência espalhada à frente dele e no telefone.

– Oh, merda! – Denny gritou.

– Hoje estamos poéticos não é? – alguém comentou.

– O que é que foi? – Jim perguntou, puxando o zíper, saindo do banheiro.

– Nada – Denny murmurou, fingindo ler a correspondência.

– O que você quer dizer com “nada”? Não me diga que não há nada – Jim provocou. – Eu reservo um tempo de minha agenda lotada para perguntar e, possivelmente, ajudar no que parece ser um leve caso de infortúnio, um gesto que você, descuidadamente, rejeita.

Jim estava, obviamente, de bom humor.

Denny estava desesperadamente tentando conseguir ingressos para um show dos Rolling Stones que aconteceria dentro de poucos dias na região. Os ingressos haviam acabado há semanas, e no último telefonema ele tinha não somente esgotado todas as suas fontes como recebido um aviso final de que não havia mais ingressos.

– Você pode conseguir para mim ingressos para ver os Stones? – Denny perguntou, hesitante.

– Para que você precisa de Mick Jagger quando tem a mim? – Jim perguntou, com uma mistura de fanfarronice e mágoa.

Denny não conseguiu responder. Ele não tinha tido a intenção de ferir Jim, mas queria muito os ingressos, e estava certo de que Jim poderia consegui-los com um simples telefonema. Jim continuou brincando com Denny.

– Qual é a noite do show? Esta sexta-feira agora, não é? Eu pensei que fôssemos fazer alguma coisa juntos essa noite – disse Jim, e então brincou um pouco mais até ser chamado para uma reunião em outra sala do escritório.

Na tarde seguinte, sexta-feira, o dia do show, Jim entrou no escritório. Denny estava novamente na mesa de Jim, debruçado sobre a correspondência do dia. Ambos agiram como se a conversa do dia anterior nunca tivesse ocorrido. Jim então tirou um par de ingressos para o show do bolso de sua jaqueta.

– Olha o que alguém me deu noite passada. Sem nenhuma razão. Ele apenas me disse: “Olhe aqui, Jim, eu tenho estes dois ingressos para os Stones, fique com eles”. E ele simplesmente os entregou para mim. Você pode imaginar uma coisa dessas? – Jim olhou para os ingressos. – Caramba, olhe o que diz aqui: terceira fila! Bem, merda, eu não quero causar problemas. Não posso usar estes ingressos. Alguém quer?

Havia três pessoas na sala, além de Jim, que também estavam presentes no dia anterior.

– Claro, Jim, ficarei com eles se você não for usá-los – disse uma secretária.

Bill disse que ele já tinha o seu. Ray também. Denny ficou em silêncio, confuso.

Jim sentou-se na mesa, na frente de Denny, e colocou sua mão direita sobre a carta que Denny estava lendo.

– Hoje é seu dia de sorte, cara. Estou preparado para fazer um acordo com você.

Denny olhou para cima.

– Eu não quero fazer um acordo com você!

– Você não quer nem ao menos ouvir o que é? – disse Jim, suavemente.

Denny concordou.

– Ok – Jim continuou –, o negócio é, você me devolve minha maldita mesa e eu te dou esses ingressos.

Jim colocou os ingressos na mesa.

Denny saltou, correu ao redor da mesa, deu um abraço de urso em Jim, pegou os dois ingressos e correu para a porta.

– Ei? – Jim interpelou.

– O quê? – Denny parou.

– Você poderia ao menos dizer obrigado.

De volta ao seu apartamento em West Hollywood, na Norton Avenue, que ficava próximo ao escritório, Pamela estava sob o efeito de tranquilizantes e muito mal-humorada, e Jim estava ao telefone, tentando falar com Babe Hill. Pamela interrompia a todo momento, proporcionando um constante e irritante zumbido ao fundo.

– Sim, é, Babe...

– Jim, me escute – disse Pamela – desligue esse telefone e escute, isso é mais importante do que onde você e Babe irão se encontrar...

– ...Desculpe, Babe, o que foi que você falou?

– ...para fazer o que vocês sempre fazem, ficar bêbados. Eu estou falando com você, Jim. *Jim!*

Jim a ignorou, se curvando sobre o telefone, virando as costas para ela.

– Babe, desculpe por esse barulho. Você sabe como são as coisas com Pamela...

– Jim! Você está tentando provocar uma briga? – A voz de Pamela ficou mais aguda e subiu vinte decibéis. – Que droga, Jim, toda vez que você começa uma briga você sai, fica bêbado e então faz algo escandaloso. Droga, Jim.

Pam não gostava de muitos dos amigos de Jim. Na realidade, ela sentia muito ciúme de qualquer pessoa com quem Jim escolhesse passar algum tempo, em vez de ficar com ela. Com o tempo, passou a se opor veementemente ao papel de Jim como anfitrião perpétuo, e odiava ainda mais sua reticência teimosa. Em troca, os amigos de Jim toleravam Pamela, compreendendo que Jim realmente a amava e que ela, apesar de sua possessividade de estraga-prazeres, fazia bem a ele – e era feita para Jim.

Jim e Pamela Courson Morrison em Bronson Caves, Hollywood Hills, Califórnia. (Edmund Teske)

Jim não gostava de muitos dos amigos dela, alguns dos quais eram homossexuais. Pam tentou mostrar a Jim que ele não gostava de ver nos outros aquilo que não gostava ou não podia aceitar em si. De qualquer forma, estes eram os companheiros

que satisfaziam os impulsos sociais de Pam, que eram sensíveis às suas necessidades e ofereciam compreensão de uma forma que Jim não podia oferecer, sem exigir nada físico em troca. Jim, no entanto, sentia intimamente que eles estavam usando-a para chegar até ele. Ele estava parcialmente certo, mas não tinha coragem de dizer a ela. Assim, achava outras objeções para exprimir.

Jim também odiava a escolha de drogas de Pam. Ele achava que os tranquilizantes eram perigosos. Ao mesmo tempo, sentia-se um pouco culpado por ter sido ele a pessoa que a apresentou às drogas. Então engolia essa objeção, também. Ele não sabia da experiência de Pam com a heroína. E ela, por sua vez, se sentia culpada por esconder isto dele.

As omissões mútuas sempre criavam um abismo, e uma vez que nenhum dos dois era do tipo de confessar a verdade, este abismo geralmente aparecia na forma de uma briga. Estas eram quase sempre provocadas por algo trivial, como o filme que eles iriam ver naquela noite. Certa vez eles brigaram ferozmente sobre a expectativa média de vida de um golden retriever. (Eles tinham um chamado Sage.)

Potes, livros e pratos voavam. Certa vez, quando Pamela reclamou da bagunça em que os livros de Jim se encontravam, ele jogou centenas deles pela janela do segundo andar. A casa ressoava com berros e gritos. Então Jim desaparecia, ou Pamela silenciosamente ia até a casa de seus vizinhos homossexuais em Beachwood Hills e anunciava:

– A atitude de hoje é... de merda.

Às vezes Pamela procurava vingança alugando a elegante limusine que Jim usava para suas viagens ocasionais ao México com os rapazes. Com o motorista habitual de Jim levando-a para fazer compras, ela sabia que sua farra seria relatada a ele. Não era incomum que ela gastasse dois mil dólares ou mais nessas loucuras de consumo.

Certa vez, depois de um episódio especialmente dramático envolvendo o hábito de beber de Jim, Pam furiosamente vasculhou sua gaveta de maquiagem, encontrou o que estava procurando e, quando Jim saiu de casa, rabiscou com batom vermelho por todo o espelho do banheiro:

– Que grande símbolo sexual, nem consegue levantar!

Depois de outras brigas, Pamela se entupiria de tranquilizantes ou, ocasionalmente, trocaria beijos, à vista de todos, com um bartender do Beverly Hills Polo Lounge, sob uma mesa do bar Troubadour; iria de festa em festa no circuito das ricas estrelas do rock, se esparramando no banco de trás de limusines, praticando *finger pie*[79]. Pam tinha dezenas de casos amorosos. Um deles, um jovem conde francês que tinha aportado na África do Norte e que, assim como Pamela, gostava muito de heroína, era considerado um amante sério. Outro, o filho de um falecido magnata do cinema, também era considerado mais do que apenas uma aventura.

Jim retomava seus velhos casos, telefonando para suas “às vezes namoradas” Ann Moore, Pamela Zarubica ou Gayle Enochs. Os dias de Jim como filantropo sexual haviam passado, definitivamente. Embora ele visse Anne, Pamela e Gayle apenas duas ou três vezes por mês, no máximo, as relações eram bem estabelecidas.

Gayle era a morena simpática que ele havia levado para Nova York quando o The Doors apareceu na televisão educativa, e era para a casa dela, não muito longe da casa de Pamela em Beachwood Hills, que ele ocasionalmente ia, geralmente para uma conversa que durava a noite toda. Outras vezes eles caminhavam pela Hollywood Boulevard e jantavam nos pequenos restaurantes étnicos que Jim preferia, ou levavam uma garrafa de vinho para uma das salas de cinema na Western Avenue especializadas em filmes estrangeiros.

Seu relacionamento com Anne era ainda mais cerebral. Ela era uma estudante de arqueologia e antropologia na USC e escrevia para algumas das revistas voltadas para o público *teenybopper*. Eles se perdiam em conversas errantes sobre as epopeias egípcias e talmúdicas, ou sobre Ginsberg, Corso e Kerouac. Jim sugeriu que ela lesse esses autores e fizesse algumas matérias do curso de cinema na USC.

Jim via Pamela Zarubica menos frequentemente, geralmente indo à sua pequena casa em Hollywood tarde da noite, totalmente bêbado, para discutir poesia.

– Poeta? – ela provocava, carinhosamente. – Dá um tempo. Poeta? Lord Byron? Como você se classifica, baby? Nada mal para um garoto de L.A.

Jim amava isso. Como as outras, Pam amava Jim intensamente, e Jim dizia a todas elas que as amava. Às vezes isso era verdade. Mas na maioria das vezes ele simplesmente estava tentando ser amado e aceito como pessoa, mais do que como uma estrela.

Foi, no entanto, com Pamela Courson que Jim fez seu compromisso mais sério, chamando-a, ainda, de sua “companheira cósmica”. Em agosto o contador de Jim disse a ele que sua companheira cósmica estava gastando dinheiro em proporções cósmicas, e disse que o último “presente” de Jim para ela poderia arruiná-lo financeiramente. Jim disse a Bob Greene que não se preocupasse, alegando que preferia gastar seu dinheiro com Pamela do que com advogados. Pamela queria ter uma butique e Jim estava pagando as contas.

O espaço que eles encontraram era conveniente para Pamela. Ficava no andar térreo do Clear Thoughts Building, praticamente debaixo dos escritórios HiWay, onde ela poderia ficar de olho em Jim durante o dia. Um amigo artista de Topanga foi contratado para projetar a loja, e carpinteiros iniciaram os trabalhos. Inicialmente eles dariam à loja o nome de Fuckin’ Great – chegaram mesmo a imprimir alguns cartões com este nome, mas, no final, preferiram o nome Themis, a deusa grega da justiça, da lei e da ordem.

No andar de baixo, os carpinteiros colavam pequenos pedaços de espelho no teto.

No andar de cima, no Quarto G, a sala de edição da HiWay, Jim sentou-se fumando um fino charuto, os pés em cima de uma mesa, falando sobre o assassinato de Sharon Tate na semana anterior. Um dos mortos na mesma ocasião, Jay Sebring, tinha dado a Jim seu corte de cabelo à la Alexandre, o Grande, em 1967.

Apenas dois anos haviam se passado desde então, mas Jim estava muito mudado. Seu cabelo não era mais encaracolado e cuidadosamente despenteado, suas bochechas já não eram mais finas, seu torso já não era mais magro e musculoso. Foi-se o tempo dos couros e miçangas. Agora Jim parecia quase normal: como um estudante de faculdade bonito, apreciador de cerveja, com cabelos compridos e um queixo angular. E estava começando a sorrir mais.

72. Pensamentos Claros.

73. Caminhoneiro de domingo / Cristão filho da puta.

74. “Cold grinding grizzly-bear jaws / Hot on your heels.”

75. “Catacombs, nursery bones / Winter women growing stones / Carrying babies to the river.”

76. “Coda queen now be my bride / rage in darkness by my side / seize the summer in your pride / take the winter in your stride / let’s ride.”

77. Agentes antidrogas do Departamento de Narcóticos.

78. “Ode para Los Angeles enquanto penso em Brian Jones, falecido.”

79. Prática sexual onde se insere um dedo na vagina.

CAPÍTULO NOVE

EMBORA O RELACIONAMENTO de Jim com Pamela tivesse se tornado não belicoso à medida que o verão terminava, ele passava cada vez mais tempo com aqueles que Pamela menos gostava: Frank Lisciandro, Babe Hill e Paul Ferrara, com quem estava terminando o filme começado em Palm Springs, em março. Naquele momento, o filme se chamava *HWY*.

Algumas de suas maiores decepções vieram de seu interesse em cinema. Com o passar dos meses ele, Frank, Babe e Paul conceberam muitos projetos. Conversaram com Timothy Leary sobre documentar sua campanha para o governo da Califórnia, e então Leary foi preso. Reuniram-se com Carlos Castañeda para assegurar os direitos de filmagem de *A erva do diabo: os ensinamentos de Don Juan* e descobriram que tinham chegado tarde. Jim foi abordado por um roteirista norte-americano para fazer a direção musical de um filme italiano, mas desistiu quando soube que queriam que ele o estrelasse também, representando o papel de um cantor de rock que tinha se envergonhado publicamente no Albert Hall de Londres.

Em seguida, ele foi apresentado a Steve McQueen por seu velho amigo do Whiskey a Go Go, Elmer Valentine. A produtora de McQueen estava selecionando elenco para *Adam at 6 A.M.,* e depois de encontrar Jim uma vez, McQueen negou veementemente um papel a ele. Aparentemente ele havia falado muito, havia opinado sobre como o filme deveria ser feito e que o roteiro deveria ser reescrito. Embora tivesse se barbeado para a entrevista, ele não parecia bem – acima do peso, com uma palidez boêmia.

– Eles ficaram com medo de seu hábito de beber – lembra-se Elmer –, que era o pior de tudo.

Então Jim conheceu Jim Aubrey, o lendário ex-presidente da CBS Television, que era conhecido como a Naja Sorridente e tinha sido a inspiração para *The Love Machine*, de Jacqueline Susann. Na época, Aubrey estava entre impérios do *show business* (ele logo assumiria o controle da MGM).

Primeiro ele selecionou dois filmes de Jim, depois organizou um grande almoço no Luau, em Beverly Hills. Bill Belasco, o loquaz assistente pessoal de Aubrey, era um dos presentes. Uma vez que eles se despediram de Jim, Aubrey voltou-se para Belasco e disse:

– Jim Morrison será a maior estrela de cinema dos próximos dez anos. Esse cara será o James Dean dos anos 1970. – Ele disse a Belasco que o contratasse a qualquer custo.

Jim saiu do almoço com suspeitas.

– Esses caras dizem que querem produzir o roteiro que eu escrevi com Michael – ele disse a seu amigo Frank Lisciandro. – Eu acho que a verdade é que eles só querem pendurar minha carne na tela.

Os problemas legais de Jim estavam aumentando. A Flórida estava tentando extraditá-lo baseado na ridícula acusação de "fugitivo da justiça", e o FBI estava conduzindo uma investigação intensiva sobre seu passado, ligando para antigos amigos e para sua faculdade, na Florida State University.

No dia 9 de novembro de 1969, Jim apareceu no tribunal do juiz Murray Goodman em Miami e deu entrada em um pedido formal de inocência. A fiança foi fixada em cinco mil dólares, e o juiz disse que o julgamento começaria em abril próximo.

No dia 11, de volta a Los Angeles, Jim e Pamela brigaram ferozmente. Horas depois, no final da tarde, Jim entrou no escritório do The Doors. Ele olhou em volta.

– Ei, Leon... Frank. Você gostaria de ir para Phoenix e ver os Rolling Stones?

Bill Siddons e um produtor do The Doors, Rich Linnell, estavam produzindo o show, e Jim tinha quatro ingressos para a primeira fileira. Ele chamou Tom Baker e os quatro compraram um pacote de cerveja e uma garrafa de Courvoisier, bebendo-os a caminho do aeroporto.

– Meu nome é Riva – disse a comissária de bordo, iniciando sua rotina pré-voo.

– Se seu nome é Riva – Baker gritou – então o seu velho deve ser chamado *Old Man Riva*[80].

Jim, Leon e Frank se juntaram a Tom em um coro da música:

– *That old man riva, he just keep rolling...*

A comissária ficou visivelmente aborrecida, mas começou a dar instruções sobre as máscaras de oxigênio. Quando a máscara caiu de sua mão, Tom gritou novamente:

– Minha namorada tem um desses, mas ela chama isso de diafragma!

Tom então foi ao banheiro e na volta deixou caiu um sabonete na bebida de Jim. Jim apertou o botão chamando a comissária e, quando ela veio, ele reclamou:

– Ele colocou um sabonete na minha bebida.

– Tudo bem, Jim, tudo bem, fique tranquilo, ok? Vou trazer outra bebida para você.

Em vez disso, ela trouxe o comandante do avião, que disse:

– Se vocês, rapazes, não mudarem seu comportamento, nós daremos a volta com o avião e retornaremos para Los Angeles, onde todos os quatro serão presos.

Eles ficaram em silêncio por um tempo, mas quando uma comissária chamada Sherry passou, Tom estendeu a mão para alcançar sua coxa.

Logo depois, Jim jogou em Leon os sanduíches que havia recebido, e Tom jogou um copo vazio de plástico em Jim.

As aeromoças e os tripulantes do avião pareciam ignorar a bagunça, mas quando

fizeram uma parada em Phoenix, ele foi cercado por carros com luzes giratórias no topo.

Um aviso foi feito através do sistema de alto-falantes do avião:

– Senhoras e senhores, por favor, aceitem as desculpas da Continental... O desembarque será atrasado em apenas alguns momentos.

De repente, o piloto apareceu diante de Jim e Tom.

– Como comandante desta aeronave, estou dando voz de prisão a vocês dois. Os outros passageiros sairão primeiro, e vocês serão escoltados pelo FBI.

O FBI? Eles ficaram atordoados.

– Por quê? O que nós fizemos?

– Ei, cara – Baker gritou para o capitão, que saía –, leia os meus direitos.

– Quais são as acusações? – perguntou Leon.

O avião estava vazio, exceto pelos quatro e pelos agentes do FBI do escritório de Phoenix, que algemaram as mãos de Jim e Tom às suas costas antes de levá-los para fora, onde os fotógrafos estavam reunidos.

– Quais são as acusações? – Leon perguntou de novo, assumindo um papel de responsável pelo grupo.

MIAMI, FLÓRIDA, 30 de outubro – MORRISON SENTENCIADO (Wide World)

O cantor Jim Morrison deixa hoje o tribunal sob a custódia de um oficial da polícia, após ser sentenciado a seis meses de prisão e multado em 500 dólares por uso de palavrões em público e exposição indecente. Morrison ficou livre após pagar a fiança de 50 mil dólares, até a disposição de um recurso. As acusações partiram de uma apresentação de Morrison em Miami, Flórida, com o The Doors, em 1969.

Tom abaixou a cabeça ao sair do avião, os olhos e o rosto desviando-se das câmeras. Em contraste evidente, Jim saiu arrogantemente, seu peito para fora, sua cabeça levantada, um sorriso orgulhoso em seu rosto.

Depois de passarem a noite e a maior parte do dia seguinte na cadeia, Jim e Tom foram acusados de embriaguez, desordem e de interferirem no voo de uma aeronave, sendo esta última uma violação da nova lei contra a pirataria aérea, o que poderia resultar em uma multa de dez mil dólares e uma sentença de dez anos. Jim

ainda não tinha 26 anos, e esta possível sentença, somada aos três anos que talvez precisasse cumprir por causa do show em Miami, significava que ele poderia passar os próximos 13 anos de sua vida na prisão.

A ELEKTRA RECORDS estava pressionando os Doors para que gravassem um novo álbum o mais rápido possível. Havia menos de seis meses desde o lançamento de *The Soft Parade*, mas a Elektra queria um álbum ao vivo até o Natal. Os Doors começaram a ensaiar suas novas músicas em setembro, e em novembro já estavam tentando gravá-las.

Irônicas – considerando as consequências deprimentes de Miami – eram a força e a vitalidade das novas músicas. Liricamente, o novo álbum seria o melhor trabalho de Jim em anos e Ray, Robby e John se nivelaram ao desafio, dando o apoio mais forte até então.

Parte da razão para este renovado vigor era que Jim tinha passado por um período extremamente produtivo na primavera. Em meio a seu envolvimento com o cinema ele continuara a escrever músicas e um pouco de poesia. Parecia, finalmente, admitir para si mesmo que estava destinado a causar um impacto duradouro na música, não no cinema, e esta admissão foi um ímpeto para a criação de letras de grande qualidade apenas um ano depois que temeu ter "secado" criativamente.

Morrison Hotel foi nomeado a partir de um hotel real que ficava em uma área degradada do centro de Los Angeles, onde os quartos eram alugados a 2,50 dólares por noite, que havia sido descoberto por Ray e Dorothy durante um de seus passeios de fim de semana pela cidade. O álbum tinha muitas canções que prendiam o ouvinte, muito significativas para os Estados Unidos no ano de 1969. Uma delas incluía uma poderosa reflexão de duas frases da infância de Jim. A canção era "Peace Frog", uma música cuja melodia latente atraía tanto Robby, John e Ray que eles a gravaram mesmo quando ainda não tinha letra. Mas então Ray encontrou um poema em um dos cadernos de Jim, chamado "Abortion Stories"[81], e eles o usaram quase todo. Era surpreendente o quanto as frases que Jim escreveu se adequaram à música criada pelos outros.

> Há sangue pelas ruas, vem até os meus tornozelos
> Há sangue nas ruas, vem até os meus joelhos
> Sangue nas ruas da cidade de Chicago
> sangue subindo, está me seguindo[82].

Durante um ensaio, Jim improvisou as próximas duas linhas para a ponte da canção:

> Sangue nas ruas traz um rio de tristeza
> Sangue nas ruas chega até minha coxa.
> O rio desce por baixo das pernas da cidade

As mulheres estão chorando rios de lágrimas[83].

Quando a ponte voltou, ele cantou:

Ela veio para a cidade, e depois foi embora
A luz do sol em seus cabelos[84].

Mergulhando de volta no poema durante o resto da música, começando com as duas frases inspiradas no testemunho de um acidente de carro envolvendo o caminhão de trabalhadores indígenas, ele ficou mais amargurado:

Índios espalhados, sangrando em uma autoestrada no alvorecer
fantasmas povoam a mente frágil como casca de ovo da jovem criança[85].

Em seguida, cantou:

Sangue nas ruas da cidade de New Haven
o sangue mancha os telhados e as palmeiras de Venice
Sangue no meu amor no terrível verão
sol vermelho sangrento da Fantástica L.A.
O sangue grita a dor enquanto eles cortam os dedos dela
Sangue nascerá no nascimento de uma nação
Sangue é a rosa da misteriosa união[86].

"Roadhouse Blues", que foi originalmente concebida como canção-título do álbum, era, como muitas das músicas de Jim, sobre Pamela. Quando ele cantava (escrevia): "Mantenha seus olhos na estrada / Mantenha suas mãos sobre o volante / Nós estamos indo para o Roadhouse / vamos nos divertir"[87], estava repetindo frases que costumava dizer-lhe enquanto ela os levava de carro até a casa de campo que havia comprado para ela, na badalada região de Topanga, em Los Angeles. Mais uma vez, em "Blue Sunday", ele cantou seu amor por ela: "Agora eu encontrei / Minha garota...[88]" Pamela foi também a inspiração para "Queen of the Highway":

Ela era uma princesa / rainha da autoestrada / Um sinal na estrada dizia / Leve-nos até Madre / Ninguém podia salvá-la / Salvem o Tigre Cego / Ele era um Monstro / Vestido de couro preto...[89]

A frase sobre sobrevivência era uma referência sarcástica ao amor conturbado deles: "Espero que ele possa continuar / Só mais um pouco"[90].

Embora as canções viessem rapidamente, Jim geralmente estava bêbado durante as sessões, e muitas vezes levava toda a noite para gravar os vocais de uma canção. Certa vez, quando Pamela foi ao estúdio e encontrou a garrafa de Jim, ela a bebeu inteira para impedi-lo de fazer isso.

– E aí lá estavam os dois, completamente fora de si e chorando – diz o engenheiro de som Bruce Botnick, a única outra pessoa presente naquele momento. – Ele começou a sacudi-la violentamente. Acho que estava querendo me enganar de que

aquilo era verdade. Ela estava chorando, fora de controle, dizendo que ele não devia beber mais e é por isso que havia bebido. E eu estava limpando as coisas, e disse: “Ei, cara, já é muito tarde”. Ele olhou para mim, parou de sacudi-la e disse: “Sim, claro”. Abraçou-a, saindo com ela de braços dados. Eu senti que ele tinha feito tudo aquilo para mim. Eu já o havia visto fazer este tipo de coisa antes, porque ele sempre lhe dava um olhar engraçado depois, para ver a sua reação.

OS PROBLEMAS estavam se acumulando.

Jim teve outro acidente com o Blue Lady, desta vez derrubando cinco pequenas árvores em La Cienega Boulevard perto do Clear Thoughts Building. Ele abandonou o carro e correu para uma cabine telefônica chamar Max Fink e dizer que seu carro havia sido roubado.

Feast of Friends foi descrito na *Variety* – cuja opinião poderia afetar imensamente o potencial de reservas para o filme – como uma decepcionante perda de tempo, “feito ou com as sobras de um projeto maior ou como uma tentativa não vendida de comercialização para o horário diurno da TV, próprio para entreter as crianças que voltam da escola”. A *Rolling Stone*, na seção Random Notes, chamou o filme de “brega, pretensioso, bobo, superficial, fantasticamente chato e, principalmente, apenas uma interminável primeira tentativa amadora de fazer cinema”. Se isso não foi o suficiente para deixar Jim triste, as vaias que o filme recebeu nos festivais de cinema de São Francisco e Santa Cruz foram.

O último single de *The Soft Parade*, um tributo a Otis Redding e o terceiro single consecutivo escrito por Robby, “Runnin’ Blue”, chegou mancando até as paradas de sucesso e se arrastou até o número 64.

Os julgamentos de Miami e Phoenix estavam à espera nos bastidores.

As primeiras exibições do filme de carona de Jim, *HWY*, foram realizadas e a opinião foi de que este parecia, de alguma forma... inacabado.

Uma das namoradas de Jim estava grávida.

O contador de Jim continuava insistindo em relação às extravagâncias de Pamela. A mesada ele até podia aceitar; até mesmo as farras de gastos e compras a crédito estavam dentro dos limites da sanidade. Mas a butique era loucura. Esta já havia custado oitenta mil dólares a Jim, e Pamela estava na Europa comprando mais coisas ainda. Esta foi a pior parte para Jim. Eles tinham brigado, e Pamela fora ver o conde francês que, segundo tinha dito às amigas, ela amava.

Jim bebia.

Eles estavam *todos* bêbados. Tom, Frank, Babe e Jim, é claro, matando tempo no bar Barney’s Beanery.

– Você é um covarde, Morrison – disse Tom, atormentando seu amigo. – Você é um maldito não conde covarde.

Jim ignorou a provocação. Frank e Babe olhavam para suas bebidas.

– Diga-nos, Sr. Jim Morrison, estrela do rock – Tom continuou, numa voz que cobria todo o bar –, diga-nos o que aconteceu em Miami.

Era um assunto cansativo para Jim. Ele olhou para Tom e tomou outro gole de sua bebida.

– Vamos lá, Jim, conte-nos de uma vez por todas.

– Sim – disse calmamente –, eu fiz aquilo.

– Fez o que, Jim? – a voz de Tom era estridente, triunfante.

– Mostrei meu pau.

– Por que, Jim? Quando eu mostrei o meu no meu filme, você disse que aquilo não era arte.

– Bem – disse Jim em voz baixa, de tal forma que todos os presentes tiveram que se esforçar para ouvir –, eu queria ver como ele ficaria sob os holofotes.

Houve um momento de pausa antes que Babe e Frank simultaneamente estourassem em risos, pulverizando o bar com suas bebidas. Jim sorriu maliciosamente.

A cena na casa de Ahmet e Mica Ertegun foi menos divertida. Ahmet era o charmoso filho de diplomata turco que havia criado a Atlantic Records e se tornado um homem muito rico. Sua esposa era uma das anfitriãs mais elegantes de Manhattan. Ahmet sabia que o contrato dos Doors com a Elektra estava terminando e ele queria Jim em sua gravadora, de modo que o convidou para uma festa. Tudo o que Ahmet se lembra hoje é que em um minuto Jim era um cavalheiro do Sul, esbanjando histórias interessantes e boas maneiras, e no próximo ele era um bêbado furioso, de pé sobre um sofá, rasgando as pinturas caras na parede. Jekyll e Hyde.

Jim comemorou seu vigésimo sexto aniversário no dia 8 de dezembro de 1969, com Bill Siddons e sua esposa Cheri, Frank e Kathy Lisciandro e Leon Barnard na casa dos Siddons, em Manhattan Beach. Depois do jantar, uma garrafa de conhaque foi colocada na frente de Jim, cigarros de maconha foram enrolados para os outros. Naquela época a maconha só deixava Jim nervoso. Ou paranoico.

Jim e Leon conversaram casualmente sobre fazer uma história em quadrinhos juntos, então a conversa foi para o assunto Mick Jagger. Jim foi inesperadamente (talvez sarcasticamente) generoso, chamando Jagger de “um príncipe entre os homens”. Em seguida, agradeceu a todos genuinamente pela festa, e, com a garrafa vazia, cochilou.

– Oh, meu Deus, olhem! – Leon logo gritou. – Olhem para Jim!

Leon pulou de seu assento. Caído inconsciente em sua cadeira, Jim tinha conseguido tirar o pênis das calças e estava urinando no tapete.

– Jesus! – Bill correu pela sala, pegou uma grande taça de cristal e segurou-a sob

o jato.

Para sua surpresa, Jim encheu a taça.

Bill pegou outra taça da mesa e Jim a encheu também, e então uma terceira.

Leon, Frank, Kathy e Cheri estavam caindo de tanto rir.

Depois, Frank e Kathy levaram Jim para o escritório dos Doors e o deixaram, ainda dormindo, no sofá.

AS PRESSÕES FORAM ficando intoleráveis. Jim estava sendo pressionado de todas as formas. Frank, Paul e Babe queriam mais dinheiro para terminar os filmes e os Doors queriam parar as filmagens, acreditando que elas estavam tirando a energia de Jim, que devia ser dedicada ao grupo. Também queriam que ele se barbeasse e que perdesse alguns quilos para a série de shows que começaria em Nova York em apenas algumas semanas. Pam estava incessantemente exigindo que Jim desistisse de sua carreira de cantor com o The Doors e começasse uma vida doméstica com ela, na qual ela o imaginava pacificamente trabalhando em sua poesia. Ao mesmo tempo, nada menos que vinte processos de paternidade estavam pendentes. Jim sabia que o público da próxima turnê estaria esperando dele coisas grotescas, quando tudo o que ele queria fazer era ficar parado e cantar. Seus advogados o proibiram de falar sobre Miami e ele precisava desesperadamente alegar sua inocência, bem como o seu desagrado com a hipocrisia de todo aquele caso. Vince novamente estava pressionando Jim com a ideia de se tornar o *manager* do The Doors. E havia a pressão claramente sentida de não poder andar na rua de forma anônima (daí a barba), um inconveniente do qual Jim estava se tornando cada vez mais ciente.

Jim estava sentado no sofá bebendo uma cerveja um dia após a festa de seu aniversário, tentando resolver esta lista de exigências, quando Bill e os outros chegaram. Ele acenou com a cabeça distraidamente à medida que cada um entrava, em seguida voltou seu olhar para o *Los Angeles Times* que tinha sido colocado em sua mesa. Ele olhou fixamente para o jornal: a “vietnamização” continuava no Sudeste da Ásia; os índios estavam em sua terceira semana de ocupação da Ilha de Alcatraz; no dia anterior – seu aniversário! – houvera um tiroteio de quatro horas entre a polícia de Los Angeles e os Panteras Negras; um júri havia indiciado Charlie Manson e quatro outros pelo assassinato de Sharon Tate e outras pessoas.

Jim abaixou o jornal. Remexeu-se na cadeira e limpou a garganta.

– Eu acho – disse ele lentamente – que estou tendo um colapso nervoso.

Todos correram para consolá-lo, querendo urgentemente dizer alguma coisa para alegrá-lo, mas ao mesmo tempo assustados com a possibilidade de que ele estivesse, finalmente, prestes a desmoronar. Bill foi até a porta para chamar Vince Treanor, que estava na sala de ensaios, no andar de baixo.

Jim olhou malignamente para Bill.

– Quando você colocou aquela garrafa de Courvoisier diante de mim na noite passada, você estava dizendo: “Isto é para o homem que bebe”. Eu tive que bebê-la toda.

Virou-se para Vince quando ele entrou na sala.

– Eu sabia o que estava fazendo, Vince. Em Miami eu estava usando cueca samba-canção. Será que você não viu? Eu sabia o que estava fazendo, e você me impediu.

Ele se virou para Leon e se recordou da cena no alto do 9000 Building, quando Leon sugeriu que ele descesse da borda.

– Você não vê? – Jim perguntou. – Eu tive que fazer aquilo. Eu não conseguia parar.

Aquele era um pedido estranho e assustado. Nunca antes ele havia deixado aquelas pessoas verem-no tão desoladamente vulnerável.

Uma semana depois, eles contrataram outra “babá” para ele, um jogador de futebol americano negro de mais de 1,93 de altura da University of Southern California, que havia sido o guarda-costas pessoal de Mick Jagger durante a recente turnê dos Rolling Stones.

Jim gostou de Tony Funches imediatamente.

– Vamos beber alguma coisa– disse ele.

– Claro, Jim. Tudo o que você disser – Tony piscou. – Talvez você possa me fazer ficar interessado em uma dessas dançarinas de topless.

JIM ESTAVA NO MÉXICO, de férias com Frank. Os outros Doors estavam em Nova York, esperando ansiosamente que Jim voltasse. Depois de muito trabalho e da assinatura da habitual “cláusula da sacanagem”, a banda foi agendada para uma apresentação no Felt Fórum.

O telefone tocou no quarto de hotel de Bill Siddons.

– Uhh... Eu perdi meu avião.

– Meu Deus, Jim – Bill lembrou-se imediatamente do telefonema de Jim sobre um avião perdido a caminho de Miami. – Jim, você está sóbrio?

– Beeeem...

Os shows do dia 17 e 18 de janeiro – dois shows por noite – estavam sendo considerados muito importantes por Siddons, pelos outros Doors e pela Elektra também. As apresentações seriam gravadas para o álbum ao vivo, que havia sido iniciado no verão. Nova York era o lugar onde a maioria dos editores e escritores trabalhavam, e as apresentações no Felt Fórum deveriam mostrar que os Doors ainda podiam se apresentar como uma banda. Um não comparecimento – ou, pior ainda, outra apresentação como aquela na Flórida – seria suicídio.

Siddons falou em um tom exasperado, como um pai.

– Jim, você fez outra reserva?

Jim disse que sim, e deu a Bill o número do voo.

– Uma limusine o estará esperando, Jim.

– Hum... Billy? Hum... há uma escala em Miami.

– Jim? Será que você poderia, *por favor*, ficar no avião?

Depois de desligar, Bill chamou Tony Funches.

– Pegue um avião e vá para Miami imediatamente. Intercepte Jim. Vá até o avião quando ele aterrissar em Miami e garanta que Jim permaneça nele. Vamos reservar as passagens de vocês dois para Nova York.

Os shows foram bem-sucedidos. A maioria das músicas que eles tocaram foram as mais antigas: “Moonlight Drive”, “Back Door Man”, “Break on Through”, “Light My Fire”, “The End”. Houve momentos memoráveis, como quando John Sebastian e Dallas Taylor, o baterista da banda Crosby, Stills, Nash e Young juntaram-se aos Doors para algumas músicas durante um show; e, quando um jovem homossexual se lançou sobre o palco, prendendo suas pernas e braços em torno dos joelhos de Jim, e depois que ele tinha sido finalmente arrancado e carregado dali, Jim disse, casualmente:

– Bem, essa é Nova York. Os únicos que invadem o palco são homens.

Esta frase seria usada (sem explicações) no álbum ao vivo. Mas uma frase que não seria usada foi dita quando alguém jogou para Jim um cigarro de maconha que era tão fino como o grafite de um lápis.

– É isso o que eu gosto nos baseados de Nova York, você pode palitar seus dentes com eles.

Houve reuniões enquanto os Doors estavam em Nova York. Algumas foram realizadas para discutir a publicidade e a promoção de *Morrison Hotel*, e os Doors eram sempre convidados. Jim odiava reuniões e raramente aparecia. Preferia deixar que os outros tomassem decisões por ele. No entanto, ele estava presente nos escritórios da Elektra quando o assunto de sua imagem surgiu e circulou um memorando propondo uma nova campanha de relações públicas. Jim se jogou em um sofá, sua elegante jaqueta de camurça ficando na altura de suas orelhas, enquanto o departamento de publicidade falava seriamente sobre “Jim Morrison como um homem do Renascimento”.

Ficava bem claro no memorando de quatro páginas que os sentimentos de Jim deveriam ser levados em consideração:

> Jim Morrison é uma figura pública buscando ampliar seus horizontes artísticos. Todas as figuras públicas devem ter imagens públicas. A melhor imagem pública é aquela com a qual tanto o público quanto o artista podem conviver em harmonia. A imagem vem em primeiro lugar, porque ele tem que viver com esta mais intimamente. Uma vez que ser um homem do Renascimento implica em explorações ilimitadas de todo e qualquer processo e esforço criativo, eu penso que Morrison pode viver com isso muito

facilmente. Uma vez estabelecido neste quadro de referência, ele pode tentar, fazer e viver qualquer coisa que lhe agrade, sem pôr em perigo – ou mesmo se preocupar com – uma boa ou má reputação.

Além disso, o memorando acrescentava: “Não há nenhum Leonardo à vista, e eles irão amá-lo em Poughkeepsie”.

Jim não gostou de ter sua imagem trabalhada por uma corporação. Além disso, a Elektra queria mudar três anos da política de publicidade do The Doors e começar a promover Jim Morrison mais do que o grupo. Ele acertou as contas no dia seguinte, em uma festa da Elektra.

A festa fazia parte do ritual da “corte” da Elektra. A maioria das gravadoras fazia festas requintadas para seus artistas mais bem-sucedidos quando a época de renovação de contrato se aproximava.

Aquela festa foi excepcional, com caranguejos gigantes do Alaska, aperitivos de caviar negro, Dom Perignon e um elenco de centenas de pessoas, incluindo a filha de Ingrid Bergman, Pia Lindstrom, e uma galeria de estrelas de Warhol, travestidos – todos reunidos em uma cobertura no 44º andar, com uma impressionante vista de Manhattan. No final da noite houve uma exibição do filme *The 39 Steps*, de Alfred Hitchcock.

Já eram mais de duas horas da manhã. Jim e Pamela estavam saindo e, quando eles passaram por seu anfitrião, o presidente da Elektra, Jac Holzman, Pamela soltou uma frase de despedida devastadora. Jac ficou convencido de que aquilo fora ideia de Jim.

– Bem, caso estejamos todos na Atlantic no ano que vem – Pamela disse docemente –, obrigada pela ótima festa.

Jim apenas sorriu.

A campanha do Homem do Renascimento foi descartada.

Na primeira semana de fevereiro, o novo álbum foi lançado, e houve apresentações surpreendentemente satisfatórias na Arena, em Long Beach e em Winterland, em São Francisco. Todos os ingressos esgotaram e o show foi bem comentado. Jim estava barbeado, vestindo uma calça jeans e uma camisa preta, e cantou o seu melhor. E finalmente um acordo foi assinado por Jim, Bill Belasco e Michael McClure sobre a produção de *The Adept*. A companhia de Jim, HiWay, e a companhia de Belasco, St. Regis Films, tinham comprado por um ano, juntas, os direitos de filmagem de um romance inédito de Michael, pagando-lhe quinhentos dólares de um total de cinco mil dólares do preço total da compra.

Em março correram histórias em todos os jornais do setor relatando a qualificação do quinto LP na Elektra dos Doors, *Morrison Hotel*, como ouro e ressaltando que o grupo era a primeira banda norte-americana de *hard rock* a conseguir cinco álbuns de ouro em seguida. Embora um show tivesse sido cancelado em Buffalo, outras datas foram marcadas em Salt Lake City, Denver, Honolulu, Boston, Filadélfia, Pittsburgh, Columbus e Detroit.

Embora *Morrison Hotel* não tenha produzido um único single de sucesso, ele restabeleceu os Doors como os favoritos dos críticos, recebendo críticas favoráveis em quase todas as publicações importantes. Não só não havia cordas nem sopros como a banda tinha tido tempo para trabalhar diversas músicas na estrada antes da gravação – a primeira vez que tiveram este luxo desde que gravaram seu primeiro álbum. E isso ficou evidente. *Morrison Hotel* tinha uma intensidade que faltava aos dois últimos álbuns. A voz de Jim havia amadurecido, se tornado mais profunda, e os outros tinham crescido como músicos. Era um retorno artístico: os Doors haviam conseguido reunir uma coleção de canções que andavam juntas, com uma força assustadora. Dave Marsh, então editor da revista *Creem*, escreveu: "Os Doors nos presentearam com o *rock and roll* mais chocante que já ouvi. Quando eles são bons, eles são simplesmente imbatíveis. Eu sei que este é o melhor disco que já escutei... até agora".

A *Rock Magazine* elogiou também: "Morrison não é mais sexy, pode-se dizer; ele está ficando velho e gordo. Bem, não se pode ver uma barriguinha em um disco, mas você pode ouvir as bolas, e o quinto álbum do The Doors é, sem dúvida, aquele com mais colhões (e o melhor) até agora".

A edição de maio de 1970 da revista *Circus* ecoou sentimentos semelhantes: "*Morrison Hotel* é possivelmente o melhor álbum do The Doors, converterá novos adeptos para a fé de Morrison e conquistará novamente aqueles que, como eu, acharam os dois últimos discos deles muito chatos. Bom e malicioso *hard rock*, e um dos melhores álbuns lançados nesta década. Mais poder para as calças de couro de Morrison."

Apenas a *Rolling Stone* não fez louvores, afirmando que os dois primeiros discos do The Doors eram os que realmente contavam e, por enquanto, "*Morrison Hotel* só poderia ser verdadeiramente recomendado para aqueles com interesse pessoal".

JIM PERMANECEU DISTRAÍDO durante todo este período. Seus pensamentos estavam no iminente julgamento de Phoenix e nas possíveis sentenças pesadas que ele enfrentaria: até três meses e trezentos dólares, sob a acusação de agressão; até *dez anos* e dez mil dólares sob a acusação federal de interferir na equipe de uma companhia aérea em um voo comercial. Jim, Frank, Tom e Leon voaram para Phoenix na quarta-feira, 25 de março, para uma breve reunião pré-julgamento com Bill Siddons e o advogado de Jim, Max Fink. Drinques foram pedidos pelo serviço de quarto. Como de costume, Jim e Tom começaram a competir.

Tom estava ficando beligerante. Ele queria *sair* para beber.

– Foda-se essa merda de beber no quarto! Vamos lá, Jim.

Jim disse que sim e pôs-se de pé. Siddons sugeriu que eles ficassem por ali. Ele não queria Jim exposto publicamente, não naquela noite. Imaginou que ele certamente seria preso por embriaguez, pelo menos, o que daria um ótimo assunto

para a imprensa no dia do julgamento.

De repente Leon ficou de pé em uma mesinha, gritando para Jim:

– Idiota! Idiota! Idiota!

– Por que você está me chamando disso? – Jim perguntou. – Por que você está falando comigo como se eu fosse uma criança?

– Porque você está agindo como uma!

Frank disse a Leon para cuidar de sua própria vida, quando foram interrompidos por uma batida na porta. Alguém foi até a porta e a abriu para uma loira sensual.

– Eu estou procurando por Jim – disse ela.

Jim rapidamente estava atacando-a, passando a boca por sua blusa. Todos saíram dali, na ponta dos pés.

Na manhã seguinte, Jim e Tom vestiram camisas brancas, gravatas e blazers trespassados. Seus longos cabelos estavam penteados para trás e colocados atrás das orelhas. Leon e Frank foram chamados como testemunhas, assim como as comissárias de bordo Riva Mills e Sherry Ann Mason. Foi o depoimento de Sherry que convenceu o juiz. Ela disse que um dos réus havia passado a mão nela durante todo o voo, apesar dos vários avisos para que ele mantivesse suas mãos longe. Ela identificou Jim como seu agressor.

Jim estava aturdido. Cada vez que Sherry descrevia algo que dizia que ele havia feito, estava na realidade descrevendo as ações de Tom. Ela confundiu os dois. Era como se fosse uma cena de *Alice no País das Maravilhas*. Finalmente o promotor pediu a suas testemunhas que não se referissem a Jim e Tom pelo nome, mas como “pessoa no assento A” e “pessoa no assento B”. Jim foi considerado inocente da acusação federal, mas culpado de “agressão, ameaça, intimidação e de interferir na função” das duas aeromoças. Tom foi absolvido de todas as acusações. A leitura da sentença foi marcada para duas semanas depois.

Jim, Leon, Tom, Frank, Bill Siddons, Max e o advogado local, que tinham trabalhado no caso, voltaram e pararam no bar do hotel. Surpresa! Lá estavam as duas aeromoças e o piloto que tinha dado voz de prisão a Tom e Jim.

Bill e Leon se aproximaram para dar os parabéns, amigavelmente. Jim pediu o seu primeiro drinque duplo.

Bill os encantou, conversando amigavelmente por meia hora, e em seguida voltou para sua mesa com as duas garotas. Sherry sentou-se ao lado de Jim, que havia tomado quatro drinques duplos até agora e dito que ela era adorável.

– Sabe – disse ele – em qualquer outra circunstância poderia ter acontecido algo entre nós.

Um pouco mais tarde – e depois de mais alguns drinques – Jim decidiu cantar. Ele saiu cambaleando de sua cadeira e foi tropeçando em direção ao piano do bar.

– Você não se importa se eu cantar junto, certo? – Jim perguntou ao assustado

pianista.

O gerente do bar chegou tão rapidamente perto de Jim quanto um jogador de futebol americano cai em cima de uma bola disputada.

– Não, não, não. Sinto muito, senhor Morrison, mas não, não, não.

Jim ficou furioso por esta incursão de autoridade.

– *Foda-se, cara, foda-se! Foda-se! Foda-se!*

Max e o jovem advogado tiraram Jim do recinto e o resto do grupo os seguiu. No saguão, Tom desafiou Jim a pular em uma fonte externa.

Jim lançou um olhar bêbado para Tom e foi correndo em direção à fonte.

Agora era a vez de Bill impedir Jim e, com ajuda, ele conseguiu levá-lo até o elevador do hotel. Enquanto as portas estavam se fechando, Jim gritava novamente:

– Foda-se!

NA MANHÃ SEGUINTE, todos voltaram para Los Angeles, onde Jim foi para o bar Palms com Tom e algumas garotas – uma delas misteriosamente trazida de Phoenix por Jim, a outra uma *groupie* antiga dos Doors. Eles beberam muito e jogaram sinuca. Tom ficou bêbado e virou a mesa de sinuca. O dono do bar ligou para o escritório do delegado e Jim e Babe o arrastaram à força para o escritório do The Doors, próximo dali.

No caminho Tom gritou:

– Morrison, você não presta! Todo mundo te odeia! Te odeia! Você não presta para nada!

No escritório, Jim, Babe e alguns dos outros sugeriram que Tom saísse. Finalmente Jim explicou o que o estava incomodando. Ele havia pagado todas as despesas de Tom em Phoenix: as passagens de avião, quartos de hotel, refeições, bebidas, advogados, tudo. Ele também havia levado a culpa por causa de Tom, e tudo o que ele recebia de volta eram insultos.

Jim atirou-se contra Tom e tentou brigar com ele, ficando contra a porta. Tom estava rindo.

– Você tem que sair daqui – Jim resmungou –, este é um local de trabalho.

Um amigo de Tom apareceu e se atirou contra Jim; então Tony Funches chegou e agarrou o amigo de Tom. Tony e Babe começaram a bater no amigo de Tom. Jim se esquivou para o escritório de Bill Siddons, para chamar o delegado. Um carro veio rapidamente, direto da chamada anterior feita no Palms.

– Você está me dizendo que chamou a polícia? – perguntou Tom. Ele estava de pé, longe dos outros agora, olhando para Jim, atordoado.

– Quer dizer que foi *você* quem nos chamou? – perguntaram os policiais, igualmente surpresos.

Babe começou a insultar os auxiliares do delegado, que decidiram ignorá-lo e ir embora. Tom entrou no carro de seu amigo e foi embora, deixando Jim, Babe e Tony na calçada. Quando Tom voltou dez minutos depois para jogar uma pedra na janela do escritório dos Doors, Jim já tinha ido para o Barney's Beanery para tomar outro drinque. Esta foi a última vez que Jim viu Tom Baker por quase um ano.

* * *

AO LONGO DE ABRIL, Jim ficou mais preocupado com suas dificuldades legais. Antes de voltar para Phoenix no dia 6 ele tinha revisto o impressionante documento de 63 páginas que Max Fink tinha preparado para o caso de Miami. Jim tinha ficado satisfeito com a eloquência de Max no tribunal de Phoenix – ele o chamava de "um perfeito Perry Mason" –, e ficou muito satisfeito quando viu que o documento continha um desafio à constitucionalidade das leis sob as quais ele havia sido preso.

As primeiras dez páginas explicavam as "atitudes sociais contemporâneas e as normas comunitárias", como Max (e Jim) as viam: "A juventude (e um grande segmento de nossa população madura) se rebelaram contra a hipocrisia, a falsidade e a aparência "perfeitinha" e ao mesmo tempo com uma camada decadente por baixo da superfície de nossa sociedade. Conceitos vitorianos falsos e efêmeros desapareceram face aos conhecimentos, avanços científicos e educação..."

Max tomou como seus precedentes legais os processos judiciais que envolveram os filmes *I Am Curious Yellow* e *Midnight Cowboy*, e fez referência ao *Trópico de Câncer* de Henry Miller, bem como às pinturas de Gauguin, Picasso e Michelangelo. Muitas páginas foram dedicadas a discutir que a primeira e a décima quarta emendas protegiam performances teatrais, e a breve revisão do histórico "medo do potencial político do teatro". Os regulamentos da Suprema Corte dos EUA que protegem o direito de liberdade de expressão foram citados. Finalmente, Max atacou as acusações individualmente, afirmando que todas elas estavam violando diretamente a primeira, oitava ou décima quarta emendas, eram "inconstitucionalmente vagas" ou não eram apoiadas por fatos. Das quatro leis que Jim alegadamente teria violado, o documento mostrou que a mais recente tinha sido promulgada em 1918.

No dia 6 de abril, Jim voltou para Phoenix com Max, supostamente para ser sentenciado por violação da lei contra pirataria aérea. Quando Max disse ao tribunal que a aeromoça chamada Sherry tinha cometido um erro e queria mudar seu depoimento, o juiz adiou a sentença e agendou uma outra vinda de Jim para o final do mês.

No dia 7 as primeiras cópias de seu livro chegaram da Simon and Schuster. Jim segurou o fino volume nas mãos, admirando-o. *The Lords and The New Creatures*, estava escrito, e abaixo disto a palavra "Poemas". Jim não estava feliz com a forma

como o seu nome havia aparecido. Ele havia pedido para que fosse escrito James Douglas Morrison, mas eles usaram Jim Morrison. Eles também usaram aquela imagem do “Jovem Leão” na capa e na contracapa, e fizeram referências na sobrecapa à sua carreira no rock e chamavam seu público de “garotos” – coisas das quais ele não gostou. E o que estava escrito na sobrecapa era apenas uma abordagem superficial da poesia de Jim. Dizia: “Ele vê e fala sobre os Estados Unidos contemporâneos – as cidades, as drogas, os filmes, a corrida pelo dinheiro, as velhas preocupações e as novas liberdades no amor...”

Ainda assim, Jim enviou um telegrama ao seu editor em Nova York que começava assim: “Graças a você e a Simon & Schuster, o livro ficou muito além das minhas expectativas”. E para Michael McClure ele disse:

– Esta é a primeira vez que não me ferraram.

Michael jura que Jim tinha lágrimas em seus olhos.

No dia seguinte, Babe Hill caiu de um carro em movimento e quebrou duas vértebras em seu pescoço depois de uma bebedeira com Jim no Phone Booth, e um dia depois disso Jim estava bêbado em um palco em Boston.

O SHOW ESTAVA se estendendo muito, e às duas da manhã o gerente da casa decidiu puxar o plugue, cortando a eletricidade da banda. Misteriosamente, o microfone de Jim continuou funcionando.

Jim piscou. Então ele tirou o fino microfone dourado do pedestal e murmurou, audivelmente:

– Filhos da puta.

Ray saltou para a boca do palco rapidamente. Era isso o que ele e os outros Doors temiam. Abruptamente ele apertou sua mão contra a boca de Jim e o carregou com um braço, levando-o para fora do palco como se Jim fosse uma estátua.

O público estava pedindo mais música.

Um momento depois Jim se livrou de Ray e reapareceu. Ele se balançou até a frente do palco e gritou:

– Todos nós devemos nos reunir e nos divertir... porque eles vencerão se vocês permitirem!

No momento em que Jim acordou na manhã seguinte, o show daquela noite em Salt Lake City havia sido cancelado. O gerente da casa de shows em Salt Lake tinha estado na plateia de Boston e não gostou do que viu.

A paranoia de Miami continuava. Em quase todos os shows que eram fechados os gerentes das casas pediam que Vince cortasse o som caso Jim dissesse algo “inconveniente”. Todos os dias os Doors se perguntavam se o próximo show deles seria cancelado, literalmente no último minuto.

O incidente de Miami estava afetando toda a indústria. Cláusulas anti-obscenidade eram escritas ou adicionadas como uma parte extra em contratos para shows de outras bandas em dezenas de cidades, e pediam que o grupo depositasse uma caução, que não reaveriam caso houvesse uma “exposição ilegal, indecente, obscena, lasciva ou imoral” enquanto estivessem no palco.

Nos dias 17 e 18 de abril os Doors tocaram em um enorme centro de convenções em Honolulu. E então, deixando os outros Doors para trás para tirar pequenas férias, Jim voou de volta para Phoenix com Siddons para encontrar Max Fink e a comissária chamada Sherry. Sherry mudou seu depoimento no dia 20 e a última acusação contra Jim foi descartada.

JIM HAVIA COMEÇADO a telefonar e a escrever para a editora e crítica nova-iorquina Patricia Kennely em setembro do ano anterior; tinha renovado sua comunicação em março; e em abril, quando ela fez a resenha de seu livro de poemas na revista *Jazz & Pop*, ele enviou um telegrama de agradecimento.

Patricia era uma bruxa iniciada e praticante, alta sacerdotisa de um conciliábulo – algo que fascinava Jim –, e um dia após o telegrama de Jim chegar ela estava na Filadélfia visitando outras bruxas. O The Doors estava na Filadélfia no mesmo dia e ela assistiu ao show deles no Spectrum, conversando brevemente com Jim nos bastidores. A banda estaria tocando em Pittsburgh no dia seguinte, ele disse a ela, mas depois disso ele voltaria para Nova York. Uma vez lá, Jim passou metade da semana com Pamela no Hotel Navarro, a outra metade com Patricia no pequeno apartamento dela.

Com Pamela e Bill Belasco, que continuava acompanhando Jim em suas viagens para outras cidades, Jim foi fazer compras na Quinta Avenida e jantou no Lüchow e no Mamma Leone, restaurantes frequentados por artistas. Com Patricia ele foi para o Fillmore East ver o Jefferson Airplane, sentando-se na cabine de iluminação com Allen Ginsberg.

Naquela época Grace Slick havia desenvolvido uma nova forma de dispensar os pidões. Alguém gritou:

– Cante “White Rabbit”, Gracie!

– Oh, eu vejo que Jim Morrison está aqui esta noite – Gracie respondeu, zombeteira.

Jim murmurou:

– Obrigado, Grace – e deixou por isso mesmo. Para começar, ele tinha ficado relutante em ir ao show, e depois disse a Patricia que achava que o Airplane “era a banda mais chata que já ouvi em toda a minha vida. Eles fazem tudo para impressionar, tocam o mais alto que podem e ninguém consegue se destacar. Não há uma interação delicada como o meu grupo tem”.

OUTRA HISTÓRIA NEGATIVA sobre a banda apareceu no final de maio na *Amusement Business*, a revista mais popular entre produtores e gerentes de casas de shows. A publicação tinha torcido seu nariz puritano para as proezas dos Doors desde os tempos da prisão por obscenidade em New Haven, e agora a história na capa da publicação dizia: “Jim Morrison e os Doors desenvolveram uma nova maneira de irritar os gerentes de casas de shows”. A revista citou o gerente do Cobo Hall, em Detroit, onde os Doors já haviam se apresentado, dizendo que o grupo “literalmente dominou o prédio, e como resultado foi banido da casa”. O show daquela noite tinha sido considerado tanto pela banda quanto pelos fãs como muito especial.

Jim parecia ter se livrado seu iminente “colapso nervoso”. Ele causava nas pessoas a impressão de estar indiferente, relaxado. Na última semana de maio foi com Babe para São Francisco para a estreia de uma nova peça e cantou com as bandas de apoio de alguns dos clubes de topless de North Beach. Então partiu por alguns dias para Vancouver, onde percorreu a cidade com Ihor Todoruk, um pintor que editava uma revista pop canadense e tinha produzido um Festival de Cinema Jim Morrison, há um mês. Para Todoruk, Jim falou sem parar sobre Paris, dizendo que gostaria de ir até lá assim que pudesse resolver tudo o que tinha de ser resolvido.

Após um desastroso show em Vancouver, e um show razoavelmente bem-sucedido em Seattle, a agenda de Jim estava ocupada não com shows, mas com audiências no tribunal. O julgamento de Miami estava marcado para agosto e seus advogados estavam fazendo uma última tentativa de evitá-lo. No dia 9 de junho eles apresentaram uma moção em um tribunal federal para suspender o julgamento, alegando que os três estatutos sob os quais Jim havia sido acusado eram vagos e puniam uma conduta que escapava à jurisdição da polícia. A moção foi negada e três dias depois os advogados entraram em outro tribunal de Miami para pedir um julgamento com júri.

Entre as datas de ida ao tribunal no calendário de Jim havia uma outra exibição de *HWY* para agentes e amigos. *HWY* tinha sido exibido várias vezes, mas apenas uma vez em público, no festival de cinema de Vancouver. A maioria das apresentações ocorrera em Synanon e em salas de exibição particulares. Finalmente dois jovens produtores, Bobby Roberts e Hal Landers, abordaram Jim para fazer um filme com Michele Phillips, ex-The Mamas and the Papas. Em vez de uma resposta, Jim lhes ofereceu uma exibição de *HWY,* e logo Landers e Roberts estavam falando sobre providenciar mais dinheiro para ampliar o filme até que ficasse do tamanho de um longa-metragem. Quando Jim detectou o que ele pensou que fosse uma outra conspiração para exploração, ele cortou as negociações. Frank discutiu, mas ele foi inflexível.

As negociações com a MGM pareciam mais promissoras. Jim estava se reunindo regularmente tanto com Belasco quanto com Aubrey sobre *The Adept*, e eles o haviam convencido de que o roteiro poderia ser diminuído satisfatoriamente.

Ironicamente, ele observou que eles tinham a intenção de cortá-lo “de uma sequoia até virar um palito de dentes”.

Belasco e Jim procuraram um novo diretor, finalmente fechando com Ted Flicker, mais conhecido por sua direção de um grupo de teatro de improviso chamado Premise Players, e por uma sátira subestimada feita com James Coburn, *The President’s Analist*. Lentamente o negócio tomou forma. Aubrey queria Jim como ator, não somente em *The Adept*, mas também em um filme chamado *Corky.* Jim não gostou do roteiro (o papel que Aubrey queria que ele interpretasse seria de Robert Blake), mas concordou em perder algum peso para o seu próprio filme – afinal, quem já ouviu falar de um traficante de cocaína que fosse gordo? – e tirar a barba que ele havia deixado crescer novamente após o julgamento em Phoenix.

Em meados de Junho a MGM tinha oferecido a Jim quase tudo o que ele queria: 35 mil dólares para o desenvolvimento final do script, e, se o roteiro fosse aceitável, mais cinquenta mil dólares pelos seus serviços como co-produtor (com Belasco) e ator. Os números não eram grandes para os critérios de Hollywood, mas Jim estava satisfeito. Ele instruiu seus advogados a levarem adiante as negociações, autorizou o pagamento de seiscentos dólares de multa cobrada pela Agência Federal de Aviação relativa ao voo em Phoenix (independente do julgamento), e começou a embalar uma única mala para uma viagem à França e Espanha.

80. Brincadeira com a canção “Old Man River”.

81. Histórias de Aborto.

82. “There’s blood in the streets, it’s up to my ankles, / there’s blood on the streets, it’s up to my knee. / Blood on the streets in the town of Chicago, / blood on the rise, it’s following me.”

83. “Blood in the streets runs a river of sadness / Blood in the streets it’s up to my thigh. / The river runs down the legs of the city / the women are crying rivers of weeping.”

84. “She came into town and then she drove away/ Sunlight in her hair.”

85. “Indians scattered on a dawn’s highway bleeding, / ghosts crowd the young child’s fragile eggshell mind.”

86. “Blood in the streets of the town of New Haven, / blood stains the roofs and the palm trees of Venice. / Blood in my love in the terrible summer, /bloody red sun of Phantastic L.A. /Blood streams her brain as they chap off her fingers /blood will be born in the birth of a nation. / Blood is the rose of mysterious union.”

87. “Keep your eyes on the road / Keep your hands upon the wheel / we’re going to the Roadhouse / Gonna have a real good time.”

88. “Now I have found / My girl...”

89. “She was a princess / Queen of the Highway / sign on theroad said / Take us to Madre / No one could save her / save the Blind tiger / He was a monster / Black dressed in leater...”

90. “I hope it can continue / Just a little while longer.”

CAPÍTULO DEZ

PATRICIA KENNELY ESTAVA ENTRANDO em pânico. Quando ela e Jim acordaram, Jim estava com 38 graus de febre e ela não foi trabalhar para cuidar dele, saindo apenas para comprar comida – um pouco de sopa e *ginger ale*. Duas horas mais tarde, a temperatura de Jim era de 39,6 graus. Ela deu a ele aspirina, tetraciclina, água e esfregou-o com álcool, e depois tentou encontrar Leon Barnard. O médico dela, que morava a apenas dois quarteirões de distância, não atendia a domicílio. A temperatura de Jim aumentou para 40,5 graus.

Jim tinha chegado em Nova York no dia anterior, a caminho da Europa, com Leon, um dos amigos de Leon e as gravações finais para o álbum ao vivo. Embora ele estivesse bastante bêbado quando Patricia encontrou com ele em seu hotel, eles haviam passado uma noite agradável e tranquila assistindo o novo filme de Mick Jagger, *Ned Kelly*, e permaneceram sentados para ver o último filme de Ingmar Bergman, *A Paixão de Anna*, duas vezes. A única ocorrência notável foi que Jim tirou o diafragma de Patricia antes que eles fossem para a cama, jogando-a pelo quarto como um frisbee. Agora, no apartamento de Patricia, na sombria tarde do dia seguinte em Nova York, Jim sentia como se estivesse morrendo.

Às duas horas Patricia decidiu medir a temperatura dele mais uma vez antes de chamar uma ambulância. De repente, a febre cedeu, caindo de 40,5 para 38 em 15 minutos. Em três horas Jim estava de pé e andando como se nada tivesse acontecido. Ele voltou para o seu hotel, mudou de roupa e, junto com Leon, ele e Patricia foram jantar, viram outro filme e compraram alguns livros no Brentano's.

Na noite seguinte, eles se casaram.

Com 24 anos à época, Patricia era a editora chefe de uma revista de rock e uma entre as diversas fãs leais do The Doors na função de crítica de rock da Costa Leste. Ela havia adorado Jim desde o momento em que se conheceram, 18 meses antes, quando o entrevistara no Plaza Hotel. Ele se levantou quando ela entrou na sala e, quando foi apresentado, apertou sua mão formalmente. Ela se lembra da cena:

– Tudo o que eu conseguia pensar era: "Meu Deus, sua mãe ensinou a ele boas maneiras e ele realmente *se lembra* de usá-las". Quando tocamos nossas mãos, faíscas saíram voando. Era a eletricidade estática das minhas botas no carpete, sem dúvida, mas eram faíscas genuínas de livros de contos. Jim adorou. "Um presságio", disse. Ele estava certo.

Desde então, Patricia tinha escrito sobre Jim e os Doors muitas vezes em sua revista, em um estilo maduro e crítico, que incorporava referências literárias e citações. Ela sempre levava Jim a sério – criticando seu trabalho, não sua imagem.

“Se T.S. Eliot fosse um grupo de rock”, ela escreveu uma vez, “ele teria sido o The Doors e feito o *The Soft Parade*”. Em uma resenha de *The Lords e The New Creatures*, ela sugeriu que “uma releitura o mais cedo possível da *Poética* de Aristóteles, ou melhor, do *Prefácio às Baladas Líricas*, poderia ajudar a restabelecer prioridades poéticas extremamente necessárias”.

Patricia tinha opiniões ponderadas sobre quase todos os assuntos; uma língua irlandesa simplista e açoitadora, muito parecida com a do próprio Jim; aparência muito melhor que as habituais, com longos cabelos ruivos, olhos castanhos e uma voluptuosa figura, um amplo conhecimento do oculto e um excelente dom para contar histórias.

De muitas maneiras, o relacionamento deles era muito emblemático para Jim. Exceto por Pamela, não havia nenhuma garota que ele visse muito frequentemente ou por um período maior do que alguns dias, e nos meses seguintes ao primeiro encontro deles, Jim e Patricia tinham estado no mesmo recinto provavelmente não mais do que sete ou oito vezes. Nem tinha havido muitos telefonemas. Um maço de cartas pessoais ocasionais, presentes de joias, livros raros e cópias de suas três obras impressas por conta própria, mas nada que sinalizasse um namoro apaixonado.

E nem a maneira como Jim se comportava com Patricia era muito diferente de seu estilo com as outras. Com ela também ele bebia e desmaiava e fazia suas eternas brincadeiras.

– Nós estávamos sentados em um bar – lembra Patricia – e ele viria com estes completos absurdos – sem nenhuma razão aparente –, por exemplo: “eu adormeci à luz da lua cheia uma noite, e quando acordei era o rosto de minha mãe olhando para mim. Agora o que você acha disso? O que você acha que isso significa?” Ele estava sempre testando as pessoas, sempre tentando ver o quanto você estava disposto a aturá-lo, como você iria reagir a ele. Ele não confiava em ninguém. Nunca pareceu acreditar quando eu dizia que o amava. Acho que ele ouvia isso de todas as mulheres com quem dormia. Mas eu realmente sentia aquilo, apesar de tudo. Mesmo assim, sentia que quando dizia que o amava eu estava entregando a ele uma arma para usar contra mim, algo que me ameaçava. A primeira vez que disse a ele o que eu sentia, ele disse: “Bem, agora que você me ama acho que nunca conseguirei me livrar de você”. Eu perguntei: “Você quer se livrar de mim então, Jim?” Ele apenas sorriu, fechou os olhos e disse: “Não”. E então disse que me amava. Ele provavelmente sentia isso também.

Noite do solstício de verão, 1970. Velas foram acesas no gótico apartamento vitoriano de Patricia. A cerimônia de casamento foi explicada. Bruxas ou wiccas não são satanistas; elas adoram as forças antigas da natureza, a Tripla Deusa, a Grande Mãe, e sua contraparte masculina, o Senhor, o Deus Cornífero. É uma tradição religiosa que antecede o cristianismo e o judaísmo, considerada por muitos estudiosos como uma sobrevivência da mais antiga religião universal.

Um casamento Wicca, Patricia explicou, é uma mistura de almas em um plano cármico e cósmico que tem um efeito sobre as futuras encarnações dos dois envolvidos: a morte não separa, e o voto feito está “para sempre à vista da deusa”. Patricia disse a Jim que havia uma lenda de que Henrique VIII e Ana Bolena tinham se casado em um ritual de bruxas – provavelmente por algumas dessas mesmas razões.

Uma das amigas de Patricia, uma alta sacerdotisa de um conciliábulo, conduziu a cerimônia, assistida por um sacerdote. Eles guiaram Jim e Patricia através de um tradicional *handfasting*, um atar de mãos ritual, com orações e uma invocação à Deusa, bênçãos, a realização de dois pequenos cortes no pulso e no antebraço de cada parceiro, bem como a mistura de algumas gotas do sangue deles em uma taça de vinho consagrada da qual eles mais tarde beberam, um ritual onde se passava por cima de um cabo de vassoura, trocavam-se certos votos e então havia a invocação final pela presença da Deusa.

Para Patricia aquela era uma cerimônia perfeitamente natural em sua religião, mas Jim ficou totalmente tomado pelo ritual. Ele deu a Patricia um Claddagh de prata, o tradicional anel de casamento irlandês, e ela deu a ele também um exemplar deste, em ouro. A sacerdotisa oficiante e Patricia, em sua capacidade de sacerdotisa, fizeram dois documentos à mão, um em inglês e o outro em runas de feiticeira. Todos os presentes assinaram, e a Jim e Patricia foi pedido que assinassem seus nomes com sangue. Os dois foram declarados casados e Jim desmaiou.

NO SÁBADO, JIM E LEON partiram para Paris, onde hospedaram-se em um quarto de sessenta dólares por dia em um hotel bastante em voga, o Georges V Hôtel, e começaram a explorar a cidade – bebendo em dezenas de cafés de calçada, visitando os antros dos existencialistas da Margem Esquerda, misturando-se com ciganos que faziam performances nas ruas de Montmartre, fazendo peregrinações à casa de Balzac, ao túmulo de Napoleão e às catacumbas. Em seguida, Leon foi para Copenhague e Jim se encontrou casualmente com seu amigo Alan Ronay, que havia começado suas férias anuais em Paris há aproximadamente uma semana.

Alan falava frequentemente com Jim sobre Paris – ele era, na verdade, uma das razões por que Jim estava agora na França. Jim tinha mandado processar os filmes *Feast* e *HWY* na empresa onde Alan trabalhava, e eles haviam se visto com frequência ao longo dos anos desde que se conheceram na UCLA. Alan era um dos amigos “misteriosos” de Jim, e não se sabia muito sobre o relacionamento deles. Alan gostava muito de Jim, e embora fosse forçado a dividi-lo com Frank e Babe e todos os outros, não tinha que dividi-lo no mesmo recinto ou ao mesmo tempo. Exceto quando Jim e Babe irrompiam às três da manhã, bêbados e perturbando-o, Alan geralmente via Jim sozinho.

Durante uma semana, Jim foi o típico turista norte-americano, uma figura amarrotada sofrendo com as chuvas de verão. Mas, no dia antes de voltar para

casa, começou a se sentir febril novamente.

– PNEUMONIA? Jesus, onde está ele? Como ele está? Será que Max sabe? É melhor adiar o julgamento.

Bill Siddons mexia nervosamente em um lápis enquanto escutava Babe ao telefone. Jim tinha voltado de Paris, Babe disse. Ele estava com Pamela no apartamento dela, na Norton Avenue, com pneumonia, mas estava bem. Mais tarde, nesse mesmo dia, Bill conversou com Jim, que contou que após deixar Alan Ronay em Paris, tinha ido para a Espanha e o Marrocos, viajando de trem e em carros alugados. Tinha estado doente em Nova York antes de partir, disse ele, e na Europa tomara muita chuva.

Jim tinha partido há quase três semanas. Logo após ele retornar a Los Angeles, o tribunal federal em Miami rejeitou a moção para suspender o julgamento por razões constitucionais. O juiz disse que se Jim fosse considerado culpado, a apelação poderia cobrir esta área. E o julgamento não seria adiado por causa da saúde de Jim. Como sempre, Jim recuperou-se rapidamente e, quando o álbum ao vivo foi lançado no final de julho, ele estava de volta rondando a Sunset Strip e os bares ao longo da Santa Monica Boulevard.

No dia 4 de agosto ele estava sozinho em uma boate chamada The Experience. Ao fechar, perguntou ao proprietário, Marshall Brevitz, se ele o levaria de carro até em casa. Um ano antes, Jim teria voltado para casa dirigindo, sem se importar com o quanto estivesse bêbado. Mas agora ele estava bêbado demais até para caminhar.

– Eu tive uma boate em Miami, certa vez – disse Marshall a Jim, colocando-o em seu carro. – Você ia gostar de saber que os meus sócios eram os mesmos dois caras que tentaram enganá-lo quando você tocou lá e se deu mal. Eles são a razão pela qual eu *saí de* Miami.

Jim assentiu com a cabeça e disse:

– Vire à esquerda aqui... Eu acho.

Marshall virou à esquerda e continuou falando.

– Você sabia que aqueles caras têm uma loja de presente em um dos hotéis? E eles começaram a trabalhar com bronzeadores, fizeram um outdoor.... Não deveríamos já estar chegando em sua casa?

Jim murmurou algo que soou como:

– Vire à esquerda aqui... Eu acho.

Depois de uma hora no carro de Marshall, subindo por uma rua e descendo por outra, circulando dez ou quinze quarteirões, Jim finalmente encontrou a pequena casa em West Los Angeles que estava procurando. Ou melhor, pensou que havia encontrado.

– É esta – disse ele.

Marshall acompanhou Jim até a porta.

– Shhh – disse Jim. – Há uma garota aqui, e ela está com raiva de mim, então... shhh!

Jim bateu timidamente à porta.

Silêncio.

Jim bateu com mais força.

Ainda sem resposta.

Jim bateu ainda com *mais* força.

– Ei, Jim – Marshall disse, nervosamente – te vejo mais tarde, ok?

E ele se retirou rapidamente, deixando Jim caído contra a porta da frente da casa.

Pela manhã Jim foi encontrado encolhido, dormindo naquela porta, pela dona da casa, uma mulher de 68 anos de idade. Acreditando que aquela figura barbada, de cabelos compridos, fosse outro Charlie Manson, ela ligou para a delegacia mais próxima, e Jim foi preso e acusado de embriaguez pública.

Era quinta-feira de manhã.

Na sexta-feira, Jim voou para Miami para ser julgado.

– OLHE! – Jim estava apontando para cima, para um pequeno avião carregando um banner que dizia: “Nós amamos Spiro Agnew”.

– Alguém acredita em presságios? – perguntou.

A temperatura e a umidade estavam próximas da marca dos 37 graus, e sem os ricos turistas de inverno Miami ecoava seu vazio; os grandes hotéis na praia pareciam lápides. Jim estava de pé em frente ao Hotel Carillon, uma lápide de preço médio com um hall de entrada em mármore bege, lustres de cristal e um clube recreativo ao lado da piscina. Até agora sua estadia na Flórida vinha passando sem grandes surpresas. No domingo ele quis ver um jogo de jai alai, mas como lhe disseram que as quadras ficariam fechadas durante o verão, ele foi ver as corridas de cães. O resto do tempo passou no hotel, na piscina, bebendo no bar com ar condicionado, torrando na sauna no telhado. Em uma reunião com Max eles discutiram se todos os Doors iriam testemunhar – eles decidiram que sim – e conversaram informalmente sobre fazerem um show gratuito. Pouco se falou sobre o julgamento, ainda que todos fizessem piadinhas tranquilizadoras.

Já na segunda-feira, dia 10 de agosto, enquanto aguardava um táxi para levá-lo ao tribunal, Jim estava brincando sobre o banner de Agnew. Ele estava usando botas de cowboy, calça jeans preta, uma camisa de camponês mexicano e segurava um caderno de escola.

– Ok – ele disse, finalmente – vamos lá.

Ele entrou no táxi com Babe, seu advogado, Max Fink, e o relações públicas para a imprensa dos Doors, Mike Gershman. Os outros três Doors e Tony Funches pegaram outro táxi.

Meia hora depois Jim estava dentro do Metropolitan Dade County Justice Building, do lado de fora da Divisão "D", examinando uma pilha de 150 fotografias que seu advogado de Miami, Bob Josefsberg, tinha acabado de lhe entregar. Ele estava gostando das fotos. Ele parava ocasionalmente para explicar uma para Babe e para os outros presentes:

– Olhe, esta é aquela onde eu estava fingindo fazer sexo oral na guitarra de Robby, certo? E esta, com o carneiro... O carneiro permaneceu absolutamente imóvel e, juro, ficou ronronando no meio de todo aquele caos. Eu estou parecendo meio satânico aqui, levando o carneiro para o abate. Sim, sim, e a banda continuou tocando. Sabe, estou começando a acreditar que sou inocente.

Ele ainda estava fazendo piadas, mas estava preocupado. Embora tentasse aparentar despreocupação e tranquilidade – publicamente ele mantinha a versão de que estava levando adiante uma batalha para preservar a liberdade artística –, ele não conseguia afastar seu medo. Ou sua raiva. Nos cinco dias em que estiveram na Flórida, eles aprenderam muito sobre a política de Miami e sobre a psicologia dos bastidores daquele caso. O juiz, Murray Goodman, tinha sido nomeado para preencher uma vaga no tribunal e encarou sua primeira eleição em novembro. Em tempos como aqueles, uma condenação de Morrison traria apoio popular ao juiz. Era possível que Goodman fosse hostil ao advogado de Miami de Jim, Bob Josefsberg, porque a Josefsberg tinha sido oferecida a magistratura antes de Goodman, e ele a tinha recusado. O caso Estado da Flórida *versus* James Morrison, de número 69-2355, parecia ser Eles versus Nós, novamente.

Max Fink estava argumentando sobre isto com a imprensa. Uma semana antes ele havia dito que solicitaria que o júri fosse levado para uma apresentação de *Hair* e para ver *Woodstock*, de modo que eles pudessem ver a performance de Jim no contexto apropriado. Agora, dizia:

– Vocês têm que aceitar o fato de que as pessoas da geração posterior à nossa, como o grupo de Morrison, The Doors, estão protestando contra os problemas que foram criados por seus predecessores.

MAX DISSE QUE ELE esperava que o julgamento durasse de seis a dez semanas, em parte porque planejava chamar até cem testemunhas de defesa. Durante meses ele fez com que um jovem advogado chamado Dave Tardiff entrevistasse testemunhas em potencial, todas prontas para atestar que Jim não havia se exposto. Eles também arranjaram vários peritos, incluindo dois professores de psicologia da Universidade de Miami para discutir o conceito de padrões comunitários contemporâneos; um professor assistente de inglês para contribuir com seu conhecimento de etimologia, o ramo da filologia que foca na origem e na derivação

das palavras; o clérigo da universidade, para dizer que a linguagem de Jim não era profana, mas controversa; e os editores de entretenimento de jornais de Miami e de Miami Beach para colocarem o ato de Jim num contexto local, ao testemunharem sobre todos os episódios cômicos e obscenos acontecidos em hotéis da região, que sempre passavam sem maiores problemas.

Em seguida, o juiz Goodman anunciou que sua lista de sentenças estava cheia demais para permitir que o julgamento começasse até a quarta-feira. Então na terça-feira, Ray, Robby e John alugaram um carro e dirigiram até Key West, enquanto Jim ficou em seu quarto, lendo.

Max perguntou a cada jurado em potencial dois dias depois: “Se as evidências mostrarem que o senhor Morrison fez coisas que são descritas em livros *best-sellers* e mostradas em peças de teatro, vocês poderão considerar que ele tem uma proteção da lei igual à de qualquer outra pessoa?”, e, “Se o senhor Morrison usasse gírias que vocês, como indivíduos, consideram grosseiras – alguns palavrões –, e essas mesmas expressões verbal e fisicamente são parte da cena dissidente neste país, como evidenciado em peças de teatro, livros e pelas pessoas jovens norte-americanas, vocês ficariam chocados?”. É discutível a eficácia dessas perguntas. O júri, composto por quatro homens e duas mulheres que prestaram juramento na sexta-feira, consistia de um ex-cozinheiro do exército, agora operador de máquinas; um colocador de pisos de uma empresa de pavimentação; um mecânico, há 23 anos na Guarda Costeira; um professor de artes do ensino fundamental; uma dona de casa de Miami Beach com um filho de 23 anos e uma filha de trinta anos; e uma dona de casa que tinha sido agente de seguros. Imediatamente Bob Josefsberg desafiou todo os jurados, dizendo que se Jim fosse julgado por seus verdadeiros pares, todos os jurados precisariam ter menos de trinta anos de idade. O juiz sorriu ironicamente e levou isso em consideração, e então a sessão foi suspensa devido ao final de semana.

Quando Jim estava saindo da sala do tribunal, foi abordado por um jovem promotor, Terrence McWilliams, que estava vestido com um terno verde oliva e uma camisa laranja. Ele parecia envergonhado, hesitante. Finalmente, perguntou a Jim se por acaso teria consigo uma cópia de seu novo álbum; o promotor disse que ele já havia comprado todos os outros e que as lojas locais tinham ficado sem o disco *Absolutely Live*. O tom de sua voz dizia tudo: ele sentia muito; não queria aquele caso, havia sido designado; apenas estava fazendo seu trabalho.

Isso não significa que McWilliams diminuiria a severidade do seu ataque profissional. Como ele realmente se sentia a respeito daquele caso foi mais claramente revelado em uma nota que ele mais tarde entregou a Jim, uma poesia mal escrita:

> Era uma vez um grupo chamado The Doors
> Que cantava em oposição aos costumes
> Para a juventude eles protestaram

Como testemunhas atestaram

Enquanto o líder tirava sua cueca[91]

Naquela noite, Jim, Babe e Tony foram ouvir o Creedence Clearwater Revival no Miami Beach Convention Center, e depois foram para o Hump Room, no Marco Polo Hotel, onde Jim se juntou ao Canned Heat em quatro músicas. “Depois disso”, Babe escreveu em seu diário, “Jim, eu e Ina (Gottlieb, uma comissária que eles haviam conhecido no voo para Miami) fomos até o Fontainebleau, onde o Creedence Clearwater Revival estava hospedado, e jogamos sinuca e bebemos até que eu desmaiei em um sofá ao lado da mesa de sinuca. Quando acordei, Jim estava debaixo da mesa...”

Na segunda-feira voltaram à Divisão “D”, onde agora o promotor estava vestindo uma camisa vermelha brilhante e estava de pé ao lado de Jim, enquanto ele terminava seu discurso de abertura com uma leitura dramática das acusações:

“O réu exibiu impudica e lascivamente seu pênis, de uma maneira vulgar ou indecente, com a intenção de ser observado, colocou a mão em seu pênis e o sacudiu, e mais tarde o réu simulou atos de masturbação em si e de cópula oral em outra pessoa...” Quando ele terminou, McWilliams lentamente levantou seus olhos da folha de acusação e deu a Jim não o habitual olhar de condenação, mas um vago olhar de admiração. Jim olhou de volta, impassível.

McWilliams citou da gravação do que seria, supostamente, a linguagem da apresentação: “...Vocês são todos um bando de idiotas. Seus rostos estão sendo pressionados na merda do mundo. Pegue a porra do seu amigo e o ame. Vocês querem ver o meu pau?” O júri ficou imóvel, inexpressivo.

Ao meio-dia Max Fink começou seu discurso de abertura, estabelecendo sua personalidade como a de um avô levemente reprovador, mas na realidade compreensivo. Era uma imagem com a qual ele pensava que o júri poderia ser persuadido a se identificar.

– Sua imaginação pode correr solta, mas há uma pequena diferença entre as evidências do promotor e suas testemunhas. Não há dúvida sobre o uso das palavras. Tenho 62 anos e não fui a nenhuma dessas apresentações, mas isso é o que se diz nos dias de hoje. Os jovens usam estas palavras sem nenhuma intenção lasciva. Isso é o que eles dizem e fazem. Um show de rock é uma expressão de contestação. Tenhamos singularidade. Havia 26 oficiais uniformizados presentes naquela noite e muitos policiais não uniformizados. Ninguém o prendeu por sua performance no palco. Agora, um cantor de rock trabalha muito duro. Ele deixa o palco nadando em suor para se juntar aos seus amigos e ri um pouco no camarim antes de ir para o hotel e, em seguida, para a Jamaica. Não houve prisão, não houve crime. As palavras nós admitimos, isso é liberdade de expressão. A maldade está na mente.

A primeira testemunha estava perfeitamente alinhada. Usava sapatos brancos, um

vestido curto cor de rosa, e seu cabelo loiro estava puxado para trás em um rabo de cavalo. Ela tinha apenas dezesseis anos quando assistiu ao show do The Doors, disse ela, e tinha visto Jim abaixar as calças até os joelhos, se expor por 10 segundos e então (fez uma pausa) ela o viu se tocar. Quando perguntada sobre quais palavras não habituais Jim tinha usado no palco, ela disse:

– Aquela que começa com "*f*".

Perguntada sobre como a experiência a havia afetado, ela respondeu:

– Eu fiquei chocada, foi nojento.

Durante o intenso interrogatório de Max, ele leu uma declaração juramentada que a garota havia feito em abril, na qual disse ter visto Jim se esfregar contra uma garota no palco, mas sem saber se as calças de Jim estavam abaixadas ou não.

– A sua memória foi afetada nos últimos meses? – Max perguntou. Ela começou a chorar, e o juiz Goodman pediu um breve recesso para dar à testemunha tempo para se recuperar.

Após o intervalo, a menina se contradisse mais duas vezes e disse que ela e seu namorado não tinham pagado para ver o show, mas conseguiram entrar de graça por meio de seu cunhado, um policial da cidade.

Em seguida o namorado da garota depôs, confirmando o testemunho dela. Mais uma vez Max atacou as incoerências entre o depoimento que a testemunha estava oferecendo no tribunal e uma declaração juramentada que ele tinha dado anteriormente. Nesta última, ele havia dito que tinha apenas uma "vaga lembrança" do que Jim havia ou não havia feito. Agora, sua memória era precisa. Em resposta a uma pergunta do promotor, o namorado disse que ele não tinha ficado envergonhado por si, pois tinha vinte anos à época, mas por sua jovem namorada. Em resposta a outra pergunta feita por Max, contudo, a testemunha admitiu ter levado a garota para ver *Woodstock*, embora tivesse dito saber que o filme apresentava cenas de nudez.

Ele foi seguido em seu depoimento pela mãe da garota, que não tinha estado no show, mas que declarou que sua filha havia ficado visivelmente perturbada quando voltou para casa naquela noite.

NA SEGUNDA-FEIRA um segundo drama começou, com a chegada de Patricia Kennely. Jim falara por telefone com Patricia na sexta-feira, dia 14, ouviu dela que estava grávida e pediu que se juntasse a ele em Miami. Ele mandou seu assessor, um de seus advogados e a esposa deste para encontrá-la no aeroporto.

Jim estava bastante cordial enquanto eles bebiam no bar do hotel, mas sempre que Patricia tentava direcionar a conversa para sua gravidez ele escapava. A seu pedido, ela havia trazido trinta cópias da última edição de sua revista, com uma foto de Jim na capa e dentro um novo poema chamado "The Anatomy of Rock". Jim olhou para as fotos perturbadoras e leu o poema.

Finalmente, olhou para Patricia. Ele disse a ela que pensava que poderia impressionar o juiz saber que ele não era apenas uma estrela do rock, mas estava contribuindo para a sociedade ao escrever poesia. Então lhe disse que voltasse ao seu quarto e que iria se juntar a ela mais tarde. Nunca foi.

Neste ponto, o juiz Goodman havia determinado que o julgamento seria realizado em dias alternados, de modo que Jim tinha a terça-feira livre. Mais uma vez ele se esquivou de Patricia, dizendo a ela duas vezes, por telefone, que iria vê-la, e duas vezes não aparecendo, passando, ao invés disso, o dia com Babe.

* * *

NA QUARTA-FEIRA, Jim estava de volta ao tribunal. Patricia estava lá também, sentindo muita raiva, mas conseguindo se controlar. Uma equipe de filmagem de um canal de televisão os filmou discutindo no corredor. No momento em que Jim prometia que eles ficariam juntos naquela noite, o juiz chegou.

A promotoria chamou três testemunhas naquele dia. A primeira era uma policial, que em junho dissera que não havia escutado impropérios e agora testemunhava outra coisa, envergonhando o promotor quando deixou escapar que nesse ínterim tinha ouvido uma fita do show. A segunda testemunha era o estudante universitário que tinha tirado fotos e dito que não tinha visto nenhuma exposição genital. Esta testemunha foi uma decepção para a acusação, mas com a próxima as coisas voltaram aos eixos. Esta testemunha era um ruivo de 22 anos de idade chamado Bob Jennings, que havia assinado a denúncia inicial contra Jim e agora citava extensivamente o monólogo de Jim no show e jurava que Jim tinha se exposto por um período de cinco a oito segundos. Ele era uma testemunha convincente, e o único dano que Max foi capaz de infligir no interrogatório foram as revelações de que durante os últimos três anos a testemunha tinha sido um funcionário no escritório do procurador do Estado, enquanto sua mãe trabalhava no mesmo edifício e sua irmã era secretária de um juiz local. Jim e seus amigos estavam convencidos de que ele estava sendo manipulado por pessoas que trabalhavam ou estavam relacionados ao Homem.

– Vá para o seu quarto – Jim disse a Patricia depois de alguns drinques no hotel. – Eu vou me trocar e subirei em meia hora.

Meia hora depois, a conversa há muito prometida começou.

– Eu sei que este não é exatamente o melhor momento e lugar para pedir que você lide com isso, com o julgamento acontecendo e tudo o mais – disse Patrícia –, mas o fato permanece, isto aconteceu e agora...

Jim sorriu sem jeito e disse:

– Nós vamos dar um jeito.

– Olha, eu também não estou exatamente feliz com a ideia, você sabe. Mas acontece que você é o único homem que eu já considerei ser bom o suficiente para me dar um filho, e agora isto está acontecendo e eu não sei o que fazer. Acho que você me deve um pouco mais do que o seu talão de cheques.

Jim olhou para ela, depois para longe.

– Se você tiver este bebê, ele vai estragar nossa amizade. Um bebê não vai mudar em nada a minha vida, mas pode mudar a sua tremendamente, e para sempre.

– Eu posso levar isso aos tribunais.

Ele pareceu surpreso com a ideia.

– Outro julgamento? Bem, é claro, você poderia fazer isso, e seria como este pelo qual estou passando agora. Levaria muito tempo, no entanto. Primeiro você teria que ter o bebê, ou seja, levaria ainda uns seis meses. Então você teria que marcar uma audiência preliminar, com exames de sangue e tudo o mais, só para descobrir se você realmente tem um caso. E eu negaria as acusações, e você teria que encontrar testemunhas e, talvez, não houvesse testemunhas, porque eu subornaria todas elas, antes de qualquer coisa. E mesmo que você finalmente conseguisse levar o caso ao tribunal, você poderia não ganhar, e isso seria uma incrível publicidade, o que você odiaria. E mesmo se você ganhasse, no final, o que receberia? Algum dinheiro, um pouco de satisfação e um monte de sentimentos ruins. Eu não acho que você pense que valha a pena.

– Eu não acredito que você disse isso.

Agora as lágrimas escorriam pelo rosto de Patricia.

– Bem, o que você queria que eu dissesse?

– Eu *não sei*, diabos! Mas acho que não faz nenhuma diferença este bebê ser meu e seu, e não seu e de Pamela, não é?

– Eu... Não, nenhuma diferença. Eu não criaria uma criança. *Qualquer* criança. Eu não posso lidar com isso e não quero esta responsabilidade.

– Você não consegue lidar com isso emocionalmente, apenas – disparou ela.

– Bem, não seria melhor você ter um filho com alguém que quisesse ser pai?

– Obviamente. Então o que você sugere?

– Isso é com você. Se você tiver a criança, ela será *seu* filho. Se você optar pelo aborto, eu pagarei por isto e irei até Nova York para ficar com você quando você o fizer, eu prometo que irei. Eu estarei lá com você e tudo vai ficar bem, você vai ver. Você pode fazer isso no fim de semana, não haverá sessão no tribunal, então talvez nós possamos viajar juntos depois de tudo.

Patricia olhou para suas unhas, seus anéis, as pontas de seus cabelos vermelhos e então olhou diretamente para os olhos dele.

– Feito – disse, friamente.

Houve um longo, longo silêncio, e então Jim deu a ela um de seus famosos sorrisos de menino e disse com uma voz estranha:

– Seria uma criança absolutamente incrível, você sabe, tendo um gênio como mãe e um poeta como pai.

– Talvez – Patricia respondeu, secamente. – Mas esta não parece ser uma razão apropriada para tê-lo. Isto não é algum tipo de experiência, você sabe, para ver se duas pessoas incríveis podem produzir alguém incrível. Nem gosto muito de crianças de qualquer maneira, e a única razão pela qual eu o teria seria porque seria seu. E esta é provavelmente a pior razão de todas para ter o filho de *qualquer* pessoa.

Jim não reagiu a isso, mas disse:

– Você sabe, este assunto nunca surgiu para mim antes.

Patricia explodiu.

– Não me venha com esta mentira! Eu sei que você já pensou nisso. Me falaram sobre pelo menos quatro casos, e eu sei um *fato* sobre Suzy Creamcheese e...

– Não, não, isso não é verdade, nada disso... Isso nunca aconteceu antes. Você não acha que isso é tão difícil para mim quanto é para você? Como você ressalta, é o meu bebê também. Você apenas tem que ser corajosa.

Patricia preferiu não responder. Finalmente, Jim sugeriu que eles voltassem ao bar do hotel, e ela concordou.

– Eu só quero ter certeza de que entendi direito agora: eu farei um aborto, você irá pagar por ele, e você irá até Nova York para ficar comigo nesta ocasião, está certo?

– Está certo.

– E o que você acha que faremos sobre isso depois?

– Vamos chorar juntos, eu acho.

– Ok, então – ela disse. – Vamos pegar uns drinques.

PORQUE O THE DOORS faria dois shows na Califórnia, sexta-feira e sábado à noite, o juiz concordou em continuar a ouvir os depoimentos no dia seguinte, quinta-feira, e depois fez um recesso até terça-feira. Foi um dia de resultados misturados, mas principalmente desastrosos. Patricia tinha permitido que Jim passasse a noite com ela e o relacionamento deles estava bom novamente, ou tão bom quanto poderia ficar. Depois, na sala de audiências, 150 fotografias foram apresentadas como evidência e nenhuma delas mostrou Jim fazendo algo ilegal, enquanto a única testemunha chamada disse que não havia visto nada, também. Mas então o juiz Goodman determinou que nenhuma evidência referente aos “padrões da comunidade” seria permitida em seu tribunal, eliminando desse modo a principal

defesa de Jim.

Quando os olhos de Jim deslizaram pelas duas páginas da decisão, seu rosto ficou da cor de cimento molhado. Silenciosamente ele colocou a decisão na mesa à frente dele e olhou para Max, que se levantava com raiva para protestar.

– Sua Excelência – o advogado disse, em um tom urgente – o júri pode se retirar?

O júri foi instruído a deixar a sala e Max começou a argumentar.

– Excluir evidências referentes a padrões da comunidade em relação a palavras que nós admitimos livremente que foram utilizadas – Max gritou –, excluir testemunhos de especialistas no que concerne ao efeito dessas palavras sobre o público desta época e desta idade seria uma negação de um julgamento justo.

Max argumentou arduamente por quase meia hora, traçando o desenvolvimento da liberdade de expressão, mostrando como esta acompanhava o desenvolvimento do teatro e o do direito do artista ou do dramaturgo de expor seus pontos de vista.

– Foi – Jim disse alguns meses depois – um resumo brilhante desse processo histórico, mas não teve qualquer efeito.

Goodman escutou com o queixo sobre as mãos, os óculos de tartaruga sobre a ponta do nariz, e em seguida negou o argumento e a moção de Max, sem fazer comentários.

NA SEXTA-FEIRA DE MANHÃ Jim e sua comitiva voaram para Los Angeles, onde reuniram-se com os outros Doors – que haviam retornado mais cedo naquela semana – e foram de ônibus em direção ao norte para Bakersfield, para o primeiro show, e para o sul até San Diego na noite seguinte, para o segundo show. As apresentações foram fortes, mas cansaram Jim.

Aparentemente se sentindo renovado na noite seguinte, Jim saiu com Babe para ficarem bêbados.

– Estávamos doidões! – Babe se recorda. – Só rindo e rindo, rolando pelas ruas.

As comissárias que acompanhavam Jim e Babe não estavam tão alegres. Elas se afastaram. Jim e Babe continuaram a rir. E riram e riram.

Em seguida, voltaram para a Flórida, onde Jim ficou acordado a noite toda, cheirando cocaína e conversando sem parar, da meia-noite até às oito da manhã, com seu amigo dramaturgo Harvey Perr, que agora estava fazendo parte do setor de publicidade da Elektra.

Às oito da manhã Jim parou de falar, pediu uma melancia pelo serviço de quarto, comeu a fruta quase toda e encontrou seus advogados na Divisão “D”. Neste dia a acusação tinha mais quatro testemunhas agendadas, todas policias e agentes à paisana, que ou tinham ouvido obscenidades ou alegaram ter visto os órgãos genitais de Jim. Um deles até descreveu seu pênis como estando “no processo de tornar-se ereto”.

Quarta-feira, Jim, Ray e Babe dirigiram até Everglades, onde participaram de um passeio de barco e viram uma briga de jacarés, comeram pernas de rã e bolinhos de milho fritos.

Quinta-feira era dia de voltar à Divisão “D” para uma nova leva de depoimentos das testemunhas de acusação: mais três policiais e uma “civil” que trabalhava na central telefônica da polícia e que tinha conseguido entrar no show graças a um policial que ela conhecia. Todos disseram algo incriminador e, em resposta à pergunta de Max:

– Se Jim estava sendo tão obsceno, por que ninguém o prendeu no camarim, depois do show?

Uma das testemunhas disse que eles temiam que a multidão se revoltasse.

– Que multidão? – perguntou Max. – Não havia ninguém no camarim, exceto o The Doors, seus amigos e a polícia.

A pergunta ficou sem resposta, e foi rapidamente esquecida quando a promotoria mostrou uma fita que havia sido feita com um pequeno gravador por alguém na plateia. O gravador foi colocado no balcão do júri e o botão “play” foi apertado. Durante uma hora e cinco minutos o tribunal foi preenchido pelo som pouco nítido do The Doors e o rugido da voz de Jim Morrison.

– Ninguém aí vai me amar? Vocês são todos um bando de idiotas. Vocês são um bando de escravos. Eu não estou falando sobre nenhuma revolução. Eu estou falando sobre se divertir. Estou falando de amor. Eu quero mudar o mundo. *Eu quero ver ação aqui, eu quero ver ação aqui, eu quero ver algumas pessoas vindo até aqui e se divertindo. Sem limites, sem leis, venham!*

– Veja você – diz Harvey Perr –, Jim e Max concordaram que se mostrassem as fitas porque eles queriam evidenciar que tudo estava dentro do contexto, que tudo vinha de um ritmo. Era como uma espécie de poema, um sentimento, e eles estavam dizendo que a obscenidade era parte integrante daquilo. Quando ele disse “foda”, ele estava usando isto da maneira amorosa. “Foda” significava amor. Quero dizer, por trás de toda aquela obscenidade, ele estava realmente dizendo ao público que se revoltasse, se revoltasse contra os ingressos superfaturados, se revoltasse contra o sistema e que se amassem. Ele disse: “Foda o seu vizinho”. E tudo isso tinha esse ritmo, quase como um de seus poemas. Era como se fosse um grande e bêbado poema em forma de briga dizendo a eles que se revoltassem. Era como Dylan Thomas.

Sexta-feira à noite Jim voou para Londres, onde pegou um pequeno avião para a Ilha de Wight para se juntar aos outros Doors no único show que havia restado da turnê europeia abortada. Era sábado à noite e Jim estava acordado há 36 horas. O The Doors entrou no placo às 2 da manhã e foi seguido pelo The Who, a banda pela qual o público esperava acordado. O The Doors estava tocando no local errado – ao ar livre – e sob as piores condições, com vento frio, iluminação inadequada e

equipamento de som questionável. Era, como descrito por um dos jornais pop britânicos, “algo como ouvir um disco do The Doors em um toca-discos ruim e lento”. Jim realmente não estava a fim de fazer aquilo, e durante a apresentação ele se segurava no pedestal, sem energia. Depois disso ficou andando pelo local do festival por várias horas e deu uma entrevista curta e superficial a um jornalista de uma revista britânica, mas na maior parte do tempo ficou observando o público. Quando ele voltou para Londres, havia tomado uma decisão: o festival da Ilha de Wight tinha sido sua última apresentação pública.

O Estado deu sua última cartada na quarta-feira, após apresentar mais duas testemunhas chocadas com a obscenidade de Jim, e em seguida foi a vez da defesa.

Bob Josefsberg pediu a absolvição com o fundamento de que o próprio Estado tinha levantado uma dúvida razoável. O juiz Goodman negou negligentemente o pedido e, em seguida, definiu os limites para a defesa. Apenas dezessete testemunhas seriam permitidas, disse ele – o mesmo número que a acusação havia convocado –, e não poderiam haver os “pretensos peritos” entre estas.

Pelo resto do dia e durante todo o dia seguinte Max e seu parceiro no tribunal questionaram as cinco primeiras testemunhas da defesa. Todas testemunharam que tinham estado em posições de observação privilegiada e não tinham visto Jim se expor. As testemunhas foram convincentes, mas também o foram as testemunhas de acusação quando disseram que *tinham* visto alguma coisa. Uma nuvem de tédio caiu sobre a sala do tribunal, tão invisível, mas perceptível quanto o ar condicionado. Foi quase um alívio quando no final do dia foi anunciado um recesso de onze dias. Jim e Babe partiram para Nassau, onde se encontraram com Frank e Kathy Lisciandro para uma semana de álcool e sol.

De volta ao tribunal, no dia 14 de setembro, a defesa chamou nada menos que dez testemunhas em duas horas e meia, e nos dias seguintes interrogou mais cinco. (A defesa já tinha passado o limite de dezessete estabelecido pelo juiz, mas ninguém estava contando contanto que Max os interrogasse apressadamente.) Estas eram donas de casa, estudantes, médicos e policiais, e todos repetiam os mesmos depoimentos: eles não tinham visto Jim se expor. Era se uma grande parte de Miami estivesse fazendo um teste para o mesmo pequeno papel em uma peça de teatro: os depoimentos soavam muito parecidos. Cada vez que o juiz perguntava a Terrence McWilliams se ele queria interrogar as testemunhas da defesa, ele declinava.

Depois de se arrastar por mais de um mês, o julgamento agora estava chegando rapidamente ao final. Nem mesmo o testemunho de Jim e dos outros Doors nos dias 16 e 17 foram particularmente memoráveis.

– Eu não tinha que testemunhar – disse Jim, mais tarde –, mas nós decidimos que poderia ser uma coisa boa para o júri ver como eu era, porque tudo o que eles faziam antes era apenas olhar para mim. Eu não acho que isso tenha mudado qualquer coisa, para melhor ou para pior.

O depoimento de Jim foi calmo e racional. Ele respondeu às perguntas de Max e Terrence McWilliams com igual cortesia e graça, escolhendo suas palavras lenta e cuidadosamente, parando contemplativamente, correndo os dedos ao longo de seu bigode, parecendo articulado, com a fala tranquila e convincente.

Finalmente Max disse:

– A defesa está finalizada.

O juiz Goodman concordou em manter sua audiência pública no sábado para ouvir as declarações finais e entregar o caso ao júri. Antes da audiência naquela manhã, Jim leu em um jornal de Miami que Jimi Hendrix havia morrido em Londres. Mais uma vez ele se perguntou, em voz alta:

– Alguém acredita em presságios?

Uma vez que a defesa de "padrões contemporâneos" tinha sido negada a eles, Max e Bob Josefsberg tiveram que usar o recurso de atacar a promotoria em todas as suas alegações. Por mais de três horas Max dissecou as provas e analisou os depoimentos conflitantes e contraditórios. Então, por mais de uma hora Bob Josefsberg pegou o texto de "A roupa nova do Imperador" e criou uma parábola contemporânea, voltando-se para o promotor no final e dizendo, cortesmente:

– O senhor McWilliams agora conduzirá o trem.

McWilliams fez um discurso de meia hora que parecia quase um pedido de desculpas, e sentou-se sem olhar para Jim.

Às 21 horas de sábado os jurados começaram suas deliberações, e por volta das 23h30 haviam chegado a uma decisão sobre três das quatro acusações. Jim era, eles concluíram, inocente das acusações um e quatro – comportamento lascivo (masturbação simulada/cópula oral simulada, um delito), e embriaguez pública (contravenção) – mas era culpado da terceira acusação – dizer obscenidades (outra contravenção). (Quando estava depondo, Jim foi perguntado se ele havia se exposto. Em sua resposta, ele acidentalmente confessou uma das acusações:

– Eu não me lembro, eu estava muito bêbado.

Apesar disso ele foi, ironicamente, absolvido da acusação de embriaguez. O júri disse ao juiz Goodman que estava "pendurado" em relação à acusação dois: exposição pública (outro delito), de modo que ele isolou o júri em um hotel de Miami e determinou um recesso até as dez horas de domingo, quando o júri deveria retomar sua deliberação.

No domingo de manhã Jim estava lendo a biografia de Jack London escrita por Irving Stone, *A vida errante de Jack London*, quando o júri voltou e um dos jurados leu o veredicto. Ele havia sido considerado culpado por se expor.

A sentença foi marcada para o final de outubro. Porque Jim não poderia ser extraditado da Califórnia por um delito, a fiança aumentou de cinco mil dólares para cinquenta mil, para que ele tivesse uma razão para voltar.

Solene ao deixar o tribunal, vestindo jeans preto, botas e um casaco de moletom bordado que um fã havia lhe dado, Jim parou para falar com jornalistas.

– Esse julgamento e seu resultado não mudarão o meu estilo, porque eu continuo afirmando que não fiz nada de errado.

Os meses após o julgamento foram, de certa forma, piores do que o próprio julgamento. Em Miami, Jim parecia estar contando as horas. Agora ele estava indo em direção ao desastre, com abandono.

Ele entrou em um pânico desesperado assim que regressou da Flórida, quando soube que Janis Joplin havia morrido de overdose. Primeiro, Jimi. Em seguida, Janis. A frase de Jim para seus amigos, quando saía pela cidade, era:

– Você está bebendo com o Número Três.

E então ele teve uma briga tão feia com Pamela que ela o deixou – desistiu, fez as malas e voou para Paris, para se reencontrar com seu rico conde francês.

Os dias que se seguiram foram gastos em bares, e as noites foram passadas no hotel Strip, onde Jim e Babe tinham quartos adjacentes.

– Hey, Babe, veja isso!

Jim estava pendurado no parapeito da varanda, fora do seu quarto, no Hyatt House Hotel, dez andares acima da Sunset Strip. Ele estava bebendo e cheirando cocaína.

– Eu gostaria que você não fizesse isso – Babe disse. – Você me deixa nervoso.

Ele caminhou até a varanda e olhou por sobre a borda, e em seguida para Jim, ainda pendurado pelas mãos.

– Você está juntando uma bela audiência – disse ele. Babe olhou por cima da borda novamente e viu o gerente do hotel na calçada, agitando os braços. Minutos depois, houve uma batida forte na porta. Babe ajudou Jim a entrar e o colocou sentado, e então abriu a porta para o irritado gerente e um pequeno grupo de assistentes do delegado.

– O que está acontecendo aqui? Que diabos vocês acham...

– Está tudo bem – Babe disse, apontando para Jim. Os policiais entraram no quarto. Mais tarde eles alegaram que o fato de Babe ter aberto bastante a porta seria um convite para entrar, e que o gesto dele apontar para Jim teria sido um “gesto de boas-vindas”. Enquanto eles estavam examinando o quarto, Babe conseguiu esconder a cocaína dentro de um cartão triangular dobrado que estava na cômoda que dizia: “Visite o Saber Room”. A polícia encontrou um pouco de maconha, mas como aquele era o quarto de Babe, Jim não foi preso. Mas foi transferido para a parte dos fundos do hotel, que dava para o estacionamento.

Questionado sobre o show de Miami por Salli Stevenson, uma entrevistadora da revista *Circus*, Jim finalmente cedeu e falou sobre o assunto:

– Eu acho que eu estava simplesmente farto da imagem que havia sido criada

para mim, imagem que eu, às vezes conscientemente, mas na maioria das vezes inconscientemente, ajudava a construir. Aquilo foi demais para mim e por isso acabei colocando um fim nisso, em uma noite gloriosa. Acho que o que os revoltou foi o fato de eu ter dito à plateia que eles eram um bando de idiotas por estarem ali assistindo. O que estavam fazendo ali, de qualquer forma? A mensagem básica foi perceber que você não está realmente aqui para escutar um monte de músicas de alguns bons músicos. Você está aqui para algo mais. Por que não admitir este fato e fazer algo sobre isso?

Ele disse que via a entrevista como “uma forma de arte cada vez mais importante, cujos antecedentes remontam ao confessionário, debatendo e acareando pessoas”. Preocupava- -se com os policiais de Los Angeles, que “são idealistas e... quase fanáticos quando acreditam na justeza de sua causa. Eles têm toda uma filosofia por trás de sua tirania”.

A entrevista foi reflexiva e articulada. Talvez pela primeira vez Jim insinuou publicamente que talvez não vivesse por muito mais tempo.

– Eu não vou negar que me diverti nestes últimos três ou quatro anos. Conheci muitas pessoas interessantes e vi coisas em um curto espaço de tempo que provavelmente não teria visto em vinte anos de vida. Eu não posso dizer que me arrependo.

Mas acrescentou:

– Se eu tivesse que fazer tudo de novo... Acho que teria escolhido um caminho calmo, seria um tipo de artista que fica recluso em seu próprio jardim.

O que aconteceria se ele tivesse que ir para a cadeia? Ele esperava que os outros três “pudessem continuar e criar um som instrumental próprio, que não dependesse de letras, que na verdade não são tão necessárias na música, de qualquer maneira”.

No dia 30 de outubro Jim voou para Miami para se apresentar ao juiz Murray Goodman. Antes de proferir sua sentença, o juiz disse algumas palavras.

– A insinuação de que sua conduta era aceitável pelos padrões da comunidade não é verdadeira. Admitir que esta nação aceita como padrões da comunidade a exposição indecente e a linguagem ofensiva proferida por você seria admitir que uma pequena minoria que vomita obscenidades, que desrespeita a lei e a ordem e que mostra profundo desprezo por nossas instituições e pelo nosso patrimônio determina os padrões da comunidade para todos nós.

Jim pensou que aquele seria um belo discurso de campanha, e que conseguiria alguns votos para o juiz no mês seguinte. A sentença foi o que ele esperava: a máxima. Por dizer obscenidades ele foi obrigado a cumprir sessenta dias de trabalhos forçados na cadeia de Dade County, e por se expor ele foi sentenciado a seis meses do mesmo trabalho, após os quais ele deveria cumprir dois anos e quatro meses de liberdade condicional. Ele também teve que pagar uma fiança de quinhentos dólares.

Na primeira semana de novembro Patricia Kennely deu entrada em um hospital em Nova York e o filho de Jim foi abortado na vigésima semana de desenvolvimento fetal. Jim não estava presente, nem telefonou.

QUINZE DIAS DEPOIS de proferida a sentença, Max Fink preencheu uma apelação das condenações no Tribunal Distrital dos EUA e a Elektra lançou sua primeira compilação de músicas do The Doors, um disco chamado *13*, o número de músicas retiradas dos cinco primeiros álbuns do The Doors.

A relação do The Doors com a Elektra era tênue. Jac Holzman não queria, de forma alguma, ver sua empresa associada às condenações relativas a Miami; ele instruiu a equipe da Elektra a evitar o assunto sempre que possível. As comunicações permaneceram cordiais, mas quando a Elektra pediu ao escritório do The Doors que aprovasse o lançamento do álbum de antologia, entendeu-se que o pedido era uma formalidade. *Morrison Hotel* tinha vendido bem, considerando as circunstâncias sob as quais havia sido lançado e considerando que este havia sido produzido sem o auxílio de um único *single* de sucesso. *Absolutely Live*, que o seguiu depois de vários meses, havia custado muito e vendido pouco, apenas 225 mil cópias (metade das vendas de *Morrison Hotel*). A Elektra queria um produto para os clientes da época de Natal, então *13* recebeu a bênção relutante dos Doors. Jim até mesmo consentiu em fazer a barba para a sessão de fotos necessária para o verso da capa do disco.

Jim odiou a capa de *Absolutely Live*. Originalmente, seria uma bela foto tirada por trás da banda, granulada e em tom azul, quando eles tocavam no palco do Aquarius Theatre, onde a música “Celebration of the Lizard”, que foi incluída no álbum, havia sido gravada. O departamento de arte da Elektra tinha decidido que a foto por si só não era chamativa o suficiente. Uma foto colorida de Jim, tirada durante o show no Hollywood Bowl há bem mais de um ano, foi sobreposta diretamente sobre a foto existente da capa da frente, e antes que o escritório do The Doors soubesse algo sobre isso o álbum foi expedido. Jim ficou furioso.

Ele também não gostou da capa de *13*, que também mostrava um Jim Morrison mais jovem, consideravelmente maior do que o resto da banda. A Elektra, obviamente, queria um Jim Morrison “bonito”. Surpreendentemente, Jim apenas expressou sua raiva para alguns poucos amigos íntimos. Apesar de Ray, Robby e John já estarem acostumados com o fato das atenções sempre se voltarem para o cantor da banda, isso chateava Jim.

Uma semana depois do lançamento de *13*, Felix Venable, um velho amigo de Jim da UCLA, morreu de câncer no estômago.

Com os ensaios para o novo álbum a caminho, a agenda de Jim estava se tornando cheia novamente, apesar de seu trauma psicológico. Como grande parte do material que entrou no álbum tinha sido escrito muito antes, ele ficou pronto mais

rápido do que o esperado.

A sinistra “Cars Hiss by my Window” “A janela começa a tremer com um estrondo sonoro / Uma garota fria vai lhe matar em um quarto escurecido”[92], veio de um dos poucos cadernos de Venice que sobreviveram.

A poesia de “The WASP (Texas Radio & The Big Beat)” foi incluída no livro original de recordação dos Doors, distribuído em 1968, o mesmo ano em que Jim escreveu a letra de uma outra música chamada “The Changeling”. “L’America” foi uma canção recusada por Antonioni para seu filme *Zabriskie Point*.

O novo material incluía duas músicas que tinham sete e oito minutos, respectivamente, ambas fortes e poeticamente autobiográficas, e ambas fortes lírica e musicalmente. A primeira delas, “L.A. Woman”, era uma saudação desesperada de Jim para Los Angeles, uma cidade que ele agora via como doente e alienada. “Será que você é uma mocinha sortuda na Cidade da Luz? / Ou apenas outro anjo perdido – Cidade da Noite.”[93] Los Angeles *era* uma “cidade da noite” para Jim (ele retirou a frase de uma novela de John Rechy), e em outro verso ele descreveu:

> “Dirigindo por suas autoestradas / becos da meia-noite vagueiam / Policiais em carros, os bares de topless / nunca vi uma mulher / Tão só, tão só...”[94]

A isso ele acrescentou um pensamento ainda mais sombrio: “Motel dinheiro assassinato loucura / vamos mudar o clima de alegre para triste”[95].

No verso seguinte, ele dirigiu-se a si no anagrama de “Jim Morrison” (“Mr. Mojo Risin”): “Senhor Mojo se erguendo / Mantenha-se se erguendo / É preciso se manter se erguendo / Se erguendo, se erguendo”[96].

“Riders on the Storm” não tinha jogos de palavras e era mais lenta, mais jazzística, mais melódica do que “L.A. Woman”. Também achava-se que fosse algo autobiográfica.

> “Cavaleiros na tempestade / Nesta casa em que nascemos / Neste mundo em que fomos jogados / Como um cão sem um osso / Um ator emprestado / cavaleiros na tempestade”[97].

E em outro verso um tema familiar reapareceu – um grito ao amor e à Pamela:

> “O mundo depende de você / nossa vida nunca irá terminar / garota, você tem que amar seu homem”[98].

A imagem de “Há um assassino na estrada”[99] aparecia na canção, inspirada pelo filme *HWY*.

O The Doors levou esta música para Paul Rothchild. O relacionamento deles com Paul vinha se deteriorando desde o tempo em que tinham terminado a gravação de *Morrison Hotel*, em janeiro. A habitual insistência de Paul na perfeição, o que exigia dezenas de paradas e recomeços no estúdio em álbuns anteriores – e que fez com que tantos shows fossem gravados ao vivo – estava, como John disse, “começando

a nos cansar". Pior ainda, Paul não tinha gostado do novo material.

– Era horrível – diz ele, *mesmo* hoje em dia. – O material era ruim, a atitude era ruim, a performance era ruim. Depois de três dias escutando o material, eu disse pelo *talkback*: "Chega!" e cancelei a sessão. Saímos para jantar, e eu conversei com eles por três horas seguidas. Disse: "Olha, eu acho que é uma porcaria. Não acho que o mundo queira ouvir isso, essa foi a primeira vez que eu fiquei entediado em um estúdio de gravação em toda minha vida, eu quero ir dormir. As tensões entre vocês são gigantescas". Eu disse a Jim: "Este é o *seu* disco. Este é o disco que você queria, então você tem que tomar a frente disso. Por que vocês mesmos não o produzem? Eu estou caindo fora".

A crítica doeu, especialmente quando Paul chamou "Riders on the Storm" de "música de coquetel". Os Doors admitiram que eles não tinham tocado bem as músicas, que talvez eles não estivessem prontos para gravar, mas não haviam perdido a fé no material. Depois do jantar, voltaram para o estúdio com seu engenheiro, Bruce Botnick, e concordaram em co-produzir o álbum com ele.

Pamela permanecia na Europa e Jim começou a perambular à procura de uma garota que iria, como Bill Siddons descreveu, "até o fim".

– Jim levava as coisas até o fim – diz Bill. – Jim – especialmente bêbado – seguiria uma linha de ação até sua conclusão, mesmo que esta o levasse até as profundezas do inferno ou até o céu. Essa é uma das razões por que as pessoas o seguiam, porque elas sentiam isso. Minha esposa Cheri disse a ele que um dia ele ia querer ficar com uma mulher que pudesse ir tão longe quanto ele ia, uma mulher que poderia levá-lo tão longe quanto ele podia levar outra pessoa.

Jim pode ter pensado que havia encontrado esta mulher em Ingrid Thompson, uma grande e rechonchuda sósia de Julie Newmar da Escandinávia. No dia 19 de novembro, quando o marido dela foi para Portugal a negócios, Jim se mudou para o Chateau Marmont, outro hotel na Sunset Boulevard, e eles começaram a se ver.

Ingrid abriu um pouquinho a porta da frente e Jim colocou seu pé ali. Ele estava bêbado, e com sua barba crescida novamente, vestindo uma jaqueta surrada do exército, ele parecia um confuso homem das montanhas. Ingrid abriu mais a porta.

– Você sabe que eu sempre te amei – Jim disse a ela.

Nas próximas semanas, Jim voltou à casa de Ingrid, provavelmente de duas a quatro noites por semana, muitas vezes chegando com outra garota, alguém que ele havia convencido a levá-lo para "casa", e com quem se agarrava na frente da porta antes de entrar. Ingrid odiava isso e dizia a ele, mas Jim apenas encolhia os ombros, dizendo que estava dando aquilo que podia. No final do mês disse querer que ela tivesse um filho dele, e dramaticamente jogou suas pílulas anticoncepcionais na lareira.

– Nós realmente nos dávamos bem – diz Ingrid. – Nenhum de nós esperava por

aquilo. Ele realmente amava a vida e eu também. A única coisa ruim é que havia cocaína demais, que nos tirava da realidade. Ele pensava que eu era mais louca do que ele, e queria ver o quão longe eu conseguia ir.

Jim estava cheirando cocaína há mais de um ano, entrando pela primeira vez de cabeça nisso quando ele e Michael McClure conseguiram que a MGM fornecesse a eles mil dólares por mês como dinheiro de "pesquisa" enquanto escreviam o roteiro deles, e novamente quando Paul Rothchild usava também, durante as gravações de *Morrison Hotel*. Certa vez Jim e um dos executivos da MGM compraram cerca de trinta gramas de cocaína, e Jim disse:

– Guarde-a em seu cofre e me dê apenas um pouquinho de cada vez, não importa o que eu venha a dizer, ok?

Para Patricia Kennely ele disse, certa vez:

– Se eu tivesse uma montanha de cocaína no meu quintal, eu cheiraria, porque ela estaria lá.

Uma noite, voltando para a casa de Ingrid, ele trouxe champanhe e uma quantidade maior do que a habitual de cocaína em uma lata de filme de 35 milímetros. Levantando os dois braços, com alegria, ele entrou na casa e sentou-se em frente a uma mesinha. Depois de elogiar a inteligência de Ingrid, sua boa aparência e seu charme europeu, ele esvaziou seu copo com um único gole. Então abriu a lata de filme e despejou uma grande quantidade de cocaína no tampo de vidro da mesinha. Lenta e silenciosamente ele fez finas fileiras de cocaína com seu cartão de banco. Em seguida, pegou uma nota nova de cem dólares e a enrolou bem. Ele cheirou as fileiras uma a uma, consumindo o valor de cerca de cinquenta dólares por fileira.

O impacto foi quase imediato. Seus batimentos cardíacos aceleraram, a temperatura do corpo subiu ligeiramente, suas pupilas se dilataram, seu rosto ficou vermelho. Minutos depois eles estavam falantes, inquietos e animados. Sentiam-se confiantes e poderosos. Cheiraram mais cinquenta dólares de pó.

O efeito da cocaína é curto e doce. Se o usuário pode pagar, ele cheira mais. Jim recentemente havia consumido enormes quantidades de droga com Steve Stills e alguns outros, e agora ele fazia o mesmo com Ingrid. Depois de três horas, a lata de filme estava quase vazia. Eles haviam tirado suas roupas e estavam dançando à luz da lua. Jogaram-se na cama. Ingrid começou a falar sobre sua terra natal, seus estranhos amigos de lá. Ela dizia que às vezes bebia sangue.

– Mentira! – disse Jim.

– Não. É verdade – Ingrid jurou, balançando a cabeça, seriamente. – Eu bebo. Às vezes...

– Tudo bem – respondeu Jim, sorrindo – vamos eu e você beber um pouco agora.

Ele parecia estar falando sério.

Ingrid tentou transformar aquilo em uma piada. Estalando os dedos, ela disse:

– Eu esqueci: o fornecedor de sangue não veio hoje.

– Vamos beber um pouco de sangue agora – Jim repetiu.

Jim se lembrou do sangue que Patricia tinha tirado de seu pulso e de seu antebraço para a cerimônia de casamento, um ato que provavelmente contribuiu para que ele desmaiasse. Jim tinha um medo excessivo de objetos pontiagudos.

– Você tem alguma lâmina de barbear? – ele perguntou.

Ingrid soube, pela maneira como ele perguntou, que ela contribuiria com seu sangue. Ela entrou no banheiro para procurar. Momentos depois, segurava uma lâmina, mal tocando a pele da palma de sua mão. Ela nervosamente se cortou, com os olhos fechados. Quando abriu os olhos, não havia sangue. Fechou os olhos e passou a lâmina novamente.

No quinto golpe o sangue jorrou por toda parte, e Jim gritou, segurando uma taça de champanhe para recolhê-lo. Fizeram amor e dançaram um pouco mais, sujando seus corpos de vermelho.

Na manhã seguinte, quando acordou em lençóis com sangue coagulado, com listras marrons de sangue seco de Ingrid sobre a maior parte de seu corpo, Jim ficou com medo. A paranoia aumentou.

DESDE O FINAL DE NOVEMBRO até a primeira semana de dezembro Jim foi visitado quase diariamente em seu chalé no Chateau Marmont por Larry Marcus e outro roteirista, um amigo de Larry chamado Syrus Mottel. Primeiro eles davam a “batida secreta”, e aí Jim espreitava por uma janela no segundo andar para ver quem estava lá fora.

Finalmente eles eram admitidos no santuário de Jim, que era decorado com livros por todas as paredes, muitos deles coleções de poesia. Embora a geladeira estivesse cheia de cerveja, não havia comida.

As ideias de filmes que eles discutiam tinham a ver com identidade. Eles decidiram (e isto era ideia de Jim) contar a história de um jovem editor de filmes em Los Angeles, que um dia largou seu trabalho, sua esposa e seus filhos para desaparecer nas selvas do México, no que Jim chamou de “uma busca frenética pelo nada absoluto”. Jim e Larry apertaram as mãos e um acordo foi elaborado com a ajuda de Max. Pelos serviços de Jim como coautor, coprodutor e ator, Larry garantiu pessoalmente a ele 25 mil dólares.

À noite, às vezes eles iam ao Cock’n Bull, um restaurante na Strip. Uma vez, com Frank Lisciandro, Jim começou a fazer uma paródia verbal da ideia do roteiro e praticamente o destruiu, esmagando todas as esperanças de Larry e destruindo cruelmente a sua própria. Outra vez, com apenas Syrus e Larry presentes, bebeu três garrafas de uísque durante uma refeição, e depois correu até a Sunset para

direcionar o tráfego com seu casaco, como se os touros de Pamplona estivessem passando com toda a rapidez por ele.

E ainda uma outra vez Jim pegou Larry Marcus nos estúdios da Columbia, no mais recente de uma série de carros feios alugados por ele. Sem dizer uma palavra, dirigiu por Los Angeles durante a metade de um dia. Nem sequer ligou o rádio. Larry sentou-se ali, em silêncio. Preso.

91. “There once was a group called the Doors
Who song in dissent of the mores
To youth they protested
As witnesses attested
While the leader was drapping his drawers.”

92. “Windows starts to tremble with a sonic boom / A cold girl will kill you in a darkened room.”

93. “Are you a lucky little lady in The City of Light? / Or just another lost angel – City of Night.”

94. “Drivin’ down your freeways / Midnight alleys roam / Cops in cars, the topless bars / Never saw a woman / So alone, so alone...”

95. “Motel money murder madness / Let us change the mood from glad to sadness.”

96. “Mr. Mojo Risin’/ Keep on risin’ / Got to keep on risin’ / Risin’, Risin’...”

97. “Riders on the storm / Into this house we’re born / Into this world we’re thrown / like a dog without a bone / an actor out on loan / Riders on the storm.”

98. “The world on you depends / our life will never end / girl you gotta love your man.”

99. “There’s a killer on the road.”

J. M. / Doors

L.A. Woman

Well, I just got into town about an hour ago
Took a look around, see which way the Wind blow
Where the little girls, in their Hollywood bungalows

Are you a lucky little lady in The City of Light ?
Or just another lost angel— City of Night (9)

L.A. Woman (●) (2)
L.A. Woman Sunday afternoon (3)
Drive thru your suburbs
Into your blues (●) (2)
Into your blue-blue Blues
Into your blues

(Daniel Sugerman, Doors Library)

Letra de "L.A. Woman," escrita por Jim Morrison.

Break

I see your hair is burning
Hills are filld w/ fire
If They say I never lov'd you
You know They are a liar
Drivin' down your freeways
Midnite alleys roam
Cops in cars, The topless bars
Never saw a woman ——
So alone (2)
So alone-lone Lone
So alone

Motel money murder Madness
Let's Change The mood From glad
To Sadness

Break

Mr. Mojo Risin' (4)
Keep on risin'
Got to keep on risin'
Risin' risin' (8)

Repeat 1st Verse
down to ... 'City of Night'

L.A. Woman (2)
She's my woman
Little L.A. Woman
L.A. Woman C'mon

CAPÍTULO ONZE

NO DIA 6 DE DEZEMBRO Jim ligou para um número de telefone que Jac Holzman havia dado a ele e falou com o engenheiro que havia construído o estúdio da Elektra.

– Meu aniversário é depois de amanhã – disse Jim –, e eu realmente gostaria de gravar algumas poesias.

No dia 8 eles estavam no Village Recorders, a dois quarteirões do bar onde Jim bebia quando estava na UCLA, o Lucky U. Ele bebeu com Frank, Kathy, Alan Ronay e uma garota sueca antes de ir para o estúdio. Quando chegaram lá, o engenheiro deu a Jim um pouco de uísque irlandês. Jim começou a ler e a beber.

Tal como o seu "An American Prayer", muito do que Jim leu naquela noite tomou a forma de uma invocação. Durante quatro horas Jim leu uma grande pilha de folhas bem datilografadas, ficando cada vez mais bêbado.

EXALTADO POR SUAS LEITURAS, Jim concordou em tentar se apresentar novamente em Dallas na sexta-feira, dia 11 de dezembro, e em New Orleans na noite seguinte.

Dallas foi um triunfo. Naquela noite os Doors e Jim provaram a si mesmos e a seus detratores que ainda eram uma força poderosa a se considerar. Eles venderam todos os ingressos para dois shows no auditório de seis mil lugares e voltaram para fazer dois "bis" depois de cada set. Jim estava de bom humor, a banda estava coesa e forte. Eles fizeram um *preview* de "Riders on the Storm" para um público encantado. Depois do segundo show, os quatro Doors brindaram uns com os outros pelo encontro bem--sucedido.

New Orleans, no entanto, foi uma tragédia. Se Dallas era boa e Miami feia, New Orleans era o fim. Naquela noite, Ray viu o espírito de Jim ir embora.

– Todo mundo que estava lá viu isso, cara. Ele perdeu toda a sua energia na metade do show. Ele se pendurou no microfone e ela simplesmente desapareceu. Você de fato podia vê-la deixando-o. Ele estava totalmente acabado.

Como se para desafiar sua própria fraqueza, Jim pegou o pedestal do microfone e o bateu repetidamente no palco, cada vez mais, até que finalmente escutou-se o som da madeira rachando. Ele jogou o pedestal para o público estupefato, virou-se e se deixou cair no palco da bateria, ficando sentado e imóvel.

Os Doors nunca mais apareceram em público como um quarteto.

DE VOLTA A LOS ANGELES, a vida de Jim se iluminou quando Pamela voltou da

França. Ela adorou saber que Jim tinha ficado louco com sua ausência, mas também admitiu a amigos que com ela as coisas também não tinham corrido muito bem. Ela estava, segundo disse, feliz por estar de volta à Norton Avenue, mesmo que Jim ainda estivesse no Chateau. Ele precisava daquele espaço, explicou, para os seus encontros de negócios. Pamela sabia que Jim estaria de volta em sua cama e em sua mesa em breve.

Quando Jim entrou, cambaleante, no escritório dos Doors alguns dias antes do Natal, Kathy Lisciandro, esposa de Frank e secretária dos Doors, disse a ele que havia uma mensagem em sua mesa.

E havia mesmo. “Eu estou na cidade”, dizia. “Ligue para mim. Patricia.” A nota estava presa à mesa com um punhal.

Jim não tinha visto Patricia Kennely desde Miami, e não tinha segurado sua mão durante o aborto. Havia deixado o número do telefone de Diane Gardiner, sua ex-relações públicas. Jim o reconheceu porque Pamela morava um andar acima de Diane, e por não ter um telefone próprio usava o dela. Patricia
estava hospedada na casa de Diane.

Jim telefonou meia hora depois. Os Doors haviam decidido gravar seu álbum na sala de ensaios sob o escritório, e Jim convidou Patricia para ir até lá enquanto ele terminava uma canção. Ela não quis, dizendo que as sessões de gravação a entediavam... Por que ele não ia até lá? Ele disse que iria, mas não o fez.

Quatro dias depois, no dia de Natal, Patricia atendeu o telefone de Diane, e era alguém querendo falar com Pamela. Patricia decidiu ir até o andar de cima para chamá-la. Ela já havia evitado este confronto tempo suficiente. Patricia havia encontrado Pamela brevemente na festa do Hilton Hotel em Nova York, e depois que Pamela atendeu o telefonema elas começaram a conversar. Pamela já estava *muito* alterada pelos tranquilizantes, então Patricia, para acompanhá-la, fumou maconha suficiente para deixar meia dúzia de pessoas “doidonas”. Elas beberam vinho e conversaram por quase três horas. Não houve mal-estar nem antagonismo. Pamela disse a Patricia que ela e Jim não eram realmente casados, algo que ela raramente admitia, exceto para amigos íntimos, chamando-se de senhora Morrison, quando telefonava para o escritório do The Doors. Patricia contou a Pamela sobre o aborto, mas não sobre o casamento Wicca.

– Oh, uau – disse Pamela – isso é lindo.

Ela fez uma pausa.

– Mas teria sido ainda mais lindo se você tivesse amado Jim o suficiente para ter o bebê.

Patricia retrucou:

– Eu gosto de pensar que eu amava a Jim, a mim e ao bebê o suficiente para *não* tê-lo.

– Sim, mas se você tivesse a criança, você poderia ter ido embora para viver no

campo. É claro que Jim nunca lhe mandaria dinheiro algum, porque é assim que ele...

Escutou-se o latido do cão de Pamela, Sage. Jim estava chegando do passeio. Patricia ficou tensa e Pamela ficou branca como cera, correndo para fora para encontrá-lo em meio a uma torrente de palavras.

– Jim, Jim, não entre. Não entre. É apenas Diane...

Jim estava rindo enquanto subia as escadas para o apartamento de Pamela. Ela voltou para o apartamento de Diane e enfrentou Patricia, desesperada:

– O que eu vou fazer? Jim vai me matar. Ele sabia que eu estava aqui conversando com você, ele sabe que era *você*.

Ela então subiu as escadas, seguindo Jim.

Jim desceu sozinho e tratou Patricia com charme e graça, mantendo o copo de vinho dela cheio, falando com emoção, concordando como se pedisse desculpas quando ela disse que ele a tinha feito se sentir como uma *groupie*, em Miami. Ele lhe disse que foi apenas um momento ruim, com o julgamento e tudo o mais.

– Mas você, entre todas as pessoas, deveria entender – disse ele. – Você estava lá.

No momento em que Pamela voltou, a sala estava cheia de gente. Diane tinha voltado para casa com mais convidados. Jim e Patricia estavam sentados no chão, totalmente bêbados, jogando War. Jim chamou Pamela para jogar e venceu as duas, vinte vezes seguidas.

Depois de um tempo Pamela tentou levar Jim para subir com ela. Ele disse que não, que ficaria ali mesmo. O confronto de vontades envergonhou a todos no recinto. Finalmente, Diane, com boa intenção, deu a Pamela um pouco de nitrato de amilo e a levou para cima, como se ela fosse meio amiga, meio enfermeira.

Mais tarde, quando todos já tinham ido para a cama, Jim chamou Patricia para ir para o Chateau com ele. Em seguida, ele mudou de ideia, disse que estava bêbado demais para dirigir, falou que a amava novamente e sugeriu que dormissem no chão. Patricia encolheu os ombros. Eles encontraram uma colcha, se enrolaram nela e adormeceram no meio da sala.

Às dez da manhã Pamela desceu as escadas e bateu na porta de Diane. Diane saiu de seu quarto, abriu uma fresta da porta e disse:

– Eu não vou negar que ele está aqui.

Pamela entrou e se aproximou de Jim e Patricia, que ainda estavam amontoados, nus, enrolados na colcha de Diane. Era como uma farsa francesa tão absurda, tão horrível e tão engraçada ao mesmo tempo que ninguém sabia se ria, chorava ou cometia uma loucura.

– Eu só tenho uma coisa para te dizer – Pamela entoou – e vou dizer isso na frente de todas essas pessoas: Jim, porra, você estragou o meu Natal. Você sempre estraga, todos os anos. Este é o quarto Natal que você faz isso. Eu não aguento

mais!

Jim estava sorrindo; Patricia, que havia imediatamente reconhecido o momento como um dos pontos altos de sua vida, estava mordendo o lábio para não rir, e tentou ser diplomática.

– Pamela, não é o que parece, eu juro...

Então Diane interrompeu.

– Pamela, o que você precisa é tomar pílulas de vitamina e um pouco de suco de laranja. Venha para a cozinha comigo.

Pamela a seguiu, obediente, e Jim começou a vestir as calças.

– Jesus – ele murmurou. – Isso nunca vai acabar...

– Oh, *me poupe*, Jim – disse Patricia, mas ela estava rindo com ele. – Você *queria* que isso acontecesse. De quem foi a ideia de ficar aqui?

– Sim, sim. Você está certa – como sempre.

Quando Pamela e Diane voltaram com um pouco de vinho, todos eles se sentaram, de pernas cruzadas, e trocaram olhares.

– Não se preocupe com isso – disse Jim finalmente a Pamela, colocando seu braço em volta da cintura dela. – Está tudo em família.

NO FINAL, A LEALDADE e a paciência de Pamela o conquistaram, e na maioria das noites de janeiro e fevereiro de 1971 Jim voltou para a cama dela. Ele finalmente parecia estar desfrutando de um período de calma doméstica.

Naquele inverno ele estava trabalhando em quatro grandes projetos ao mesmo tempo, nas quatro disciplinas artísticas que o interessavam: poesia, cinema, música e teatro. Em todos estes projetos Jim não era apenas o escritor: ele também atuava. Max Fink estava negociando um pequeno adiantamento da Elektra para produzir um álbum de poesia. As reuniões foram retomadas com Larry Marcus, o roteirista, que agora queria Jim em um filme na Itália. Ele também estava se encontrando novamente com seu amigo, “Philarmonic Fred” Myrow, para discutir sobre um espetáculo teatral onde Jim deveria fazer o papel de um prisioneiro de guerra no Vietnã.

O projeto mais gratificante era o novo álbum do The Doors, que estava sendo gravado no escritório deles e na sala de ensaio, chamados de “A oficina do The Doors”. Eles o estavam produzindo com a ajuda de seu engenheiro de longa data, Bruce Botnick.

– Finalmente – Jim disse a todos –, eu estou fazendo um álbum de blues.

Era verdade. Os Doors corajosos e atrevidos estavam de volta, com o toque brechtiano e com a vivacidade do pesadelo carnavalesco dos dias de Whiskey do começo da banda.

O GRUPO ANTIDROGAS, a Fundação Do It Now, estava direcionando todas as suas energias para diminuir, se não eliminar, o alarmante aumento do abuso de metedrina (anfetamina) nos Estados Unidos. Para realizar essa tarefa, estava se aproximando de vários líderes jovens, pedindo que eles mandassem mensagens para as rádios dizendo “A anfetamina mata” através do serviço público. Frank Zappa consentiu, e também vários outros nomes do rock. Jim ignorou os pedidos da Fundação durante meses, até que um dia ele atendeu o telefone no escritório dos Doors e se viu concordando com uma visita naquela tarde para gravar seu próprio discurso antidrogas. Os presentes ficaram surpresos quando Jim consentiu.

– Bem, por que diabos eu diria não? A anfetamina coloca vermes em nossos ouvidos. Eu conheci uma garota que pensa que pode falar com alguém sem usar a voz. Eu não quero que meus fãs ouçam minha música com seus cérebros vazios e envenenados.

Era sabido, contudo, que Jim nunca permitiria ser usado para influenciar seus seguidores, de forma alguma, a qualquer momento, por qualquer motivo. Por que esta súbita reviravolta?

– Eu pensei que você dizia querer que seus fãs pensassem por eles mesmos, Jim – disse Denny Sullivan. Denny ainda estava cuidando das cartas dos fãs de Jim e tinha quase se tornado um acessório no escritório. Jim já havia falado com Denny sobre os perigos das drogas pesadas.

– E eu quero, Denny, mas eles não *podem* pensar com esta merda. Este é o maldito ponto. Além disso, quem o nomeou curador dos meus assuntos? – Jim estava brincando, mas também estava falando sério. A anfetamina era uma péssima novidade, e ele sabia disso.

Quando o representante da Do It Now finalmente chegou com seu gravador para produzir um *spot* de sessenta segundos, Jim sentou-se e ofereceu cortesmente ao representante a outra cadeira, do outro lado de sua mesa de canto. Ele parecia ansioso para agradar.

– Ok, o que nós queremos que você diga – disse o representante, nervosamente – é “aqui é Jim Morrison, do The Doors” e em seguida apenas, bem, em suas próprias palavras, diga a eles que a anfetamina mata.

Jim pensou por um momento, e então concordou.

– Ok, isso está ligado? Testando, testando... É melhor você ligar, para saber se está funcionando. Nós não queremos passar por todos estes problemas e em seguida descobrir, tarde demais, que você perdeu sua única chance.

A fita foi rebobinada, tocada, conferida e rebobinada novamente até o começo.

– Pronto, Jim?

– Pronto.

– Ok, agora, pode ir.

Jim pensou por um momento e então começou.

– Oi, idiotas que estão ouvindo o rádio em vez de fazer sua lição de casa, aqui é Jim Morrison, do The Doors...

O representante da Do It Now parou o gravador.

Jim deu uma piscadela para Denny.

– O que você está fazendo? – perguntou ao representante. – Eu não tinha acabado!

– Por favor, Jim, podemos fazer isso em apenas um minuto, se você for direto. Lembre-se, este é um *spot* de serviço público.

Jim ouviu atentamente e concordou.

– Eu acho que entendi. Posso tentar de novo?

O gravador foi ligado novamente:

– Ei, como vocês estão indo? Aqui é o velho amigo de vocês, Jim Morrison, eu canto em um grupo chamado The Doors, vocês devem ter ouvido falar dele. Temos feito algumas músicas, mas eu nunca, nunca fiz uma música sob os efeitos da anfetamina. Mas bêbado, bem, sim...

Exasperado, o representante disse a Jim:

– Por favor, você deve compreender o que precisamos. Frank Zappa se divertiu. Você pode se divertir, também, mas deve ser sério.

Jim pareceu entender.

– Ok, entendi. Ligue esta merda. Vamos fazer direito agora. Eu juro.

– Olá, aqui é Jim Morrison do The Doors, eu só quero dizer que se injetar com anfetamina não é legal; então, cheire.

O gravador foi desligado e o representante ficou imóvel. A sala ficou em silêncio.

– Algum problema? Foi tudo bem?

O representante só balançou a cabeça. Jim se levantou e colocou a mão em seu ombro.

– Ei, cara, me desculpe, por favor, ligue isso novamente. Sinto muito, eu vou fazer certo desta vez. Prometo.

O representante olhou para Jim.

– Você promete?

Jim foi solene.

– Eu prometo.

O gravador foi ligado.

– Olá, aqui é Jim Morrison. Não se injetem com anfetamina. Meu Deus, caras, fumem maconha.

O representante olhou para cima.

– Acho que estamos chegando lá, Jim, se você apenas puder mudar as duas últimas palavras.

– Eu sei exatamente o que você quer dizer – Jim assegurou.

– Mais uma vez, gravando.

Desta vez, Jim fez a sua introdução formal, advertiu que injetar anfetamina "não era algo esperto, injetar anfetamina mata gansos, se você injetar bastante anfetamina em um ganso este ganso irá nadar em círculos para sempre."

O homem da Do It Now tinha perdido toda a paciência e estava quase em lágrimas. Jim implorou a ele:

– Vamos lá, cara, me desculpe, eu só estava me divertindo, você sabe, nós vamos acertar desta vez, eu prometo.

– Eu não sei, Jim – o representante abanava a cabeça. – Eu não posso passar o dia todo aqui.

– Pela última vez – Jim insistiu.

– Ok, mas se você não acertar desta vez, chega.

– Sinto muito. Este será em um só *take* – você sabe o que é um *take*?

Jim segurou o microfone cuidadosamente próximo à sua boca. Ele fez uma pausa e então começou.

– Olá, aqui é Jim Morrison do The Doors e eu só tenho uma coisa a dizer – Jim sorriu para o representante, que sorriu de volta, esperançoso. – Não injetem anfetamina. A anfetamina mata. Por favor, não injetem anfetamina, tentem tranquilizantes, barbitúricos, calmantes, eles são muito mais baratos e...

O gravador ainda estava ligado, mas o representante tinha chegado ao final de sua paciência. Ele se levantou, vestiu o paletó e, pegando seu gravador, saiu do escritório. A sala explodiu em risadas. Jim tinha feito o seu discurso de uma forma que era impossível editar.

– Qual é o problema dele? – Jim perguntou. – Ouvi Alice Cooper dizer que se ele pegasse alguém injetando anfetamina iria até a casa dessa pessoa e enforcaria os seus cachorrinhos. Eu não disse nada disso.

A fundação Do It Now nunca conseguiu seu *spot* antidrogas com Jim Morrison.

JIM NÃO SE REUNIA com a imprensa local há um bom tempo. E fazia mais tempo ainda desde a última vez em que havia concedido uma entrevista exclusiva.

Jim gostava do *L.A. Free Press* por sua posição antissistema, e porque ele sentia que o jornal fazia "parte da vida de todo mundo", deu ao jornalista especializado em música do jornal, Bob Chorush, tempo suficiente para fazer uma boa entrevista e mostrou mais uma vez seu lado pensador. Quando questionado sobre os tumultos

nos primeiros shows do The Doors, Jim disse que os shows de rock eram uma forma de “enxame humano para comunicar uma inquietação sobre a superpopulação humana”, algo como o enxame de insetos e de algumas espécies de animais.

– Eu ainda não entendi como isso funciona – disse ele, sinceramente –, mas acho que acontece algo do tipo.

Algumas de suas respostas foram aforísticas:

– Eu acho que na arte, e especialmente no cinema, as pessoas tentam confirmar sua própria existência.

E sobre Charles Manson:

– Os julgamentos foram a maneira da sociedade assimilar o terrível acontecimento.

O tema bebida surgiu casualmente quando Jim disse que tinha perdido muitas músicas boas nos dois anos em que ele e Babe haviam sido barrados no Troubadour. O entrevistador fez uma pergunta. Jim fez uma pausa, inclinou a cabeça para alisar o farto bigode com as pontas dos dedos.

– Eu, é... Passei por um período em que bebia muito – ele disse, finalmente. – Eu tinha muita pressão sobre mim, e não estava sabendo lidar com isso.

Jim fez uma pausa novamente.

– Eu também acho que beber é uma forma de lidar com a vida em um ambiente lotado e também um produto do tédio. Eu sei que as pessoas bebem porque estão entediadas. Mas eu gosto de beber. A bebida liberta as pessoas e estimula a conversação às vezes. E bem, é, eu não sei, é como um jogo, de alguma forma. Sabe? Você sai uma noite para beber e você não sabe onde estará no dia seguinte. Pode funcionar bem e pode ser um desastre. É como jogar os dados. Todo mundo fuma maconha. Eu acho que já não é mais nem considerada uma droga. Mas três anos atrás, houve essa onda de alucinógenos. Eu não acho que alguém realmente tenha força para sustentar essas viagens para sempre. Então você passa para os narcóticos, sendo o álcool um deles. Em vez de tentar pensar mais, você tenta matar o pensamento – com o álcool e, bem, heroína e tranquilizantes. Estes acabam com a dor. Acho que é por isso que as pessoas começaram a usá-los.

Jim estava falando como um observador da sociedade americana no começo da década de 1970, mas também devia estar falando por si e por Pamela. Até o momento ela tinha mantido o uso ocasional de heroína escondido de Jim, mas ele sabia que ela era uma “louca por tranquilizantes”, assim como ele era praticamente um alcoólatra completo. Embora tenha dito ao *Free Press* que os seus dias de bebedeiras tinham acabado, as pessoas ao seu redor ficavam espantadas com as quantidades de álcool que ele consumia.

Jim terminou seu discurso sobre a bebida de forma ainda mais desenvolta do que havia começado.

– Eu gosto de álcool – disse ele – porque é tradicional, e também odeio comprar drogas ilícitas. Sabe? Odeio as conotações sexuais na hora de usar com outras pessoas, então nunca faço isso. É por isso que gosto de álcool. Você pode ir até qualquer loja da esquina e a garrafa logo estará em sua mesa.

DE FATO, COM TODOS os seus projetos indo tão bem, Jim não estava mais bebendo para escapar do tédio. Como em sua juventude, ele estava bebendo pela própria bebida. Ele bebia para ficar bêbado.

Uma vez ele entrou na butique de Pamela cantando “Back Door Man” em altos brados, acompanhado por dois parceiros recentes de bebedeira; ele olhou para Denny, que estava ajudando Judy, a irmã de Pamela, na loja.

– Venda a estes cavalheiros algumas roupas – ele disse, com a voz arrastada. Ele se virou para eles. – Do que vocês gostariam? Temos um excelente material e algumas roupas finas projetadas por nossa própria fábrica de pigmeus, na Suíça. Suas mãos ágeis e seus olhos precisos, podem apostar, fornecem a melhor produção.

De repente ele desabou em uma cadeira com a cabeça caída sobre o peito. Sua voz se transformou em um ronco.

Quando Jim acordou, seus amigos tinham ido embora e a irmã mais velha de Denny estava lá. Denny apresentou-a.

–Esta é a sua irmã? – Jim perguntou. – Você nunca me disse que tinha uma irmã assim. Obaaaaaaaa! Olhe esses peitos!

Naquele momento, uma matrona bem proporcionada, de cinquenta anos, entrava na butique. Deduzindo que as observações tinham sido dirigidas a ela, partiu para cima dele com sua bolsa, perseguindo-o ao redor do balcão da joalheria e só indo embora depois de ter acertado duas ou três pancadas em Jim.

– Jesus – Jim gemeu após o incidente. – Eu não tinha me exercitado tanto assim desde que meu pai me perseguiu pela cozinha com um taco de beisebol.

Outra vez, ele entrou na butique, bateu em uma arara de camisas, derrubou-a e caiu sobre as camisas. Pamela estava lá desta vez, e explodiu.

– Oh, meu Deus, oh Jesus Cristo! Ele está bêbado. Maldito seja, Jim Morrison, seu filho da puta!

– Bêbado? – disse Jim, levantando-se lentamente e sorrindo inocentemente. – Não, minha senhora. Eu tropecei. Foi um acidente.

Babe chegou em seguida, e o levou para o Palms, para beber.

Naquela noite no Chateau Marmont, Jim fez o papel de Tarzan. Ele foi até o telhado e tentou balançar-se para entrar pela janela do seu quarto, pendurado na calha.

– A única razão pela qual ele não morreu – diz Babe – foi porque ele caiu no

telhado da casinha de entulhos, ligado à parte de trás de seu chalé. Foi fantástico, cara.

Jim não se importava com o que bebia: num dia Gin Stinger, no outro uísque com *chasers*, Black Russians no terceiro dia, tequila pura no quarto, Singapora Slings ou algum outro drinque "tropical" com frutas, quando estava com fome. Somente o final era invariável: embriaguez total.

Sua saúde não estava boa. De cigarros ocasionais em shows, aumentou até chegar a três maços de Marlboro por dia. Ele tinha uma tosse rouca. Uma vez ele disse a Robby que havia tossido sangue.

Sua voz ainda tinha muito de sua sensualidade gutural e áspera, mas estava irreparavelmente danificada. Quando Jac Holzman ouviu as primeiras gravações de "L.A. Woman", ele pensou: "Eu estou ouvindo o último álbum de Jim como vocalista".

E ele estava molenga, pesando 80 quilos – 18 a mais do que ele tinha quando as primeiras fotografias de publicidade haviam enfatizado seu torso musculoso. Ele estava comendo mal, consumindo a maior parte de suas calorias em álcool. Tinha o corpo inchado de um bêbado.

Michael McClure havia parado de beber em dezembro, e escreveu a Jim, sugerindo que experimentasse fazer o mesmo. Jim nunca respondeu. Quando ele encontrou Michael e sua agente Sylva Romano em um almoço, Sylva começou um jogo.

– Eu acho – disse ela – que todos nós concordamos com o fato de que, independentemente de nossa idade cronológica, por dentro, lá no fundo, nós nos sentimos com uma idade e acreditamos que essa é a maneira como as pessoas devem nos ver.

Michael disse que ele nunca deixou de ter onze anos.

Sylva disse que ela secretamente sempre pensou em si como uma garota de 19 anos.

Jim, que tinha feito 27 anos há poucas semanas, tristemente disse que sentia ter *47* anos.

NA PRIMEIRA SEMANA de janeiro de 1971 Jim sentou-se em sua mesa lendo a *Rolling Stone*. Ele ficou surpreso ao ver que um dos melhores críticos da revista tinha gostado do último álbum do The Doors, *13*.

Lá embaixo os outros Doors estavam gravando. O baixista de Elvis Presley, Jerry Scheff, estava lá, e também estava Marc Benno, na guitarra base. Jim estava matando o tempo, esperando que alguém o chamasse quando fosse a hora de cantar. Para esta gravação ele usaria o pequeno banheiro no térreo como cabine de voz. Jim estava cantando "ao vivo" com os outros na maioria das músicas. Tudo estava correndo facilmente. Em dez dias de estúdio eles haviam gravado tudo, e em

somente duas das nove músicas (a décima era “L’America”, gravada para *Zabriskie Point* meses antes) os vocais de Jim seriam gravados depois.

O material era bom e variado, dando a todos os membros da banda igual oportunidade de mostrar seu talento. Jim cantou um dos blues de John Lee Hooker, uma canção do repertório inicial do The Doors, “Crawling King Snake”. Em outra canção, um blues original, “Cars Hiss by My Window”, Robby tocou seu instrumento em uma linha de guitarra característica à la Jimmy Reed, enquanto Jim adotou uma voz negra de blues e, no final da música, fez uma impressão vocal bastante boa de uma guitarra de blues. O senso do humor irônico de Ray apareceu no meio de “Hyacinth House”. Depois de Jim cantar um verso absurdo, “Eu vejo que o banheiro está limpo”100, Ray começou a tocar a linha melódica de Chopin conhecida como “Til the End of Time”. “Riders on the Storm” era limpa e jazzística, misteriosa e esperançosa. “Love Her Madly”, a canção de Robby que seria lançada como o primeiro single dos Doors em um ano, era viva e carnavalesca, reminiscente de um The Doors mais antigo, mais funkeado, mais espontâneo, mas também extremamente comercial.

As letras de Jim mais uma vez alcançavam picos crescentes, notoriamente nas canções mais longas: “L.A. Woman”, “Riders on the Storm”, e a longamente concebida “The Wasp”:

> Os negros na floresta
> brilhantemente emplumados;
> & eles estão dizendo:
> “Esqueça a Noite.
> Viva conosco nas florestas
> de azul. Aqui no perímetro
> não há estrelas;
> aqui nós estamos doidões –
> imaculados[101]

Mais adiante, na mesma canção: “Eu vou te dizer isso, nenhuma recompensa eterna nos perdoará agora por termos desperdiçado o amanhecer”[102].

Cada uma dessas três músicas dava indícios do crescente desejo de Jim de escapar. Jim alegava que o “Mr. Mojo Risin” em “L.A. Woman” não era apenas um anagrama de seu nome, mas o nome que usaria quando entrasse em contato com o escritório depois que “partisse para a África”. Ninguém o levou a sério.

“Been Down so Long” teve seu título e refrão, “Tendo estado tanto tempo para baixo / até parece para cima, para mim”[103], retirados do livro com praticamente o mesmo título de Richard Fariña, e incluía algum chauvinismo flagrante:

> Eu disse: baby, baby, baby
> Você não quer ficar de joelhos
> Vamos, minha querida
> Vamos, dê seu amor para mim[104]

Esta mesma supremacia masculina aparecia na canção de John Lee Hooker:

> Venha, rasteje
> Venha, rasteje
> Vá até lá com suas mãos e joelhos, querida
> Rasteje sobre mim[105]

Em um período em que a libertação das mulheres estava começando a chamar a atenção, tal mensagem não passaria despercebida.

Por insistência de Denny, Jim escreveu uma descrição do álbum em sua caligrafia grande e infantil para Dave Marsh, da revista *Creem*, e então fez uma avaliação autobiográfica. Ele descreveu o álbum como sua visão de Los Angeles sendo um microcosmo dos Estados Unidos. Disse a Dave que tinha ido originalmente para Los Angeles fazer cinema, e acabou parando na música. Continuou descrevendo muitos de seus próximos projetos, incluindo um longo ensaio sobre os julgamentos de Miami. Terminou sua carta assim:

> Eu não sou louco.
> Estou interessado em liberdade.
>
> Boa sorte,
> J. Morrison

A solitária figura acima do peso que vestia uma jaqueta amarrotada e uma calça jeans, massivamente cabeludo e barbudo, movia-se lentamente ao longo das ruas de Hollywood. Dia após dia Jim andava, olhando para o país das maravilhas de estuque como se fosse a última vez, voltando finalmente para o apartamento da Norton Avenue. Na maioria das noites, muitos dos dias de janeiro e da primeira quinzena de fevereiro foram passados “em casa”, com Pamela – Jim lendo, Pamela desenhando roupas para a Themis, sua butique. Às vezes, Jim ficava no chão com o cão deles, e murmurava.

– Mmmmmmmmmmmmm-ah, hummmmmmmmmm.

Sage respondia em perfeita harmonia:

– Mmmmmmmmmmm.

Jim repetia tudo de novo e então Sage subia um tom.

Pamela se juntava a eles e Jim reclamava que ela estava estragando tudo. Às vezes eles iam para o andar de baixo e falavam com Diane Gardiner sobre ir para a França. Eles tinham decidido. Na verdade, estavam indo fazer isso, viver em Paris como exilados, por seis meses ou mais. Pamela estava encantada. Até Jim parecia aliviado.

Jim deixar Los Angeles era algo inevitável, e talvez também fosse inevitável sua ida a Paris. O último álbum do The Doors estava quase completo e ele já não devia mais nada ao grupo, ou à Elektra. Ele não estava amargo, mas ansiava

desesperadamente por uma mudança de rumo, e passou a acreditar que enquanto ficasse na Califórnia as pessoas e os lugares com os quais havia se acomodado permaneceriam como uma força dominante em sua vida. Jim não tinha inimigos reais – ele tinha que escapar de seus amigos.

Paris foi uma escolha natural. Alan Ronay falava da cidade constantemente e a visitava anualmente. Fred Myrow tinha vivido lá, e ele também tinha enchido Jim de histórias românticas. A contínua predileção de Jim por Rimbaud, Céline e Baudelaire também era um fator a se levar em consideração. Paris ainda era uma escolha tradicional para escritores e amantes estadunidenses.

– Ele tinha um lance com Paris que era realmente incrível – diz a escritora Salli Stevenson, que o viu antes de sua partida. – Achava que aquele era um lugar onde podia ser ele mesmo, e não ter pessoas perseguindo-o e fazendo de sua vida um circo, transformando-o em algo que ele não era.

Nenhum de seus projetos atuais o reteve. O filme *HWY* iria encontrar um distribuidor ou não e sua presença em Los Angeles era irrelevante; Frank poderia cuidar disso. A decisão sobre a capa para a edição em brochura de seu livro de poesia podia ser feita pelo correio. Larry Marcus pareceu quase aliviado quando Jim sugeriu umas férias de seis meses; a Marcus tinha sido dada a função de escrever um roteiro para Arthur Penn. O álbum de poesia poderia esperar, ou poderia ser terminado pelos outros Doors em sua ausência, assim como eles haviam finalizado outros álbuns sem ele.

Em Paris, Jim pretendia manter uma programação mais produtiva e, tendo isso em mente, telefonou para seus agentes literários para saber se eles achavam que alguém se interessaria por uma autobiografia impressionista. Foi incentivado a colocar algo no papel, pelo menos na forma de uma carta para mostrar aos editores.

Jim disse a Pamela que ela deveria partir para Paris o mais rápido possível e procurar um apartamento.

* * *

– VAMOS LÁ, JIM. Você não pode ir para Paris parecendo o Velho da Montanha.

Diane Gardiner estava apontando para a barba espessa de Jim. Ela, Pamela e Jim estavam bebendo vinho no apartamento de Diane. Pamela concordou que Jim ficaria melhor sem tanto cabelo.

– Não – disse Jim. – Eu, bem, não, eu não quero fazer isso. Eu me sinto melhor assim.

Ele sentou-se, afundado em sua cadeira.

– Bem – disse Diane. – Pamela não pensa assim, e se você não pode confiar na opinião de Pamela, em qual opinião você *pode* confiar?

– Então ele se levantou da minha mesa de jantar – conta Diane –, Pamela aparou sua barba e seu bigode, e ele ficou realmente bacana.

Nos últimos dias antes de Pamela partir, eles visitaram o local de nascimento dela em Weed, dirigindo a Mercedes por quase 1.300 quilômetros em direção ao norte, levando Sage, e em seguida foram ver os pais de Pamela em Orange, onde o deixaram. No dia 14 de fevereiro, Jim levou Pamela ao aeroporto. No dia seguinte, em uma Paris fria e chuvosa, ela chegou ao Georges V Hôtel, que Jim havia dito que parecia um "prostíbulo vermelho de luxo".

– VOCÊ PODE VIR AGORA – disse Diane ao telefone. – Ela já foi.

Diane estava falando com Patricia Kennely, que tinha chegado a Los Angeles duas semanas antes e vira Jim brevemente. Ela agora estava hospedada na casa de uma amiga. Diane disse que Jim só estava esperando que Pamela viajasse para telefonar para ela: – por que não ir até lá e o surpreender?

– Bem – disse Diane após Patricia chegar trazendo uma garrafa de vinho –, nossa querida amiga Grace Slick diz que você deve ter mais de uma pessoa. Basta pensar em Jim como uma espécie de Justine masculino.

Momentos depois, Jim chegou e subiu para o apartamento de Pamela. Toda a mobília estava no guarda-móveis, exceto um colchão, uma estante cheia, uma televisão, uma pequena mesa de vidro e a grande cadeira púrpura para leitura de Jim. Patricia esperou apenas alguns minutos antes de bater na porta. Quando Jim abriu, ela disse:

– Eu estou com essa garrafa de vinho que não posso abrir, e eu queria saber se você...

Ele a abraçou, e ela ficou por lá durante uma semana.

Patricia se lembra do último dia.

– Foi um verdadeiro inferno. Tudo começou às quatro da manhã, em um bar de *strippers* onde tomamos tantas tequilas com *chasers* que o bartender a cada duas bebidas nos dava a terceira de graça. Minha última lembrança foi de ter tomado quatorze. Depois fomos para a sessão de gravação de Jim com a amiga em cuja casa eu estava hospedada, e ela deu em cima dele. Eu fiquei furiosa, e disse a ela: "Não me interessa o que você irá fazer depois que eu for embora, mas pelo menos tenha a elegância de esperar até lá".

Jim era um polígamo completo, e a amiga era muito bonita, então foi fácil seduzi-lo. Eles estavam no Poppy Studios, onde o álbum dos Doors estava sendo mixado, e a amiga foi ao banheiro. Cinco minutos depois, Jim saiu. E cinco minutos depois disso Patricia os encontrou abraçados, deitados no gramado.

– *Levantem-se!* – Patricia gritou, de pé diante deles.

Jim olhou para ela, sonolento, sorrindo.

– Vamos! Levantem-se! Os dois! Levantem-se!

A amiga puxou Patricia para baixo. Por um momento os três corpos se moldaram uns aos outros. Mas logo Patricia recuperou a compostura e disse firmemente:

– Deixe-me falar com Jim a sós.

A amigo saiu, e Jim disse:

– Ouça, querida, você sabe que eu estou bêbado demais para transar esta noite, deixe-me dormir com ela.

– Olhe – disse Patricia – esta é a minha última noite em Los Angeles, eu estou indo para casa amanhã e provavelmente nunca mais o verei.

Jim se irritou com aquela possessividade.

– Bem, certamente eu não passarei uma outra noite com você.

– Tudo bem. Mas você não irá, de jeito nenhum, passar a noite com ela.

De volta ao apartamento, Jim começou a procurar algo nos armários e nas gavetas da cozinha. As meninas perguntaram o que era.

– Bem – disse Jim – eu estou procurando facas e tesouras para que vocês possam me castrar. Uma de vocês fica com o meu pau, a outra com meu corpo.

– Quem vai ficar com a sua alma, Jim?

– Oh, eu ficarei com ela, se vocês não se importarem.

As meninas viram Jim guardar todos os objetos pontiagudos e em seguida colocá-los embaixo do sofá da sala. Ele então se deitou e dormiu.

– Ele parecia de cera, rígido – horrível – lembra Patricia. – Ele parecia já estar morto, deitado no sofá que o emoldurava como um caixão. Eu soube então que nunca iria vê-lo vivo novamente.

No dia seguinte, Patricia voltou para Nova York e Tom Baker voltou de uma viagem de oito meses em Londres. Fazia pelo menos todo esse tempo que Jim e Tom não se viam. Agora eles caíam nos braços um do outro, como se fossem irmãos, e até o final do dia Jim tinha ficado tão bêbado e desagradável que eles foram colocados para fora de uma das boates do Santa Monica Boulevard.

Com Pamela em Paris, Jim estava representando o papel do solteirão despreocupado. Havia voltado para a prostituta que ele chamara de “L.A. Woman”, para se despedir. Começou a ir na nova boate de Marshall Brevitz e no Palms e no Phone Booth, geralmente com Tom, Babe e Frank.

ESTE RITMO AUMENTOU quando Jim viu uma antiga namorada fazer um aborto (ele tinha pedido a ela que tivesse o bebê e ela havia se recusado). Passou quatro noites com quatro garotas diferentes, e telefonou para todos os números de telefone que ele encontrou quando limpou sua mesa no escritório do The Doors.

No dia 3 de março a Elektra deu uma festa para comemorar a abertura da

expansão de seu escritório em Los Angeles e depois de fazer uma aparição simbólica (“Eu paguei pelo lugar, devo ao menos ver como ficou.”), Jim foi para a casa de Fred Myrow, onde eles beberam e conversaram, voltando sempre à ideia de show deles.

– O que nós queríamos cristalizar ou capturar – lembra Fred – era aquele momento de transição, que todos nós sentimos tão fortemente na Los Angeles do final dos anos 1960 e início dos anos 1970. O que Huxley disse: “Entre os pinheiros e as garagens, algo estava à espreita”. Era um ambiente estranho. Los Angeles – o que quer que isso signifique –, era isso o que nós íamos explorar no show. O lugar, Los Angeles, que era suficientemente remoto pela distância e suficientemente familiar pelos antecedentes, lidando tanto com o ostensivo quanto com o secreto, o óbvio e o menos óbvio desta cidade que não é uma cidade. Esta era a base do show: como você vê algo que conhece muito bem depois que vê novamente, voltando depois de um longo tempo, como se estivesse voltando dos mortos.

Eles escreveram um esboço para o show que tinha quatro páginas. Jim continuou dizendo que tinha que ir para Paris.

– Bem, olhe – ele finalmente disse, quando Fred começou a pressionar novamente para que ficasse –, amanhã eu irei ou para Paris ou para Catalina.

JIM E BABE já tinham andado no barco dos Doors uma vez aquela semana, um viagem de um dia ao longo da costa até Palos Verdes. No dia 4 de março eles foram para Catalina com duas garotas. “Uma viagem muito agitada”, Babe escreveu em seu diário. “Cheios de cocaína e bebida. A manhã seguinte muito bonita e clara, e nosso quarto de hotel com vista para Avalon Bay. Fomos para o Big Mike’s e tomamos um café da manhã incrível com ovos mexidos, salsicha, presunto, sardinha, azeitonas, batatas, chili, frios, torradas e cerveja! Cerveja! Cerveja!”

JIM E BABE ficaram muito próximos nos dias que se seguiram, interrompendo uma briga que havia começado em uma sinuca, indo ver a luta de Muhammad Ali contra Joe Frazier, andando pela praia de Venice. Enquanto estavam na praia, eles foram para o Píer de Santa Monica almoçar, e Babe escreveu: “fizemos palhaçadas na arcada por um tempo, e então voltamos à cidade”.

Jim foi para Paris no dia seguinte.

100. “I see the bathroom is clear.”

101. “The Negroes in the forest / brightly feathered; / & they are saying: / “Forget the Night. / Live w/us in forest / of azure. Out here / on the perimeter there / are no stars; out / here we is stoned – /immaculate.”

102. “I’ll tell you this, no eternal reward will forgive us now for wasting the dawn.”

103. “Been down so goddam long / That it looks like up to me.”

104. “I said, baby, baby, baby / wan’t you get down on your knees /C’mon litlle darlin / C’mon, and give your love to me.”

105. “C’mon, crawl / C’mon, crawl / Get on out there on your hands & knees, baby / Crowl all over me.”

CAPÍTULO DOZE

PELA MANEIRA COMO Pamela contou a história mais tarde, o breve exílio deles em Paris tinha sido idílico. Lá não havia as pressões que o haviam levado à decadência. Jim quase parou de beber. Estava escrevendo enormes quantidades de poesias novas e emocionantes, um livro sobre o julgamento de Miami (ou uma autobiografia – a história dela varia) e, depois que eles viram uma ópera, uma sinfonia. Jim e Pamela estavam como recém-casados, compatíveis como nunca antes.

Aquela era a fantasia de Pamela.

Havia uma história em particular que ela gostava de contar sobre uma viagem que eles tinham feito ao Marrocos.

– Eu acordei uma manhã e vi um homem bonito à beira da piscina do hotel, conversando com duas jovens norte-americanas. Na mesma hora me apaixonei por ele. Então percebi que aquele homem era o Jim. Eu não o tinha reconhecido. Ele havia se levantado cedo e raspado a barba, e estava tão magro, havia perdido tanto peso que parecia um novo homem. Foi tão bom me apaixonar de novo, mais uma vez, pelo homem por quem eu já estava apaixonada.

Em “casa” em Paris, às vezes no Georges V e com mais frequência em um apartamento de terceiro andar na margem direita, tudo era calmo, a princípio. A maior parte do tempo deles era passada no grande e ensolarado apartamento no Marais, uma antiga e distinta área residencial perto da Place de la Bastille. Eles sublocaram o imóvel, pagando três mil francos por mês.

Uma jovem modelo de capa de revistas, a francesa Elizabeth (ZoZo) Larivière, e seu às vezes namorado, um produtor de televisão norte-americano, eram os locatários do lugar, mas planejavam partir em breve, ele para voltar aos Estados Unidos, onde tinha uma família, e ela para o sul da França, para fazer um filme – então eles ofereceram a Pamela um dos quartos que estavam vagos, dizendo que quando partissem ela e Jim poderiam ficar no local por pelo menos dois meses.

Durante duas semanas, até o dia 10 de abril, ZoZo permaneceu no apartamento, vendo aquele estranho casal se adaptar a Paris e se readaptando um ao outro. Para ZoZo, aquela parecia uma relação peculiar. Sempre que ela ia conversar com Pamela, ela apenas falava sobre Jim e sobre o quão maravilhoso ele era, “tudo era Jim, Jim, Jim”. Mas então, quando Pamela ficava fora a noite toda com alguns dos amigos franceses que ela tinha feito através do rico conde, nas manhãs, pelo telefone, ela implorava a ZoZo que contasse uma mentira por ela. “Oh, por favor, diga a Jim que eu fiquei na casa de seu amigo a noite toda e que eu voltarei ao meio-dia. Eu sempre tinha que dizer aquilo para Jim.”

Jim então silenciosamente fazia o café da manhã para ele e ZoZo, servindo-a na

cama e sentando-se para conversar enquanto comiam. Algumas manhãs ele, então, ia para o menor dos três quartos do apartamento, onde havia colocado a mesa de ZoZo e onde ele se sentaria e escreveria – ou vasculharia uma das caixas de papéis e cadernos, fitas, recortes, fotografias, cartas de fãs e manuscritos que havia trazido consigo, procurando por entre as relíquias e registros de seu passado, tentando entender exatamente qual era a importância daquilo tudo. Mais tarde, quando a luz que entrava pela janela do pátio mudava, ele às vezes ia para a mesa de jantar com seus cadernos. Outras manhãs saía para longas e solitárias caminhadas.

Ele andava durante horas pelas ruas de Paris, primeiro um bairro, depois outro, tal como fazia em Hollywood. Ia em direção ao norte pela sua rua, a estreita e sem árvores rue Beautreillis, passando por um quarteirão de edifícios, um jornaleiro, uma livraria, três pequenos restaurantes, uma academia de judô, uma barbearia; então ia na direção oeste pela rue St.-Antoine, passando pelos mercados de carne ao ar livre com coelhos pendurados, muitas e muitas cerejas vermelhas, tabuleiros repletos de peixes e camarões, couve-flores grandes como bolas de basquete; até chegar a um dos milhares de lugares atraentes e famosos da cidade. Jim gostava especialmente do Louvre, um legado de seu interesse adolescente pelas artes.

Em muitas outras manhãs ele ia em direção ao sul pela rue Beautreillis, a apenas cinco quarteirões da Île St.-Louis, que se tornou um de seus bairros favoritos em toda Paris. Foi lá, no Quai d'Anjou, que ele visitou o Hôtel de Lauzun, que havia sido o local de encontro de Baudelaire e Gautier, o amado Club des Haschischins.

– É tão lindo aqui – ele diria a ZoZo ou a Pamela quando voltasse para o apartamento. – Eles jogaram a planta fora depois que fizeram esta cidade.

Mas, ao contrário da fantasia de Pamela, Jim ainda estava bebendo – e muito. Foi com muito prazer que ele descobriu dois dos tipos mais tradicionais dos bares da França: os bistrôs de vinho e os cafés na calçada. Havia ainda uma sensação de Hollywood/Hemingway/Fitzgerald em Paris, uma estrangeira familiaridade. Uma parada em um bistrô ou em um café não era apenas natural, era *de rigueur*; não fazer um brinde seria uma blasfêmia.

Jim estava evitando blasfemar a todo o custo certo dia, na primeira semana de abril, no Astroquet, um pequeno bar no Boulevard St.-Germain. Este havia tirado seu nome da palavra francesa *troquet* (café), e de uma referência norte-americana ao espaço sideral, astro; o interior do bar era decorado como uma história em quadrinhos de Buck Rogers.

Jim estava bebendo sozinho quando sua atenção foi atraída para alguns jovens que entraram carregando *cases* de guitarra. Depois de um tempo ele caminhou até a mesa deles.

– Vocês são americanos?

– Claro que somos. De onde você é?

Ninguém o reconheceu.

– Califórnia.

– Eu também. Que faculdade você frequentou?

– Bem… UCLA.

– Uau, eu também! Quando você esteve por lá?

Jim pensou por um momento e disse que entre 1964 e 1965. Mais uma vez o jovem americano disse:

– Uau, eu também. Que curso você fazia?

– Bem… Cinema.

O jovem norte-americano fez uma pausa. Será que aquele era o Jogo das Vinte Perguntas, ou algo do tipo?

– Hummm… você canta? Em um grupo?

Jim admitiu que sim.

– Oh, uau, meu Deus, eu estou envergonhado, eu nem sequer…

Jim pagou bebidas a eles, uísque puro com *chasers*, a mesma coisa que ele estava bebendo. O jovem se apresentou:

– Phil Trainer. Esses caras são meus amigos e temos uma banda chamada Clinic, somos todos norte-americanos, meu pai trabalha na embaixada americana aqui.

Nas horas que se arrastaram até o amanhecer as guitarras saíram dos *cases* e Jim cantou "Crawling King Snake". Ele disse aos seus novos amigos que havia feito aquela para o novo álbum, que seria lançado naquela semana nos Estados Unidos. Estava fumando constantemente e sua voz estava pesada e rouca. Entre as canções eles falaram sobre música e estrelato. Jim disse a eles que havia tirado da fama tudo o que era possível. Surpreenderam-se quando ele disse que havia tomado ácido 250 vezes. Jim os impressionou novamente quando contou sobre a noite em que ele havia destruído o estúdio de gravação. Disse que realmente amava os outros Doors, e que pensava que Robby Krieger nunca havia recebido o crédito que lhe era devido.

Ao amanhecer, todos, menos Jim e Phil, tinham ido embora. Jim estava fumando um cigarro atrás do outro, tragando tão profundamente que teve um acesso de tosse. Phil era cantor, também, e ele diz:

– Eu achei que Jim estava destruindo seu pulmão e sua garganta. Ele estava dando aquelas enormes tragadas no cigarro, cara, e se eu guardo alguma imagem dele naquele dia é a dele tragando com força o cigarro e, em seguida, tossindo, tossindo, tossindo.

Ambos estavam terrivelmente bêbados, e quando saíram tropeçando do bar, naquela manhã, Jim abriu o zíper de suas calças e urinou.

– Faça a *Funky Chicken*[106] – Jim disse. – Faça a *Funky Chicken*.

Então, subindo o zíper, ele sugeriu que pegassem um táxi para ir à procura de

Pamela.

– Faça a *Funky Chicken*.

Quando eles descobriram que Pamela não havia retornado ao apartamento do Marais, Jim soube onde ir: ao Quartier Latin, para o apartamento de uma fotógrafa. Ele entrou (sabia onde a chave ficava), e uma vez que ele viu que Pamela estava dormindo com a fotógrafa, atacou o estoque de bebidas. Primeiro, vodca. Depois, rum. Depois, tudo o que ele viu pela frente, direto da garrafa, sem *chasers*, bebidas puras. Depois de uma hora fazendo isso, ele pediu a Phil que fosse acordar Pamela.

No café da manhã, em um café próximo dali, Pamela pediu por Jim: espaguete e um copo de leite para forrar o estômago.

– Você não vai beber mais, vai, Jim? – Pamela começou a implorar. – Jim?

Jim permaneceu sentado em silêncio, olhando fixamente para a movimentada avenida.

– Faça a *Funky Chicken* – ele disse, finalmente.

POUCOS DIAS DEPOIS eles alugaram um carro e dirigiram para o sudoeste, pela parte vinícola da França, por Orléans, Tours, Limoges e Toulouse, atravessando até a Espanha por Andorra, visitando o Museu do Prado em Madri, onde Jim procurou pelo “Jardim das Delícias” de Hieronymous Bosch, sua obra-prima, que incluía um rosto misterioso que se pensava ser do próprio Bosch. De lá eles foram para o sul, para Granada, onde Jim ficou muito impressionado com o Alhambra, um palácio mouro que geralmente se diz ser o mais belo exemplo da arquitetura muçulmana no ocidente ainda de pé: uma cidadela de arcos ensolarados e refinados azulejos azuis.

Jim e Pamela estavam se dando bem, quase tão bem quanto um dia ela iria declarar. Viver juntos por um longo período em um carro e em pequenos quartos de hotel provocou algumas pequenas discussões, mas as distrações eram inúmeras e maravilhosas. Nem mesmo quando foram roubados em cem dólares por um árabe que falava inglês e prometeu uma grande quantidade de haxixe os dois ficaram seriamente perturbados.

De Tanger eles se dirigiram para o sul, ao longo da costa atlântica, para Casablanca, e em seguida até Marrakech. Eles comeram bem, beberam os vinhos locais e gravaram tudo com uma câmera Super 8 que tinham comprado antes de saírem de Paris. Quando devolveram o carro e voaram para Paris, na primeira semana de maio, haviam se passado aproximadamente três semanas.

O apartamento deles estava indisponível por algumas noites, então foram para o L’Hotel, uma exclusiva pousada na Margem Esquerda, cujos 25 quartos extravagantemente mobiliados estavam se tornando muito procurados pelas estrelas do rock que visitavam a cidade, atraídos por aquela que havia sido a residência de Oscar Wilde. Logo depois, ouviram-se histórias sobre mais uma farra de Jim – esta acompanhada de uma queda de uma das janelas do segundo andar do L’Hôtel. Ele

aparentemente caiu em cima de um carro, ricocheteou e, limpando-se, como se nada tivesse acontecido, seguiu pela rua para tomar um drinque.

Viver na margem esquerda, em St.-Germain, de certa forma colocava Jim de volta no Santa Monica Boulevard, porque lá ficavam todos os bares famosos. O Café de Flore e o Deux-Magots, onde Sartre e Camus uma vez beberam. La Coupole, com as obras de Picasso, Klee, Modigliani e tantos outros nas colunas: o paraíso da Art Deco, onde Scott e Zelda mantinham seu séquito. (Jim disse que o local parecia o Ratner's, uma delicatessen no Lower East Side de Nova York.) Para os franceses *au courant*, os bares "underground" mais badalados eram o recém-inaugurado Le Bulle e o favorito de Jim, uma série de adegas em um porão chamado Rock'n' Roll Circus.

Seis a oito meses atrás o Circus tinha sido *o bar* em Paris, comparado, digamos, ao Whiskey em Los Angeles: som alto, boas bandas, bom sistema de som, caro, voltado para bebidas, sempre tendendo ao baixo padrão moral do showbiz. Mas era respeitável. O Led Zeppelin, Richie Havens e Johnny Winter tocaram lá, assim como alguns dos Beach Boys. Na primavera de 1971, no entanto, o bar se tornou um mercado de heroína que era frequentado pelo submundo profissional: as prostitutas, os ladrões e os cafetões. O DJ que havia tocado no início do ano e depois ido para o Le Bulle, um norte-americano chamado Cameron Watson, descreveu o Circus como "*cold turkey* em plena pista de dança". Jim adorava o local, é claro. Passar de uma falsa decadência moral para uma decadência moral verdadeira. Para Jim, isso não representava necessariamente estar em uma situação pior.

NO FINAL DA PRIMEIRA semana de maio, uma sexta-feira, dia 7, Jim estava no Circus, bêbado, agressivo e, ao final, violento, atirando almofadas e derrubando móveis. Aparentemente ele não foi reconhecido, então o pegaram e colocaram para fora. Um jovem estudante francês chamado Gilles Yepremian descobriu Jim envolvido em uma discussão com o segurança do bar.

– Negroooo...

Jim, cansado de gritar, quis pegar um táxi. O taxista se recusou a levá-lo. Ele tentou um segundo táxi, e novamente foi recusado. Ele começou a gritar de novo. Gilles, que não entendia praticamente nada de inglês, pensou que o que ele estava gritando era:

– Quero carne! Quero carne!

Gilles reconheceu Jim e se aproximou de um terceiro taxista, convencendo-o a aceitá-los. Mas quando o táxi atravessou o Sena, Jim insistiu que ele o deixasse sair. Ele queria dar um mergulho. Dois policiais franceses estavam andando no nevoeiro que precedia a manhã, suas capas e seus chapéus formando uma silhueta familiar.

– Malditos porcos – disse Jim. Depois gritou de novo: – *Malditos porcos!*

Os *flics* continuaram sua habitual caminhada *laissez-faire* e Gilles empurrou Jim para outro táxi, levando-o para o apartamento de um amigo, Hervé Muller, que vivia

no XVII *arrondissement*, perto da Étoile. O motorista reclamou da modesta gorjeta e Jim jogou um punhado de dinheiro na direção dele. Enquanto subiam os cinco lances de escadas, Jim disse:

– Shhhhhh... nós devemos ficar quietos.

Uma doce e pequenina imigrante tchecoslovaca chamada Yvonne Fuka abriu a porta.

– Sim?

– Eu trouxe para você alguém que encontrei na frente do Rock'n' Roll Circus – disse Gilles.

Yvonne olhou em volta de Gilles, vendo a figura amarrotada que estava apoiada no corrimão da escada. À época, ela era a diretora de arte de uma das principais revistas de rock da França, a *Best*. Seu namorado Hervé, com quem ela dividia aquele grande apartamento de um quarto, cozinha e banheiro, escrevia para a mesma revista. Ela reconheceu Jim e disse para Gilles trazê-lo para dentro.

Jim cambaleou pela porta, sua cabeça tombando de um lado para o outro, absorvendo tudo, até encontrar uma cama. Ele cambaleou até a cama e desmontou. Então dormiu até quase meio-dia, quando todos se apresentaram.

Não havia muita coisa na geladeira, por isso Jim sugeriu que todos fossem convidados dele em um restaurante que conhecia. O restaurante era o Alexander, perto do Hôtel Georges V, com um menu que fazia jus à vizinhança. Jim era reconhecido como um cliente habitual, ou ao menos como alguém que gastava muito e dava boas gorjetas, mas disseram a ele que o restaurante não servia café da manhã. Talvez eles quisessem esperar pelo almoço.

O almoço começou para Jim com dois Bloody Mary, então ele pediu uma garrafa de uísque Chivas Regal. Uma hora mais tarde ele estava bêbado e insultando uma mesa cheia de empresários franceses em uma língua que felizmente eles não compreendiam:

– Vocês parecem estúpidos... Diga-me, vocês são filhos da puta? São idiotas?

– Ele estava bebendo duas vezes mais que qualquer outra pessoa – diz Hervé, tristemente. – No final da refeição um funcionário do restaurante apareceu com duas garrafas de conhaque e perguntou qual delas ele queria. Ele simplesmente pegou uma deles, tirou a tampa e levou o gargalo até a boca. Começou a pedir a Yvonne que o ajudasse a conseguir uma garota. "Você não pode me arranjar uma garota?" Depois de algum tempo ele pagou tudo com cartão de crédito. Éramos cinco, e a despesa chegou a setecentos francos.

Eles começaram a andar até o carro deles, Jim apoiando-se pesadamente em Yvonne.

– Você tem que me tirar daqui – disse a ela, com urgência – você tem que me tirar daqui.

Depois de apenas cinquenta metros ele disse que não poderia continuar, tinha que

descansar. Deixaram-no em um banco e Hervé foi buscar o carro.

Jim se tornou violento quando Hervé voltou, e precisou ser levado à força para o carro e, em seguida, arrastado pelos cinco lances de escada até o apartamento de Hervé. No meio do caminho, ele despencou e se recusou a subir mais.

– Deixem-me! – disse ele, sentando-se em um dos patamares.

Então ele gritou:

– Seus negros filhos da putaaaa!

Finalmente Yvonne e Hervé conseguiram levá-lo até seu apartamento e até uma cama, onde ele prontamente adormeceu.
Eram três horas da tarde de um sábado.

Hervé e Yvonne viram Jim novamente. Desta vez ele estava com Pamela. Eles jantaram na casa de Hervé e Yvonne e falaram sobre poesia e cinema. Jim disse que tinha trazido cópias de *Feast of Friends* e HWY para a França e queria mostrá-los. Ele também deu uma cópia de "An American Prayer" para Hervé, que perguntou se poderia traduzir para o francês. Yvonne disse que ela gostaria de fazer algumas ilustrações. Jim estava interessado nas possibilidades que uma colaboração possibilitaria.

Mais tarde naquela noite, depois de um pouco de vinho, Jim disse a Yvonne, talvez inadvertidamente, por que ele estava em Paris.

– Eu estou tão cansado de tudo. As pessoas continuam pensando em mim como uma estrela do rock and roll, e eu não quero ter mais nada a ver com isso. Eu não aguento mais isso. Eu ficaria muito feliz se as pessoas não me reconhecessem... Quem eles pensam que Jim Morrison é, afinal?

Jim com Hervé Muller em Paris, junho de 1971. (Hervé Muller)

Na semana seguinte, Jim e Pamela partiram para a Córsega. Voaram até Marselha, onde Jim perdeu sua carteira de motorista, passaporte e carteira, precisando voltar a Paris para conseguir segundas vias na embaixada norte-americana. Eles voaram novamente até Marselha, e finalmente até Ajacio, principal porto da ilha e capital, também o local de nascimento de Napoleão. A Córsega

também é conhecida pelo excessivo número de recrutas que fornece para a força policial de Paris, pelos cimos altos e vermelhos de seus penhascos, pelas aldeias pitorescas no sopé de uma montanha tão impressionante quanto qualquer parte das Montanhas Rochosas e dos Alpes franceses, pelas chorosas viúvas vestidas de preto, pela falta de pessoas jovens e pelo cheiro forte e penetrante de *maquis* da Córsega (grama), que é comida pelo gado e tem presença também na carne, no queijo e no leite. Jim e Pamela passearam pela ilha durante dez dias. Só em um dia não choveu. Pamela disse que foi idílico.

O THE DOORS HAVIA deixado oficialmente a Elektra Records, pondo fim a uma relação que havia se iniciado há quatro anos e dez meses. Na mesma semana o último álbum de Jim, L.A. Woman, e o penúltimo single, “Love Her Madly”, foram liberados, e ambos começaram a subir rapidamente nas paradas. A fotografia da capa de L.A. Woman era uma foto do grupo, colocando igual ênfase em cada um dos integrantes. Na verdade, Jim havia se encolhido, para que parecesse até mesmo menor do que os outros! Além disso, porque ninguém havia conseguido convencer Jim a se barbear, pela primeira vez ele apareceu com uma barba cheia em uma capa de álbum, dando um sorriso demoníaco e malicioso. Jim tinha conseguido se vingar pelas capas de 13 e de Absolutely Live.

Os críticos foram unânimes nos elogios a *L.A. Woman*. A recuperação que havia começado com *Morrison Hotel* estava se acelerando. Os céticos e os detratores foram derrotados – o The Doors estava definitivamente de volta. Finalmente o álbum alcançaria a posição número cinco e o *single* iria para o número sete. A indústria fonográfica estava repleta de relatos de que os Doors estavam negociando com as gravadoras Atlantic e Columbia por somas sem precedentes. John, Ray e Robbie se reuniam ocasionalmente para tocar em seu estúdio de ensaio com Ray fazendo os vocais, preparando o material para o retorno iminente de Jim.

Foi nesta época que Jim, que tinha pouco ou nenhum conhecimento da ascensão recente, ligou para o escritório e disse a Bill Siddons que estava voltando a fazer música, mas que queria descansar um pouco mais. Mais tarde, naquela semana, ele telefonou no início da manhã para John Densmore e perguntou como estava o material. Quando John disse a Jim o quanto o álbum e o *single* estavam vendendo bem e o quanto a imprensa havia gostado dos discos, Jim ficou espantado.

– Se eles gostaram disso, esperem até que ouçam o que eu tenho em mente para o próximo – disse ele a John.

JIM ESTAVA PARECENDO um pouco mais saudável do que o habitual. Estava barbeado, tinha perdido um pouco de peso e uma mudança em seu guarda-roupa também havia feito diferença. Quando ele não estava olhando, Pamela jogara fora seus jeans antigos e sua jaqueta militar e o estimulara para que voltasse ao estilo

que usava na faculdade. Agora ele estava vestindo camisas de botão, calças cáqui e um pulôver com decote em V. Suas botas, desgastadas e quase podres, permaneceram.

Ao voltarem da Córsega ele havia contratado uma secretária particular, uma loura alta, magra, que parecia uma modelo vinda do Canadá e falava francês fluentemente, Robin Wertle. Robin havia trabalhado como agente, estilista e cuidando dos registros de um fotógrafo de moda. Ela se lembra que se conheceram quando o fotógrafo estava deixando Paris por dois meses...

– O que me deixava livre, então eu disse que faria aquilo. Nem Jim nem Pamela falavam francês, então era um pouco difícil para eles circularem.

O trabalho incluía "cuidar do apartamento – tudo, desde conseguir uma pessoa que fizesse a limpeza, datilografar cartas, fazer telefonemas para os Estados Unidos, comprar móveis, alugar uma máquina de escrever, tentar fazer contatos para que Jim mostrasse um de seus filmes".

Jim parecia estar tomando algumas medidas conscientes para resolver seus velhos demônios conflitantes, o estrelato e a individualidade. Mas os passos eram lentos e trabalhosos, e ele evitava pensar naquilo, se pudesse.

Hervé veio até eles com Yvonne no dia 11 de junho para ir com Jim e Pamela assistir *Le Regard du Sourd* [O Olhar do Homem Surdo], uma peça praticamente sem diálogo, cuja maioria dos personagens eram surdos-mudos. Quando Hervé e Yvonne chegaram ao apartamento da rue Beautreillis, Jim disse a Pamela que não iria – ele estava esperando seu querido amigo dos Estados Unidos, em vez disso. O amigo, e depois hóspede, era Alan Ronay.

Pamela saiu naquela noite com os chamados *minets*, jovens dândis franceses andróginos que usavam óculos de sol e calças brancas e falavam inglês rara e condescendentemente. Pamela os adorava. Jim os odiava e disse a Pamela que não gostaria de vê-la saindo com eles.

Algum tempo se passou. Ele viu seus velhos amigos Agnes Varda e Jacques Demy muitas vezes. Em 1968, Jacques tentou romper as barreiras do The Doors para conseguir que Jim estrelasse seu primeiro filme norte-americano, *Model Shop*. À época, ele era um cineasta muito aclamado por seu premiado *Les Parapluies de Cherbourg*. Agnes, sua esposa, se chamava de "avó da Nouvelle Vague" e certa vez tentou fazer com que Jim trabalhasse em seu documentário impressionista *Lions Love*.

Os três haviam se tornado amigos íntimos e ao longo dos anos Jim desenvolveu um carinho sincero por Agnes. Ela era uma mulher pequena, de apenas 1,60, mas muito intelectual, com uma voz rouca e uma personalidade marcante. Ela se identificava fortemente com a classe trabalhadora, dirigia deliberadamente um automóvel barato e admirava abertamente os jovens radicais pela rejeição aos valores da classe média.

Jim também se encontrou com Rory Flynn, a incrível e esguia filha de Errol que tinha sido uma das primeiras *groupies* do The Doors no Whiskey em 1966. Rory agora era modelo. Eles tiveram um almoço sóbrio.

Uma amiga de Pamela apareceu, encontrando-a no Cafe de Flore. Mais tarde, no apartamento no Marais, Jim disse à amiga que ele tinha sido convidado para fazer o papel principal na versão para o cinema de *Catch My Soul*, a adaptação musical de Otelo que havia sido encenada em Los Angeles com Jerry Lee Lewis no papel de Iago. Ele disse que o elenco do filme incluiria Tina Turner, Joe Frazier e Melanie. Disse que também tinha sido oferecido a ele um papel com Robert Mitchum na história alegórica de Norman Mailer sobre uma caçada de urso no Alasca, *Why are We in Vietnam*?

– Eu não vou fazer a peça – disse Jim – e acho que não farei o filme, porque isso tomaria muito do tempo em que eu poderia estar escrevendo.

Eles jantaram no Le Coupole, e no caminho para casa passaram por uma manifestação estudantil no bairro de St.-Michel. Os motins onde tijolos eram atirados estavam acontecendo todos os finais de semana, um resquício da greve nacional e dos tumultos estudantis de 1968. Jim e Pamela haviam sido pegos no meio de um poucas semanas antes. Todos concordaram que o tumulto os fascinava morbidamente, mas decidiram não parar para olhar.

Para a revista *Crawdaddy*, a amiga de Pam escreveu o seguinte:

> Jim parece muito melhor do que parecia há algum tempo, certamente melhor do que nos dias do julgamento em Miami. Ele alega ter parado de beber, perdeu bastante peso, mas a comida francesa lhe cobrou um preço e ele ainda não voltou a ser o vulto de calças de couro e de sombra esquelética que rondava Los Angeles como o Rei Lagarto.

Era o primeiro dia de julho e Paris estava incrivelmente quente. Jim havia caído em um lamaçal de desânimo terrível e assustador. Ele havia bebido muito, e agora estava tentando parar de uma vez por todas. Estava tentando escrever, tentando agarrar a depressão e utilizá-la em algo criativo – mas não teve sucesso. Ficava sentado na mesa de jantar, à espera de que as palavras viessem. O pouco que conseguia escrever estava aquém do padrão Morrison, e ele sabia disso. Ele ficava na frente do espelho por minutos, olhando dentro de seus próprios olhos em busca de uma resposta. Alan Ronay nunca o tinha visto tão mal, e Pamela estava assustada. Eles se revezavam tentando distraí-lo, tentando animá-lo, mas não conseguiam. Finalmente, na sexta--feira à noite, no dia 2 de julho, Alan sugeriu que os três jantassem em um café ao ar livre, não muito longe do apartamento de Morrison. Jim se recusava a deixar que sua condição fosse um fardo para seus amigos. Ele permaneceu estranhamente quieto, enquanto os ruídos da refeição substituíam a conversa ausente.

Depois do jantar, Jim pôde mostrar seu lado emocional, quando enviou um telegrama para Jonathan Dolger, seu editor, a respeito da capa da edição encadernada da Simon and Schuster de seu livro *The Lords e The New Creatures*.

Queria que a foto do “jovem leão”, de Joel Brodsky, fosse descartada e que a foto dele barbudo tirada por Edmond Teske, mais poética, a substituísse. Ele então levou Pamela para casa e foi sozinho ao cinema para ver um filme que Alan tinha recomendado (*Pursued*, com Robert Mitchum).

Onde Jim foi após o filme, ou *se* Jim chegou a ir ao cinema, é um assunto para se especular. Os vários relatos sobre aquela noite estão emaranhados em contradições. Alguns dizem que ele foi para o Rock’n’ Roll Circus, tão mergulhado na depressão que comprou um pouco de heroína e teve uma overdose no banheiro do bar, sendo então levado até a porta dos fundos e colocado em seu apartamento, na banheira. Outros dizem que ele deixou Alan e Pamela e seguiu direto para o aeroporto, onde foi visto embarcando em um avião. Ou talvez apenas tenha andado a noite toda. Ou tenha ido ao cinema e retornado ao apartamento, onde reclamou que não estava se sentindo bem e que ia tomar um banho. É esta última versão a que foi mais divulgada, mas o que quer que tenha acontecido naquela noite de sexta-feira, na segunda-feira de manhã, dia 5 de julho, havia rumores de que Jim estava morto.

Na segunda-feira os jornais nacionais de Londres começaram a ligar para os escritórios ingleses da Elektra Records. Lá ninguém pôde confirmar que Jim estava vivo. Os jornais tinham ouvido falar que ele tinha sido encontrado morto em seu apartamento em Paris. Como este rumor começou? Era verdade, desta vez? Clive Selwood, que dirigia o escritório inglês da Elektra, ligou para o escritório da companhia na França para que fosse feita uma verificação. A Elektra francesa nem sabia que Jim estava na França. Clive então ligou para a embaixada norte-americana e para a polícia de Paris. Ambos negaram qualquer conhecimento da morte de um norte-americano chamado Jim Morrison.

Clive decidiu esquecer, provavelmente mais um alarme falso. Ele tinha quase se convencido quando dois dos principais semanários de rock ingleses telefonaram para ele, um logo após o outro. Clive disse a eles o pouco que sabia. Então decidiu ligar para Bill Siddons, em Los Angeles. Por causa da diferença de tempo, ele acordou Bill.

– Bill – disse ele –, eu não consigo confirmar, de jeito nenhum, mas estamos tendo relatos de que Jim morreu.

Bill quase riu.

– Ora, pare com isso, Clive – e disse que estava voltando para a cama. Quando ele não conseguiu dormir de novo, decidiu ligar para o próprio Jim. Pamela atendeu o telefone e disse que era melhor ele vir imediatamente, como se Bill tivesse apenas que dobrar a esquina. Pamela não gostava muito de Siddons, mas sabia que ele cuidaria de tudo. Bill ligou para o aeroporto a fim de fazer reservas para o próximo voo disponível. Então ligou para Ray e o acordou.

– Ouça, Ray, *pode ser* que Jim esteja morto. Eu não sei se é verdade ou não desta vez. Acabei de falar com Pam e ela foi vaga. Quer que eu voe para lá

imediatamente. Estou indo agora.

– Oh, Jesus – Ray murmurou. – Bem, vá até lá e nos avise assim que souber de qualquer coisa.

Bill garantiu a Ray que faria isso, e pediu a ele que ligasse para os outros caras, mas que não se esquecesse de dizer que aquele podia ser mais um alarme falso.

– Estou indo no próximo voo – disse Siddons.

– Oh, Bill – Ray acrescentou. – Eu não quero parecer mórbido, mas por favor certifique-se.

– Certifique-se de que, Ray?

– Eu não sei, cara, apenas *certifique-se*.

Siddons chegou em Paris na terça-feira, dia 6 de julho. Foi recebido no apartamento por Pamela, um caixão lacrado e uma certidão de óbito assinada. Arranjos para o funeral foram rápida e secretamente confirmados. No dia 7 de julho Pamela assinou o atestado de óbito na embaixada dos EUA, identificando Jim como James Douglas Morrison, um poeta. Disse que não havia parentes vivos. A causa oficial da morte foi estabelecida como ataque cardíaco.

Siddons foi eficiente, e na tarde de quarta-feira o caixão foi baixado no chão do Père La Chaise, um cemitério que Jim havia visitado recentemente como turista, procurando os túmulos de Edith Piaf, Oscar Wilde, Balzac, Bizet e Chopin. Cinco enlutados estavam presentes: Pamela, Siddons, Alan Ronay, Agnes Varda e Robin Wertle. Eles jogaram flores sobre o túmulo e se despediram.

Bill ajudou Pamela a empacotar seus pertences e na quinta-feira os dois voltaram a Los Angeles, onde ele declarou o pouco que sabia. Pamela, alegou-se, estava em estado de choque, repousando.

(Patricia Kennely)

ATÉ HOJE ALGUMAS pessoas ainda se perguntam: Jim Morrison está *realmente* morto? E *como* ele morreu?

Mesmo antes de sua morte – supondo que ele esteja *mesmo* morto – Jim era aquele tipo raro de pessoa sobre quem rumores de morte muitas vezes circulavam. Quando Jim Morrison estava em seu auge heroico, ele "morria" quase todo fim de semana, geralmente em um acidente de carro, muitas vezes caindo de uma varanda de hotel, onde ele estaria se mostrando para amigos, e às vezes por uma overdose de algo alcoólico, alucinógeno ou sexual.

Como ele morreu? Ao longo dos anos tem havido inúmeras teorias, algumas delas originadas de uma estranha decepção. Muitos alegaram, com ampla razão, que era totalmente fora das características de Jim a maneira que Siddons informou: um ataque cardíaco em uma banheira.

A história oficial é a seguinte: Pam e Jim estavam sozinhos no apartamento (pouco depois da meia-noite de sábado, 3 de julho de 1971) quando Jim começou a regurgitar uma pequena quantidade de sangue. Ele tinha feito isso antes, Pam disse, e embora ela tenha ficado preocupada, não ficou realmente perturbada. Jim alegou que se sentia bem e disse que ia tomar um banho. Pamela adormeceu novamente. Às cinco da manhã ela acordou, viu que Jim não havia voltado para a cama, entrou no banheiro e o encontrou na banheira com os braços apoiados sobre as laterais da porcelana, sua cabeça para trás, seu cabelo longo e molhado de encontro à borda, com um sorriso de menino em seu rosto bem barbeado. A princípio Pamela pensou que ele estava fazendo uma de suas brincadeiras macabras, mas depois chamou os paramédicos dos bombeiros. Um médico e a polícia chegaram depois, disse Pamela, mas todos haviam chegado tarde demais.

Um fator que causou grande parte da descrença inicial foi o tempo em que as coisas aconteceram. Bill contou sua história à mídia *seis* dias depois da morte de Jim, dois dias após o funeral.

– Eu acabei de voltar de Paris, onde compareci ao funeral de Jim Morrison – Siddons disse em uma declaração preparada (divulgada por uma empresa de relações públicas em Los Angeles). – Jim foi enterrado em uma cerimônia simples, com apenas alguns amigos íntimos presentes. A notícia inicial de sua morte e o funeral foram mantidos em segredo porque aqueles de nós que o conhecíamos intimamente e o amávamos como pessoa queríamos evitar toda a notoriedade e a atmosfera circense que cercou as mortes de outras personalidades do rock, como Janis Joplin e Jimi Hendrix.

– Posso dizer que Jim morreu pacificamente, de causas naturais – ele estava em Paris desde março com sua esposa, Pam. Ele havia consultado um médico em Paris a respeito de um problema respiratório e havia reclamado desse problema no sábado, o dia de sua morte...

Nos dias que se seguiram, Siddons não deu mais nenhuma informação, pois ele não as tinha.

Outro fator que causou grande parte da descrença foi o fato de que Siddons nunca viu o corpo. O que ele viu no apartamento de Jim e Pamela foi um caixão

selado e uma certidão de óbito com a assinatura de um médico. Não havia nenhum relatório da polícia, nenhum médico presente. Nenhuma autópsia foi conduzida. Tudo o que ele tinha era a palavra de Pamela dizendo que Jim estava morto.

Por que não houve autópsia?

– Apenas porque nós não queríamos fazer isso desta forma. Nós queríamos deixar Jim descansar. Ele morreu em paz e com dignidade.

Quem era o médico? Siddons não sabia; Pamela não se lembrava. Mas assinaturas podem ser forjadas ou compradas.

De qualquer forma, esta é a história oficial de como Jim Morrison morreu. As outras histórias contadas são mais bizarras e, talvez, mais críveis.

Os parisienses acreditaram na heroína como sendo a causa da morte. Jim tinha sido um cliente regular do Rock'n' Roll Circus, o local da noite francesa então conhecido como um paraíso para o submundo da heroína local. Jim sempre havia gostado de ambientes degenerados: ele apreciava os extremos que a sociedade reprimia. Havia visitado as áreas marginais tanto de Los Angeles quanto de Nova York várias vezes. Ele ia regularmente ao Circus, as pessoas o conheciam. No entanto, a curiosidade de Jim era, provavelmente, mais a de um espectador do que a de um participante. Ele bebia nas áreas marginais, mas as chances de que ele tenha se injetado no Circus eram poucas. Primeiro, tinha um medo antigo de agulhas. Se ele se injetou naquela noite em Paris, teria sido a primeira vez, embora provavelmente a tenha cheirado antes. Ainda assim, Jim não foi encontrado na banheira, geralmente o primeiro lugar para onde uma vítima de overdose é levada para que seja reanimada? E algumas das pichações em sua sepultura no Père La Chaise, "Tenha piedade dos drogados" e "Injetem" não apoiam a crença de que foi uma overdose e não um ataque cardíaco?

Se Jim tivesse uma overdose, o médico provavelmente teria notado as marcas de agulha. No entanto, se ele tivesse cheirado a heroína, não haveria nenhuma maneira de detectá-la sem tirar uma amostra de sangue. Sem a autópsia, jamais saberemos. É possível, no entanto. A quantidade de heroína inalada que é letal é consideravelmente inferior quando combinada com o álcool. Os dois agem em conjunto para paralisar o sistema nervoso central e o sistema respiratório, resultando em uma morte rápida e indolor.

Outras teorias abundam em um círculo de amigos de Jim. Um deles clama que ele morreu quando alguém arrancou seus olhos com uma faca ("para libertar sua alma", como conta a história). Outro falava sobre uma amante rejeitada matando-o à distância, de Nova York, por bruxaria. Ainda outras teorias afirmam que Jim foi vítima de uma conspiração política que visava desacreditar e eliminar o estilo de vida hippie/da Nova Esquerda/da contracultura (na verdade, supõe-se que este teria sido um amplo, universal e conectado conjunto de conspirações que incluem os tiroteios em Kent State e Jackson State, os motins em Isla Vista, os bombardeios em Weathermen, as duras sentenças de prisão dadas a Timothy Leary e ao Chicago

Eight, os assassinos de Charlie Manson – sem mencionar as mortes de Jimi Hendrix e Janis Joplin, e de mais de 24 Panteras Negras). Jim era certamente bastante popular e, o que era mais ameaçador, inteligente o suficiente para fazer com os poderes tivessem toda a razão para tomar algum tipo de ação para impedir sua influência subversiva. Certamente as autoridades tinham receio dele, o que fica provado pela profunda investigação do FBI sobre seu passado após a prisão em Miami.

Outros, menos propensos a acreditar na conspiração, acreditam que Jim morreu de overdose de cocaína, uma droga que ele certamente gostava, e que, no entanto, é muito menos letal que a heroína, mesmo quando usada em grande quantidade. Outros ainda afirmam que Jim provavelmente morreu de "causas naturais", mas que Pamela não estava lá quando isso aconteceu. Talvez ela tivesse saído no fim de semana para ficar com o conde, só voltando na segunda-feira e descobrindo que Jim estava morto, o que explicaria o atraso na notícia. Algumas pessoas simplesmente dão de ombros e dizem que, com exceção das histórias de assassinato, não importa exatamente como ele morreu – se de overdose de alguma coisa, se teve um ataque cardíaco, ou se simplesmente bebeu até morrer (como tantos imaginavam desde o início). O que é mais importante em tudo isso é a palavra "suicídio". De uma forma ou de outra, Jim teria morrido de auto--abuso, e descobrir como isso aconteceu é apenas uma questão de determinar o calibre da pistola metafórica que ele segurou contra sua própria cabeça.

A verdade é que ninguém sabe ao certo como Jim Morrison morreu. Se alguma vez houve um homem que estava pronto, disposto e capaz de morrer, era Jim. Seu corpo era velho e sua alma estava cansada.

Por outro lado, há aqueles que não vão acreditar em nada disso. Jim Morrison *não* está morto, dizem eles. Isto não é tão improvável quanto possa parecer. Se alguma vez houve um homem que estava pronto, disposto e capaz de desaparecer, este também era Jim. Seria algo em perfeita consonância com seu caráter imprevisível que ele encenasse sua própria morte como um meio de escapar de sua vida pública. Ele estava cansado de uma imagem que tinha crescido demais, mas que não podia diminuir nem eliminar. Ele tinha procurado credibilidade como poeta só para ver suas tentativas frustradas por seu apelo como herói cultural. Gostava de cantar e realmente amava o talento que os Doors eram, mas também procurava desesperadamente alívio para as pressões que o estrelato trazia. Talvez ele não tivesse feito, no fim de semana de 3 para 4 de julho, nada além de sair dos holofotes para encontrar a paz para escrever e a liberdade do anonimato.

Certamente, as sementes de tal farsa foram plantadas: No Fillmore, em São Francisco, no início de 1967, quando os Doors ainda não tinham gravado um disco de sucesso, Jim sugeriu que simulassem uma morte para chamar a atenção nacional para a banda. Também houve o seu comentário sobre usar o nome de Mr. Mojo Risin' para entrar em contato com o escritório depois de "fugir para a África". Além

disso, ele disse para ambos os autores deste livro, em diferentes momentos, que poderia ser ele mesmo mudando de carreira radicalmente, reaparecendo como um homem de negócios de terno e gravata. Steve Harris, o assistente de Jac Holzman, lembra claramente de Jim perguntando a ele, depois da morte de Brian Jones, o que aconteceria se ele morresse de repente. Como isso afetaria os negócios? Jim queria saber. O que a imprensa diria? E quem acreditaria nisso?

As sementes foram plantadas ainda mais cedo em sua vida. Quando Jim estava estudando a vida e a poesia de Arthur Rimbaud, ele foi ficou fascinado pelo fato de que Rimbaud tinha escrito toda a sua poesia aos 19 anos e, em seguida, desaparecido na África do Norte para se tornar um vendedor de armas e um traficante de escravos. Com Mary Frances Werebelow, Jim tinha tido longas conversas investigatórias sobre como os discípulos tinham roubado o corpo de Cristo da cripta, brincando sobre o “Easter Heist” (Roubo da Páscoa), mas lidando com isso de forma séria e lógica.

Todos os amigos mais próximos de Jim concordam (e alguns insistem), que este não somente é o tipo de brincadeira que Jim faria... Mas com a ajuda dedicada de Pamela, na verdade, ele poderia colocá-la em prática com êxito.

Agnes Varda e Alan Ronay não falam sobre isso. Robin Wertle e Hervé Muller juram que não sabem de nenhum detalhe especial. Siddons sabe apenas o que viu e o que foi contado por Pamela. E Pamela levou o segredo para o túmulo, quando morreu três anos depois de Jim.

E até hoje ainda não houve notícia de Mr. Mojo Risin’.

106. Dança norte-americana popular nos anos 1950.

Segunda foto do grupo
para divulgação da banda.

(Elektra Records)

EPÍLOGO

É CLARO, o mistério ligado à alegada morte de Jim contribuiu muito para tudo o que se seguiu. O mundo ocidental deixa seus heróis partirem relutantemente, e quando começaram a circular rumores de que Jim poderia não estar morto, ele se juntou a um pequeno panteão de figuras heroicas (e frequentemente terríveis) cujos admiradores (e fortes detratores) preferem acreditar que ainda vivem. Desta forma, Hitler sobreviveu, assim como James Dean e o presidente Kennedy e, alguns anos mais tarde, o falecido Elvis Presley foi visto em todos os lugares com um cheesebacon na mão. Nada mudou muito desde então. Conforme o tempo passou, alguns amigos de Jim e Pamela começaram a falar sobre o que eles sabiam e, apesar de tudo o que disseram apontar irrefutavelmente para a morte de Jim, existiram, e provavelmente sempre existirão, aqueles que se recusam a acreditar que Jim está morto e não permitirão que ele descanse em paz.

Certamente isso é verdade no Père La Chaise Cimetière, onde em pouco tempo as lápides do cemitério foram pichadas com setas apontando o caminho para um túmulo que, à época, estava sem marcas, a não ser por um letreiro feito à mão, circundado por conchas, e pelos fãs sempre presentes, levando flores, incensos e poemas, que passavam o dia e a noite em meditação silenciosa ou bebendo e se drogando.

Pamela voltou para a Califórnia após o funeral e se mudou para uma pequena casa em Sausalito ocupada por sua velha amiga e assessora de Jim, Diane Gardiner, que estava trabalhando então para o Jefferson Airplane. Diane me disse, muito mais tarde, que Pamela “estava realmente péssima, devastada”. De fato, o sofrimento de Pam foi além das lágrimas e da dor: ela ficou em estado de choque. É triste dizer isso, mas Pamela, a “companheira cósmica” de Jim, nunca se recuperou da morte de seu amor. Não foi algo surpreendente que ela tenha procurado consolo e alívio em opiáceos e analgésicos, dos quais a heroína é a mais potente.

Ao mesmo tempo, ela estava lutando bravamente para ser reconhecida como esposa legal de Jim. No início pensou que seria fácil. Jim tinha feito com que seu advogado, Max Fink, esboçasse um testamento em 1969, nomeando-a sua única herdeira. (No caso de ela morrer, os bens de Jim deveriam ser divididos igualmente entre seu irmão e sua irmã; seus pais não foram mencionados). Em novembro de 1971, ela preencheu uma “declaração para pensão de viúva”, pedindo um cheque mensal a ser retirado dos bens, que estavam à época em inventário. Nessa declaração, disse que ela e Jim tinham preenchido os requisitos do Colorado para o reconhecimento de união estável durante uma visita ao local feita pelos Doors em 1967. Ela declarou que desde aquela época Jim pagava todas as suas despesas e que viviam como marido e mulher.

Mas isso acabou não sendo tão simples assim. Um mês depois de ela ter pedido a pensão, Max Fink e o outro advogado de Jim em Miami preencheram uma reivindicação do espólio, buscando uma compensação financeira pelo tempo e serviço deles. Atormentada, impaciente e sem dinheiro, Pam contratou um advogado após o outro, cada um reivindicando do espólio o recebimento por seus serviços. Assim, por mais de dois anos os bens ficaram congelados enquanto Pamela se mudava de uma casa de amigos para outra, voltando depois para West Hollywood, onde ela conseguiu viver em um apartamento simples, mas confortável, de um quarto.

Um acordo foi feito em 1974 e, enquanto uma prestação de contas final do espólio estava sendo feita, Pam morreu de overdose de heroína. Apenas alguns dias antes ela havia sido reconhecida como a herdeira que alegava ser. Pamela não deixou testamento, então os bens dela (de Jim) foram para seus familiares mais próximos, seus pais, que prontamente notificaram o tribunal sobre o direito deles. Em seguida, os pais de Jim, que naquela época não estavam vivendo muito longe de Pamela em Orange County e que tinham se contentado em respeitar a vontade de seu filho em relação à garota que ele mais havia amado, agora reclamavam seu direito em relação àqueles bens. Isto levou o espólio de volta aos tribunais, e foi em 1979 que eles concordaram em dividir os ganhos de Jim igualmente. Naquele momento, Jim Morrison era quase maior “morto” do que havia sido em vida.

Em 1977 os três Doors se reuniram para musicar as poesias que Jim havia gravado em seu aniversário de 27 anos. O resultado disso, o LP *An American Prayer*, foi um verdadeiro trabalho de amor. Ray Manzarek, Robby Krieger e John Densmore tinham dado a Jim o que ele não havia vivido para completar – o seu álbum de poesias. O LP foi nomeado para um Grammy na categoria Melhor Palavra Falada.

Foi em 1979 que o culto floresceu, quando Francis Ford Coppola, que estava apenas um ano ou dois à frente de Jim e Ray na UCLA, usou “The End”, na sequência de abertura de seu filme *Apocalypse Now*. A Elektra Records finalmente lançou o tão esperado *The Doors Greatest Hits*, que logo se tornou o mais rápido e mais vendido álbum do The Doors até hoje. Quando este livro foi publicado, um ano depois, ele disparou para a posição número um na lista de best-sellers do *New York Times*, permanecendo lá por nove meses. Dentre os livros biográficos do rock, nem mesmo a história autorizada dos Beatles por Hunter Davies tinha tido um sucesso tão grande. Com o sucesso de *Ninguém sai vivo daqui*, as biografias do rock rapidamente se tornaram uma nova categoria no mercado editorial. Não demorou muito para que chovessem ofertas pelos direitos de filmagem deste livro.

Ao livro se seguiu um documentário de uma hora – que ainda passa na TV a cabo – e, depois de um tempo, meu coautor Danny Sugerman reuniu em um formato luxuoso seu “rascunho” original dos Doors na intimidade, acompanhado por quase uma centena de fotografias nunca vistas antes e publicadas como *The Doors*

Illustrated History. Os Doors sobreviventes gravaram dois álbuns como um trio e em seguida Ray deixou a banda, querendo gravar as músicas que iriam compor seu primeiro álbum solo, *The Golden Scarab*. Robby e John começaram a trabalhar formando sua própria banda, e o The Doors, como uma entidade performática, foi aposentado à medida que seu catálogo de música começou a exercer uma força própria. O grupo deixou que o catálogo existente dos Doors falasse por si próprio. O que ele fez, em voz alta e insistente.

Neste meio tempo o rock mostrava nos cinemas sua importância – com o lançamento de *Embalos de sábado à noite*, *Grease*, *The Buddy Holly Story*, *The Rose* (inspirado na vida de Janis Joplin) e *The Blues Brothers*. Então, dezenas de produtores, diretores, atores e roteiristas competiram pelos direitos de fazer um filme baseado na vida de Jim.

Através dos anos 1970 e 1980, Hollywood veio bater na porta do The Doors, procurando os direitos da música da banda, considerada essencial para a realização de um filme. Francis Coppola, Martin Scorsese, o produtor de *Grease* Allan Carr, William Friedkin (diretor de *O Exorcista* e *Conexão França*), Martin Sheen, Brian De Palma, Paul Schrader, e não se sabe quantos outros mais quiseram produzir ou dirigir. A lista dos que viveriam Morrison era outro Quem é Quem do showbiz, incluindo John Travolta, Keanu Reeves, Timothy Bottoms, Harry Hamlin, Michael Ontkean, o vocalista do INXS Michael Hutchence, Jason Patric, Richard Gere e Tom Cruise. O The Doors cuidadosamente se reuniu com os interessados, mas nada parecia se ajustar até que o três vezes vencedor do prêmio da Academia, o diretor Oliver Stone, entrou em cena, através de Danny Sugerman, de quem Stone havia comprado os direitos do livro *Wonderland Avenue* – antes de seu grande sucesso, *Platoon*.

Em última análise, Oliver retratou Jim como um idiota alcoólatra e auto-indulgente. Ele era isso tudo, é claro. Mas ele também era muito mais: inteligente, sensível, generoso, encantador. Parecia um garoto e era irônico. Sabia rir de si mesmo. E por mais que fosse um chato, ele nunca se levava a sério. E por mais que fosse difícil trabalhar com ele, as recompensas desse trabalho frequentemente superavam em muito as dificuldades.

Quando o filme anterior de Oliver, *Nascido em quatro de julho*, foi lançado, ele foi repreendido pela maneira como havia mudado os fatos do que deveria ser a história de um veterano do Vietnã que havia se voltado contra a guerra. Agora, Oliver estava fazendo a mesma coisa com a história de Jim e o The Doors. Os personagens estavam se misturando. A cronologia foi ignorada. Algumas das cenas mais impetuosas do filme eram ficcionais. Por exemplo, Oliver retrata Ray, Robby e John vendendo “Light My Fire” para a Buick para uso comercial na TV, quando tal fato nunca aconteceu. Na verdade, até hoje, quando músicas da década de 1960 aparecem em anúncios da TV e de rádio, o The Doors, apesar dos milhões de dólares oferecidos a cada ano, continuam recusando todas as ofertas comerciais.

Os Courson solicitaram e conseguiram o direito de administrar a poesia de Jim no tribunal que cuidava da divisão de seu espólio e, com a aprovação e participação deles, Frank Lisciandro editou e reuniu duas coleções póstumas, e estava trabalhando em uma terceira. No entanto, ainda demorou quinze anos após a morte de Jim para que este projeto fosse sancionado e para que os diários e cadernos de Jim chegassem às prateleiras das lojas. Por que esta demora, uma vez que a vontade de Jim de ser reconhecido como um poeta era tão conhecida? Quando em 1986 uma licitação febril começou sobre a recém-descoberta poesia manuscrita de Jim Morrison, os Courson correram para afirmar a propriedade legítima da poesia, e em seguida não perderam tempo em vender o material retirado de cadernos que estava na posse deles o tempo todo.

No momento em que o filme finalmente apareceu, no outono de 1990, a mídia estava em um frenesi crescente. O rosto de Jim enfeitava literalmente dezenas de capas de revistas e as músicas do The Doors eram ouvidas por mais pessoas do que antes. Milhões de pessoas que nunca tinham ouvido falar do grupo agora o descobriam em uma onda de excitação.

Paris nunca tinha visto nada parecido. E certamente ninguém no cemitério também, mesmo cansados como deviam estar com a presença de tantas pessoas visitando os túmulos das celebridades. Para surpresa destas pessoas, desta vez havia tantos fãs visitando o túmulo de Jim que o cemitério foi identificado como sendo a terceira atração turística mais popular de Paris, atrás da Torre Eiffel e do Museu do Louvre. No dia 3 de julho de 1991, o vigésimo aniversário da morte de Jim, tantos milhares de pessoas fizeram a peregrinação que um tumulto aconteceu.

Desde então, a administração do cemitério colocou um guarda na sepultura e decidiu que o cantor problemático deveria ser exumado e enterrado em outro lugar, assim que fosse legalmente possível. Os túmulos não são vendidos, mas alugados no Père La Chaise, e quando Jim morreu, Pamela fez um contrato de apenas trinta anos, indo até 2001. Embora os pais de Jim tenham assumido a responsabilidade de limpar o grafite dos túmulos adjacentes – depois que as famílias das pessoas enterradas em túmulos próximos os processaram –, eles foram informados que no dia 6 de julho de 2001, trinta anos depois que o poeta foi enterrado, ele deveria ser desenterrado e colocado em outro lugar – em qualquer outro lugar.

Houve mais controvérsia a respeito de como Jim morreu. Durante os preparativos para o lançamento do filme e nos meses que se seguiram, novas informações foram disponibilizadas. Em primeiro lugar, os documentos oficiais da polícia de Paris foram descobertos. Estes apenas acrescentaram detalhes à história oficial de que Jim havia morrido de ataque cardíaco na banheira. Mas então, depois de vinte anos de silêncio, Alan Ronay e Agnes Varda, dois dos cinco presentes no funeral, deram uma entrevista à *Paris-Match* dizendo que Pamela havia ligado para eles depois de encontrar Jim morto. Eles correram para o apartamento de Morrison, onde encontraram os bombeiros e a polícia já no local.

Disseram a eles que os esforços de ressuscitação cardiopulmonar não deram resultado e que o corpo de Jim tinha sido levado do banheiro para a cama. Um médico chegou. Pamela disse à polícia no local, e também mais tarde em seu depoimento, que Jim nunca havia usado drogas e que ele tinha um problema respiratório, complicado por uma tosse crônica. Ela disse que ele tinha um histórico de asma e era um fumante inveterado. O médico examinou o corpo, não encontrou nenhuma evidência de ato criminoso – como marcas de perfuração que poderiam ser causadas pelo uso de drogas intravenosas – e disse que a morte era devida a causas naturais, um "infarto do miocárdio", ou ataque cardíaco. Nenhuma autópsia foi exigida pelas circunstâncias e Pamela foi autorizada a continuar com os planos para o funeral.

Agora, vinte anos depois, Ronay e Varda diziam ao *Paris-Match* que Jim e Pamela compartilharam um pouco de heroína – Jim, talvez, pela primeira vez – depois de uma noite de bebedeira em bares. Jim colocou uma fita do primeiro álbum do The Doors no sistema de som e eles dormiram. Pamela disse ter sido acordada pela tosse de Jim. Ele disse que queria tomar um banho. Pam voltou a dormir, acordou poucos momentos depois e foi para o banheiro, onde encontrou Jim na banheira, queixando-se de que ia vomitar. Por três vezes Pamela trouxe uma panela da cozinha para ele, limpando-a em uma pia próxima a cada vez que vomitava. Ela disse a Varda e Ronay que Jim pareceu se recuperar, dizendo-lhe que voltasse para a cama. Disse que iria se juntar a ela em um minuto. Na próxima vez que Pamela acordou, chamou a polícia.

O que se deduz é que Jim tenha morrido de uma overdose acidental, que a heroína e o álcool tenham agido de forma sinérgica, quando a ação conjunta de drogas consumidas juntas aumenta a eficácia de cada uma delas. Em outras palavras, um mais um é igual a três. Quando *Ninguém sai vivo daqui* foi publicado pela primeira vez em 1980, o livro terminou de forma ambígua (como demonstrado no capítulo anterior, que não sofreu nenhuma edição). Ele deixa em aberto a causa da morte, dando a entender que, na verdade, James Douglas Morrison, o poeta norte-americano, pode até mesmo estar vivo. Danny e eu fizemos isso por várias razões. Primeiro, nós realmente não sabíamos como Jim morreu. Danny falou com Pamela e, segundo ele, ao mesmo tempo em que ela parecia atormentada pela culpa – uma opinião compartilhada por Diane Gardiner –, a maior parte do tempo em que falava sobre Jim ela era radicalmente incoerente, alternando entre as afirmações "não foi minha culpa" e "se ele está vivo, dará notícias".

Nós também acreditávamos que aquilo fazia sentido. Jim tinha ido a Paris para fugir da fama e da notoriedade, e a morte era o próximo passo lógico, mesmo que esta não fosse a verdade verificável. E nós achamos que Jim teria adorado um final aberto para sua história. Conforme detalhado no último capítulo, Jim reverenciava o poeta francês Rimbaud, que encenou sua própria morte – uma farsa –, e desaparecer desta forma foi algo que Jim mencionou muitas vezes.

Ninguém nunca saberá exatamente o que aconteceu naquela noite. Apenas Pamela estava lá e ela pode não ter estado acordada ou sóbria o suficiente para saber e, se estava, levou o segredo para o túmulo, deixando para trás um rastro de histórias contraditórias.

No entanto, isso não é suficiente para explicar a popularidade duradoura de Jim e do The Doors. Deve existir algo mais do que isso para que Wallace Fowlie, professor da Duke University e crítico literário, escrevesse um livro chamado *Rimbaud e Jim Morrison: os poetas rebeldes* e para que muitas outras faculdades e universidades incluíssem a poesia de Jim em seus currículos. Também não é o suficiente para deixar claro por que o primeiro livro de poemas de Jim, *The Lords e The New Creatures* chegou, em 1995, à sua 31ª impressão. Quando *Ninguém sai vivo daqui* foi publicado em 1980, o livro de poesia estava fora de catálogo e indisponível. Na verdade, todas as principais editoras da Costa Leste tinham visto o manuscrito original de *Ninguém sai vivo daqui* em 1976 e afirmaram com grande convicção que o tempo de Jim já tinha passado. Quando o livro foi lançado com enorme e inesperado sucesso, os editores correram para publicar mais uma edição de *The Lords and The New Creatures*. (Os outros livros de Jim venderam mais ainda. *Wilderness* entrou para a lista dos mais vendidos do *New York Times* em seu lançamento, uma verdadeira raridade para um poeta americano.) Também não explica a composição demográfica do seu séquito, que agora inclui um público internacional de pessoas que não eram nascidas quando os Doors estavam gravando seus sucessos. O The Doors é uma das poucas bandas que atrai tanto o público jovem da MTV quanto o público mais velho da VH1; as rádios universitárias e de rock "clássico", as rádios alternativas e AOR (*"album-oriented rock"*[107]) – a música dos Doors encontra uma lugar nos *playlists* de todas as pessoas.

Obviamente, Jim havia se tornado não alguém que poderia ou não estar morto – uma figura heroica cujos seguidores negam que seja inteiramente mortal –, mas um símbolo vivo da rebeldia, do afastamento e da busca, temas tão universais quanto atemporais, especialmente para os jovens. Jim foi, para mim, o único representante totalmente honesto do "conflito de gerações" que já conheci. Os *generation gappers* eram as pessoas que rejeitavam os conceitos de seus pais. (Outro tema que não tem a ver com variações de tempo ou espaço.) Jim não apenas negava as ideias e valores de seus pais: ele negava até mesmo a existência deles, insistindo que estavam mortos.

Ele também rejeitava o materialismo. Muitas outras estrelas de rock da época falavam sobre levar uma vida simples e próxima da natureza, mas a maioria delas comprava carrões, grandes casas e adquiriam hábitos extravagantes em relação às drogas assim que os royalties dos discos e os cachês dos shows tornavam isso possível. Jim comprou apenas uma propriedade, da qual eu nunca tinha ouvido falar, sem mencionar os investimentos duvidosos que o antigo contador dos Doors havia feito por eles – e esta era um pequeno chalé para Pamela. Ele comprou alguns carros – sempre norte-americanos –, mas geralmente andava ou pegava táxis. O

escritório dos Doors, o estúdio de gravação da Elektra, os bares em que ele bebia e os quartos de motel de dez dólares por noite em que vivia estavam dentro de um raio de quatro quarteirões. Normalmente tudo o que ele possuía, em qualquer momento de sua vida, era roupa suficiente para usar por uma semana, quatro ou cinco caixas de papelão com livros e um pacote com seis cervejas.

Mais do que a imagem, mais do que o estilo de vida, era a música do The Doors que sedimentava sua imortalidade.

Ele cantava sobre "o fim", sobre serpentes e cavalos que se afogavam em uma época em que outros artistas cantavam sobre colocar flores em seus cabelos e ficarem "doidões" com uma pequena ajuda de seus amigos. Ele incitava seus fãs a ampliarem seus limites pessoais, para que "rompessem até chegar ao outro lado"[108]. Ele vivia no limite, onde na verdadeira tradição dionisíaca e existencialista dizia "acordei esta manhã / peguei uma cerveja para mim / pois o futuro é incerto / e o final está sempre próximo"[109].

Ele disse a uma geração carente de amor que "a música é sua única amiga"[110]. Ele falava diretamente à dor da solidão: "Olá, eu te amo, você não vai me dizer seu nome?"[111] E: "Quando você é estranho, ninguém se lembra de seu nome... As pessoas são estranhas quando você é um desconhecido / os rostos não são amigáveis quando você está sozinho"[112]. Ele capturou a impaciência de uma geração que estava frustrada e com raiva pelo modo como as coisas estavam sendo feitas, "Nós queremos o mundo, e nós queremos agora!"[113]

No livro de John Densmore, *Riders on the Storm*, ele recordou como se sentia em relação a Jim, estimulado pela matéria na revista *Rolling Stone* (em 1981) cujo título era: "Ele é quente, ele é sexy, ele está morto". O artigo foi escrito por uma jovem mulher que estava no jardim de infância quando os Doors estavam em seu auge. Ela disse que o aspecto mais importante da popularidade contínua de Jim era que os jovens de todas as idades precisavam de "um ídolo que não fosse 'completamente careta'". O que isto fez, afirmou Densmore, foi dar a todos "permissão para farrear. Bom, então está feito, Dionísio", disse ele.

As pessoas faziam mais do que ler ou escutar a poesia de Jim. Viviam segundo ela. Não só na década de 1960, mas em cada década desde então.

Cerca de dois anos depois da morte de Jim, almocei com Pamela, que me perguntou por que eu estava escrevendo o livro. Eu disse simplesmente que era porque a morte de Jim tinha me afetado mais do que eu imaginaria, dado nosso grau de relacionamento, e eu queria saber o porquê disso. Ele e eu não tínhamos sido bons amigos, apenas "bons conhecidos". Disse a Pamela que eu também acreditava que Jim não havia recebido um tratamento justo por parte da imprensa quando estava vivo, e que o The Doors, como banda, raras vezes recebeu dos críticos os aplausos que merecia.

Devo acrescentar, como uma nota de rodapé, que quando terminei de escrever os

primeiros esboços do livro, não estava gostando de Jim Morrison tanto quanto gostava quando comecei. Talvez porque muitas das pessoas que entrevistei, seus amigos, os assim chamados amigos, os conhecidos e as amantes preferiram enfatizar as histórias mais negativas ou sensacionais. O quadro que surgiu disso na maioria das vezes era pouco simpático. Acho que quando Jim estava perto de mim, ele era bem educado. Mas, afinal, eu era a imprensa, escrevendo para a revista *Rolling Stone*.

Nunca descobri por que fiquei tão afetado pela notícia da morte de Jim. Talvez tenha sido pela mesma razão que tantos outros ficaram afetados.

A música dele me tocava.

Jerry Hopkins

107. Emissoras de rádios menos comerciais, voltadas para as canções lado B, menos populares e mais longas.
108. “Break on through to the other side.”
109. “Woke up this morning / got myself a beer / for the future is uncertain / and the end is always near.”
110. “Music is your only friend.”
111. “Hello, I love you, won’t you tell me your name?”
112. “When you’re strange, no one remembers your name... people are strange when you’re a stranger / faces look ugly when you’re alone.”
113. “We want the world and we want it now!”

POSFÁCIO

O POETA BLAKE DISSE: “A estrada do excesso leva ao palácio da sabedoria”. Jim Morrison compreendeu isso, e foi excessivo. Ou os poetas alcançam a sabedoria porque eles são, de fato, poetas, ou nunca chegam lá porque são loucos divinos. Esta é uma e a mesma coisa.

Outro provérbio de *O casamento do Céu e do Inferno*, de Blake, afirma que “a Prudência é uma solteirona velha, rica e feia, cortejada pela Incapacidade”. Jim não era prudente e por isso raramente conheceu a incapacidade. Jim era um herói metamórfico que nos emocionava com sua energia e ousadia. Ele percebia com os seus sentidos e os alterava com o álcool (sagrado para Dionísio, o deus do teatro e da embriaguez), com ácido e com o elixir interior de sua própria exaltação e exuberância. Jim foi um dos espíritos mais brilhantes que já conheci e um dos mais complexos – todos nós, seres mamíferos feitos de carne e nervos, estamos propensos a sermos complexos.

Jim era fascinado pela experiência de seus sentidos, e estava sempre encantado com a mudança em seu sistema nervoso. Quando ele deixou de ser o cantor / *sex symbol* vestido em couro do The Doors, ele se tornou uma bela ruína que floresceu em um roliço e melancólico cantor.

Uma das coisas que eu gosto sobre esta biografia é que ela mostra que Jim sabia que era um poeta. Esta foi a base da minha amizade e fraternidade com ele. Além disso, os autores reconhecem que Jim não era um materialista que corria atrás do dólar, como faziam muitos artistas do rock. A modalidade que Jim amava era aquela da experiência e da ação. Ele queria a transubstanciação da natureza material no ouro do prazer descontente.

Jim e eu nos encontramos em Londres para discutir um filme da minha peça, *The Beard*. Jim me encontrou no aeroporto e eu disse a ele sobre ter imaginado poetas românticos voando pelo céu noturno em torno do avião. Mostrei a ele um novo poema sobre Billy the Kid e ele espontaneamente escreveu um poema para Jean Harlow no meu caderno.

Fizemos um passeio de poetas pela cidade, das casas de *strip* do Soho ao Tate Museum, e então fizemos um passeio ao luar com o poeta Christopher Logue para ver o hospital que fica agora no local onde Blake viveu. Tornamo-nos *habitués* rápidos das casas de shows Bag of Nails e Arethusa’s, onde vimos Christine Keeler e estrelas de cinema, bebemos copos de Courvoisier e tivemos conversas filosóficas com diretores de cinema.

Em Londres vi os poemas de Jim pela primeira vez. À luz lúcida como de mescalina de uma ressaca, encontrei seus manuscritos de *The New Creatures* na

mesinha de seu apartamento na Belgravia e fiquei entusiasmado com o que li.

Não conheço nenhum poeta melhor da geração de Jim. Poucos foram figuras públicas ou artistas como ele (talvez Maiakóvski, na Rússia dos anos 1920 e 1930), e nenhum deles teve uma carreira tão breve ou tão poderosa.

Todo mundo já ouviu a música dos Doors e conhece a lenda pública, mas Jim era suscetível à possibilidade de que sua poesia fosse lida apenas porque ele era uma estrela do rock. Ele guardava seus poemas refletida e cuidadosamente, e trabalhava neles em segredo.

Quando vi seu manuscrito de *The New Creatures* em Londres, sugeri que Jim publicasse por conta própria, apenas para amigos e, em seguida, desse o livro para uma editora comercial, se quisesse. E foi isso que aconteceu. Jim era dois artistas em um só homem, o apaixonado e exaltado cantor (eu já vi Jim cantar por tanto tempo que o público teve que se sentar no chão para ouvi-lo) e o calmo e talentoso jovem poeta da página. Ele era Mr. Mojo Risin' e era James Douglas Morrison, um poeta de ascendência escocesa-norte-americana.

Fiz leituras de poesia com Jim e vi seu nervosismo e sua determinação para ser ouvido naquele nível. Escutei Jim em fitas, após sua morte, em um alojamento de caça que havia sido um forte alemão na África Oriental. Em todas as ocasiões escutei um artista.

Quando leio Jim, leio como o amigo de quem sinto falta. Sinto Jim comigo, como um irmão com quem posso conversar.

Como George MacDonald disse:

> Só a morte pode salvar da morte.
> Amor é morte, por isso é corajoso.
> O amor pode encher a cova mais profunda.
> O amor ama por baixo da onda.[114]

A presença e a arte de Jim criaram uma onda vibrante, e ele está lá como uma estátua brilhante cantando nas luzes do show e na amplificação. Mas seus poemas e canções continuam provando, com excelência, que só a morte pode salvar da morte.

Michael McClure

Agosto 1979

114. "Death alone from death can save. / Love is death, and so is brave. / Love can fill the deepest grave. /Love loves on beneath the wave."

AGRADECIMENTOS

No ano seguinte à suposta morte de Jim Morrison, Jerry Hopkins foi enviado para a Europa como correspondente itinerante da revista *Rolling Stone*. Isso facilitou para ele pesquisar os detalhes da única turnê europeia de Jim e dos outros Doors e os meses finais de Jim em Paris. Enquanto investigava o resto de sua vida, Jerry viajou de sua residência em Los Angeles até as antigas casas de Jim em Clearwater e Tallahasee, Flórida; Alexandria, Virginia; Alameda, Califórnia; bem como para Nova York, Atlanta e Valdosta (Georgia), São Francisco, Mammoth, Monterey (Califórnia) e Miami, Flórida.

Aqueles a quem ambos os autores se sentem especialmente em dívida incluem os três sobreviventes do The Doors, Ray Manzarek, Robby Krieger e John Densmore; Bill e Cheri Siddons, Frank e Kathy Lisciandro; Babe Hill; Leon Barnard; Paul Rothchild, Diane Gardiner, Paulo Ferrara, Bruce Botnick; Gloria Stavers; Michael McClure; Hervé Muller; Billy James; Denny Sullivan; Ronnie Haran Mellen; Jac Holzman; Dorothy Manzarek e Lynn Krieger.

Entre aqueles que ofereceram seu valioso tempo e suas memórias para Jerry estão: Patricia Kennely; Rosanna (White) Norton; Fred e liana Myrow; Tandy Martin Brody; Vince Treanor; Gerard (Fud) Ford; Phil Oleno; senhora Walter Martin, James Merrill; Randy Maney; Andy Morrison; Bob Hungerford; Ralph Turner; Sammy Kilman; Thad Morrison Jr. e Thad Morrison III; Margaret Morrison Blumberg; Nick; Pamela Zarubica; David Thompson; senhora Paul R. Morrison e John DeBella.

Entre as pessoas que Jerry entrevistou estão inclusos: Elmer Valentine; Mario; Larry Marcus; Harvey Perr; Sylvia Romano; Mike Gershman; Danny Fields; Jonathan Dolger; Judy Sims; David Anderle; Digby Diehl; Russ Miller; Mike Hamilburg; Michael Ford; Garry Essert; Julia (Brose) Densmore Negron; Gayle Enochs; Charles Lippincott; Barry Opper; Eva Gardonyi; John Ptak; Linda Kelly; Gay Blair; Bill Runyan; George (Bullets) Durgom; Salli Stevenson; Jac Ttana (Joe Kooken); Anne Moore; Bill Belasco; Ron Raley; Nina e Adam Holzman; Todd Schiffman; Paddy Faralla; Bill Kerby; Renata Eder; Sue Helms; Pamela Courson; Stanton Kaye; Naomi Grumette; Clare (Sparks) Loeb; Marshall Brevitz; Anne Schlosser; Paddy Monk; Judy Huddleston; Samatha Spitzer; Ellen Sander; Bill Graham; John Harris; Alan Weber; Bill Thompson; Ned Moraghan; Robin Wertle; Patricia Charley; Leslie Gilb; Steve Wax; Trina Robbins; Philippe Paringaux; Elizabeth (ZoZo) Larivière; Yvonne Fuka; Dominique Lamblin; Phil Trainer; Cameron Watson; Hervé de Lilia; Arthur Dorlag; Charles Reimer; Ashley Ahl; Joe Burke; Luther Davis Jr.; Tom Reese; Frances Warfield; Hilton Davis; Diane Warfield; Deucalion Gregory; Ihor Todoruk; James Blue; Colin Young; John Tobler; John Morris; Clive Selwood; David Apps; Elliott Kastner; Chris Greenwood; Rory Flynn; Gus Dana; Terence McCartney Filgate e Roger

Tomlinson.

Eu também gostaria de agradecer às seguintes pessoas: Rico Linnell; Kim Fowley; Iggy Pop; Alice Cooper; Patti Smith; Alan Lanier; Nigel Harrison; Jim Ladd; Shelly Ladd; Harvey Kubernick; Penelope Abrams; Mel Posner; Marty Fox; Bob Greene; Eric Rudolph; Elektra Records, NY e LA (especialmente as garotas da publicidade da Costa Oeste); Marcy Rudo; Dave Marsh e Todd Gray. E também à minha família: Barbara Reinhart; Ken Keyes; John Randell e Shep Gordon, todos dando inspiração para a minha missão e apoio, de uma forma ou de outra.

Devo muito ao Escritório de Informação Pública da Marinha dos EUA, no Pentágono; à Elektra Records Internacional; aos arquivos das revistas *Billboard* e *Cashbox;* ao *Miami Herald* e ao *Miami News Leader;* ao *Los Angeles Times*; ao *Melody Maker*; ao *New Musical Express*; à Rogers, Cowan e Brenner em Beverly Hills e em Londres; à Gibson e Stromberg; à Florida State University; à St. Petersburg Junior College; à George Washington High School; à revista *Crawdaddy*; à revista *Creem*; ao *The Village Voice*, à *Rolling Stone* e à revista *Circus*.

Jerry e eu gostaríamos de agradecer especialmente aos fãs do The Doors, de todos os lugares do mundo, que provaram que uma coisa boa nunca morre, que Jim Morrison e os Doors vivem através de suas letras e músicas.

Daniel Sugerman

DISCOGRAFIA

The Doors (EKS-74007)

(janeiro 1967): Break on Through, Soul Kitchen, The Crystal Ship, Twentieth-Century Fox, Alabama Song, Light My Fire, Back Door Man, I Looked at You, End of the Night, Take It as It Comes, The End

Strange Days (EKS-74014)

(outubro 1967): Strange Days, You're Lost Little Girl, Love Me Two Times, Unhappy Girl, Horse Latitudes, Moonlight Drive, People are Strange, My Eyes Have Seen You, I Can't See Your Face in My Mind, When the Music's Over

Waiting for the Sun (EKS-74024)

(julho 1968): Hello I Love You, Love Street, Not to Touch the Earth, Summer's Almost Gone, Wintertime Love, The Unknown Soldier, Spanish Caravan, My Wild Love, We Could Be so Good Together, Yes the River Knows, Five to One

The Soft Parade (EKS-75005)

(julho 1969): Tell All the People, Touch Me, Shaman's Blues, Do It, Easy Ride, Wild Child, Runnin' Blue, Wishful Sinful, The Soft Parade

Morrison Hotel (EKS-75007)

(fevereiro 1970): Roadhouse Blues, Waiting for the Sun, You Make me Real, Peace Frog, Blue Sunday, Ship of Fools, Land Ho!, The Spy, Queen of the Highway, Indian Summer, Maggie M'Gill

Absolutely Live* (EKS-9002)

(fevereiro 1970) (álbum duplo): Who do You Love, Medley: Alabama Song, Back Door Man, Love Hides, Five to One; Build Me a Woman, When The Music's Over, Close to You, Universal Mind, Break on Through #2, The Celebration of the Lizard, Soul Kitchen

13+ (EKS-74079)

(novembro 1970): Light My Fire, People are Strange, Back Door Man, Moonlight Drive, Crystal Ship, Roadhouse Blues, Touch Me, Love Me Two Times, You're Lost Little Girl, Hello I Love You, Wild Child, The Unknown Soldier

L.A. Woman (EKS-75011)

(abril 1971): The Changeling, Love Her Madly, Been Down so Long, Cars Hiss by My Window, L.A. Woman, L'America, Hyacinth House, Crawling King Snake, The WASP (Texas Radio & The Big Beat), Riders on the Storm

Weird Scenes Inside the Gold Mine+ (8E-6001)

(janeiro 1972) (álbum duplo): Break on Through, Strange Days, Shaman's Blues, Love Street, Peace Frog, Blue Sunday, The WASP (Texas Radio & The Big Beat), End of the Night, Love Her Madly, Spanish Caravan, Ship of Fools, The Spy, The End, Take It as It Comes, Running Blue, L.A. Woman, Five to One, Who Scared You, (You Need Meat) Don't Go No Further, Riders on the Storm, Maggie M'Gill, Horse Latitudes, When the Music's Over

The Best Of The Doors+ (EQ-5035)

(agosto 1973) (quadrafônico): Who Do You Love, Soul Kitchen, Hello I Love You, People are Strange, Riders on the Storm, Touch Me, Love Her Madly, Love Me Two Times, Take It as It Comes, Moonlight Drive, Light My Fire

An American Prayer (5E-502)

(novembro 1978): Awake, To Come of Age, The Poet's Dreams, World on Fire, An American Prayer (o álbum inclui Roadhouse Blues ao vivo, além de poesia recitada por Morrison e nova música feita pelos três Doors sobreviventes, além de um libreto colorido de oito páginas) (relançado em CD em maio de 1995 com três faixas bônus: The Ghost Song, Babylon Fading, Bird of Prey)

Greatest Hits* (5E-515)

(outubro 1980): Hello I Love You, Light My Fire, People are Strange, Love Me Two Times, Riders on the Storm, Break on Through, Roadhouse Blues, Not to Touch the Earth, Touch Me, L.A. Woman

Alive She Cried+ (60269)

(novembro 1983): Gloria, Light My Fire, You Make Me Real, The WASP (Texas Radio & The Big Beat), Love Me Two Times, Little Red Rooster, Moonlight Drive, Horse Latitudes

Classics* (60417)

(maio 1985): Strange Days, Love Her Madly, Waiting for the Sun, My Eyes Have Seen You, Wild Child, The Crystal Ship, Five to One, Roadhouse Blues (ao vivo), Land Ho!, I Can't See Your Face in My Mind, Peace Frog, The WASP (Texas Radio & The Big Beat), The Unknown Soldier

Live At The Hollywood Bowl+ (60741)

(junho 1987) (EP): Wake Up, Light My Fire, The Unknown Soldier, A Little Game, The Hill Dwellers, Spanish Caravan

The Doors: Best of (60345)

(junho 1987) (álbum duplo): Break on Through, Light My Fire, The Crystal Ship, People are Strange, Strange Days, Love Me Two Times, Five to One, Waiting for the Sun, Spanish Caravan, When the Music's Over, Hello I Love You, Roadhouse Blues, L.A. Woman, Riders on the Storm, Touch Me, Love Her Madly, The Unknown Soldier, The End

The Doors (61047)

(trilha sonora original do filme) (março 1991): The Movie, Riders on the Storm, Love Street, Break on Through, The End, Light My Fire, Ghost Song, Roadhouse Blues, Stoned Immaculate, The Severed Guardian Adagio, L.A. Woman, (faixa-bônus do CD) When the Music's Over

In Concert (61082)

(maio 1991) (CD duplo): (composto de gravações ao vivo encontradas anteriormente em Absolutely Live, Alive She Cried e Live At The Hollywood Bowl, com a exceção de "The End", gravação indisponível até então) House Announcer, Who Do You Love, Medley: Alabama Song, Back Door Man, Love Hides, Five to One; Build Me a Woman, When the Music's Over, Universal Mind, Petition the Lord with Prayer, Medley: Dead Cats, Dead Rats, Break On Through #2; The Celebration of the Lizard (incluindo: Lions in the Streets, Wake Up, A Little Game, The Hill Dwellers, Not to Touch the Earth, Names of the Kingdom, The Palace of Exile), Soul Kitchen, Roadhouse Blues, Gloria, Light My Fire (incluindo Graveyard Poem), You Make Me Real, The WASP (Texas Radio & The Big Beat),

Love Me Two Times, Little Red Rooster, Moonlight Drive (incluindo Horse Latitudes), Close to You, The Unknown Soldier, The End

Todas as gravações disponíveis pela Elektra Entertainment Group.

*** Disponíveis somente em cassete.**

+ Descontinuado.

VÍDEOS

ATRIBUTE TO JIM MORRISON
Warner Home Video
60 minutos
1981

DANCE ON FIRE
MCA
65 minutos
1985

LIVE AT THE HOLLYWOOD BOWL
MCA
60 minutos
1987

THE DOORS IN EUROPE
HBO
60 minutos
1989

THE DOORS ARE OPEN
Granada
52 minutos
1990

THE SOFT PARADE
MCA
50 minutos
Inverno de 1991

LIVROS

The Lords
Publicado particularmente, edição limitada de cem cópias, Western Lithographers, Los Angeles, primavera de 1969

The New Creatures
Pubicado particularmente, edição limitada de cem cópias, Western Lithographers, Los Angeles, verão de 1970

The Lords & The New Creatures
Simon & Schuster (capa dura), maio de 1970

An American Prayer
Publicado particularmente,edição limitada de quinhentas cópias, Western Lithographers, Los Angeles, verão de 1970

The Lords & The New Creatures
Simon & Schuster (brochura), outono de 1971

Wilderness — The Lost Writings of Jim Morrison
Villard Books, Nova York, 1988

The American Night — The Writings of Jim Morrison Volume 2
Villard Books, Nova York, 1990

Jerry Hopkins é o autor de 36 livros. *No Here Gets Out Alive*, a biografia de Morrison nº 1 em vendas pela lista do *New York Times* e *Elvis: The Biography* foram os primeiros livros escritos sobre estas pessoas e, juntos, venderam mais de seis milhões de cópias. A biografia de Morrison também foi a principal fonte para o filme de Oliver Stone, *The Doors*. Outros personagens das biografias de Hopkins são: Jimi Hendrix, David Bowie, Yoko Ono, Raquel Welch e Don Ho. Ele foi correspondente e editor da revista *Rolling Stone* por vinte anos, e escritor-produtor para Mike Wallace, Steve Allen e Mort Sahl, bem como para a ABC Television e a Universal Studios. Desde 1993 vive na Tailândia, dividindo seu tempo entre um apartamento em Bangkok e uma casa em uma fazenda perto da fronteira com o Camboja, onde ele escreve principalmente sobre o Sudeste Asiático.

Danny Sugerman nasceu em Los Angeles em 1954. Ele viu Jim Morrison e os Doors em um show em 1967 e isso mudou sua vida. Conseguindo um trabalho no escritório do The Doors, em West Hollywood, ele começou respondendo cartas de fãs e tornou-se assistente júnior. Apreciando sua capacidade de escrita ainda muito jovem, Morrison incentivou o rapaz a escrever sobre o que ele mais gostava: música. Sugerman teve seu primeiro artigo publicado quando ele tinha quinze anos, na revista *Creem*. Aos 24 anos, *No One Here Gets Out Alive* alcançou o nº 1 na lista dos mais vendidos do *New York Times*. Seu segundo livro, *The Doors Ilustrated History*, um livro oficial com fotos autorizado pelos Doors, vendeu mais de meio milhão de cópias. Dez anos após a publicação de *No One Here Gets Out Alive*, o romance autobiográfico de Sugerman, *Wonderland Avenue*, foi publicado com ampla aclamação. Seu próximo livro, *Appetite for Destruction*, é uma combinação de biografia com ensaio, baseado na imensamente popular e controversa banda Guns N' Roses.

Natural de Los Angeles, Danny Sugerman mora em Hollywood Hills e continua a trabalhar como porta-voz e representante profissional do The Doors.

Agradecimentos pelas citações das músicas:

Arc Music Corp., por “Little Red Rooster” e “Back Door Man”, de Willie Dixon. Copyright© 1961 by Arc Music Corp., 110 E. 59th St., New York, N.Y. 10022. Usado com permissão.

Doors Music Company por “Been Down So Long,” copyright © 1971 by Doors Music Co. “Blue Sunday,” copyright© 1970 by Doors Music Co. “Break On Through,” copyright© 1967 by Doors Music Co. “Build Me a Woman,” copyright© 1970 by Doors Music Co. “Cars Hiss By My Window,” copyright © 1971 by Doors Music Co. “The Celebration of the Lizard,” copyright© 1970 by Doors Music Co. “Easy Ride,” copyright © 1969 by Doors Music Co. “The End,” copyright@ 1967 by Doors Music Co. “End of the Night,” copyright © 1967 by Doors Music Co. “Five to One,” copyright© 1967 by Doors Music Co. “Horse Latitudes,” copyright© 1967 by Doors Music Co. “Hello, I Love You,” copyright© 1968 by Doors Music Co. “Hyacinth House,” copyright© 1971 by Doors Music Co. “L.A. Woman,” copyright© 1971 by Doors Music Co. “Light My Fire,” copyright© 1967 by Doors Music Co. “Love Street,” copyright© 1968 by Doors Music Co. “Moonlight Drive,” copyright© 1967 by Doors Music Co. “My Eyes Have Seen You,” copyright© 1967 by Doors Music Co. “Peace Frog,” copyright© 1970 by Doors Music Co. “People Are Strange,” copyright© 1967 by Doors Music Co. “Queen of the Highway,” copyright© 1970 by Doors Music Co. “Riders on the Storm,” copyright© 1971 by Doors Music Co. “Roadhouse Blues,” copyright© 1970 by Doors Music Co. “Shaman’s Blues,” copyright© 1969 by Doors Music Co. “The Soft Parade,” copyright© 1969 by Doors Music Co. “Soul Kitchen,” copyright © 1967 by Doors Music Co. “Take It as It Comes,” copyright © 1967 by Doors Music Co. “Unhappy Girl,” copyright© 1967 by Doors Music Co. “The Unknown Soldier,” copyright© 1968 by Doors Music Co. “When The Music’s Over,” copyright© 1967 by Doors Music Co. “The Wasp,” copyright© 1971 by Doors Music Co. All songs, ASCAP.

Modem Music Publishing Co., Inc. por “Crawling King Snake”, de John Lee Hooker.

United Artists Music Co., Inc. por “An Open Letter to My Teenage Son”, de Robert R. Thompson. Copyright © 1967 United Artists Music Co., Inc.

Saiba mais, dê sua opinião:

Conheça - www.novoseculo.com.br
Leia - www.novoseculo.com.br/blog

Curta - /NovoSeculoEditora
Siga - @NovoSeculo
Assista - /EditoraNovoSeculo

novo século®